J. MARQUESI

# DOIS DESTINOS

SÉRIE RECOMEÇO - LIVRO 3

J. MARQUESI

# DOIS DESTINOS

SÉRIE RECOMEÇO - LIVRO 3

# Sumário

# Dedicatoria

*Para você!*

# Agradecimentos

A DEUS, SEMPRE!

À minha família pelas horas roubadas de nosso convívio para me dedicar à história de Guilherme e Malu. O apoio de vocês é o que me faz querer seguir em frente. Obrigada!

À Wilka Maria (Kika), que me inspirou e emprestou um pouco da sua personalidade para a melhor amiga da Malu, que me tirou boas risadas com seu humor ácido e irônico, além de ser uma parceira para todas as horas, exatamente como ela é! Te amo, Kika!

À Analine Borges Cirne, minha amiga e revisora, com quem eu posso sempre contar, com quem amo passar horas ao telefone falando sobre tudo e nada e que está sempre presente no meu coração e pensamento. Te amo, Ana!

À Luciany Galvão, que aceitou o desafio de ser a primeira leitora desse

livro, dando-me sempre sua opinião sincera, ouvindo minhas justificativas e me ajudando a fazer este livro melhor. Obrigada, Lu, minha amiga linda! Te amo!

Às minhas parceiras, que estão sempre me ajudando a cada lançamento: Camila Gasana (blog *Cabine de Leitura*), Leatrice Barros (blog *Lê e Ler*), Adriana Costa (blog *Ler é Viver Sonhos*), Débora Favoretto (blog *Em Cada Página*) e o *instablog Vai Ler?*. Muito obrigada, sempre!

Às minhas Jujubets que arrancaram risadas e me levaram à loucura com suas teorias. Jujubas, estar com vocês é minha maior alegria! Obrigada pela amizade e apoio!

Quero deixar um agradecimento especial para a Aline Sant'Anna, que fez essa linda capa com essa imagem maravilhosa do Pantanal, e para Laizy Shayne, que fez a diagramação desse e-book. Obrigada, lindas!

A todos os leitores que têm acompanhado meu trabalho, seja na *Amazon* ou no *Wattpad*. Eu só tenho a agradecer por tudo o que vocês possibilitaram na minha vida. Não existiria uma escritora aqui sem vocês, e eu espero que, mesmo tendo um "tom" mais leve que os demais livros desta série, *Dois destinos* consiga alcançar seus corações, mostrando que há sempre a possibilidade de recomeçar, não importa o que aconteceu.

Escrever esta história me trouxe muitas risadas, momentos de orgulho e, principalmente, a emoção de saber que é possível ser feliz mesmo quando não há mais esperança. Divirtam-se com a amizade entre Kika e Malu, com o amor e gratidão de Guilherme para com os tios e, claro, com a intensa paixão entre o Xucro e a Dondoquinha.

#GratidãoSempre

Ju

# 01

## Malu

MEU CORAÇÃO ESTÁ disparado e eu me sinto, ao mesmo tempo, excitada e temerosa. Seguro o envelope pensando que a sorte pôs em meu caminho algo que poderia se tornar tanto um desastre quanto um sucesso.

— Malu, tudo bem? — Minha secretária aparece à porta do escritório, parecendo preocupada.

Apenas gesticulo um “sim” com a cabeça, mas solto um suspiro completamente contrário a isso. Kika entra, fechando a porta atrás de si, aproximando-se com o olhar preocupado. Ela e eu somos mais do que companheiras de trabalho, somos amigas, e entendo que esteja preocupada com minha reação, pois saí daqui para a reunião completamente eufórica e voltei com uma enorme frustração.

— Deu algo errado lá dentro?

— Não, Kika! Tudo certo. — Eu rio, amarga. — Sabe a tal conta especial

que cada um que está concorrendo a promoção vai ganhar? — Ela assente. — Foi através de sorteio!

Kika para um pouco para pensar, inteligente como ela só, e depois sorri.

— Acho justo! Assim ninguém pode alegar que houve algum tipo de favorecimento e...

Interrompo-a mostrando o envelope com os dados da conta que foi sorteada para mim, e ela arregala os olhos. Balanço a cabeça, incrédula com minha sorte – ou a falta dela –, pensando em como conseguir resolver a questão dentro do prazo estabelecido – 12 meses.

Estou nesta empresa desde que precisei estagiar durante meus estudos na Escola de Economia da USP, onde me graduei. Vim do Sul do país, de um município cuja fonte de renda é a agropecuária, filha de um plantador de trigo e de uma dona de casa.

Sou a mais nova de cinco meninas e única da família que cursou uma universidade. Não que isso seja orgulho para meus pais, pois, apesar dos meus 33 anos, ainda não me casei e nem tive filhos, então – segundo eles mesmos dizem – não cumpri meu papel na Terra.

Sempre fui diferente das minhas irmãs em todos os sentidos. Era magrela, desconjuntada, com dentes tortos e olhos castanhos, enquanto todas as Marias – minhas irmãs – possuem olhos azuis ou acinzentados.

Ah, sim! Todas as minhas irmãs se chamam Maria, que, por sinal, é o nome da minha mãe. Meus pais tiveram a brilhante ideia de juntar seus nomes – Maria e Luiz – na sua primeira filha, então, Maria Luiza é minha irmã mais velha, com 45 anos hoje, mãe de três garotos, todos com mais de 20 anos. Após, veio mais uma menina: Maria Luzia. Então a criatividade começou a ser usada cada vez que uma nova menina nascia. As outras seguiram nessa ordem: Maria Lucinda, Maria Lúcia e, por último, a que chamam de “temporã”, Maria da Luz, eu.

O problema foi que, com tantas Marias dentro de casa, quando minha mãe gritava por uma, todas respondiam, ou nenhuma, por não saber a quem ela estava chamando. Então, mamãe e papai simplesmente ignoraram o primeiro nome e passaram a nos chamar pelo segundo. Eu odiava ser chamada de “Da Luz”, por isso, quando cheguei à faculdade, logo fui me apresentando como “Malu”. Esse apelido pegou, e apenas em documentos oficiais é que meu verdadeiro nome aparece.

Todas as outras Marias já constituíram família, cada uma segue sua vida pertinho dos nossos pais. A única que desgarrou do cordão umbilical fui eu. Desde muito novinha, quando minha irmã mais velha se casou e teve seu filho mais velho, Leandro, eu fiquei apavorada com aquilo. A diferença de idade entre nós duas é de 12 anos, mas, considerando-se que ela se casou aos 17 – assim que

terminou a escola – e teve seu bebê aos 18, eu era apenas uma menina de seis anos de idade.

Toda a família assistiu ao parto! Eu não conseguia entender como tanta gritaria e sangue poderia ser algo bom, mas fiquei feliz ao ver o bebê. Porém, minha felicidade durou até ver minha irmã se transformar em um zumbi e não conseguir dormir com a choradeira da criança.

Ela passou o primeiro mês inteiro na casa dos nossos pais, e foi o inferno na minha vida. Ninguém dormia, a casa toda fedia a cocô, cujas fraldas eram lavadas no tanque que ficava no quintal, à mão, e depois secavam no varal. Maria Luiza, que sempre foi bonita e viçosa, quando voltou para a casa do marido, parecia uma refugiada de guerra.

Ao longo dos anos, vi essa cena se repetindo com minhas outras duas irmãs mais velhas e ficava cada vez mais decidida a não seguir esse caminho. Eu queria poder ter minhas coisas, um carro, ter minha própria casa, usar roupas bonitas para ir trabalhar, assim como aconteciam nas brincadeiras de Barbie com minhas amigas na escola e, para isso, percebi que precisava estudar muito.

Maria Lúcia e eu éramos as únicas filhas que permaneceram na casa e, enquanto ela cabulava aula para namorar, eu, já aos 12 anos, chegava da escola e me enfiava nos livros. Minha mãe dizia que eu ia ficar doente, pois nunca saía do quarto para brincar ou passear, só estudava. Quando entrei no ensino médio, sabia que ia precisar de toda dedicação para conseguir uma bolsa em faculdade particular ou passar em uma universidade pública. Era aplicada e amava matemática, assim como qualquer outra matéria que envolvesse lógica e solução de problemas.

As quatro horas passadas na escola pública não eram suficientes para que eu conseguisse o meu objetivo, por isso estudava durante oito horas seguidas em casa. Conseguia as apostilas dos colégios particulares com alunas que já haviam se formado, até de outras cidades, e refazia todos os exercícios.

Com 17 anos me graduei e passei no vestibular para várias faculdades públicas de São Paulo, mas escolhi a USP. Mudar-me para a cidade não foi nada fácil. Meus pais me ajudaram, a contragosto, com todas as suas economias – o que deu para me manter por lá por alguns meses –, porém, depois tive que ir trabalhar em um café.

Foi a época mais difícil da minha vida, pois eu mal tinha dinheiro para comer e me vestir, usava sempre as mesmas roupas, tirava xerox dos livros para estudar e passava o dia com apenas uma refeição – feita no café onde trabalhava – no estômago.

Fiquei muito mais magra e feia do que o normal. Cortei meus cabelos bem curtos para que não dessem trabalho e engoli meu orgulho, aceitando as doações

de roupas de outras colegas de estudos.

No penúltimo ano, a Karamanlis abriu vaga para estágio remunerado, e a bolsa-auxílio proposta era maior do que eu ganhava no meio período que trabalhava no café, além de contar com ticket refeição e vale-transporte.

Quase explodi de alegria quando fui selecionada e, quando pisei pela primeira vez na empresa, decidi que um dia eu chegaria o mais longe possível dentro dela.

Meu contrato de estágio previa que eu tinha de trabalhar durante seis horas, mas geralmente ficava oito. Ajudava com o serviço de todos para aprender e me mostrar útil. No ano seguinte, em vez de renovarem meu estágio, eles me contrataram, e eu, enfim, senti-me alcançando o primeiro degrau do meu sonho.

Comecei um curso de inglês com duração de 18 meses e, quando me formei, recebi minha primeira promoção, o que me possibilitou cursar uma pós-graduação. De lá para cá, eu tenho vivido para trabalhar. A Karamanlis é o meu lar, não o apartamento que comprei há dois anos, mas sim a empresa.

Durmo quatro horas por noite, vou à academia ainda de madrugada para me exercitar, entro no trabalho às 8h da manhã – porque infelizmente o prédio não abre mais cedo – e saio dele às 10h da noite todos os dias. Chego a casa, tomo banho, como algo e volto a trabalhar, indo dormir entre meia-noite e 1h da manhã.

Estou há 12 anos na Karamanlis, há dez sem tirar um só dia de folga ou de férias, e tudo isso foi recompensando quando, pela primeira vez desde que cheguei aqui, um dos diretores resolveu se aposentar e meu nome foi um dos indicados para ocupar sua vaga.

Meu nome!

O orgulho e sensação de dever cumprido foram incríveis naquele momento. Junto com o meu, mais três nomes figuravam na lista, todos com mais tempo de casa que eu e, além disso, todos eram homens.

Eu era a única mulher indicada!

Daqui a um ano, quando Xavez se aposentar, um de nós irá assumir seu lugar, mas, enquanto isso, o Conselho, que indicou nossos nomes, irá nos avaliar constantemente. Eu sei que, tirando Theodoros Karamanlis e mais dois membros do Conselho Administrativo, os outros sete que sobram torcem o nariz para minha indicação. Contudo, eu estava confiante de provar-lhes que, sim, posso dar conta de qualquer serviço, de qualquer cliente que aparecer.

Bem, talvez exceto a Yannes, uma rede de resorts especializada em turismo de aventura. Essa conta, apelidada de “cabeça de porco”, está conosco há meses e tudo o que lhe foi apresentado foi rejeitado. Aloísio Yannes é um homem de difícil trato, grosseirão, e a mulher dele, Fernanda Yannes, consegue ser pior. Os

dois fizeram da vida de todos aqui um inferno com suas altíssimas expectativas e suas críticas a tudo o que conseguimos.

Como desgraça pouca é bobagem, foi exatamente essa conta para a qual fui sorteada.

— E agora, Malu?

Respiro fundo, pensando em tudo o que já passei na minha vida, na luta em que estou, desde muito nova, para ter uma carreira de sucesso.

— Agora é trabalhar dobrado para conseguir o que eles querem, e, se isso acontecer, minha amiga, não haverá um só conselheiro que não votará em mim.

Ela bate palmas animada, mas, ao mesmo tempo, vejo preocupação em seu semblante. Sei bem o que se passa nessa cabecinha. Ela e eu trabalhamos juntas há uns quatro anos, desde que ela entrou como estagiária e eu notei o seu empenho e a dedicação e, quando ela se formou, indiquei-a para uma vaga de assistente.

Kika acha que eu trabalho demais, mas sei que dou conta do que faço. Meu corpo e meu cérebro já estão condicionados a muitas horas de concentração, negociação, e por isso não vou pifar de uma hora para outra. Ter que trabalhar mais, por esse motivo em especial, vai me estimular e não me cansar.

Eu vou conseguir essa vaga nem que para isso precise dar meu sangue nessa empreitada de achar o que o cliente quer! Eu não cheguei até aqui para desistir, não sonho com isso em vão.

Kika me olha e emite um suspiro resignado, reconhecendo a obstinação brilhando em meus olhos. Ela sabe muito bem que eu não vou parar até encontrar o local ideal para construir o resort que a Yannes quer, não importa o preço, nem que eu tenha de abrir mão do resto de vida pessoal que tenho para conseguir isso.

— Eu acredito em você, Malu, mas tenha limites. — Vira as costas para sair da sala. — Há algumas coisas na vida que são mais importantes que o sucesso profissional.

Rolo os olhos diante do discurso.

— Não para mim. — Sento-me na cadeira e a giro, ficando de frente para a vidraça, vendo a movimentação da Avenida Paulista lá embaixo. — Nada é mais importante que sentir o sabor da vitória, ver meu sonho sendo realizado, me sentir capaz e realizada.

— Você já é, não percebe?

Rio dela, negando.

— Não enquanto não conseguir ir o mais longe possível. — Respiro fundo, pensando que, para isso, terei que sair da Karamanlis, pois aqui a presidência sempre foi exercida pela família. — Então, quando eu chegar lá, vou me sentir

verdadeiramente feliz.

Escuto a porta se fechando e me jogo para trás, fazendo o encosto reclinável da cadeira pender. Suspiro e fecho os olhos, falando baixinho para mim mesma:

— Quem sabe então eu consiga, enfim, conhecer a felicidade.

# 02

# Malu

TRABALHAR: VERBO.

No predicativo intransitivo, significa ocupar-se de algo. No transitivo indireto e intransitivo, significa empenhar-se para alcançar algo. E é nessa última definição que eu me vejo inserida. Não apenas tenho um trabalho, esforço-me para atingir um objetivo até alcançá-lo completamente.

O desafio que o conselho da Karamanlis infligiu a cada um dos concorrentes à vaga na diretoria da empresa requereria empenho dobrado de alguém que já era focada 100% no desempenho de sua função. Assim, a partir daquela reunião, eu mudei minha rotina, inserindo mais horas trabalhadas, arrochei também os horários das pessoas que compunham minha equipe – corretores, arquitetos, analistas de mercado e tendências –, decidida a conseguir um maldito imóvel que chamasse a atenção do Grupo Yannes de uma vez por todas.

Isso foi há pouco mais de dois meses!

Eu sempre soube que não seria fácil – nunca fui uma pessoa iludida –, mas, apesar de todo o esforço e restrições à minha vida pessoal – inexistente agora –, nós ainda não conseguimos algo que seja unânime para ser apresentado ao Conselho e, posteriormente, ao cliente.

Bufo, fechando meu vestido vermelho e notando que, quando o comprei no mês passado, ele parecia mais justo, sinal de que a falta de sono, comida e exercícios já estão cobrando seu preço ao meu corpo.

— É, de volta a ser a Olívia Palito, Malu! — Mostro a língua para meu reflexo no espelho, passando os dedos pelos fios loiros compridos, porque eu simplesmente não tenho tempo de ir ao cabelereiro. — Vou ter tempo de fazer uma faxina completa depois que conseguir um local e relaxar.

Sinto-me sortuda por ter tido a maravilhosa ideia de fazer depilação a laser anos atrás. Menos uma coisa para me preocupar, assim não estou cultivando uma mata em minhas partes íntimas, pernas e axilas. Olho para as minhas unhas, feitas com *cutilagem* russa – aquela que passa um motorzinho sobre a cutícula e só –, que me custou a meia hora de almoço que tiro todos os dias. Eu não poderia ir para a festa de final de ano da empresa com uma tonelada de cutícula acumulada nos dedos!

Bufo mais uma vez ao contabilizar as horas que irei perder fazendo social hoje, ao invés de estar trabalhando. No entanto, por insistência da Kika – que disse que manter um estreitamento com todos fora da empresa também é importante para eu conseguir a vaga –, decidi ir até o salão de festas do Villazza Convention SP e participar da confraternização da Karamanlis.

Faltam dez dias para o ano terminar e o mês virar, diminuindo ainda mais o prazo para eu cumprir minha missão. Por esse motivo, cancelei minha ida até a casa dos meus pais este ano, passarei o Natal e o Ano Novo trabalhando, pesquisando e, queira o destino que sim, encontrando um local com as características pretendidas pela Yannes.

Pego minha *clutch*, confiro a maquiagem sóbria e elegante e chamo o Uber para me levar até o local do evento.

Eu não dirijo em São Paulo, acho muito arriscado e costumo usar sempre o mesmo motorista do Uber, falo com ele no aplicativo de mensagens. Desde quando começou a se popularizar esse serviço por aqui, encontrei-o, e ele me passou muita confiança, então passou a me buscar e levar a eventos e reuniões há mais de três anos, porém, para ir ao trabalho, eu utilizo o metrô.

Amo morar aqui, nesta cidade enlouquecida, rápida, que nunca para. Desde o primeiro contato com a capital paulista, eu, uma garota do interior do Rio Grande do Sul, apaixonei-me, descobrindo meu lugar.

Meu telefone toca, e já sei quem é.

— Já estou saindo de casa, Kika. — Ela ri, dizendo que eu já deveria estar no evento. — Eu saí tarde do escritório hoje.

— Ninguém trabalhou hoje, apenas você, pelo visto. — Rolo os olhos diante da reprimenda. — Você comeu algo hoje, Malu?

— Sim, mamãe! — Despeço-me dela e desligo.

Se considerar o resto de *whey protein* que misturei na água gelada e engoli como refeição, eu comi, sim! Claro que não falo isso para ela, pois sei que vai começar um discurso sobre minha saúde, a importância de uma boa noite de sono, refeição e descanso.

Não tenho tempo para isso!

A Karamanlis é a maior empresa de negócios imobiliários do Brasil. A empresa veio para o país há 40 anos e começou apenas administrando imóveis, construindo e aumentando o nicho de atuação devagarinho, até que, há dez anos, com a posse de Theodoros Karamanlis como CEO, consolidou-se como uma holding, prestando consultoria imobiliária – ramo no qual eu trabalho -, gestão de patrimônio, pesquisa de mercado e análise de negócios futuros. A empresa é dona de boa parte de São Paulo, tem empreendimentos imobiliários por todo o país e presta serviço de excelência para qualquer empreendedor que busque o local certo para instalar seu negócio.

Há alguns anos, cheguei até a gerência do setor de *site hunter*[1]. É um trabalho que eu amo, embora não tenha sido a porta por onde entrei, pois, como sou formada em economia, trabalhava anteriormente com análise de HBU – *Higher and Best Use*[2]. Depois de todas as especializações na área imobiliária, somada à minha gana de trabalhar, fui promovida a *hunter*, e a vida deixou a monotonia de números e variáveis para a emoção da caçada.

Claro que minha experiência em analisar o máximo valor de um imóvel ajuda muito na hora da escolha de um local, além de todo o briefing que recebo do empreendimento e suas características. Não é um trabalho fácil, necessito de muitos profissionais de vários setores na minha equipe, principalmente de advogados que lidam com as legislações de cada lugar, arquitetos e engenheiros para avaliarem se o croqui projetado pela empresa se adequa ao imóvel – visto que a maioria das grandes empresas já possuem uma planta padrão – e, dependendo do empreendimento, profissionais para fazerem toda a parte socioambiental da área.

É uma tarefa executada a muitas mãos, por isso mesmo aprendi a delegar, a cobrar e a ser exemplo, o que, na minha opinião, torna-me a pessoa ideal para o cargo a vagar na diretoria.

Sou aficionada pelo meu trabalho, sim! Não tenho uma vida social, minha

prioridade sempre foi minhas tarefas, sou pilhada, agitada, mas aprendi que não consigo nada sozinha, por isso entendo que as pessoas que trabalham comigo são diferentes de mim e que não posso tratá-las de qualquer maneira.

Sou workaholic, mas sou fofa! Lembro-me de aniversários, mando mensagens de cumprimento todos os dias no nosso grupo de *WhatsApp*, divido conhecimento e, quando tinha mais tempo, participava de happy hours e festas em geral com eles. Acima de tudo, valorizo quem se esforça para crescer assim como eu e faço o que precisar para ajudar alguém a mudar de vida através do trabalho.

Em contrapartida a isso, não suporto gente preguiçosa, burra e que chega “botando banca”. Todos na minha equipe têm currículos excelentes, escolhidos a dedo, não por indicação, por serem amigos ou filhos de alguém, mas porque mostraram que quiseram aprender. Isso é suficiente para permanecerem? Não, claro que não! Somente o currículo não diz muita coisa, eu preciso avaliar o desempenho, o comprometimento, a relação de cada um com os outros colegas de trabalho e aí, sim, efetivo na equipe.

Meu trabalho é minha vida, então só quero compartilhá-lo com pessoas que respeitem isso.

Marco Aurélio chega com o carro – o dele é da classe luxo, todo preto, um modelo sedan muito confortável –, e eu, após cumprimentá-lo, dou-lhe o endereço do hotel.

Chegando ao local, deixo o motorista de sobreaviso para meu retorno e entro no saguão, sendo recepcionada e imediatamente conduzida ao elevador para a cobertura, onde fica o salão nobre do hotel.

Ano após ano a festa de confraternização se supera e, desde a inauguração do Villazza SP, sempre acontece no salão nobre. Theo Karamanlis e o CEO da rede Villazza são amigos, e o bonitão Frank Villazza sempre aparece na festa para cumprimentar a todos.

Mais uma vez sorrio diante da perfeição da decoração e organização do evento e faço uma anotação mental para cumprimentar a Kaká. Kyra Karamanlis é uma das melhores organizadoras de eventos de São Paulo e a única da família a não integrar diretamente a empresa. Eu gosto muito dela, encontramo-nos várias vezes, inclusive na academia onde malho, e sempre a achei muito agradável e simpática.

— Ei! Você chegou! — Kika me entrega a pulseira, e eu rio ao ver a dela com a inscrição “acompanhante de Malu Ruschel”.

— Oi, parceira! — Gargalho, pegando o champanhe que ela me oferece. — Eu ainda acho que todos os diretores e gerentes da empresa pensam que somos um casal.

Ela faz careta.

— Fodam-se eles! — Dá de ombros. — Se eu fosse lésbica ou bi não iria namorar você, sinto muito!

— Hummm. — Rio. — Eu sou bonitona, e você já me disse isso mais de uma vez.

— Disse que não te namoraria, não que não te pegaria. — Gargalho. — Você seria uma péssima namorada, sabe disso.

— Sei... o pior é que sei!

— Mas tudo bem eu passar por seu caso, desde que eu possa frequentar essas festanças de chefia. — Ela olha para tudo, deslumbrada. — A festa geral é boa, mas não tem esse glamour. — Ela encara um dos garçons. — Até a qualidade do serviço é excelente!

— Sossegue, senão vai acabar com nosso caso e não poderá mais ser minha acompanhante.

Ela arregala os olhos e depois ri, entrando comigo de vez na festa.

Cumprimentamos e conversamos com vários outros gerentes e alguns diretores conhecidos. Kika é muito popular, é engraçada, sabe conversar; bastam algumas palavras, e já tem um grupo completamente fascinado por ela.

— Você veio! — ouço a voz de Theodoros Karamanlis às minhas costas e me viro para cumprimentá-lo.

Prendo o fôlego ao ver o homem alto, esguio, moreno e com a barba e os cabelos levemente grisalhos. *Por Deus, chefe, não ria assim para mim!*

— Oi, Theodoros! — cumprimento-o e em seguida aponto para a Kika, que também está babando por ele e lhe acena. — Claro que eu vinha! Nunca perderia a festa da empresa.

Ele levanta uma sobrancelha, e eu rio, levemente sem jeito, por ele já me conhecer tão bem assim.

— Eu fiquei sabendo que você aumentou sua carga de trabalho. Como estão as coisas para o empreendimento Yannes?

— Ei, Theo, estava te procurando!

A morena alta e magérrima se engancha em seu braço, e eu descubro que essa é a acompanhante deste ano. Theodoros é um solteirão convicto; embora namore por algumas temporadas, nunca assume realmente um compromisso com alguém. Kika diz que isso é o certo para um homem bonito e altruísta fazer, dar a chance de todas terem um bocadinho dele.

Ele me apresenta à bela mulher que o acompanha e depois se despede. Já ia me virar para falar com a Kika quando vejo tudo rodar e respiro fundo, apavorada. Um garçom passa, e eu devolvo a taça de champanhe, pensando ser efeito do álcool em um estômago vazio, porém, basta que eu dê uns passos para

que descubra que não é. Só tenho tempo de chamar pela minha amiga antes de ir ao chão.

# 03

## Malu

— HORA DE ALMOÇAR!

Bufo ao ver Kika invadindo minha sala com uma sacola na mão, de novo. Não aguento mais essa doida controlando minhas refeições como se eu ainda fosse criança, mas, conhecendo sua obstinação em encher minha paciência, fecho o laptop e vou até a pequena mesa redonda que uso para reuniões.

— O que temos hoje, *Wilka Maria?*

Ela xinga baixinho ao me ouvir chamá-la pelo nome e não pelo apelido, e tento disfarçar um sorriso vitorioso ao atingi-la em seu ponto fraco. Ela, assim como eu, odeia seu nome composto, o que foi mais um ponto em comum que nos tornou amigas, além de colegas de trabalho.

— Pedi salmão e uma salada rústica, *Maria da Luz.* — Gargalho ao me sentar à mesa. — Bom apetite!

— Não vai comer comigo?

Ela nega, e o sorriso irônico é substituído por um completamente malicioso.

— Tenho um encontro no almoço. — Pisca. — Alguém aqui ainda conserva uma vida pessoal. Você deveria tentar isso de vez em quando.

Mastigo um pedaço do delicioso e suculento salmão antes de responder:

— Essa — aponto para o prato à minha frente — é toda a vida pessoal que consigo ter no momento.

Ela suspira, recriminando-me com a cabeça.

— Malu, eu sei da importância de cumprir esse desafio, mas realmente estou preocupada com você. — Paro de mastigar, pronta para me defender, mas ela não permite. — Se eu não te lembro de comer, você passa o dia inteiro apenas tomando café. Semana passada você quase não foi para casa. — Aponta para o pequeno sofá de dois lugares onde descansei algumas horas nas noites em que passei aqui. — Nós conseguimos boas propostas nesses meses de pesquisa, tenho certeza de que o Conselho aprovará uma delas para ser apresentada para os Yannes.

— Não tenho tanta certeza. — Remexo a salada, preocupada, já sem apetite. — Eles esperam algo inovador, algo que seja surpreendente, e todas as locações que conseguimos são apenas melhoramentos de "mais do mesmo". São normais...

— Não são! — Ela bate o pé. — Eu acho que você se cobra demais, trabalha demais e se preocupa de menos com sua vida.

Rolo os olhos, pois sei que ela vai citar o ocorrido no evento de Natal da Karamanlis, há seis meses, quando eu tive um pequeno mal-estar e... Tudo bem, não vou mentir para vocês, eu apaguei, caí de cara no chão e causei um pequeno tumulto na festa chique da empresa.

Obviamente me dei conta de que ir para uma festa e consumir álcool após passar o dia todo em jejum é uma idiotice. Theo exigiu que eu consultasse um médico, mas lhe garanti que foi apenas a pressão por eu ter passado o dia ocupada e ter comido "pouco". Ele, claro, mandou que eu cuidasse melhor da minha alimentação e encerrou o assunto, indo dar atenção aos presentes no evento, enquanto Kika e eu saíamos de fininho.

Aguentei um caminhão de piadas sobre o que aconteceu naquela noite, porém, passado o tempo sem que nenhum evento similar ocorresse, as pessoas foram esquecendo, e a piada, perdendo a graça.

De lá para cá, Kika tem andado atrás de mim como um cão de guarda, controlando os horários das refeições e discursando sobre a importância de se ter uma vida fora do trabalho.

— Minha vida é o trabalho, e você sabe muito bem disso! — Enfio uma garfada de salmão e aspargos na boca, pensando em encerrar o assunto, e ela

entende meu propósito, dando de ombros. — Obrigada pelo almoço, Kika.

Ela sorri, principalmente por eu ter agradecido de boca cheia.

— Não me agradeça, apenas coma tudo, ok?

Eu assinto, e ela se despede.

Espero alguns minutos para ter certeza de que ela já saiu para seu encontro de almoço – essa mulher tem muitos encontros! – e fecho a embalagem da comida, guardando-a no frigobar.

Volto para minha mesa bebendo água direto da garrafa e abro o computador, analisando todas as propostas e documentações das áreas que separamos para apresentar ao Conselho.

Ainda faltam quatro meses para o final do prazo, mas resolvi já fazer uma apresentação e sondar a reação de todos, inclusive da Yannes. O desafio não é para quem resolver primeiro, mas, sim, quem conseguir fechar com o cliente dentro do prazo, além de que será analisado todo o processo desenvolvido com a equipe. Eu sei que os outros dois gerentes que concorrem à vaga comigo estão reunindo um bom material também, fazendo suas pesquisas cuidadosamente e que, inclusive, estamos com algumas propriedades em comum.

Posso estar queimando munição ao apresentar agora meus projetos. Contudo, odeio ficar no escuro, e, se tiver uma rejeição agora, ainda dá tempo de correr atrás do local ideal, mesmo que isso signifique expor toda minha pesquisa – que pode muito bem ser aproveitada – para os outros concorrentes.

Fecho o arquivo Yannes e volto a trabalhar na minha agenda normal, uma vez que, embora o desafio consuma boa parte dos meus pensamentos e tempo, ainda continuo fazendo o meu trabalho cotidiano, caçando locais para empresas do mundo todo se instalarem aqui no país.

Sorrio ao ver chegar mais um e-mail indicando um cliente novo, mesmo que signifique ainda mais trabalho.

Eu amo muito tudo isso!

Respiro fundo duas vezes seguidas, puxando o ar, tentando acalmar as batidas do meu coração, repassando em minha mente todo o planejamento, cada planilha, cada parte da apresentação que farei a alguns minutos para os quatro principais diretores da Karamanlis.

Ao longe, no fundo da sala de reuniões, vejo minha equipe terminando de organizar tudo, Kika andando de um lado para o outro, colocando pastas em cima da mesa, de frente para as nove cadeiras que serão ocupadas.

Eu escolhi apresentar três locações que achei que pudessem ser do interesse da Yannes: uma no Nordeste, uma no Norte e outra no Sul do país.

Primeiro, apresentaremos a proposta de um resort em uma praia deserta no sul da Bahia. O acesso é feito com guia, por dentro de uma mata densa que, segundo os levantamentos que fizemos, faz parte de uma antiga fazenda de dendê. Os *hunters* da minha equipe – Leonardo e Vivian – fizeram a trilha a pé, uma vez que não há estradas para passagem de carro, e, depois de mais de uma hora andando, eles se deslumbraram com o local.

A segunda locação tem proposta de algo mais selvagem, bem no meio da floresta, onde funcionava uma madeireira legalizada. A empresa fechou, e o espaço está lá, lindo, cercado pela flora e fauna tropicais, pronto para ser explorado com turismo selvagem como a Yannes gosta.

E a terceira e última é uma estância no Rio Grande do Sul, repleta de cachoeiras, com clima ameno no verão e frio intenso no inverno. Sinceramente, eu acho que esse local é o que vai chamar menos atenção dos empresários, porém, seria o mais simples de conseguir, pois não teríamos tantos entraves ambientais quanto há nos outros.

— Malu? — Kika me chama. — Eles estão subindo.

Assinto, olhando-me contra a vidraça da sala, vendo a Paulista e suas ruas transversais iluminadas, o céu escuro de São Paulo, o tempo seco do inverno que está adentrando.

*Você consegue, Malu! Você é dedicada, ama o que faz.*

— Eu quero, eu posso, eu consigo... — repito essa frase como um mantra, e basta ouvir o som da maçaneta da porta principal da sala de reuniões sendo aberta que toda a insegurança e nervosismo vão embora.

Recebo os dois primeiros com um sorriso de autoconfiança no rosto maquiado perfeitamente com produtos Artdeco e Chanel e noto que eles avaliam minha roupa detalhadamente, o que me faz sorrir.

Não, nada de tailleur preto e blusa branca, como vocês poderiam estar pensando! Eu uso uma blusa de seda laranja com uma saia listada na horizontal em preto e branco, com a última listra, abaixo do joelho, da mesma cor da blusa. Prendi meus cabelos em um belo coque e uso nos pés *scarpins* pretos com salto e bico fino.

Eu gosto de cor, detesto roupa monótona e, mesmo indo na contramão de “não chamar a atenção por causa do *modelito*, mas sim do que se tem a apresentar”, não deixo de ser quem sou.

O irmão Karamanlis mais velho juntamente ao vice-diretor da empresa são os últimos a entrar. Theo me cumprimenta apenas com a cabeça enquanto toma assento na cabeceira da mesa de reuniões, e Millos – que também é seu primo –

sorri para mim com confiança, dando-me uma injeção de ânimo.

— Boa noite a todos — cumprimento-os. — Obrigada por terem vindo.

— Na verdade, todos nós ficamos curiosos quando a senhorita solicitou a reunião para mostrar uma prévia de seus resultados, já que ainda há meses de pesquisa — Theo declara abrindo os botões de seu terno, seus olhos azuis brilhando pela provocação e seu sorriso de dentes brancos ressaltando o tom moreno de sua pele. — Acha mesmo que encontrou o local para o grupo Yannes?

Sorrio, já conhecendo a fama do CEO da empresa onde trabalho toda minha vida.

— Tenho três opções a serem apresentadas e creio, sim, que algumas delas possam interessar ao nosso cliente.

Ele ergue uma de suas sobrancelhas, recosta-se a sua cadeira e entrelaça as mãos sobre seu abdômen.

— Não perca mais tempo, senhorita Ruschel.

Começo, claro, pela Estância no Rio Grande do Sul. Mostro o entorno, a pesquisa que fizemos sobre mão-de-obra, incentivos fiscais, entraves burocráticos, licenciamentos e, como eu havia previsto, o local não agrada muito.

Já os outros dois agradam mais, principalmente o do Nordeste. Posso ver, pelos olhos de Alex Karamanlis, engenheiro que coordena a diretoria de projetos, que o mais jovem dos irmãos ficou deslumbrado pela paisagem e pela perspectiva de se criar algo por lá.

— Sem dúvida alguma esses dois últimos locais são os que mais se parecem com o pretendido pela Yannes e...

— Eu não sei, Alex — Kostas, o irmão do meio, interrompe-o. — Vejo tantos entraves jurídicos, principalmente ambientais que, legalmente, levaríamos meses, quiçá anos cumprindo toda a legislação a fim de o empreendimento ser instalado.

— Yannes sabe disso — Theo o corta. — Assim que citou o desejo de construir aqui um de seus resorts de aventura, eu mesmo o adverti de que temos no país umas das legislações mais severas quanto ao meio ambiente. Claro que há “jeitinhos” para se contornar a maioria delas, mas ele sabe que nós, da Karamanlis, não gostamos de ficar nas mãos de gente suja.

Concordo com ele e peço ao diretor jurídico, Konstantinos Karamanlis, que veja o capítulo em que listamos todas os estudos e licenças necessários para a construção de um empreendimento do porte do da Yannes.

Esse foi o único Karamanlis que não demonstrou apoio a minha indicação. É com quem tenho menos interação, mesmo estando no mesmo andar que o

departamento jurídico que ele dirige. Vez ou outra cruzamo-nos pelos corredores do prédio, e ele é sempre muito sério, mal trocamos cumprimentos.

É claro que Theodoros Karamanlis apenas vê meu potencial, mas tenho consciência de que meus grandes aliados dentro da família são Alex e Millos, pois temos certa amizade e já trabalhamos diretamente juntos, com Millos, na época em que eu era ainda avaliadora de HBU, e com Alex, depois que passei a gerenciar os *hunters*.

Os quatro começam a me encher de perguntas, e eu, com a ajuda de toda minha equipe, vou respondendo a cada questionamento. Não sei quanto tempo se passou desde que começamos a reunião, mas algo começa a me incomodar. Minhas mãos ficam frias e úmidas, e eu preciso piscar várias vezes para focar em seus rostos, mesmo usando as lentes de contato. Um zumbido fino começa a gritar em meus ouvidos, o que faz com que eu faça careta e leve as mãos para tampá-los.

— Malu? — Kika toca meu braço. — Tudo bem?

Congelo um sorriso forçado no rosto e assinto, tentando voltar a me concentrar no que Leonardo explica a Alex sobre a praia na Bahia. O esforço que faço para parecer bem é enorme, e sinto fisgadas na cabeça, além de arrepios cruzarem todo meu corpo.

Tento me lembrar da minha última refeição, verificando a possibilidade de ser uma queda de pressão novamente, mas não consigo. Não fui dormir em casa na noite passada, fiquei aqui no prédio, em meu escritório, ajustando os últimos detalhes da apresentação. Não dormi muito; na verdade, cochilei alguns momentos em cima do laptop. No entanto, isso já vem se tornando tão normal para mim que meu corpo já está acostumado a poucas horas de descanso.

De repente a sala toda fica em silêncio, e eu percebo que estão todos olhando para mim. Em câmera lenta, vejo Theo se levantar correndo, seguido dos irmãos e do primo, porém, antes que eu consiga dizer algo, tudo escurece.

# 04

# Malu

ACORDO UM POUCO zonza, sem saber onde estou. Minha cabeça está dolorida, e sinto frio. Não reconheço nada, meus olhos não estão conseguindo focalizar direito. Entretanto, sei que não estou no meu apartamento. Tento me mexer na cama, mas algo parece magoar-se quando me movo, o que me faz parar de tentar.

Onde estou?

Puxo pela memória os últimos acontecimentos, e tudo o que vem à minha mente é a reunião com os Karamanlis. Não me lembro de ter saído da sala de reuniões e, muito menos, ido dormir em algum outro local que não meu quarto. Onde mais eu dormiria?

Claro que eu tenho amigos, porém, há meses mal tenho tempo para trocar mensagens com eles, e sair para uma happy hour não estava nos meus planos enquanto não resolvesse a situação para a Yannes.

A cama de um homem? Eu quase rio mentalmente pelo questionamento absurdo. O último homem com quem fiz sexo foi há tanto tempo que sequer lembro o nome dele. Não tenho tempo para dormir, quiçá transar! Definitivamente, não é esse o caso.

Minha visão melhora, e não só ela, como também o bipe constante de algum aparelho de monitoramento fazem-me ter certeza de que estou em um leito hospitalar.

*Porra!*

Tento me erguer e olho para o braço dolorido, vendo um acesso intravenoso nele ligado a uma enorme bolsa de soro. Mas que merda aconteceu, que eu não me lembro?! Estico-me para apertar a campainha e chamar um enfermeiro, quando a porta se abre e Kika entra.

— Ah! A bela adormecida acordou! — Ela ri, arrastando um carrinho com uma bandeja em cima. — Bem na hora do café da manhã!

— Café da manhã?! — Procuro um relógio, um celular, qualquer aparelho que possa me nortear quanto ao horário e o dia. — O que houve?

Ela franze o cenho e sorri.

— Não se lembra? — Nego. — Você teve outro apagão, durante a apresentação para os Karamanlis. — Gemo consternada. — Alex e eu a trouxemos para cá, e Theodoros ordenou que você só saia daqui quando estiver reestabelecida.

Levanto a sobrancelha ante a impertinência dele. O homem é o chefe, claro, mas somente dentro da empresa! Quem ele pensa que é para dar ordens na minha vida pessoal?

— Quero ir para casa — digo ao me sentar. — Já me sinto bem melhor.

Kika ri, e eu, conhecendo-a como conheço, reconheço o deboche em sua risada.

— Claro que está! — Ela tira a redoma da bandeja, e eu vejo pão com manteiga e café com leite. Abro a boca para lembrar-lhe de que eu não como esse tipo de alimento, mas ela não me dá tempo: — Coma! — Nego, mas ela finge não ter entendido e ainda molha o pedaço de pão no café. — Maria da Luz, eu sou sua amiga, não sou sua babá! Coma a porra do café da manhã!

Arregalo os olhos para ela e abro a boca. Café com leite e pão, assim juntos, lembram-me a infância no interior, a vontade que eu tinha de sair de lá, de ser diferente, de vencer na vida. Há anos só tomo café puro, e pão, nem chego perto. Não é ruim, confesso, é bem gostoso, mas eu nunca vou admitir isso para ela, principalmente por estar sendo coagida a comer.

Ela senta-se no sofá, e eu noto várias pastas e o laptop.

— Pensa ficar muito tempo por aqui? — pergunto entre uma mordida e

outra.

— Já estou. — Ela rola os olhos. — Você me deve! — Encaro-a sem entender, e ela dá um sorriso safado. — Eu tinha um encontro que tive que desmarcar, então, a conta do restaurante, a minha parte, você é quem irá pagar, porque eu não vou perder mais a chance de pegar aquele gostoso!

Parei de processar a voz dela no "já estou", então fico um tempo sem falar, e ela me olha como se eu estivesse fora de órbita.

— Há quanto tempo estou aqui?

Kika cruza os braços e em seguida volta a ler algo na tela do laptop.

— Quatro dias. — Abro a boca. — Hoje é terça-feira já.

Praticamente cuspo o café e começo a tossir com o susto. *Terça-feira?!* Quatro dias inteiros sem trabalhar, e eu os passei dormindo?!

— Mas quer merda!

Empurro a bandeja para o lado e me sento na beirada da cama, pronta para descer os degraus. Kika joga o laptop de lado e se levanta, tentando me manter deitada, mas não me deixo ser levada por ela, pois quero me levantar e continuar meu trabalho. *Agora!*

— Você teve uma estafa! — ela grita, tentando me convencer a ficar na cama, porém, sem sucesso. Ando pelo quarto à procura das minhas roupas, querendo sair o mais rápido possível deste hospital. — Você sabia que perdeu quase 10 quilos nesses meses? Estava desidratada, anêmica e...

— Eu só estou trabalhando! — interrompo-a. — Será que ninguém percebe que eu só quero fazer o meu trabalho? Puta que pariu!

Ela bufa, mas volta a se sentar.

— Eu lavo as minhas mãos. — Dá de ombros. — O médico não vai te dar alta mesmo.

— Foda-se! Saio daqui sob minha responsabilidade...

— Irresponsabilidade é a palavra certa. — Ela põe seus óculos de leitura. — Sua pressão está alterada, até seus hormônios estão alterados. O médico disse que na próxima vez talvez seja seu coração...

— Kika, por favor! — ralho com ela. — Ninguém morre só porque está trabalhando!

— Ah, não? — Ri, sarcástica. — É, você tem razão! Ninguém morre só por isso, desde que esteja se cuidando e não cometendo loucuras por causa da porra de uma promoção! — o seu grito ao final da frase me faz parar, e percebo o quanto ela está assustada. Nós duas somos amigas, acima do lado profissional, e sei o quanto nos preocupamos uma com a outra. Respiro fundo, tentando acalmar a aceleração do meu coração.

— Eu vou pegar mais leve. — Ela me olha por cima dos óculos,

desconfiada. — Prometo! Eu já estou me sentindo bem, dormi bastante, né? — Dou uma risadinha, querendo melhorar o clima, mas ela só levanta uma sobrancelha, não achando graça. — Não é só uma promoção, você sabe. É a minha realização, a realização do meu sonho, é a minha vida!

Kika assente e finalmente me dá atenção.

— Você terá que tirar uma hora de almoço todos os dias. — Concordo. — Vai voltar para a academia e se consultar periodicamente com um médico, fazer check-up e essas coisas todas. — Concordo novamente. — Vai tirar um dia de folga por semana e vai sair — ela ri —, comigo de preferência, para nos divertirmos e, quem sabe, pegarmos uns boys por aí. — Fico muda, calculando quantas horas perderei por mês se tirar um dia de folga e... — Malu!

— Ok! — Levanto as mãos. — Ok, eu prometo.

— Palavra de executiva ética?

Rio dessa nossa brincadeira.

— Palavra de uma executiva ética.

Kika, então, levanta-se e puxa uma mala de dentro de um armário. Vejo, com alegria, roupas limpas e passadas e já me antecipo a tirar o roupão do hospital.

— A que horas o médico vem me ver? — pergunto vestindo a calça.

— Ele já veio — ela informa sem me olhar, arrumando suas próprias coisas. — Eu só estava esperando você acordar e uma enfermeira vir tirar seus acessos.

Paro de me vestir e começo a gargalhar.

— Eu já estava de alta? — Ela dá de ombros novamente, mas vejo que tenta segurar a risada. *Filha da mãe!* — Sabe que promessa sob coação não tem validade.

— Não te coagi a nada e nem te prometi algo em troca. — Rio novamente, percebendo que ela me manipulou direitinho. — Eu aprendi a fazer negócios com a melhor!

Pisca para mim instantes antes de uma enfermeira entrar no quarto.

Do hospital, vou direto para meu apartamento, e é um enorme alívio poder tomar uma ducha e me lavar com meu sabonete preferido depois de dias deitada numa cama de hospital. Lavo meus cabelos e, quando saio, só visto o kaftan de seda que adoro usar em casa, bem confortável, bem livre.

Aciono a máquina de café e, depois de tomar um susto ao ver minha geladeira abastecida, pego o pote com salada e peito de peru desfiado do

restaurante no qual eu costumava comer quando ainda fazia pausa para o almoço. A refeição está muito mais robusta do que a que eu costumava montar, com muito mais ingredientes na salada, molhos e maior quantidade de carne. E acabo descobrindo que estava com fome, pois como tudo.

Após a refeição, vou até a janela olhar um pouco o movimento da rua, tomando café. Comprei este apartamento pela localização e pelo preço. O bairro Vila Mariana é nobre, mas o prédio é antigo, e eu tive que fazer reformas antes de entrar, mas valeu a pena. A área onde moro é calma e predominantemente residencial, o que eu fiz questão, afinal, venho aqui somente para dormir, embora ele esteja inserido perto de um dos locais mais boêmios da capital paulista.

Estou feliz por ter conseguido conquistar, com a minha idade e sozinha aqui nesta cidade, não só respeito e autonomia no trabalho, como também um lugar para chamar de meu. Olho ao redor, o piso de madeira que fiz questão de conservar, os móveis que misturam o retrô e o moderno, com sofás claros e almofadas coloridas, lindas pinturas nas paredes e a cozinha bem equipada e moderna, embora nunca utilizada.

No meu quarto, eu coloquei um tapete grosso no chão da metade da cama para fora, enorme e confortável. A cama é *queen size*, com colcha bordada à mão, de seda indiana, cheia de almofadas, rolos e travesseiros. Próximo à janela, há uma poltrona branca posicionada ao lado de uma mesinha de leitura, com livros e uma luminária moderna. Comprei essa mesa junto com os dois criados-mudos que ficam em ambos os lados da cama; eles seguem o mesmo estilo – são brancos, com pés palito em madeira rústica – porém, com formatos diferentes.

Há uma composição de quadros sobre a cabeceira, com alguns deuses hindus e com frases de incentivo que me motivam sempre que sinto desânimo ou cansaço. Eu gosto dessa cultura asiática, gosto de incensos e, embora não seja nada hippie, gosto da filosofia.

Claro que, capitalista e totalmente louca por trabalho e correria, eu nunca conseguiria seguir nenhum dos ensinamentos de Sidarta. Essa coisa de caminho do meio comigo não funciona, pois gosto de tentar sempre alcançar o topo e viver ao extremo, na aceleração.

Suspiro ao pensar nos conselhos do médico para desacelerar. É quem eu sou, mudar minha essência não vai ajudar minha saúde. Eu amo viver nessa “correria”, amo ocupar todo o meu tempo, trabalhar e buscar meus objetivos. Mesmo tendo metas a alcançar, eu saboreio cada etapa do caminho que me leva até elas. O meu trabalho é minha vida!

Meu telefone celular toca, e eu atendo a Kika.

— Já almocei, carcereira! — informo-a de pronto.

Ela ri.

— Muito bem, mas não foi por isso que te liguei. — Sento-me na calçadeira aos pés da cama. — O doutor Karamanlis marcou uma reunião com o grupo Yannes para sexta-feira.

— Ele vai apresentar meu projeto sem mim?! — Levanto-me, indignada.

— Não, e é por isso que estou ligando. Ele solicitou que você venha para a reunião...

— Amanhã mesmo vou para o escritório — interrompo-a, indo em direção ao closet para escolher uma roupa.

— Malu, ele foi categórico quanto a isso. Você vem para a reunião e depois volta para casa.

Bufo.

— Isso é um absurdo, Kika. Eu já estou ótima! — Escolho um vestido cinza com listras transversais brancas. — Amanhã estarei aí às 8h em ponto. Para adiantar algumas coisas, manda no meu e-mail as últimas providências da equipe nas nossas contas abertas e...

— Malu... — ela me adverte.

— Kika, eu estou ótima, já disse! Ficar sem fazer nada vai me enlouquecer!

Ela suspira, e eu sorrio, sabendo que a convenci.

— Mando daqui a pouco, mas, por favor, não passe a noite lendo relatórios.

— Não vou!

Ela se despede, e eu vou buscar mais café para me reabastecer, animada por, enfim, voltar à vida.

Acordei animada hoje por voltar ao trabalho. Às 6h da manhã já estava pronta, vestida e maquiada, com minha pasta a postos e minha bolsa Louis Vuitton arrumada. Caminhei até a estação do metrô e, em menos de 20 minutos, já estava subindo para a Paulista, próximo ao MASP, e seguindo em direção à Starbucks, onde eu sempre pego meu café – e o de Kika, na maioria das vezes – antes de seguir por mais alguns minutos a pé até o prédio da Karamanlis.

Agora, portando meu *espresso* tradicional e fortíssimo, além do calórico *espresso* brigadeiro de Kika, entro no prédio cumprimentando a todos, faltando exatamente dez minutos para as 8h da manhã, agradecendo por, desde o começo do ano, o prédio abrir às 7h30.

No meu andar encontro pouquíssimas pessoas, a maioria com uma xícara de café em mãos, e as cumprimento notando os olhares de espanto. Provavelmente a história de mais um dos meus desmaios se propagou pelos corredores, e,

conhecendo a *central de fofocas,* o pessoal deve ter pensado que eu havia surtado e que não voltaria mais ao trabalho.

*Não mesmo, queridos!*

Já em minha sala, suspiro de prazer ao me sentar em minha cadeira. Olho os *post-it* de Kika pregados no meu quadrinho de recados – na verdade é um porta-retratos de prata enorme que ganhei em alguma festa de final de ano, mas no qual nunca coloquei uma foto – e me sinto em casa.

Abro meu laptop, tiro alguns relatórios que imprimi ontem com anotações e marcações e dou bom dia para a Paulista lá embaixo, tomando meu café bem quente.

Quando Kika chega, eu já planejei todo o trabalho do dia – sou capricorniana, planejamento é meu sobrenome – e estou revendo as apresentações das propostas para a Yannes.

— Trouxe seu café. — Aponto para o copo da Starbucks assim que ela abre a porta, sem tirar os olhos da tela.

— Puta que pariu, que mulher teimosa! — Sorrio ante o xingamento, mas não lhe dou atenção. — Eu disse a você que o doutor não queria... — Ela fica muda, e eu a olho beber o café. — *Sen-hor*! Isso aqui é o paraíso!

Gargalho, sabendo que um café cheio de frescuras sempre a acalma.

— Eu fiz algumas anotações, você poderia repassar ao Leonardo? — Ela assente, mansinha, bebendo sua iguaria e revirando os olhos. — Preciso da Vanessa aqui na sala para me ajudar com a apresentação. Pensei em deixá-la mais dinâmica, e, como não sei mexer nesse programa...

— Tudo bem, vou ligar para ela. — Ela recolhe os relatórios. — O café pode até ter me acalmado, mas o doutor Karamanlis disse mesmo que não queria te ver aqui.

— Deixe, que eu sei lidar com o Theo. — Pisco para ela. — Ele ladra bastante, mas não morde!

Kika dá de ombros e sai da sala com suas tarefas, enquanto eu ligo para um contato do Rio de Janeiro para falar sobre uma área na serra que estou pesquisando para uma empresa de bebidas.

A manhã foi intensa, corrida, mas fiz a pausa para o almoço e, conforme combinado com minha babá – digo, assistente –, fui até a academia aqui perto para ativar minha matrícula.

Retornei me sentindo de volta ao páreo ao escritório, onde estou agora.

— Recolha suas coisas e vá para casa.

Pulo de susto na cadeira, quase caindo, pois estava concentrada no computador e não ouvi ninguém adentrar minha sala. Eu não podia esperar que o céu ia desabar sobre minha cabeça através da voz poderosa de um *deus grego* de quase dois metros de altura, moreno e com olhos azuis como o mar do mediterrâneo – Theodoros Karamanlis!

— Doutor Karamanlis, eu...

— Não é um pedido, Malu. — Ele parece sério, e vejo Kika atrás dele – olhando para seu bumbum disfarçadamente, cumpre ressaltar – visivelmente pálida. — Senhorita Reinol, chegará um memorando agora no seu e-mail. Por favor, o imprima.

Kika desaparece e, quando volta, olha-me com pena. Gelo neste momento, pensando que estou sendo demitida.

— Você está aqui há quanto tempo? — ele indaga à Kika.

— Há quase cinco anos, doutor.

— Nesse período, quando sua chefe tirou férias? — Ela arregala os olhos e me encara. Gemo, mas assinto para que ela lhe fale a verdade.

— Nunca.

Theodoros ri.

— Se eu perguntar à sua assistente anterior, Malu, a resposta será a mesma? — Apenas dou de ombros. — Pois bem, suas férias começam amanhã.

Não é demissão... é pior! Eu me levanto para argumentar que não posso me ausentar do trabalho neste momento, mas ele apenas levanta a mão, e eu me calo. — Sei que não posso obrigar você a descansar, mas posso cumprir uma lei trabalhista que, pelo jeito, você tem dado jeito de burlar. Férias, Malu, longe daqui, sem ligar, sem aparecer, sem trocar e-mails.

— Mas a Yannes...

— Você adiantou seu trabalho e ficou muito bom, estamos apostando que eles escolherão um dos locais, além disso, para a vaga de diretor, nós estamos avaliando muito mais do que resultados, mas sim como está sendo todo o processo, como lidam com a responsabilidade, e você não está indo bem no quesito sanidade.

Ouvir isso é como receber um banho de água fria, e eu estremeço.

— Nós não queremos alguém que passe dos limites para conseguir o que quer, inclusive pondo em risco sua própria saúde. Você ainda tem alguns meses; não quero vê-la aqui pelos próximos 30 dias. — Ele olha para Kika. — Quero o e-mail corporativo dela bloqueado. A partir de amanhã, você assume o setor.

— Eu?! — Kika fica apavorada.

— Sim. — Theodoros caminha para a saída. — E, Malu, descanse. Eu

detestaria ter que votar em outro candidato.

Caio sentada assim que ele sai, e Kika continua imóvel e de boca aberta na entrada da sala. 30 dias longe da empresa! Olho para a minha assistente ainda em choque, sabendo que ela dá conta de levar o setor, de seguir o meu planejamento, mas, ainda assim, me dói ter de ficar longe do meu trabalho.

— Kika — chamo-a. — Você dá conta. — Ela assente. — Eu vou tentar descansar e... — Ela levanta a sobrancelha, e eu rio. — Certo, vamos combinar como vamos nos comunicar sem...

— Não! — Ela fecha a porta. — Você ouviu bem o que ele disse antes de sair? Ele deu a entender que vota em você para o cargo... O CEO vota em você! — Seguro a respiração ao lhe dar razão. — Isso é muito importante, Malu! Você precisa seguir as ordens dele.

— Mas...

— Vai ser bom, e eu prometo tomar conta de tudo. — Ela me aponta meu *planner*. — Está tudo aqui, milimetricamente planejado, e eu só vou executar.

— E se os Yannes rejeitarem...

— Você já tem um plano b, não tem?

— Continuar procurando? — Rio, e ela assente. — Você tem certeza?

— Tenho! Vá para algum local e...

— Posso ficar em São Paulo mesmo e...

Ela fica um tempo parada me olhando, como se processando algo em sua mente engenhosa.

— Que tal um SPA? — Franzo o cenho, mas gosto da ideia. — Eu tenho uma amiga que foi para um no Mato Grosso do Sul...

— Precisa ser tão longe? — Faço careta.

— É maravilhoso! Ela descansou horrores lá.

Respiro fundo, resignada, pensando em um local calmo, massagens, alimentação equilibrada, conforto, internet, telefone e trabalho sem ninguém ver. Claro! Eu tenho meus contatos e posso muito bem usar meu telefone pessoal.

Sorrio.

— Certo, você pode providenciar tudo para mim?

— Com prazer!

# 05

## Malu

— DEVE TER ALGO errado! — digo assim que desço da enorme caminhonete que me buscou no aeroporto. — Eu deveria estar chegando em um SPA!

Olho para a fazendola caindo aos pedaços à minha frente e abro minha bolsa, desesperada à procura do meu celular. Meu coração salta ao perceber que ele não está lá dentro. *Merda!*

— Dona, o endereço que me passaram foi esse. — Ele aponta para a porteira.

— Você estava mesmo me esperando? — questiono, pois talvez ele estivesse esperando outra pessoa. — Malu Ruschel, de São Paulo?

— Sim, dona. — Ele levanta o papel com meu nome – escrito errado, mas meu nome. — Quem contratou *nós* para pegar a dona foi uma tal de dona Kika.

*Merda!*

— Acho melhor o senhor me levar de volta e...

— Mas o avião já voltou pra Campo Grande, dona. — Dá de ombros.

Mais uma vez reviro a bolsa atrás do meu telefone; nada! Preciso ligar para Kika, informar que a tal amiga dela lhe deu o endereço errado e que eu vim parar em um fim de mundo cheio de mato e pernilongos.

— O senhor tem um celular para me emprestar?

Ele ri.

— Dona, aqui não pega isso, não. — Entra na caminhonete. — Lá na casa eles devem ter algum aparelho via satélite.

Fico branca. Não pega celular?! Meu corpo inteiro treme ao imaginar ficar aqui por mais de 20 longos dias, completamente isolada do mundo. Fecho os olhos com força e começo a respirar lentamente, tentando me acalmar.

*É um pesadelo, Malu! É só um pesadelo!*

O barulho da caminhonete se afastando me faz pular, e fico sem ação ao ser abandonada no meio do pasto, de frente a uma porteira de madeira podre, vendo ao longe uma construção antiga, cujo telhado parece levemente torto.

Minhas Louis Vuitton lindas e caríssimas atoladas na lama é a triste realidade de que eu estou, literalmente, num mato sem cachorro. Pego as duas menores e as penduro nos ombros e arrasto a maior, seus rodízios agarrando no barro e na gramínea baixa, e caminho até a porteira, torcendo para que tenha algum tipo de campainha.

É claro que não tem, porém, há um sino, que eu badalo como louca até que aparece uma moça morena, miúda e bem bonita na varanda da casa. Eu aceno. No entanto, o bichinho do mato volta apressado para dentro da construção.

Bufo de raiva e deito a cabeça na madeira velha da porteira, socando a testa devagar.

— É um pesadelo! É um pesadelo! É um pesa...

— Posso ajudar?

Aprumo-me para pedir ajuda para voltar à civilização, porém, fico muda ao ver o homem alto e forte – muito forte – vestindo uma camisa suja que algum dia já foi azul e jeans cujo dono anterior deveria ter sido menor, pois está apertado nas coxas e fazendo com que um enorme volu...

— Olá? — ele chama minha atenção, e eu balanço a cabeça, deixando de encarar suas partes baixas. — Posso ajudar?

— Sim! — respondo animada. — Eu vim para um local que me indicaram como um SPA, porém, acho que o motorista que me trouxe era um tanto burro – ou analfabeto – e me deixou aqui, no meio do nada, sem telefone e... — A postura do homem muda, ele engancha os dedos nas presilhas da calça e, embora eu não possa ver por causa da sombra produzida pelo seu chapéu de caubói, acho

que está sorrindo sarcasticamente. — Enfim, preciso de um telefone para pedir à minha amiga que mande outro avião aqui para esse fim de mundo.

— Voti[3]... a dona quer um telefone? — Ele ri.

— Gui?! — a morena miúda grita da casa. — Dona Sueli pediu pra perguntar se a moça é Maria da Luz.

Fico tensa, primeiro, por ouvir meu nome composto, segundo, por *eles* saberem como me chamo.

— Maria da Luz? — escuto o tom debochado de sua voz.

— Sou eu — afirmo.

Ele grita afirmativamente para a moça.

— Manda entrar! É nossa hóspede.

Arregalo os olhos e nego com a cabeça.

*Não! Isso é um pesadelo!*

O peão à minha frente parece tão surpreso e descontente com isso como eu mesma. Então, sem proferir uma só palavra, o tipo volta para casa a passos largos e desaparece.

— Não pode estar acontecendo isso comigo!

Abaixo-me e abro a mala maior, cujo computador está escondido, torcendo para que eu tenha colocado o celular lá dentro e que tenha algum sinal. No entanto, não só o aparelho não está, como o computador também desapareceu.

Fico desesperada achando que fui roubada, até que vejo um envelope com a letra de Kika:

*Malu,*

*Eu sei que, a essa hora, você está querendo xingar Deus e todo mundo por estar no meio do mato, sem celular e sem nenhum tipo de trabalho (eu confisquei os aparelhos e tirei todos os relatórios que você escondeu, menina má!). O local é um tanto rústico, não é? Eu sei. Minha amiga, que na verdade é uma vizinha, é sobrinha do casal idoso que mora aí e me disse que eles estavam precisando de uma graninha extra e que alugavam alguns quartos.*

— Filha da puta! — Paro de ler, momentaneamente perplexa demais com o que ela aprontou comigo, retornando à leitura em seguida:

*Sei que você deve estar me xingando, mas creia-me, é para o seu bem. Sabia que você não ia parar de trabalhar nesses dias e quero muito que você volte com energias renovadas e pronta para assumir seu cargo na diretoria. Ah, sobre isso, tenho péssimas notícias. Os Yannes rejeitaram os dois projetos na sexta, mas eu não falei nada para não atrapalhar sua viagem. Temos tempo, e eu*

*prometo que vou ajudá-la no que precisar quando você voltar.*

— Puta que pariu! — grito, amassando a carta, querendo fritar a Kika em óleo quente por essa pegadinha e pela notícia dada desse jeito. Como ela quer que eu relaxe?!

*Relaxe. Apesar do local simples, ela me mostrou as fotos, e tudo aí é simplesmente mágico! Aproveite, durma, passeie, tome banho de rio pelada (risadas aqui imaginando a cena) e volte arrasando com todos!*

*Sua amiga (sim, eu te amo muito!),*
*Kika*

Fecho os olhos, imaginando mil formas de matá-la lentamente assim que eu conseguir sair deste buraco no qual ela me meteu.

Ouço o rangido da porteira e, em seguida, uma sombra se projeta sobre mim.

— Oi, dona, vim ajudar com as *traias*.

Outro homem, mais baixo e menos musculoso que o anterior, aparece e pega minhas duas malas do chão. Gemo de tristeza ao ver minhas valises tão sujas e por ter que ficar aqui até conseguir retornar à civilização.

Fecho a mala maior, e o homem a pega também, perguntando-me se preciso de ajuda para algo mais. Nego e apenas o sigo para a casa. Ao pisar na varanda, o cheiro de lenha – provavelmente de algum fogão – me traz memórias de casa, da minha infância, e o desespero me consome.

Eu não posso ficar aqui!

— Eu gostaria de falar com os donos da fazenda.

Ele aponta para uma senhora de cabelos brancos que vem andando de dentro da construção.

— Olá! — Ela sorri afetuosamente. — Seja bem-vinda à fazenda Paraíso! — Sorrio triste, olhando os móveis velhos e puídos e pensando no meu apartamento tão confortável em São Paulo. — Eu sou Sueli. Você deve ser Maria da Luz Ruschel.

Respiro fundo.

— Sim, mas pode me chamar de Malu, por favor. — Ela assente, alargando ainda mais o sorriso. — Eu creio ter havido algum equívoco e...

— A sua amiga me disse que a senhorita ia dizer isso. — Ri. — Ela me explicou sua situação, e eu prometi ajudar, não se preocupe.

Franzo o cenho.

— Minha situação?

— Sim, o rapaz que quebrou seu coração. — Eu sentiria vontade de rir se não estivesse indignada demais. Como é que é?! — Ela me disse que você precisa desse tempo sozinha e que queria ficar completamente incomunicável para... sabe... lamber as feridas.

*Puta que pariu, eu vou matar a Wilka!*

— Não, eu não...

— Não se preocupe, que eu não vou contar nada disso a ninguém. — A senhora rechonchuda dispensa tapinhas nas minhas costas. — Ela me disse que você é uma moça durona, trabalhadora e que essa situação toda te deixou envergonhada. Prometo não falar mais disso e cuidar de você muito bem. — Ela pisca para mim. — Eu tenho orgulho de ser uma das melhores cozinheiras do pantanal!

*Pantanal?!*

Arregalo os olhos ao descobrir que Kika conseguiu me isolar me colocando rodeada de mato, água e onças. *Meus Deus, como saio daqui?!*

Fico muda com a recepção da Sueli. Ela parece ser uma senhorinha dessas que lembram a gente da dona Benta – do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, como a tia Nastácia, já que alardeou seus dotes culinários. No entanto, não consigo me sentir acolhida na fazenda Paraíso.

Sigo-a por corredores enormes, cheios de portas de madeira pintadas a tinta a óleo azul e confesso que não estou prestando muita atenção ao seu falatório sobre a história da fazenda, do pantanal, dos índios e sua família – ou talvez os índios sejam sua família – ou qualquer outro assunto que ela desatou a falar.

Tudo o que eu penso é em arrumar um jeito de sair daqui.

O quarto onde ela me coloca é uma surpresa positiva em um dia tenebroso. É uma suíte ampla, com móveis velhos e rústicos, mas bem conservados, limpa e com banheiro exclusivo.

Ela abre a janela para eu ver a “vista” – um monte de mato sem fim – e explica que a roupa de cama foi trocada hoje e como irão funcionar os horários de limpeza do quarto e do banheiro, bem como os das refeições.

— A senhora costuma receber muitos hóspedes?

— Ah, não. — Ri como se fosse uma ideia absurda. — Fazemos isso algumas vezes no ano e para amigos que querem uma experiência pantaneira.

*Tudo o que eu não pedi!*, tenho vontade de ressaltar, mas não quero ser indelicada.

— Obrigada por tudo — agradeço. — A fazenda conta com telefone?

— Sim, sim, via satélite. No entanto, estamos sem sinal desde ontem. — Dá de ombros. — Acontece.

Maldita sorte!

Ela se despede – não sem me convidar para o almoço –, e vou tomar um banho e tirar a poeira acumulada desde que desci do pequeno avião que me pegou em Campo Grande. Ainda não acredito que a Kika me colocou nesta enrascada!

Durante o banho, lembro-me de que ela apareceu hoje de manhã no meu apartamento, ajudou-me com as malas, foi comigo – de Uber – até o aeroporto e se despediu garantindo que tinha deixado tudo preparado para que eu chegasse ao “SPA” em segurança.

Eu, claro, conhecendo-a, confiei nela. Desembarquei em Campo Grande, e um rapaz com uma enorme placa com meu nome escrito me esperava. Acompanhei-o até uma pequena empresa de aluguel de pequenos aviões – um bimotor já nos esperava –, e levantamos voo em direção ao local. Eu sinceramente achava que estava indo para Bonito – cujas fotos me encantaram muito – e não questionei quando descemos numa pista de pouso no meio do nada e um sujeito me esperava de caminhonete.

Confiança... algo que dona Kika irá demorar a ter de volta!

Saio do banho e coloco a roupa mais confortável – e menos arrumada – que eu trouxe, um conjunto de calça e blusa de ioga, penteio meus cabelos molhados – notando que não tem secador de cabelos no banheiro – e recoloco o protetor solar.

*Preciso de repelente!* Faço uma anotação mental de pedir à dona da casa um pouco, até que eu possa comprar um ou conseguir sair daqui.

Saio do quarto e, após andar bastante, pelo cheiro, chego à cozinha, ouvindo o som de um rádio tocando uma música sertaneja e pessoas conversando.

A conversa cessa quando entro. À mesa, vejo a moça miúda e morena, o peão que me ajudou com as malas e mais um senhor com cabelos grisalhos. Esse último se levanta com um sorriso, cumprimentando-me.

— Sou Sandoval Antunes, o proprietário. — Sorrio de volta. — Aceita um pouco de tereré?

Aponta para uma coisa que parece um chifre de boi com um canudo, e eu nego, não sem ouvir as risadinhas da moça mais nova e seus cochichos com o peão sentado ao seu lado.

— Malu, o almoço está quase pronto. — Sueli sai de perto do fogão a lenha, limpando as mãos no avental florido. — Fiz um pintado para celebrar sua chegada.

Sorrio sem jeito, percebendo a alegria da mulher, mas sem coragem de dizer a ela que não aprecio peixe de água doce, pois a maioria tem gosto de terra. Claro que, ficando aqui – contra a minha vontade, diga-se de passagem – terei de

comer muitos peixes, afinal, estou no meio do Pantanal!

Ouço o senhor Sandoval estalar a língua no céu da boca em comemoração à refeição e uma falação louca começar sobre o almoço entre os presentes. Olho para a dona Sueli, orgulhosa por saber que sua comida é apreciada, e sinto meu coração apertando ao me lembrar de minha própria mãe.

Eu tenho que sair daqui!

# 06

## Malu

O ALMOÇO FOI diferente do que imaginei. O peixe realmente estava uma delícia, embora eu insista sobre o gosto de terra, porém, o modo de preparo, os temperos e acompanhamentos ornaram muito bem com ele. Dona Sueli ficaria rica se montasse um restaurante!

Almoçamos na cozinha da casa principal apenas eu, os donos da propriedade, a mocinha – que se chama Rita – e o peão que me ajudou com as malas. Fiquei um tempo intrigada com o número reduzido de funcionários. No entanto, ouvi dona Sueli comentar com o marido sobre o almoço no alojamento, o que me fez supor que, sim, eles tinham mais pessoas no trabalho.

Rita me procurou logo depois da refeição, assim que terminou de lavar a louça – como fez questão de me informar – e perguntou se eu queria conhecer os arredores. É claro que eu não queria, mas deixei o livro que estava lendo – ainda bem que eles não foram confiscados pela Kika – e agora a estou seguindo pela

casa enquanto ela atua como guia.

— A fazenda era dos pais do seu Sandoval. O homem pensava em ter muitos filhos, por isso construiu dez quartos. — Ela faz um muxoxo. — Eu tenho vontade de dar no padre[4] quando tenho que limpar um por um, sabe? Detesto esse serviço de casa, por mim faria as tarefas dos peões, iria *nas comitiva*, na lida com *os boi*, mas sou mulher e...

— Ser mulher não é nenhum tipo de empecilho — interrompo-a. — Se você gosta e dá conta, seu sexo não deveria ser uma barreira.

Ela ri.

— A dona fala bonito, mas *os peão* não pensa assim, não. Eu sou melhor que muito *chepéu* na sela[5] por aqui, podia muito bem ajudar com *os boi* e ainda fazer a boia[6], mas... — Dá de ombros. — Essa é a parte que mais gosto.

Chegamos à varanda dos fundos, repleta de plantas e redes, com uma vista linda de muitas árvores e o curral – ao longe – contra o poente. Realmente, um lugar gostoso de se estar para quem aprecia não fazer nada no meio do nada. O que não é absolutamente o meu caso.

Rita continua falando sem parar em seu tour. No entanto, eu nem foco muito no que ela diz, pois sinceramente não entendo o significado de suas frases. Não, não sou do tipo esnobe que fica nervosa com quem não conjuga verbos ou não faz concordância corretamente, porém, as expressões dela me deixam perdida e seu jeito de falar tão depressa me deixa zonza de tal maneira que, quando penso em perguntar, ela já está em outro assunto, e eu já esqueci a palavra.

Tento imaginar quantos anos a moça tem. Parece não ter mais de 20 e, com certeza, tem ascendência indígena, pelo tom acobreado da sua pele e seus cabelos negros e lisos. É uma mulher jovem e muito bonita perdida no meio desse mato, cujo único desafio e ambição é tentar ser peão de comitiva.

Ela é feliz? Se sim, é o que importa!

Há muito tempo parei de julgar a felicidade pelos meus moldes, principalmente depois de ser tão julgada pela minha família, que pensa que, por eu não ter marido e filhos, sou infeliz. Percebi que cada um encara o que lhe faz feliz de uma forma e que não há rota para encontrar a tal satisfação, cada um segue o caminho que lhe apraz.

Acho um desperdício ficar num fim de mundo como este? Com certeza! Mas essa é a minha opinião, é o que eu não faria.

Analiso a moça animada, mostrando-me algo ao longe, apontando com um sorriso de menina. Ela parece feliz, até que, no meio da minha observação, vejo seu semblante mudar, seus olhos brilharem e seu sorriso se tornar gigante. Ela inclusive para de pular e de falar como matraca.

Acompanho seu olhar e vejo o vaqueiro grosseiro que me recepcionou passar montado em um cavalo bem bonito. Confesso que fico paralisada também ao contemplar o quadro belíssimo que se torna cavalo e cavaleiro. Contudo, isso dura cinco segundos, até que lembro que o homem é um sujeito xucro e, embora excelente cavaleiro, nada cavalheiro.

— Seu namorado? — brinco com a moça, despertando-a de seus olhares sonhadores e suspiros açucarados a ponto de me deixarem diabética.

Ela dá um pulo e arregala os olhos na minha direção.

— Quem? — Ri. — O Gui? — Aponto para o peão ao longe sobre o cavalo. — Ah, não. — Dá risadinhas nervosas. — Ele é só muito...

— Bonitão? — completo, e ela fica séria.

— Já vou logo avisando que ele não leva nenhuma mulher a sério!

Ergo as mãos, acalmando-a, pois ela praticamente gritou a advertência para mim. Não há nada mais clichê do que um vaqueiro gostoso que é mulherengo e beberrão, além de xucro. Ela não sabe, mas eu sempre odiei clichês!

Morei 17 anos no interior, na roça, com a diferença de que era no Sul do país e o foco era o cultivo da terra, não a criação de animais. Do mesmo jeito que aqui há o peão “galinhão”, lá também tem, e eu sempre detestei o tipo.

— Não há nenhum interesse da minha parte — afirmo. — Eu só constatei um fato.

— O Gui é como um... — ela ainda parece nervosa — um boi desgarrado, sabe? — Franzo o cenho ante a comparação. Tudo bem, o homem é grande como um touro, mas, convenhamos, um boi desgarrado? — Ele é como um marruá[7], não tem dona, não tem pousio[8] com mulher nenhuma. Mas, se tivesse...

Imagino o final da frase – o que não é muito difícil. A moça sonha que um dia o peão esteja pronto para se amarrar e que ela seja a escolhida. É isso! Rita sonha com o tal do Gui, curte uma paixão platônica pelo peão.

Resolvo, então, puxar outros assuntos, como exemplo o assunto mais seguro do mundo de se conversar: o tempo. Eu mesma não tenho uma vida amorosa – nem mesmo sexual, nos últimos tempos –, pois acho essa dinâmica toda de se apaixonar muito complicada, então, sempre preferi ficar bem longe da dos outros.

Kika é parecida comigo nisso – no sentimentalismo, ou na falta dele –, embora seja uma devoradora de homens incautos. Eu a invejo nesse ponto, a sua liberdade, a facilidade com que consegue atrair e ser atraída pelo sexo oposto. Comigo nunca foi assim.

Não sou puritana, longe disso. Gosto muito de sexo, já tive encontros de uma noite, já transei no primeiro dia juntos, já dormi com um cara sem realmente sair com ele, apenas para satisfazer a vontade, e tchau. Só que isso

nunca foi minha prioridade, era a diversão, a cereja do meu bolo. Então, quando eu tive que abrir mão de tudo para alcançar meu sonho, esse foi o primeiro ponto sacrificado, antes mesmo da academia.

— Você quer conhecer os currais?

Mais uma vez tenho vontade de dizer a ela que não, não tenho interesse algum nisso, mas a sigo. Não tenho o que fazer mesmo!

O mato rasteiro, o sol quente mesmo sendo inverno, nada disso estava no meu planejamento ao vir para as férias. Obviamente minha roupa não condiz com o local, e isso chama a atenção dos peões que transitam por aqui. Dois deles assoviam para mim, arrancando risinhos de Rita e atiçando minha vontade de lhes mostrar o dedo médio. A roupa de ioga é justa; embora a blusa seja um pouquinho mais larga, contorna bem o meu corpo. As sapatilhas estão ficando em petição de miséria, pois alguns pontos do terreno ainda estão úmidos.

— O terreno alaga todo na época da cheia? — indago à minha guia.

— Sim. Não chega até a casa, porque foi construída na colina, mas essa parte baixa do curral enche d’água, sim. — Ela aponta para uns bois magrinhos e com caras tristes. Eu também estaria, se estivesse sendo criado para ser comido! — Os meninos trouxeram a boiada de volta há pouco. Eles levam tudo para a parte mais alta da fazenda e ficam cuidando dos bichos lá.

Assinto e continuo seguindo-a, curiosa ao ver a quantidade reduzida de animais e de funcionários para o tamanho da fazenda. Começo a pensar que a vida retratada nas novelas não corresponde em nada à realidade aqui, neste lugar do país. Nem todo fazendeiro do Pantanal é o “Rei do Gado”.

A sede da fazenda parece já ter visto seus dias áureos. O entorno, embora bem cuidado, não chega aos pés de um local onde há dinheiro. Não há jardins, fontes, nada disso. O local é rústico e simples, como todos os moradores.

Estou ainda pensando nisso quando sinto meu pé afundado em algo muito macio e quente. Instantaneamente fecho os olhos e faço careta, já sabendo se tratar de excremento de boi. Nome chique para bosta.

— Merda! — xingo quando vejo meu pé literalmente coberto por ela.

— Voti! — é o que Rita exclama, rindo da cena.

Fico imóvel, sem saber o que fazer, enquanto sinto o calor da bosta recém-produzida envolvendo meu pé esquerdo. Já não me importo mais com meus “Manolos”, completamente fedidos e destroçados, tudo o que penso é no quanto amo São Paulo, suas ruas impermeabilizadas com asfalto e concreto, carros, prédios e monóxido de carbono.

Afundar o pé no cocô de algum boi desavisado é só um lembrete de que preciso ir embora deste lugar o mais rápido possível.

— Ei, Ritinha, ajuda a dondoca aí a desatolar da merda.

A voz debochada me desperta, e eu encaro o engraçadinho com a olhada fulminante que sempre impôs respeito no trabalho. Ele está com um sorriso divertido, seus dentes brancos e perfeitos aparecendo levemente entre os lábios carnudas. Os olhos azuis, límpidos e cristalinos parecem reluzir sem nenhum pingo de intimidação.

*Puta que pariu!*

O peão bonitão subiu de nível – pelo menos no aspecto "aparência" – de maneira meteórica. Lindo, é uma melhor definição para ele. Não... lindo é delicado demais para seu corpo musculoso, sua altura e seu rosto perfeito.

O homem é quente!

Confesso que fico um tempo sem processar muita coisa em minha mente, pois meus neurônios estão todos perfumados com feromônios e estão já discutindo como será o desempenho dele na cama.

— Tudo bem, dona? — outro peão, de cabelos grisalhos, faz a pergunta cheio de amabilidade, e resolvo agir.

— Está, sim, estou só aproveitando a hidratação grátis no pé. — Pisco para ele, que ri bastante. — Fiquei sabendo que, depois de lama vulcânica, não há nada melhor que bosta de boi para deixar os pés macios.

— É mesmo? — Ritinha parece interessada e sem entender a brincadeira.

— Não — o Xucro – sim, esse é um bom apelido para ele – responde, parecendo irritado e me puxa para fora do monte de esterco. — É melhor a dona voltar de onde veio. — Abaixa-se e, sem nenhuma cerimônia, enfia a mão na sujeira para resgatar meu calçado. — Bem se vê que uma mulher da cidade grande não sabe nem como se vestir aqui no mato — dizendo isso, isola minha sapatilha para longe, o que me faz arregalar os olhos ante sua falta de delicadeza. Ritinha está imóvel – provavelmente vendo corações em volta do peão abusado –, enquanto ele some atrás de uma construção caindo aos pedaços e retorna com um balde.

Estou pronta a agradecer pela água que ele trouxe para me lavar, mas não posso fazer isso, pois o peão simplesmente a joga sobre meus pés, molhando boa parte da minha calça e sai de perto sem dizer nada.

— Ele parece irritado... — Ritinha comenta.

— Ele é um grosseirão, isso sim! — declaro ao ver o estrago que isso tudo causou. Além de eu estar ainda cheia de cocô no pé esquerdo, agora tenho a metade das pernas da calça molhada e um piso cheio de lama sob mim, o que acabou com o outro pé da sapatilha.

Definitivamente, tenho que sair daqui!

# 07

## Malu

DEPOIS DO EVENTO da tarde, decidi não mais sair do quarto. Enfurnei-me com o livro que lia e fiquei lá após tomar um banho vigoroso e vestir um dos meus kaftans, deitada na cama até o sono vir. Nem mesmo saí para o jantar.

Cochilei por alguns momentos até começar a ser devorada por pernilongos e perceber que não tinha puxado o cortinado sobre a cama. O mosqueteiro iria conseguir evitar que os bichos me atacassem, mas pouco adiantou puxá-lo quando me lembrei, uma vez que eu devo ter prendido alguns dentro dele.

Resultado? Vi o sol clarear as frestas da veneziana de madeira da janela, morta de cansaço por ter passado toda a noite a matar mosquitos.

Preciso de litros de repelente!

Pulo para fora da cama assim que ouço algum movimento na casa e, mais uma vez, vou direto para o chuveiro. Estou torcendo para que o telefone da casa volte a funcionar para que eu possa exigir que a louca da Kika – a quem estou

imaginando como matar lentamente depois do que me fez – mande alguém me buscar.

Gemo ao perceber que ou uso a calça jeans novinha – e cara – que usei durante o voo, ou terei que novamente colocar roupa de ioga. Maldita a hora em que eu pensei em ficar confortável e bem-vestida no *SPA de luxo* inexistente! Coloco minha *legging*, um suéter fininho, largo e comprido e calço mocassins.

Respiro fundo várias vezes antes de sair do quarto, procurando não demonstrar a essas pessoas o quão desesperada eu estou para sair deste lugar no meio do nada, cheio de pernilongos e com bosta de bichos para arruinar meus sapatos de couro.

Entro na cozinha e só acho a dona Sueli, que, já ao fogão a lenha, passa um café no coador de pano. Esse aroma, tão comum nas casas do interior, de café passado manualmente junto ao da lenha, traz-me lembranças de casa mais uma vez.

Meu coração fica apertado com um sentimento a que eu sempre fiz questão de não prestar atenção e que, na cidade, é fácil de manter escondido: a saudade.

Eu sinto saudade dos meus pais, principalmente da minha mãe. Normalmente falo com eles por telefone, mas, como mal tive tempo para comer nesses últimos meses, não liguei nem para saber como estavam. Percebo, neste momento, o quanto isso me faz falta e que, mesmo nunca querendo morar no meio do mato, mesmo escondendo de todos que vim da roça, que meus pais são trabalhadores da terra, eu amo minha família.

Somos muito diferentes! Eu quero coisas que eles nunca sonharam existir. Não estou me referindo a bens e dinheiro, mas sim a uma satisfação profissional, sentir-me ocupada e parte da roda que gira este mundo. Eu nunca sentiria isso ficando por lá, seguindo o caminho das minhas irmãs.

Não as julgo e nem as acho menos importantes do que eu por serem esposas, mães e donas de casa, apenas isso nunca foi o que eu quis. Nunca foi meu sonho.

— Bom dia! — a voz animada de Rita, que acaba de entrar na cozinha, desperta-me dos pensamentos, e dona Sueli também se vira para me saudar.

— Bom dia! — cumprimento-as.

— Acordou cedinho! — Ela sorri como se fosse um grande feito. Mal sabe ela que, mesmo na cidade, eu sempre madruguei. — Já vou colocar o quebra-torto[9] na mesa.

Concordo e saio para a varanda, a olhar o sol se levantar no céu. O tempo já está mais frio à noite, e as madrugadas devem estar bem geladas. O ar das primeiras horas da manhã está bem denso, neblinado. No entanto, o cheiro que vem do pasto e da natureza ao redor é surpreendentemente bom.

Fico aqui parada, de olhos fechados por um instante, relaxando minha mente da noite fracassada pelos pernilongos. Eu deveria aproveitar que estou aqui e fazer alguns exercícios, meditar... pelo menos até conseguir ser resgatada.

Sinto uma presença perto de mim. Um cheiro muito bom, de relva molhada e limão chega às minhas narinas, e eu abro os olhos. Entretanto, só acompanho a sombra passando ao meu lado. Viro-me para ver o enorme peão, vestido em um jeans surrado justo e uma camisa xadrez vermelha, cumprimentando as mulheres na cozinha.

Ele não está usando chapéu, seus cabelos, cortados bem baixinho, ficam espetados e mostram fios castanhos e, talvez, alguns grisalhos. As mangas da camisa enrolada deixam os antebraços de fora, chamando minha atenção para as pulseiras de couro em seus pulsos.

*Hum, o peão é vaidoso!*

Dona Sueli fala alguma coisa para ele, que nega, mas ela apenas sorri.

— Malu — assusto-me com o chamado dela. — Você ainda não conheceu o meu sobrinho! — Ela aponta para o peão.

*Ai, não! Família, não!*

Sorrio sem jeito para ele, que apenas me encara com as sobrancelhas erguidas. Não nos movemos, nem mesmo nos cumprimentamos. O grosseirão engancha os polegares nas presilhas de sua calça jeans indecente e fica lá, parado como um dois de paus, esperando que eu faça o primeiro movimento. Se fosse em outro momento, com outra pessoa, eu cederia só para não dar mais atenção ao que a situação merece, mas com ele, não. Cruzo os braços sobre os seios e dou um sorriso gelado.

— Gui! — dona Sueli o admoesta. — Onde estão seus modos?

Vejo-o bufar ao caminhar até onde estou.

— Olá! Seja bem-vinda.

Sua voz rouca e baixa combina com seu porte. Os olhos dele – que olhos! – são azuis, cristalinos, brilhantes, acesos, daquele tipo que a gente enxerga de longe. Sim, admito, o homem é um pedaço de mau caminho, mas há muito tempo eu não me atraio por cascas vazias.

— Obrigada — respondo, seca como ele. — Malu Ruschel.

Estendo a mão para um cumprimento, mas ele não a pega.

— Malu? — Ri, debochado. — Achei que era Maria da Luz. Prefiro chamar a dona pelo seu nome. Eu sou Guilherme para você.

Anotação cerebral de número um: o cara é um babaca!

Anotação cerebral de número dois: foda-se ele!

Viro as costas, caminhando em direção ao quintal, deixando-o parado na entrada da porta da cozinha. Odeio ser chamada pelo meu nome e, como se isso

não bastasse, ele ainda fez questão de deixar claro que *eu* não poderia chamá-lo pelo apelido. Como se eu quisesse intimidade com um tipo xucro como esse!

A grama úmida pelo orvalho da manhã faz manchas no couro italiano dos meus mocassins, mas não me importo com isso. Não vou me demorar aqui fora, somente o tempo de o idiota tomar seu café e sumir da casa, indo ficar entre os animais, que é o seu lugar.

Estremeço de frio, e minha barriga ronca, afinal, não como desde o dia anterior. Bufo de raiva e rolo os olhos, achando-me imatura demais por ter saído daquele jeito. Não vou dar Ibope para esse peão folgado! Marcho de volta para a casa e o encontro sentado à mesa, rindo de algo que Rita, ao fogão, fala para ele.

Cumprimento a moça novamente, pego uma caneca esmaltada e a encho até a boca de café. Essa bebida sempre teve o efeito de me fazer pensar com calma e agir com coerência. Quase não dormi essa noite, estou em um local onde não queria estar, totalmente ilhada; é normal meus nervos estarem à flor da pele.

— Sabe se o telefone já voltou a funcionar? — pergunto a Rita.

Ela abre a boca para responder, mas o peão grosseiro ainda carece de educação e se mete na conversa alheia.

— Se precisa tanto de comunicação com a civilização, posso te dar uma carona até a vila. — Eu o olho, surpreendida com o oferecimento. — No meu cavalo, é claro!

A imagem de montar agarrada a esse corpo enche minha mente, e meu corpo – traidor, por causa do longo período de seca – reage.

— Mas o...

— Não é um percurso muito longo, uns vinte minutos de galope — ele interrompe a Rita de novo. — Claro que a madame não deve estar acostumada a um fofador de blusa[10], mas, fora seu traseiro um pouco dolorido... — ele tem a audácia de passear os olhos sobre meu corpo — acho que a dona aguenta.

Crispo as mãos, sentindo a provocação em suas palavras, um tanto indignada e excitada, confesso. Rita já nem mexe nas panelas, apenas olha para ele, estupefata.

— Obrigada pela *gentileza* — tento ser o mais sarcástica possível. — Mas não.

Tomo um gole do café, forte e amargo, sustentando meu olhar no dele. Esse peão mal-educado não tem ideia de quantos babacas provocadores eu já encontrei ao longo da vida. Homens que, assim como ele, acham que, apenas por eu possuir um par de seios e uma vagina, mereço ser tratada como objeto e não como uma pessoa inteligente e de sucesso.

— A dona é quem sabe! — Dá de ombros. — A outra opção é ir na magrelinha...

— A bicicleta da dona Sueli? — Rita parece apavorada. — Aquilo não presta! Dona Sueli disse que ia pinchar[11] a magrelinha qualquer dia desses. — A moça pega uma panela de água fervendo e a leva até o peão. — Vai colocar água quente na sua guampa[12] hoje?

Senhor! Eu preciso de um dicionário para acompanhar a conversa desses dois!

— Não, vou tomar tereré. — Ele se levanta. — Se a dona tá tão desesperada pra ir embora, poderia pegar uma carona com o seu Zé, que vem aqui trazer a ração. — Paro para prestar atenção, pois o assunto certamente me interessa. — Pega carona e fica na *curruteia*[13]. — Rita ofega, e Guilherme ri. — No sentido bom, Ritinha.

Ele passa por mim sem se despedir, impregnando o ambiente com seu cheiro selvagem e masculino, com um brilho no olhar e um meio-sorriso. Tenho certeza de que o que ele disse não foi no *bom* sentido.

— O que é *curruteia*? — pergunto à moça, que fica imediatamente vermelha.

— É a vila — responde sem jeito, e eu sei que há mais.

— Qual é o sentido ruim, Rita?

Ela balança a cabeça, o que aumenta ainda mais minha certeza de que aquele peão disse algo ofensivo. A moça volta a mexer nas panelas, deixando claro que não vai falar do assunto, e eu, mais uma vez movida pela impaciência da noite insone, saio da casa em direção ao galpão que vi quando cheguei.

O tal alojamento é um amontoado de quartinhos minúsculos onde os peões dormem, com um refeitório e um banheiro. Em um canto, há uma mesa grande, arrumada para o café da manhã – o que me faz questionar o motivo pelo qual o grosseirão foi tomar o dele na sede –, onde o senhor Sandoval conversa com o peão que me ajudou ontem.

Dou meia-volta e encontro outro moço, bem mais jovem do que os demais, entrando no alojamento.

— Bom dia, dona!

— Bom dia! — cumprimento-o e paro. — Você sabe onde posso achar o Guilherme?

Ele franze o cenho.

— Ele foi lá pras baias e...

Vou na direção para a qual ele aponta, sem pensar duas vezes, apenas querendo deixar uma coisa ou outra clara para aquele peão, seja ele sobrinho da dona da fazenda ou não. Ando perto do pasto, vendo alguns moços na lida com os bois, e avisto a construção antiga e bem deplorável.

O cheiro forte de cavalo me traz lembranças da infância, de estar agarrada

às costas do papai enquanto ele ia para o meio da plantação. O cavalo era do dono da fazenda em que ele trabalhava, e eu, sempre que podia, gostava de andar empoleirada nele. Não monto desde os 10 anos de idade.

Meu raciocínio morre ao dar de cara com o peão, sem camisa, limpando uma baia. Seus braços possuem tatuagens, e – surpreendentemente – nenhuma delas combina com ele ou com seu mundo. Isso me intriga, claro, mas não a ponto de distrair meu corpo da percepção do dele.

Eu achava que Guilherme era grande, mas não imaginava que todo aquele volume provinha de um corpo incrivelmente musculoso, desses que todo homem que malha persegue. Braços e ombros definidos, costas largas e sem nenhum traço de gordura, e eu – embora não veja, por ele estar de costas – aposto que sua barriga é um verdadeiro tanquinho.

Fecho os olhos, tentando focar no motivo que me trouxe até aqui. *Maldita seca!* Ah, sim, o homem gostoso é um babaca, idiota e, provavelmente, um misógino!

— O que é *curruteia*? — indago à queima-roupa, rindo ao assustá-lo.

Ele se vira de uma só vez e, com o movimento, respinga em mim a sujeira que tinha em sua pá. *Merda!* Olho para minha malha de lã, cheia de pontinhos de cocô e fico ainda mais irritada com esse homem.

— Você só pode estar de sacanagem comigo, não é? — Aponto para minha blusa.

— A dona foi quem entrou aqui e gritou do nada! — Encosta a pá no chão e dá de ombros, tirando o chapéu que usa e limpando o suor da testa com as costas da mão. — Não tenho culpa se é doida!

— Doida? — O sorriso debochado dele está de volta. — Doida?! — Sinto meu sangue ferver. — O que *porra* é *curruteia*?

Guilherme cruza os braços, e seus olhos brilham.

— É um povoado.

Eu rio e me aproximo.

— Não sei qual é a sua, *peãozinho*, mas eu deveria te informar que como bichos do mato feito você no café da manhã. Você não me conhece, não sabe com quem está lidando! Eu não sou burra, sei muito bem que há outro significado...

— Há, sim. — Ele se apruma, ficando facilmente uns 20 centímetros mais alto que eu. — *Curruteia* é casa de mulher da vida, um puteiro.

Eu não sei o que esperava – provavelmente o que acabei de ouvir –, mas as palavras depreciativas e o significado delas mexem com meu brio, e eu desfiro um tapa bem forte bem no meio do rosto dele.

Guilherme fica sem reação, e eu – confesso –, surpreendida por ter perdido

a linha tão fácil e recorrido à violência. Já estive em situações muito piores, ouvindo xingamentos bem mais ofensivos e diretos e nunca fiz qualquer coisa assim. Todavia, não sinto um só traço de arrependimento.

— Primeiramente, você não me conhece para me tratar desse jeito. Como se isso não bastasse, esse tipo de piada só porque sou mulher é ridícula e...

— Eu não fiz piada — responde sério. — Eu já havia oferecido carona até lá, ao *distrito*. O duplo significado da palavra pode ter feito parecer que eu a ofendia, mas não foi minha intenção.

Ergo uma sobrancelha, sem acreditar nele.

Guilherme bufa, parecendo impaciente.

— Vamos fazer o seguinte, dona. Eu sei que você não queria estar aqui e, sinceramente, nem eu queria isso, mas meus tios precisam do dinheiro que você pagou por esses dias.

— O que você tem contra mim? — disparo a pergunta.

Ele ri.

— Como a dona disse, eu não conheço você. — Concordo com ele nisso. — Mas conheço seu tipo.

— Meu tipo? — Ele apenas dá de ombros e volta a pegar a pá. — Ah... — Rio debochada. — Imagino que uma moça do *meu tipo* tenha te abandonado por aí ou te posto um belo par de chifres, então...

— Imagine o que quiser, mas faça isso lá na sede. — Aponta para a saída. — Eu não estou em férias *pra curar dor de cotovelo*, preciso trabalhar.

Guilherme se vira e volta a limpar a baia como se nada tivesse acontecido, e eu respiro fundo, convencendo-me de que não vale a pena ficar discutindo com ele.

*Homem detestável!*

# 08

## Malu

— MALU, A RITA me disse que você perguntou do telefone e... — Sueli para de falar ao ver o estado da minha blusa. — O que houve?

Rio, um tanto desesperada.

— Ao que parece, eu atraio cocô de animal para cima de mim. — Ela faz uma cara assustada, e eu gargalho. — Foi outro acidente, não se preocupe. Só preciso trocar de roupa e...

— Você não trouxe algo mais... simples? — Nego. — Você é mais alta que eu, mas talvez tenha algo da irmã da Rita que te sirva e...

— Dona Sueli, eu realmente agradeço, mas estou pensando em voltar para casa. — Ela arregala os olhos. — Tenho certeza de que ficar aqui me deixaria mais... tranquila, mas eu realmente acho melhor voltar, só preciso falar com a minha assistente.

— Ela ligou há pouco perguntando por você. — A informação me pega

desprevenida. A Kika ligou para cá? Aquela filha da...

*Espera aí!*

— O telefone está funcionando?

— Era o que eu ia lhe dizer. — Ela entrega um papel. — Sua amiga deixou um recado. — Sorri sem jeito. — Eu não entendi muito bem...

Pego o bilhete e tento decifrar a escrita um tanto *garranchuda* dela. Gemo ao entender que Kika diz que Theodoros ficou muito satisfeito por eu ter vindo para cá e solicitou que ela monitore meu descanso para eu voltar inteira para a empresa.

— Posso usar o telefone? — peço sem jeito, e ela assente, levando-me até uma sala onde, além do aparelho via satélite, há também um radiocomunicador. Ligo para o número tão memorizado, o do meu setor, e escuto a voz da Liana, uma das estagiárias.

— Oi, Liana, é a Malu, tudo bem? — Ela me cumprimenta animada. — Posso falar com a Kika? — Espero um momento na linha, e minha assistente atende no exato momento em que dona Sueli me deixa sozinha na sala. — Sua filha da mãe, traidora dos diabos, eu vou te matar por ter me colocado nesse fim de mundo onde todo dia tomo banho de bosta e ainda tenho que aturar um peão folgado, bruto e misógino!

Kika gargalha ao telefone.

— Eu também te amo, Malu! — rolo os olhos ante a resposta. — Banho de bosta? É algum tipo de tratamento estético?

— Kika, sua filha da...

— Ei! Malu, eu fiz isso para o seu bem — ela fala com aquele jeitinho tão dela, tão sincera e amiga, e eu apenas bufo, mas já sem convicção da irritação. — Eu sabia que, se não te isolasse, você não ia parar. Aí eu tenho certeza de que você vai ler, caminhar, entrar em contato com a natureza para, quando voltar, estar pronta para conseguir o local perfeito para os filhos da puta dos Yannes.

— Como andam as coisas? — inquiro, resignada.

— Theodoros me proibiu de conversar sobre isso com você. — Gemo por causa da teimosia dela. — Mas, creia-me, se houvesse algo indo mal, te contaria.

— Eu sei, confio em você. — Respiro fundo para abordar o assunto da melhor forma possível. — Eu quero ir embora daqui, Kika. Sei lá, arranja outro local ermo e isolado, menos esse.

Ela fica um tempo muda e depois demonstra preocupação em sua voz:

— Eles não são pessoas legais?

— São, sim, eu só não quero ficar aqui.

— Certo. Eu vou pesquisar umas coisas e volto a entrar em contato quando conseguir...

Ah, se eu não a conhecesse!

— Você vai mesmo me tirar daqui?

— Não. — Ri. — A dona Sueli é um amor, Malu. Ela ficou tão preocupada contigo e me prometeu cuidar bem de você e...

— Você me deve por essa história de coração partido, viu? — Ela gargalha. — Eu vou para a cidade e lá, com telefone e internet, vou contratar uma empresa para me levar até Campo Grande e voltar para São Paulo.

— Se você fizer isso, o Theodoros vai te demitir. — *O quê?!* — Ele está muito preocupado com você e disse que não quer que os membros do conselho pensem que ele indicou uma mulher descompensada para a diretoria.

*Mulher descompensada?!*

Eu trabalhei anos e anos naquela porra de empresa, abri mão de quase tudo para crescer lá, para apresentar o melhor trabalho, aumentar os lucros dele, para depois ser chamada de descompensada?!

— Theo que vá para o inferno! — grito para ela, levantando-me da cadeira na qual me sentei para ligar. — Ele não pode pensar que manda na minha vida!

— Malu, por favor, relaxa. — Volto a me sentar. — Eu preciso de você 100% para conseguir seu lugar lá no *Olimpo*. Todos acreditamos em você, mas isso não pode custar sua saúde como estava acontecendo. Fique aí, descanse, leia, nade pelada com o peão gostoso que me disseram que tem aí...

Eu simplesmente paro de ouvir a sua voz depois dessa última frase. Nadar pelada com o Guilherme? As imagens do corpo dele preenchem minha mente e são substituídas por nós dois juntos na água, suas mãos segurando-me pelos cabelos enquanto me...

Era o que faltava! Fantasiar com aquele peão grosseiro!

— Tente outro local, por favor — peço, e ela promete retornar quando conseguir, mas aposto que, mais uma vez, está apenas me manipulando, dizendo-me apenas o que eu quero ouvir, mas sem ter realmente intenção de o fazer.

Desligo o telefone e fico olhando os móveis antigos e rústicos do local, avaliando o piso, a decoração, pensando na história desta casa. Toda construção antiga carrega uma história, desde sua construção até o momento da avaliação. Muita coisa aconteceu dentro dela, criando sua alma. Quando trabalhava com avaliação, eu sempre pesei esses fatores também para atribuir valor.

Aqui, nesta fazenda, as coisas podem estar decadentes. Contudo, eu vejo muito potencial em cada parte que conheço. A construção é antiga e sólida, com elementos tão típicos que fazem com que seja diferenciada de tudo o que já conheci. Já ressaltei que há muita diferença entre o interior do Rio Grande do Sul, onde fui criada, e o interior do Mato Grosso do Sul.

Percebo, em cada detalhe apodrecido da madeira ou enferrujado do metal,

que eles não têm a mínima condição de restaurar a casa, e isso é uma pena. O local do entorno é muito comum, tipicamente de cerrado, aqui, na parte baixa, onde ficam os equipamentos da fazenda, como a sede, galpões e currais. No entanto, esta casa traz tantas sensações que valeria a pena ser reformada.

Escuto um barulho alto, e, de repente, as luzes do radiocomunicador se apagam. Imediatamente dona Sueli aparece.

— Você já tinha desligado? — Assinto. — Ah... nosso motor deu algum problema, estamos sem energia.

Fecho os olhos e rio de mim mesma, pensando que eu poderia ter ido tomar banho antes de ter ligado. Agora, ou enfrento a água gelada, ou fico fedendo a excremento.

Recuso-me a exalar esse *perfume* rural, então... água fria, aqui vou eu!

Eu tentei evitar, mas, durante o banho, xinguei a Kika de tudo o que é nome feio que mamãe nunca aprovaria. Fiquei lá, debaixo da água gelada, pulando como uma louca e cantando, tentando me aquecer. Sei que isso é totalmente irrelevante em comparação ao gelo da água, mas foi divertido, confesso.

Mal saí do banho e ouvi uma batida à porta. Era a dona Sueli com algumas roupas no braço. Fiquei tão sem jeito de dizer a ela que eu não uso roupa alheia de jeito algum que é por isso que estou, neste momento, de frente para o pequeno espelho de meio-corpo, olhando-me de camiseta branca colada no corpo e jeans com lavagem bem escura e enormes rasgos – que não é de design – nos joelhos.

Nos pés, uso botinas. Sim, botinas!

Caio na gargalhada ao me ver, achando-me completamente caricaturada. Aproveito o *style* e tranço meus cabelos como usava quando era criança.

— É, Malu, só falta um chapéu e um fivelão!

Retoco o protetor solar, lembrando-me de pedir o maldito repelente, coloco meus óculos escuros da Chanel (parênteses para dizer que está completamente desarmonioso) e saio para o almoço.

— Tudo bem. Se eu vou ter que ficar aqui ainda por um tempo, preciso arranjar o que fazer...

— Falando sozinha, Maria da Luz?

Puta que pariu, esse peão vai ficar mesmo me chamando assim?!

— É Malu! — afirmo ao encará-lo.

Guilherme dá de ombros, sorrindo.

— Gosto de Maria da Luz. — Ele aponta para minha roupa. — Sorte sua que Ritinha tem uma irmã mais velha e com mais curvas. — *Hein?!* — A roupa da garota não ia te servir.

A indignação toma conta de mim.

— Você está me chamando de gorda?!

Ele gargalha e sai andando.

— Claro que não! Não sou cego, dona! — Vira-se rapidamente e pisca um daqueles olhos lindos para mim. — Mesmo vestida assim, você ainda parece um cisne no meio dos patos.

Fico um tempo parada no corredor da casa, vendo-o sumir ao entrar na cozinha, pensando no que ele quis dizer e se aquilo foi o jeito torto de ele me dizer que eu estava bonita.

Esse peão me confunde, me deixa irritada, me faz querer... Balanço a cabeça, achando ridículo sentir atração por ele. Ok, admito que ele não é de se jogar fora. Na verdade, ele é muito gostoso, mas, fora isso, é um sujeitinho intratável que não gosta de mim por algum tipo de preconceito para com gente da "cidade grande".

Entro na cozinha e o encontro trinchando algum tipo de assado que acabou de sair do forno. Ele ri junto a Rita, brincando com algo, e eu fico um tempo observando-os juntos. A moça é jovem e bonita. Porém, ele parece tratá-la apenas como amiga. Não sei quantos anos ele tem, mas creio que deva ser da minha idade ou um pouco mais velho, o que começa a me fazer ficar curiosa sobre mais.

*Malu... contenha-se!*

As palavras da Kika sobre nadar pelada com ele – não com ele, mas com algum peão gostoso – ficam martelando em minha mente enquanto o vejo cortando a carne para Rita.

— Ah, mas você ficou muito linda! — Sorrio para dona Sueli. Guilherme e Ritinha agora se apercebem da minha presença, e a moça sorri para mim. — Sabia que as roupas da Fátima iam te servir!

— Ela não vai ficar chateada? — pergunto.

— Não! — Rita é quem responde. — Minha irmã foi estudar em Campo Grande, nem usa isso mais.

Eu assinto e agradeço.

Pois bem... esse é meu novo estilo agora.

— Já comeu baguá? — Sueli me pergunta cheia de orgulho.

— Não — digo preocupada, olhando para o suculento assado.

Guilherme ri da minha expressão, lavando as mãos na pia.

— Explica para a dona, senão ela nem vai conseguir comer. — Ele me

encara. — É um búfalo selvagem, na verdade, uma cruza. A carne é tão saborosa ou mais que a do Nelore – o que você costuma comprar nas *butiques* de carne lá de São Paulo.

Ergo minha sobrancelha para ele, notando como falou sobre a cidade na qual escolhi viver. Desprezo. *Hum... Uma paulistana te pôs uns chifres, não foi?*

— Vou adorar experimentar. — Sento-me à mesa. — Gosto das coisas selvagens também.

Guilherme tosse, engasgado com algo, e eu o encaro. *Duplo sentido, peãozinho! Também sei jogar esse jogo!* Seus olhos brilham curiosos, e ele suporta meu olhar o tempo todo com uma expressão fechada, mas que demonstra, pelas narinas dilatadas a cada respirada, que ficou afetado.

O clima entre nós fica pesado de um jeito totalmente sexual. Minha pele inteira se arrepia, meus mamilos roçam duros contra o sutiã, e eu ofego.

Guilherme fecha os olhos, balança a cabeça e, sem dizer nada, sai marchando da cozinha, despertando o interesse das outras duas mulheres.

— O que houve com ele? — Rita questiona.

Sueli dá de ombros e volta a colocar arroz em uma travessa de cerâmica.

— Hoje é dia 8!

Rita balança a cabeça como se apenas a citação do dia do mês seja suficiente para explicar a atitude do peão, o que me deixa ainda mais intrigada e curiosa sobre ele. Contudo, não faço nenhum tipo de questionamento e começo a conversar sobre o clima e a perguntar sobre as atividades da fazenda.

— Você veio aqui para descansar — Sueli me repreende quando pego meu prato, após a refeição, para lavar.

— Isso é descanso, pode ter certeza. — Sorrio pegando a esponja. — Eu trabalho quase 15 horas por dia, inclusive nos finais de semana, e relaxo organizando minha casa em horas de folga. — As duas me olham assustadas. — Tenho certeza de que vocês duas trabalham bem mais do que isso.

— Você não dorme? — Rita questiona.

Eu assinto, rindo, mas resolvo aproveitar o gancho para falar da minha noite malfadada.

— Ontem foi difícil por causa dos pernilongos.

— Você não fechou o cortinado? — Respondo que sim, mas que dormi antes. — Vou colocar um repelente no seu quarto agora e já deixar o cortinado fechado. Os *bicho* já estão acostumados com a gente, então nem *morde* mais. Essa praga já devia ter acabado, mas este ano as coisas andam meio fora da ordem natural por aqui.

— E Malu é sangue novo! — Rita ri de si mesma. — Os meninos da lida só falam da moça dos cabelos dourados. — Cruzo os braços e a olho surpresa. — O

Jonas disse que a dona cheira igual um campo de flores.

Dona Sueli resmunga e diz que vai ter um dedinho de prosa com os meninos mais novos, e eu, por causa disso, suponho que o Jonas seja o rapaz por quem eu passei de manhã, à procura do peão irritante.

Irritante, mas interessante! Essas férias podem ser promissoras!

# 09

# Malu

— A MAIOR CIDADE perto é Corumbá, mas vamos pouco pra lá, porque o Zé Torquato está entregando as coisas aqui desde que a caminhonete quebrou, então...

Eu vou acompanhando a conversa da Rita enquanto nós duas separamos o feijão novo que Sueli irá preparar para o jantar. Tarefas domésticas como cozinhar nunca me atraíram muito, eu sempre preferi organizar ou limpar, nunca mexer em panelas. No entanto, o maior serviço da fazenda, eu percebi, é o preparo das refeições, pois Sueli faz a da casa e a dos peões.

Pelo que eu entendi, antes das cheias – geralmente no começo do ano – o gado é todo retirado para as partes mais altas da fazenda, e depois, quando ocorre o escoamento da água, que inunda tudo em volta, os peões vão trazendo os animais de volta. Este ano houve um aumento significativo da chuva, e a inundação durou bem mais do que o previsto, mas Rita me disse que no Pantanal

nada é certo. Eles têm órgãos que ajudam a identificar os períodos de cheia, mas já houve inundações não esperadas e foram contabilizadas mais de 100 mil cabeças de gado perdidas em toda a área.

Agora, no período de estiagem, o terreno já está praticamente seco, a água está voltando para o leito dos rios, e o gado, para os currais e pastos.

Eu, claro, achei uma trabalheira terrível e questionei o motivo pelo qual não se deixam os animais já na parte alta, mas o que me responderam – Rita e Sueli – foi que a oferta de alimento, de pasto aqui da planície é melhor, além dos bebedouros naturais e da facilidade no manejo.

É realmente um enorme trabalho, mas eu percebi que eles amam o que fazem. É uma pena os negócios não estarem dando certo, pois é visível que eles enfrentam dificuldades financeiras. A casa precisa de reforma, o motor que gera a energia está velho e cheio de gambiarras, além dos piquetes, precisando ser renovados, telhados das construções com goteiras, e isso porque ainda nem conheci tudo.

Minha cabeça de economista e de mulher de negócios começou a maquinar possibilidades para uma melhora, mas, como eu não conheço todo o cenário e não irei me meter em assuntos tão delicados, acalmei-me e me dispus a ajudar na casa. Montei um pequeno cronograma de atividades a partir da hora em que irei acordar até a de dormir. Isso, claro, inclui atividades na casa, mas também coisas pessoais, como exercício, leitura e meditação.

Eu sou organizada, metódica, gosto de ser assim, tenho orgulho disso! Desde muito cedo aprendi que a organização adianta minha vida e me faz perder menos tempo. Meus cronogramas e planilhas otimizam meu trabalho e toda minha vida, então eu os aplico em tudo. Tem gente – como a Kika – que mantém a organização apenas a nível profissional, mas que, na vida pessoal, gosta das surpresas, do inesperado, de deixar acontecer. Eu simplesmente piro se fizer isso, se soltar as rédeas e me jogar no escuro.

— ...eles já começaram a carnear um novilho. No dia da festa, iremos colocar na brasa, reunir todo o pessoal em volta da fogueira e comemorar o retorno do rebanho. Daqui um tempo eles vão arrumar o transporte *pros boi* que estão prontos *pro* abate, mas acho que você não estará mais aqui.

— Creio que não — respondo-lhe, torcendo para que seja o quanto antes. — Essas comemorações são grandes? — Faço careta imaginando o barulho.

— Ah, não! Só o pessoal da fazenda e o que participa *das comitiva*. — Rita suspira. — Eu espero chegar esses dias! É tão animado!

Sorrio sem jeito para ela, pensando que eu nunca fui fã de música sertaneja, churrasco e cerveja. Se eu pensar bem, nem pareço gaúcha! A verdade é que nunca gostei muito de festas populares, só ouço música quando estou fazendo

exercício e, definitivamente, detesto ficar fedendo a fumaça.

Se eu não tiver conseguido ir embora daqui logo, terei que pensar numa boa desculpa para ficar no quarto e não participar da confraternização.

Terminamos de separar os feijões, e, enquanto Rita os lava, resolvo caminhar um pouco pelos arredores. A área da fazenda é boa, há uma bela horta atrás da casa, e ao longe posso ver um pomar. Vou descendo em direção aos pastos, pois a casa fica em uma colina, provavelmente longe da inundação do Rio Negro.

Passo pelo alojamento dos peões, algumas casinhas de funcionários com família – é numa dessas que a Rita mora com os pais –, e então os pontinhos brancos dos Nelores aparecem bem distante. Apoio-me em um dos moirões de madeira e fico contemplando os homens tocando o gado.

Onde a boiada vai passando, vejo um lamaçal sem fim, sinal de que a terra ainda está bem encharcada, mas sei que, daqui a um tempo, as gramíneas começarão a brotar, assim como os arbustos crescerão. A vida se renovando, em seu ciclo constante, para, no final do ano, começarem as chuvas e tudo se alagar de novo.

Ouço o som alto do berrante e abro um sorriso ao me lembrar da infância. Não, lá em casa não tinha ninguém tocando berrante, mesmo porque lidávamos com a terra e não com bois, mas meus pais amavam novelas como *Pantanal, O Rei do Gado, Ana Raio e Zé Trovão* e tantas outras que tinham como foco a pecuária ou a vida em fazendas. Minhas irmãs mais velhas assistiram quando passaram pela primeira vez, mas eu apenas vi reprises na adolescência.

Olho tudo em volta, tentando reconhecer a paisagem, mas não creio que a locação principal tenha sido por aqui. Talvez em alguma fazenda perto de Corumbá ou no Pantanal Norte, quem sabe.

É então que, ainda sorrindo, olhando para o alto, sentindo o sol me aquecendo, pulo ao ouvir o toque do berrante bem no meu ouvido.

— *Tava* dormindo, dona? — Jonas ri ao perguntar, passando na minha frente com seu cavalo de pelagem dourada.

— Parecia mais uma lagartixa se aquecendo no sol. — Guilherme, com o berrante na mão, controla seu cavalo acinzentado. Seus olhos claros brilham divertidos, ainda que sombreados pelo chapéu.

— Não se esqueça de que jacarés também têm sangue frio... — ameaço-o. — Lagartixa é um bicho muito assustado, não se parece comigo.

Seu sorriso se alarga.

— Jacaré? — Fica sério. — Minha carne favorita!

Seguro o fôlego ao ouvir a insinuação, seguida de uma piscada, para em seguida ele tomar o mesmo caminho que seus companheiros estão fazendo. Sim,

o homem gosta de me provocar! Tem algumas reações estranhas, é, na maioria das vezes, muito grosseiro, mas não consegue esconder que eu mexo com ele.

Essa certeza desperta um sorriso no meu rosto, e meu ego feminino infla de tal modo que eu quero dar uma dançadinha da vitória aqui mesmo. *Ah, peãozinho, vamos ver quem vai domar quem!*

Não vi mais nenhum dos trabalhadores ao longo do dia. Sueli disse que eles chegariam para o jantar, cansados e famintos depois de levarem o rebanho para o curral leste – ou onde quer que eles tenham ido levar o gado. O fato é que eles já estão fazendo a separação dos animais para facilitar depois o seu transporte.

Assim que começou a escurecer, Sueli me deu uma espécie de espiral verde e uma caixa de fósforos. Se eu esperava um repelente elétrico, frustrei-me ao receber o tipo de incenso que fica emitindo fumacinha a noite toda para espantar pernilongos. Se bem que, como o gerador é desligado às 22h, eu realmente agradeci por poder contar com aquele repelente arcaico.

Aproveitei que ainda tinha água quente, tomei um banho gostoso, vesti calças confortáveis e uma blusa solta de ioga, além de calçar meias e, mais uma vez, abri mão do jantar. Conferi a moringa de barro ao lado da cama, peguei um livro e coloquei os óculos de leitura.

Não consegui ir muito longe com a leitura, pois exatamente na hora marcada, tudo ficou escuro. Acendi a lamparina de querosene – um vidro com um barbante embebido no combustível que propaga um cheiro ruim – e tentei ler mais um pouco, porém, foi impossível.

Meu estômago roncou, e eu me arrependi de não ter jantado. Contudo, lembrando-me de onde dona Sueli guarda as frutas, decidi ir até a cozinha e pegar uma.

Foi nesse momento que ouvi um ruído no quintal e olhei pela pequena janela com vidraça. Um homem caminhava pelo quintal com uma lanterna, e, pelo porte, eu soube que era o Guilherme.

Não consegui ver muita coisa naquele momento, pois o breu tomava conta de tudo e não dei atenção a isso. Pelo menos, não até agora, ao ser acordada com uma cantoria estranha e outros barulhos.

Saio do quarto assustada e dou de cara com o senhor Sandoval de pijama e manta de lã nas costas.

— O que está havendo? — pergunto.

Ele sorri sem jeito.

— Desculpe por terem acordado a senhorita. É só uns peões bêbados. Pode voltar para o quarto.

Ele passa por mim em direção à cozinha, mas eu não lhe dou ouvidos, indo em seu encalço. Ele acende um lampião grande e sai para a madrugada fria. Confesso que não vejo nada e realmente não preciso.

— Vem, vamos para seu quarto — ouço o senhor falar. — Pensei que já tivesse superado isso!

— Não tem como superar... — a voz bêbada é enrolada, mas claramente é a do Guilherme. — Eu não mereço superar!

— Quase se matando de tanto beber não resolve nada, arre!

O mais velho o ajuda a se levantar de onde está caído, e ele se apoia no tio. Os dois passam pela varanda da cozinha, e Guilherme olha na minha direção, porém, creio que não me vê, pois está tudo escuro à minha volta.

— A culpa é dela...

— Gui, não, a moça não tem nada a ver com...

— Ela me faz lembrar...

Escuto apenas o bufo de Sandoval, e suas palavras seguintes já não chegam nítidas aos meus ouvidos.

Eu realmente não faço ideia do que está acontecendo, mas, com certeza, aquele jeito debochado e implicante do peão é sua arma contra mim, porque eu o faço lembrar algo que o machuca, que o faz se embebedar e se culpar.

— Bom dia!

O cumprimento de Rita me pega desprevenida, e eu pulo da cadeira onde estou sentada há horas, desde que presenciei a chegada do Guilherme nessa madrugada.

— Bom dia! — Sorrio, ainda que sonolenta. — Estou louca por um café!

Ela assente e começa a acender o fogão a lenha, enquanto eu encho a chaleira com água. Vi o dia amanhecer esperando o Sandoval voltar, mas o homem não deu mais as caras na casa depois de ter ajudado o sobrinho bebum.

Dona Sueli também ainda não apareceu, o que é estranho, pois, a essa hora ontem, ela já estava passando o café.

— Dona Sueli está fazendo o quebra-torto para os peões, e eu já deveria ter feito o da senhorita.

— Sem problema, e pode me chamar de você, Rita!

— Ah, então me chame de Ritinha! — Concordo com a cabeça. — Eu

acabei perdendo a hora no *Facebook* e...

Paro de encher a enorme chaleira e a encaro.

— *Facebook*? — Ritinha sorri, constrangida. — Como você entra no *Facebook* se aqui não tem sinal de celular?

— Eu uso o wi-fi! A senhori... você não sabia que nós *tem* internet aqui?

*Puta que pariu!*

Abro um enorme sorriso e peço a senha. Agora eu só preciso de um aparelho para voltar ao mundo!

# 10

# Guilherme

— DESCE MAIS UMA, Lizete! — Chico, um dos peões temporários trabalhando conosco este ano, grita para a dona do bar enquanto ainda termina de tomar sua cachaça.

Eu, com minha cerveja na mão, olho para toda a algazarra como mero espectador, sentado a uma mesa de canto, preocupado em controlar qualquer briga que possa ocorrer depois que o álcool nuble o raciocínio dos homens aqui. Sempre acontece, e, como sou o responsável por esses moços todos aqui reunidos, preciso preservar a integridade deles para a lida amanhã.

Dou mais uma golada na cerveja gelada, percebendo o decote da Elizete hoje, sentindo meu corpo reagir ao me lembrar da textura dos peitos dela, de como ela gosta de meter duro como eu. Fecho os olhos para me controlar até que ela consiga um tempo para se divertir um pouco comigo esta noite.

Nós dois não temos nenhum tipo de acordo, mas, quando apareço aqui e ela

está disposta, trepamos para aliviar um pouco o corpo. Lizete, assim como eu, não tem ninguém; ela, por ter ficado viúva e fechado o coração a algum novo relacionamento, e eu, porque... porque não.

Quando saio em comitiva e paro em alguma outra cidade, sempre encontro uma companhia ou outra, mas evito ao máximo as *curruteias*. Sei que a meninas precisam ganhar dinheiro, mas a sensação que tenho é de que os gemidos são pelas notas de dinheiro e não pelo meu pau, e isso tira todo o meu tesão.

Este ano não tem sido fácil aqui nestas paragens. As cheias vieram desencontradas, primeiro os rios Miranda e Aquidauana, de forma recorde, depois o Paraguai. Toda nossa área virou um marzão sem fim, e o rio está demorando a voltar para a caixa[14], o que atrasou também a volta dos animais.

O instituto que controla as cheias e as chuvas na nossa região tinha uma previsão pior, de que até agora, em julho – época de estiagem –, haveria cheia. No entanto, os céus olharam por nós, e isso não ocorreu.

Eu preciso ajudar meus tios a venderem todos os animais e, assim, quitar um pouco a dívida do banco. Estou realmente preocupado com os prejuízos que tivemos ao longo desses anos e me dói que eu não possa fazer nada... quer dizer...

Balanço a cabeça, expulsando qualquer pensamento sobre as questões que deixei para trás ao vir para cá e volto a prestar atenção à dona do estabelecimento aqui do distrito, na pequena vila rural no caminho da cidade de Aquidauana. Ela ainda parece bem ocupada, e eu, sinceramente, já começo a sentir mais cansaço do que tesão, embora uma gozada antes de dormir cairia bem.

No momento, ela olha para mim, sorri e faz sinal com a cabeça para eu ir para trás do bar. Abandono a cerveja, coloco meu chapéu na cabeça e caminho para fora, já subindo as escadas para o segundo piso da construção, onde ela mora.

Segundos depois, ela abre a porta para mim, e eu, já completamente duro, entro abrindo o fecho da calça jeans e subindo sua saia. A única pausa que damos é somente para colocar o preservativo e mais nada, nem ao menos um cumprimento, nenhum beijo. O sexo é apenas de alívio hoje, encostados na parede, as pernas dela contra meus quadris e meu pau socando dentro dela sem parar, enquanto eu lambo seu decote. Meto como um louco, bufo como um baguá bravo. Ela geme porque adora ser comida, me comer e ter prazer. Só gozo quando sinto a sua boceta me apertando e seus tornozelos cravados na minha bunda.

Nós nos separamos, tiro o chapéu em cumprimento, desço as escadas e volto para o salão do bar. Tomo mais duas cervejas, converso com peões de

outras fazendas, grito para os subordinados a mim que já está na hora de voltar e vou descansar.

Há três dias ando ansioso e irritado, e tudo pela presença de uma única mulher. Enfrentando uma puta ressaca – de álcool e moral – minha mente volta um pouco no tempo.

Pela manhã, eu já estava na lida antes de o sol acordar e pensei que ia ter mais um dia como qualquer outro, onde iria trabalhar até a exaustão e não pensar no dia seguinte.... ou naquele maldito dia em que tudo mudou! Até que, antes do almoço, algo saiu da normalidade.

Ouvi o som de uma caminhonete com motor a diesel e, como a nossa própria está parada sem manutenção, pensei ser algo que o Zé Torquato, que entrega material e provimentos, tivesse trazido. No entanto, não era ele.

Vi quando uma mulher muito bem-vestida – linda! –, com porte alto, corpo escultural e cabelos dourados desceu do veículo olhando tudo com semblante de espanto enquanto segurava seus óculos de grife.

Ela conversou com o homem, mas ele apenas despachou as malas dela do carro e a deixou na estrada. Três malas, todas de uma grife cara, e a mulher parada ali, tão fora de lugar, parecendo um cãozinho de madame que caiu da mudança no meio do Pantanal.

Ela caminhou até a porteira, procurou por algo e começou a badalar o sininho. Meu corpo inteiro estremeceu ao pensar que ela estava perdida, então fui até lá, vendo Ritinha sair e entrar na casa apressadamente.

— É um pesadelo! É um pesadelo! É um pesa...

A dondoca batia a própria cabeça na porteira como se tentasse acordar.

— Posso ajudar? — perguntei, interrompendo seu momento de loucura.

Ela me olhou assustada, olhos castanhos num rosto digno de capa de revista. A mulher toda exalava uma sensualidade que eu não conseguia explicar, apenas sentir. Estava vestida normalmente, uma bela calça jeans, blusa de malha de tricô ou crochê, pegadinha, principalmente em seus seios, redondos e firmes, num corpo magro.

Eu confesso que sou fã – muito tarado mesmo – de peitos, e os dela eram muito bonitos! Voltei a focar em seu rosto um tanto embasbacado, como se não estivesse me vendo.

— Olá? — Ela sacudiu a cabeça de um jeito engraçado. — Posso ajudar? — voltei a oferecer.

— Sim! — E arreganhou um sorriso enorme. — Eu vim para um local que me indicaram como um SPA, porém, acho que o motorista que me trouxe era um tanto burro – ou analfabeto – e me deixou aqui, no meio do nada, sem telefone e... — o jeito que ela falava sobre o lugar, sobre o homem que a tinha trazido, julgando tudo, olhando por cima como se fôssemos todos ignorantes, deixou-me puto, e a vontade de ajudá-la passou. — Enfim, preciso de um telefone para pedir à minha amiga que mande outro avião aqui para esse fim de mundo.

*Ah! Ela está perdida e só quer um telefone? Só isso?!*, pensei.

— Voti... a dona quer um telefone?

Já estava pronto para dizer a ela que, naquele fim de mundo, como éramos todos analfabetos, não sabíamos nem como se usava um telefone, mas a Ritinha me interrompeu a tempo.

— Gui?! Dona Sueli pediu para perguntar se a moça é Maria da Luz.

Franzi o cenho, julgando o nome e a dona dele, achando engraçado, principalmente por perceber que aquilo a incomodava.

— Maria da Luz? — não escondi que não achava que o nome combinasse com a figura dela.

— Sou eu — afirmou.

— É a *Maria da Luz*, sim! — gritei de volta para Ritinha sem tirar os olhos dela.

— Manda entrar! É nossa hóspede.

Nós dois aparentemente nos assustamos com a resposta. Pensei: *Hóspede?! Mas que porra de hóspede é essa que nem sabe para onde está indo? Afinal, aqui nunca foi um SPA!*

Decidi tirar aquela história a limpo com meu tio e virei as costas para a moça, deixando-a – e toda sua elegância de alguém vindo de São Paulo – para trás. Andei o mais rápido possível e o encontrei no curral sul, arrumando umas cercas junto a alguns dos peões.

— Tio — chamei-o. — Que história é essa de hóspede de São Paulo?

— Ela já chegou? — perguntou, e eu assenti. — Ah, foi a sobrinha da Sueli, que mora lá, que a indicou. Me assustei com o valor que ela pagou para ficar aqui, quase como se fosse coisa de luxo! Mas a grana ajudou a pagar *uns peão* a mais.

Bufei ao pensar que não tinha como mandá-la de volta. A patricinha estranha teria de ficar ali, pois, senão, teríamos que devolver o dinheiro dela, que já tinha sido usado. Admito que ele veio em boa hora, pois a ajuda extra este ano foi muito bem aproveitada, mas pensar que uma dondoquinha iria ficar andando por ali dando seus chiliques me irritou.

Eu não precisava de ninguém como ela perto de mim, ainda mais sendo de

São Paulo! Só de pensar na cidade, no fato de ela viver lá fez meu peito se apertar, e eu lembrei que o dia seguinte seria dia 8...

*Não, Guilherme!,* freei os pensamentos de novo.

Então ela tinha que ficar. O que eu teria de fazer era somente ignorá-la. E eu tentei, juro que tentei, mas, mesmo não indo almoçar na sede, como sempre fiz, mesmo tentando ficar o mais longe possível da casa, acabamos nos esbarrando de novo.

Ela estava com a Ritinha, caminhando tranquilamente perto dos piquetes. A indiazinha tagarelava alegre como sempre, mas a dondoca, vestida com uma roupa fina como se realmente estivesse em um SPA, olhava para o nada e franzia o cenho para os assovios da peonada.

Olhei para cada um deles com a cara mais feia que conseguia fazer, o que os acalmou, mas eu mesmo não consegui desgrudar os olhos dela. A mulher era muito bonita e – se a calça de ginástica não fosse daquelas enganadoras – tinha um belo par de coxas e um bumbum durinho, combinação de matar com os seios fartos.

Balancei a cabeça, repreendendo-me, afinal, não tinha vinte e poucos anos como os que estavam mexendo com ela e estava pronto para voltar para as baias quando a vi atolar o pé em um enorme monte de esterco.

— Merda! — ouvia-a xingando e sorri.

— Voti! — Ritinha gargalhou.

A expressão no rosto dela era muito engraçada, como se não soubesse o que fazer enquanto o pé ficava lá, assando no meio da bosta de cavalo. Resolvi trazer a Ritinha de volta à sanidade, afinal, ela era uma hóspede – indesejada por mim, mas ainda assim uma hóspede.

— Ei, Ritinha, ajuda a dondoca aí a desatolar da merda.

Maria da Luz me encarou com os olhos brilhando de raiva, mas algo a mais brilhou ali. Eu fiquei intrigado com aquilo, mas logo vi o Jumecy, pai da Ritinha, indo ajudá-la.

— Tudo bem, dona?

— Está, sim, estou só aproveitando a hidratação grátis no pé — ela falou com ele de um jeito divertido e ainda piscou um dos olhos, o que me surpreendeu. Achei que iria gritar, espernear, exigir que a tirassem dali, mas não. Ela brincou! — Fiquei sabendo que, depois de lama vulcânica, não há nada melhor que bosta de boi para deixar os pés macios.

— É mesmo?

Rolei os olhos ante a inocência da indiazinha e perdi a paciência.

— Não. — Marchei até onde ela estava, recebendo um olhar intrigado do Jumecy, e a puxei para fora da merda. — É melhor a dona voltar de onde veio.

— aconselhei, pegando seu sapato – de marca internacional – e o isolando. — Bem se vê que uma mulher da cidade grande não sabe nem como se vestir aqui no mato.

O olhar de reprovação do homem mais velho me fez ficar constrangido. Decidi sair de perto deles, mas, passando perto de uma bomba d'água, pensei em ajudá-la um pouco. Enchi o balde e o levei até ela, ainda parada olhando para o pé sujo.

Não pensei duas vezes e despejei a água em seu pé, o que não adiantou muito, mas, pelo menos, tirou um pouco da imundície, o que a ajudaria a se mover até a casa.

Passei uma noite de cão, acordado, olhando para o teto, sentindo a culpa voltar com força, me consumir, as imagens, os momentos, a dor. Antes de o sol nascer, estava debaixo de uma ducha gelada a ponto de me fazer bater o queixo, mesmo trincando os dentes.

Todavia, nada adiantou, pois a primeira pessoa que vi, na entrada da cozinha da sede, foi a paulistana. Bufei, passei direto por ela, aproveitando seus olhos fechados, mas tia Sueli forçou uma apresentação que não deu muito certo e fez a moça sair da casa.

— O que está havendo com você? — a esposa do meu tio perguntou.

— Nada! — Dei de ombros, sentando-me à mesa. — A moça é que é doida!

— Ela parece ser boa pessoa, e minha sobrinha disse que ela precisava mesmo passar uns tempos aqui, longe de tudo, pois teve uma desilusão amorosa séria. Deixa a moça aproveitar o quebra-torto dela e não fique de grosseria, arre!

Ela sumiu para dentro da casa no exato momento em que Ritinha apareceu. Assim que me viu, ficou toda espevitada. A indiazinha, desde que ficou maiorzinha, fica toda sem jeito perto de mim, nem parece a mesma garota que, até uns anos atrás, se pendurava no meu cangote. Ritinha ficou bem bonita, embora miudinha como sua mãe, que é descente dos Kadiwéu[15]. Ela acabou de completar 18 anos, 20 a menos do que eu, então, nem com muito olhar doce e jeito faceiro, ela irá me interessar. Eu gosto de mulher madura, sempre gostei! Mesmo quando garoto, na idade que ela tem hoje, sempre preferi as que tinham mais de 30 anos.

— Será que a dona da cidade vai querer fazer mais hidratação com cocô hoje? — Ritinha me indagou, e eu ri no exato momento em que a tal "dona" voltou para a casa.

— Sabe se o telefone já voltou a funcionar? — perguntou a Ritinha sem me olhar.

Eu, como sempre detestei ser ignorado, resolvi me meter na conversa.

— Se precisa tanto de comunicação com a civilização, posso te dar uma

carona até o distrito. — Ela me olhou, e eu sorri, sarcástico. — No meu cavalo, é claro!

— Mas o... — Ritinha tentou falar algo, mas eu a interrompi, percebendo o olhar confuso de Maria da Luz.

— Não é um percurso muito longo, uns vinte minutos de galope. Claro que a madame não deve estar acostumada a um fofador de blusa, mas, fora seu traseiro um pouco dolorido... — foi irresistível olhá-la — acho que a dona aguenta.

Ela pareceu voltar a si e abriu um sorriso gélido.

— Obrigada *pela gentileza*. Mas não.

— A dona é quem sabe! — Dei de ombros, então me lembrei da bicicleta que a Sueli ganhou. Uma bicicleta por essas paragens é quase como ter uma lareira no Saara! — A outra opção é ir na magrelinha...

Tive vontade de rir ao imaginá-la pedalando por essas estradas enlameadas e desniveladas. *Não iria muito longe, tenho certeza!*

— A bicicleta da dona Sueli? — Rita percebeu a péssima ideia. — Aquilo não presta! Dona Sueli disse que ia pinchar a magrelinha qualquer dia desses. — Ela me ofereceu água quente para pôr no mate, mas eu lhe disse que preferia tomar tereré.

— Se a dona tá tão desesperada pra ir embora, poderia pegar uma carona com o seu Zé, que vem aqui trazer a ração. — Achei, naquele momento, a melhor saída. Ela podia desistir de ficar aqui, ir para a vila, e nós não precisaríamos devolver o dinheiro. — Pega carona e fica na *curruteia*. — Só quando a Ritinha ofegou, lembrei-me do *outro* sentido da palavra. Ri para aliviar o clima. — No sentido bom, Ritinha.

Saí da cozinha pronto para começar o dia, repreendendo-me por parecer um moleque provocador quando ela estava por perto. Sempre me disseram que sou um tanto irritante, mas ela potencializa isso em mim.

Fui direto para a baia cuidar do Zeus, meu cavalo. Levei-o para fora, coloquei ração novinha para ele e voltei para limpar sua casa. Tirei a camisa, pois sabia que invariavelmente iria sujá-la e comecei a remover a cama de palha juntamente à sujeira que ele produzira durante a noite.

— O que é *curruteia*?

A voz da doida me assustou e fez com que eu me virasse rapidamente, espirrando a sujeira nela, que estava perto demais. Pontinhos verde-escuros aparecem na blusa clara que ela usava, e eu segurei o riso ao me lembrar da previsão da Ritinha momentos antes.

— Você só pode estar de sacanagem comigo, não é? — Ela apontou para sua blusa.

— A dona foi quem entrou aqui e gritou do nada! — Deixei a pá de lado e tirei o chapéu. — Não tenho culpa se é doida!

— Doida? — Ela ficou ouriçada de indignação, e eu, mesmo a contragosto, fiquei excitado. — Doida?! O que *porra* é *curruteia*?

*Merda!*, pensei. Ela tinha ido atrás de mim porque sabia que o outro significado era ofensivo e, provavelmente, a indiazinha não quisera contar o que era.

— É um povoado — fui sincero.

Para meu desespero, ela se aproximou ainda mais de mim, e pude distinguir seu cheiro, mesmo em meio aos aromas das baias sujas.

— Não sei qual é a sua, *peãozinho*, mas eu deveria te informar que como bichos do mato feito você no café da manhã. Você não me conhece, não sabe com quem está lidando! Eu não sou burra, sei muito bem que há outro significado...

A arrogância dela foi como um balde de água fria, e voltei a ficar na defensiva.

— Há, sim. *Curruteia* é casa de mulher da vida, um puteiro.

O tapa forte, bem no meio da minha cara, pegou-me desprevenido.

— Primeiramente, você não me conhece para me tratar desse jeito. Como se isso não bastasse, esse tipo de piada só porque sou mulher é ridícula e... — ela falou em um só fôlego, e eu precisei interrompê-la:

— Eu não fiz piada. Eu já havia oferecido carona até lá, ao *distrito*. O duplo significado da palavra pode ter feito parecer que eu a ofendia, mas não foi minha intenção.

Ela não acreditou no que eu disse e levantou uma sexy sobrancelha para mim.

*Porra!*

— Vamos fazer o seguinte, dona. Eu sei que você não queria estar aqui e, sinceramente, nem eu queria isso, mas meus tios precisam do dinheiro que você pagou por esses dias.

— O que você tem contra mim?

A pergunta me pegou desprevenido, e eu ri.

— Como a dona disse, eu não conheço você. Mas conheço seu tipo.

— Meu tipo? — *Caralho, Guilherme!*, repreendi-me, sabendo que tinha falado mais do que devia. — Ah... — Ela riu de mim. — Imagino que uma moça do *meu tipo* tenha te abandonado por aí ou te posto um belo par de chifres, então...

Fechei os olhos e tentei não pensar, querendo apenas ficar só.

— Imagine o que quiser, mas faça isso lá na sede. — Apontei para a saída.

— Eu não estou em férias *pra curar dor de cotovelo*, preciso trabalhar.

Voltei a limpar a baia, atento aos sons dos sapatos dela sobre o assoalho. Somente quando ela foi embora, pude relaxar.

Essa mulher mexe com meus brios, faz-me querer vê-la longe e, ao mesmo tempo, bem perto do meu corpo. Sua presença me descontrola, não só pelas lembranças que evoca, mas por me fazer querer provar seu corpo. Ela me atrai, e é contra isso que tenho que lutar.

# 11

# Guilherme

EM VEZ DE limpar apenas a baia do Zeus e deixar as outras para os demais peões, resolvi assear todas. Precisava extravasar um pouco a energia sexual que tinha se acumulado no meu corpo com a visita da Maria da Luz.

*Malu*.

Imaginei-me chamando-a assim na cama, entre gemidos, e bufei de raiva, limpando com ainda mais força o chão da última divisória. Subi para o pequeno mezanino a fim de conferir se o feno que tínhamos comprado durante as cheias ainda estava bom, conferi a provisão de ração. Desde que o telhado da selaria caiu, os materiais ficam por lá também, então peguei meu pelego, sela, arreio e outros petrechos para apurar[16] o Zeus.

Meu cavalo é meu companheiro mais fiel, aquele que sempre esteve comigo em qualquer hora e nunca me decepcionou. Cocei seu focinho, fazendo-lhe o afago que eu sabia que apreciava, e em seguida comecei a lhe escovar os pelos,

ativando sua circulação. Zeus é típico cavalo pantaneiro, robusto, resistente, casco duro, próprio para o manejo do gado. Sua pelagem lobuna – cinza – destaca-o dos demais da fazenda, geralmente castanhos ou avermelhados. Desde que o vi, há alguns anos, ainda potro, sabia que seria o cavalo ideal para lidar com o gado – e estava completamente certo.

Enquanto passava a escova em meu parceiro de lida, lembranças não queridas inundaram minha mente, fazendo meu coração se apertar. Sempre próximo dessa data, todo mês, durante todos esses anos, eu fico assim. O remorso, a dor, a impotência de saber que não posso refazer o que fiz... tudo isso me paralisa e eu só penso em fugir.

Contudo, já o fiz!

— Gui! — Sueli me gritou e interrompeu meus pensamentos dolorosos. — O gerador parou de novo.

— Caralho! — xinguei entredentes, indo para trás da casa, pois já era a quarta vez somente naquela semana. Precisamos urgentemente comprar outro gerador, mas não temos o dinheiro para sua substituição. Há meses se fala que a energia rural vai chegar até aqui, na fazenda, mas, ao que parece, ela está vindo não na velocidade da luz, mas sim num lombo de jumento.

Abri o motor velho e pedindo aposentadoria, olhei para todas as gambiarras que já havia feito nele, procurando onde era o defeito daquela vez. Encontrei um fio solto – de um conserto anterior – e o coloquei no lugar, torcendo para que fosse suficiente.

O pessoal daqui está acostumado a alguns dias sem luz, sem chuveiro quente, mas a dondoquinha da cidade não iria suportar.

Bufei ao religá-lo e somente quando ouvi o barulho constante de seu funcionamento é que relaxei. Ao invés de dar a volta pela casa, entrei pela sala para adentrar na cozinha, e a visão de um traseiro redondo e duro numa calça jeans gasta me deixou completamente sem fôlego.

Malu vestia uma camiseta branca colada no corpo, jeans e botinas. Obviamente as roupas não eram dela, pois não tinham a qualidade e nem as assinaturas com as quais a vi desfilando desde que chegou, mas cobriam seu corpo como uma segunda pele e me fizeram salivar como uma onça vendo uma capivara.

— Tudo bem. Se eu vou ter que ficar aqui ainda por um tempo, preciso arranjar o que fazer...

*Hum... a dondoquinha fala consigo mesma quando sozinha. Interessante!*, pensei.

— Falando sozinha, Maria da Luz? — provoquei-a e a vi pular de susto.

Ela parou no meio do corredor, olhando-me por trás de seus óculos de grife.

— É Malu! — ressaltou.

Dei de ombros e sorri, ignorando-a, achando ótimo que ela se irritasse tanto com o próprio nome. *Eu gosto de provocar essa mulher!*

— Gosto de Maria da Luz — respondi e apontei para a roupa, reconhecendo a dona delas. — Sorte sua que Ritinha tem uma irmã mais velha e com mais curvas. — Ela levantou a sobrancelha, e eu pensei que ia rugir como uma onça brava. — A roupa da garota não ia te servir.

Ela não aguentou a provocação e arregalou os olhos, indignada. *Pilha fraca!*

— Você está me chamando de gorda?!

*Gorda?!* O susto foi meu daquela vez. O corpo da dondoquinha é escultural, seios lindos, cintura marcada, quadris arredondados e pernas longas e torneadas. Eu apostaria alto que ela frequenta academia com *personal trainer* e mantém uma alimentação regrada, cheia de proibições. De qualquer forma, ela é gostosa, e, naquela hora, eu queria que ela soubesse disso.

— Claro que não! Não sou cego, dona! Mesmo vestida assim, você ainda parece um cisne no meio dos patos. — Pisquei para ela e segui em direção à cozinha.

Ela não me seguiu, e, assim que adentrei ao cômodo, quente e cheiroso, Ritinha me pediu ajuda para fatiar a carne assada que Sueli havia feito. Minha mente foi distraída por outro tipo de apetite, o de comida, e eu consegui acalmar meu pau, que tinha ficado duro apenas com a presença daquela mulher no corredor.

— Estou ouvindo sua barriga roncar, Gui — Ritinha comentou, e eu ri, concordando com ela.

No mesmo instante, senti uma energia diferente no ar, e um perfume – muito mais saboroso do que o do búfalo assado – chegou às minhas narinas, acordando meu pau de novo. Malu estava no recinto, eu sabia.

— Já comeu baguá? — Sueli perguntou a ela, e eu aproveitei para fingir que não a tinha notado ali, olhando-a surpreso.

— Não.

Ri de sua expressão assustada e lavei as mãos, sujas com respingos do molho da carne.

— Explica para a dona, senão ela nem vai conseguir comer. — Encarei-a. — É um búfalo selvagem, na verdade, uma cruza. A carne é tão saborosa ou mais que a do Nelore – o que você costuma comprar nas *butiques* de carne lá de São Paulo.

*Merda!*, praguejei comigo mesmo ao constatar que ela percebera o desprezo em minha voz ao falar de São Paulo e me lembrei do que ela me dissera sobre

uma mulher de São Paulo ter me dado o fora.

*Foda-se!*

— Vou adorar experimentar — ela afirmou, sentando-se à mesa sem tirar os olhos dos meus. — Gosto das coisas selvagens também.

Imagens, muitas imagens dela completamente nua, com corda de laçar boi em seus pulsos enquanto minha boca percorria seu corpo gostoso me fizeram engasgar com minha própria saliva.

A tensão sexual dentro da cozinha não provinha só de mim, não era algo unilateral. A mulher também tinha interesse, mesmo com meu jeito grosseiro, minhas falas erradas e a provocação com o seu nome.

Malu reagia a mim como eu a ela!

A percepção desse fato me deixou um tanto alterado. Primeiramente, de tesão, claro! A vontade era de pegá-la pelos cabelos, levá-la até um lugar escondido no meio do mato – ou para dentro de algum corixo[17] – e fodê-la até que me implorasse para parar.

O outro motivo da alteração foi lembrar quem ela era, de onde viera e tudo o que ela me fazia lembrar.

As tão temidas lembranças me assaltaram de novo, quebrando qualquer tesão que eu sentia, e saí de perto dela, de perto daquela tensão gostosa, mas indesejada, inadequada e impossível.

Naquele momento, pensei que Malu era tudo o que eu desprezava.

Ignorar a Malu se tornou impossível dentro desta fazenda. Não, ela não foi atrás de mim ou nos cruzamos por aí ao longo do dia, mas a peonada só falava na mulher de cabelos dourados e com cheiro de fruta.

Ao longo do trabalho de separação de animais, eu ouvi desde comparações poéticas a fantasias pesadas dos peões com ela. Muitas vezes tive vontade de socar um deles, mas ignorei, pois não era assunto meu.

Já conversei com os mais atirados e deixei bem claro que ela é uma hóspede e que quem fizer qualquer tipo de avanço ou piada com ela terá que acertar contas comigo. Desde então, eles têm se mantido distantes. Contudo, ontem, por causa da aproximação do churrasco em comemoração à volta do gado para as planícies, eles só falavam na dondoquinha e na possibilidade de ficarem perto dela no baile.

Ainda ontem, no fim do dia, tínhamos terminado a separação dos bovinos e estávamos no piquete mais próximo da sede quando eu a vi. Seus cabelos

reluziam ao sol, e eu me perguntei se ela os pintava ou eram naturalmente loiros. Se fossem artificiais, o cabeleireiro fizera um bom trabalho, pois combinavam com seu tom de pele e me faziam imaginar se todos os pelos de seu corpo eram da mesma cor.

Gemi sobre a sela e instiguei o cavalo a ir na frente da boiada. Eu sempre vou no fim da comitiva, de culateiro, tomando conta do gado, enquanto tio Sandoval vai à frente, guiando, de ponteiro. Contudo, ao vê-la, eu quis ser o primeiro a alcançá-la.

Ouvi um dos peões tocar o berrante e o tomei de sua mão, cavalgando até ela.

Malu estava sobre um moirão, olhos fechados, cabeça inclinada na direção do sol enquanto sorria, uma cena linda que mexeu comigo, dando-me vontade de agarrá-la, colocá-la à minha frente na sela e levá-la para longe apenas para que eu pudesse apreciar sua beleza e conferir os tons dourados dos pelos mais escondidos em seu corpo.

O som de trote de cavalo me tirou do devaneio, e eu vi o Jonas – um peão novilho, metido a touro – comendo-a com os olhos.

*Porra!*

Sem pensar muito, encostei o berrante na boca e toquei bem alto, assustando-a.

Jonas pôs seu cavalo a andar, mas, antes, fez questão de falar com ela:

— *Tava* dormindo, dona?

O novilho abusado sorriu faceiro para ela, e, antes que Malu lhe respondesse, achei melhor mostrar a ela que eu estava ali também.

— Parecia mais uma lagartixa se aquecendo no sol.

Ela me encarou. Zeus, sentindo a tensão do meu corpo em reação ao dela, começou a ficar agitado por estar parado ali.

— Não se esqueça que jacarés também têm sangue frio... — ela resolveu mostrar as garras, quer dizer, presas. — Lagartixa é um bicho muito assustado, não se parece comigo.

Sim, definitivamente ela não era uma lagartixa! Também não era um jacaré, mas eu poderia muito bem me aproveitar de sua comparação para deixar algo bem claro entre nós.

— Jacaré? — Tentei ficar sério para não parecer piada dessa vez. — Minha carne favorita!

Pisquei para ela e instiguei Zeus a seguir os outros cavalos.

Terminei o trabalho do dia com a maldita mulher na cabeça. Tomei banho frio, mesmo assim precisei tocar uma punheta para aliviar o meu pau. Fui deitar ainda com tesão, pensando seriamente em visitar algum “estabelecimento”,

mesmo não apreciando isso.

Eu só precisava controlar a vontade e ficar longe da dondoquinha de São Paulo!

Adormeci, mas os pesadelos me acordaram. Levantei-me da cama em um pulo, suado, gritando, sentindo a dor que sempre vinha junto com o sonho. Arrumei-me e saí pela noite. Não fui longe, não queria ver ninguém, apenas entrei no antigo celeiro de provimentos, deitei-me numa cama de palha junto a uma garrafa de cachaça, dei vazão às lágrimas, olhei fotografias que havia escondido lá, até que a bebida me anestesiou.

Cochilei, porém, pouco antes de o dia amanhecer, ainda bêbado demais, tive a infeliz ideia de ir atrás dela, da dondoca, da loira de sorriso perfeito e corpo de diaba. Eu queria pedir a ela que fosse embora ou que me recebesse entre suas coxas. Na verdade, eu não sabia nem o que fazia, apenas fui andando em direção à casa, cantando "Vá pro inferno com seu amor", totalmente cambaleante.

Por sorte, tropecei em algo na subida das escadas da cozinha e fui ao chão.

Em pouco tempo tio Sandoval apareceu, cobriu-me com o cobertor e me ajudou a levantar.

— Vem, vamos para seu quarto — disse baixinho. — Pensei que já tivesse superado isso!

Senti vergonha. Meus tios foram os únicos a me acolher, a entender o que eu sentia, e eu lhe retribuía dessa forma.

— Não tem como superar... — confessei. — Eu não mereço superar!

— Quase se matando de tanto beber não resolve nada, arre!

Meu tio estava irritado, com razão, e me senti ainda pior, afinal, eu não era mais um jovenzinho para estar dando esses shows, apenas não conseguia lidar com minha consciência.

*Eu já estava melhorando, mas então a Malu chegou, despertou em mim as lembranças e...*

— A culpa é dela... — balbuciei tentando justificar.

— Gui, não, a moça não tem nada a ver com...

— Ela me faz lembrar...

Tio Sandoval bufou impaciente.

— Já é hora de você parar de fugir e encarar todas as situações de frente! Coragem, Guilherme!

Assenti.

Agora, acordado em minha cama pela manhã, ainda me recuperando da ressaca, volto das recordações dos últimos dias. Sim, meu tio está certo. São oito anos aqui, escondido, fugido, tentando deixar para trás algo que sempre está

dentro de mim, me machucado. Eu não sou mais um menino, não sou mais o mesmo, mas ainda assim tenho medo de ter de lidar com essa sujeira toda.

# 12

# Malu

INTERNET RURAL!

Comemoro a novidade como se fosse um feito extraordinário da humanidade, com o tablet – velho e desatualizado – da Rita em mãos. Não há como ter muitos recursos mais nele, e eu também não posso privar a moça de seus aplicativos de redes sociais e jogos. Além do mais, preciso do App de mensagens que eu não consigo ter nesse aparelho.

— Eu consigo comprar um celular na vila daqui de perto? — pergunto, lendo as últimas notícias de um grande jornal de São Paulo.

— Celular? — Ritinha pensa um pouco. — Acho que sim, de segunda mão. Não tem loja na vila, mas você acha de tudo um pouco por lá.

Um telefone usado não era bem o que eu tinha em mente, mas, se estiver funcionando, já está de bom tamanho. Minha cabeça começa a processar vários afazeres para o dia. Primeiro, preciso conseguir *ir* até a tal vila!

— Há algum tipo de transporte para lá, Ritinha? — A moça, que continua a picar a couve, nega. — Como vocês fazem para ir até lá?

— Andando, de cavalo ou de caminhonete, mas, como te disse...

— Ela está quebrada — bufo ao completar a informação. — Quanto tempo de caminhada?

Ritinha para de picar o vegetal e me olha surpresa.

— A dona vai andando? — Ri. — Leva mais de uma hora pelo caminho!

Fecho os olhos, calculando perder esse tempo andando no meio do nada. Entretanto, vale a pena para poder me conectar com o mundo se eu conseguir um aparelho celular.

Imediatamente vem à minha mente cada rosto da minha equipe e qual deles eu conseguirei convencer a trabalhar comigo na surdina. Todos querem muito achar a locação perfeita para a instalação do empreendimento da Yannes por causa do bônus que a Karamanlis vai pagar quando fechar o projeto.

Penso logo no Leonardo, sujeito ambicioso e tão focado no trabalho como eu. Conseguirei trazê-lo para o meu lado, trabalhar através dele dentro da empresa, saber de todos os passos e ficar aqui, quietinha e escondida no meio desse mato, conforme a vontade do Theo.

A ideia é tão perfeita que eu abro um largo sorriso.

— Sempre gostei de exercício, Ritinha.

— De bicicleta é mais rápido! — aconselha. — Eu sempre vou para lá na antiga magrelinha da dona Sueli.

*Bicicleta?* Faço careta, pois há anos não pedalo uma que ande de verdade. Não dá para considerar as aulas de *spinning*, porque as da academia são fixas e não dependem do calçamento. Será que eu ainda consigo andar de *bike*?

Levanto-me animada.

— Onde fica essa preciosidade?

Ritinha gargalha.

— Está mais para ferro velho! Tem certeza? O terreno aqui é difícil, muito úmido por causa das cheias ainda e...

— Ritinha, eu dou conta do recado!

A moça dá de ombros.

— Fica lá no antigo galpão de suprimentos, um com o telhado meio tombado.

Assinto, pois já vi a construção deplorável. Vou imediatamente até meu quarto, prendo os cabelos com um elástico, conferindo a roupa e retocando o protetor solar. Queria um boné ou chapéu (mais *cowgirl* que isso, impossível!) para me proteger do sol que, mesmo em pleno inverno, parece estar disposto a tostar algum desavisado.

Saio da casa e vou em direção ao tal galpão, com dinheiro no bolso suficiente para comprar um celular novo, embora seja umas das poucas notas que eu trouxe comigo, porque desconfio que não vou conseguir uma máquina de débito na vila.

Estou virando a esquina para acessar a velha construção quando ouço barulho de água e paro em seco, vendo o Guilherme sem camisa e com a calça aberta, mostrando o começo do que a gente chama de “caminho da felicidade”, demonstrando que o peão não usa cueca.

*Bom Deus!*

Fico sem ar ao vê-lo passando a água pelo tronco, enfiando sua cabeça debaixo da bica, encharcando toda a parte superior de seu corpo. E que corpo! Mordo o lábio para não emitir som, parada aqui como um voyeur, acompanhando o percurso de cada gota que escorre entre os músculos inchados e duros, a pele levemente bronzeada de quem se expõe muito ao sol, os pelos escuros e aparados brilhando com a umidade.

Ele é uma delícia!

Meu corpo estremece ao pensar em tocá-lo, imaginando como seria sentir sua pele contra a minha. *Só pode ser falta de sexo!* Fecho os olhos e balanço a cabeça, tentando me recompor, não reconhecendo a mulher que está babando como uma loba por um bom filé.

Estou totalmente atraída pelo Xucro! Essa é a verdade que tenho que encarar!

Por mais que ele me irrite, que eu o ache grosseiro, não posso negar que mexe comigo. Guilherme mexe com minha libido, com as minhas necessidades ignoradas pela busca dos meus objetivos. Aqui, nesta fazenda, neste lugar onde Judas perdeu as botas, eu não consigo controlar o tesão como o fazia na cidade.

Encosto-me à parede da construção, já com ele fora da minha vista, e tento me acalmar. Sinto meu sexo pulsar, minha calcinha levemente pegajosa e meus mamilos duros contra a camiseta branca.

*Foco, Malu!* Eu preciso ir até a vila para comprar um celular e começar a voltar à minha rotina. Acredito que, quando isso acontecer, o gostoso do Xucro vai parar de perturbar tanto minha sanidade quanto minha libido.

Solto um longo suspiro e depois fico atenta ao barulho ou, no caso, à falta dele. Viro-me e vejo a bica d’água desligada e nem sinal do peão delícia. Empurro o pesado portão de madeira e entro no galpão empoeirado, cheio de teias de aranha e com um monte de quinquilharia acumulada. A iluminação não é das melhores, vinda basicamente de algumas vidraças quebradas, mas consigo avistar a tal bicicleta.

Ainda trêmula de desejo reprimido, gemo ao ver o modelo, velho e

enferrujado, do tipo que o freio ainda é nos pedais, girando ao contrário. Nunca fui boa em andar de bicicleta e há anos não o faço, mas situações extremas pedem medidas extremas, e eu preciso de um celular urgentemente!

Pego o "veículo", empurro-o porta afora, monto em seu selim, já sem nenhum estofado e me ponho a pedalar. Sair da fazendola é um caos, o terreno não é nivelado, tem buracos e pequenos tufos de gramínea pelo caminho todo, o que me mostra que meu cálculo de meia hora de pedaladas estava errado e vai ser bem maior.

Tomo a direção indicada pela Ritinha e me concentro em todos os planos que fiz para quando tiver o aparelho, já que a moça me passou a senha do wi-fi e eu poderei desbravar o mundo digital.

Penso em criar uma conta de e-mail, depois, claro, de instalar todos os Apps de mensagens que utilizo, tentar transferir minha agenda para que eu possa acompanhar os passos da equipe, pedir ao Leo que me mande alguns contatos importantes e, enfim, voltar à vida e parar de ficar pensando em fazer sacanagem com aquele grosseiro!

Claro que eu conseguirei trabalhar e descansar, não irei me matar como todo mundo parece pensar. Estou ficando louca com o ócio, com toda a paz e tranquilidade da fazenda, e o efeito colateral disso são meus pensamentos lascivos com o Guilherme. Como diz aquele velho ditado: cabeça vazia, oficina do diabo!

Pedalo com cuidado, mas em ritmo constante, já suada e com as pernas pegando fogo – o que demonstra que eu realmente devo voltar para a academia. Não tenho vislumbre de uma só vivalma, e isso começa a me deixar tensa, porém, somente começo a me preocupar quando noto o céu escurecido e um vento estranho sopra.

*Só falta chover!*

Acelero as pedaladas, disposta a chegar ao maldito lugar onde Judas perdeu as botas, mas, quanto mais acelero, mais escuro vai ficando o céu e menos sinal de vida eu vejo. Depois de 40 minutos frenéticos na *bike*, penso na besteira que fiz ao sair da fazenda sem conhecer absolutamente nada, achando que ou peguei a direção errada para a vila, ou simplesmente é mais longe do que Ritinha informou.

Penso seriamente em voltar, até que, de repente, algo prende a roda dianteira da bicicleta e sou arremessada por cima do guidão, esborrachando-me no chão no exato momento em que um toró cai.

Meu traseiro dói, assim como minhas costas, e eu penso que, se não houvesse essa moita bem no ponto em que caí, a queda teria sido bem pior. A chuva me ensopa inteira, aliviando um pouco do cansaço das pedaladas, lavando

meu suor, mas, ao mesmo tempo, deixando-me temerosa.

Não há absolutamente nada à vista nessa estrada, ninguém a quem eu possa recorrer ou solicitar ajuda para chegar a qualquer lugar que seja. Sento-me lentamente, conferindo se parti algum osso e, após apalpadas e contorcidas, ponho-me de pé para conferir o motivo pelo qual a bicicleta me lançou longe. Meu tornozelo dói um pouco quando ando até ela, mas creio não ser nada demais, apenas uma leve torção.

A roda da frente está presa numa enorme cratera e totalmente retorcida. Fecho os olhos e inclino minha cabeça para o alto, levanto os dois polegares para o céu – em *agradecimento* à *ajuda* – e digo a única coisa capaz de descrever o momento:

— Puta que pariu!

No meio do nada, sem telefone – mesmo que tivesse algum, não teria sinal –, distante quase 10 quilômetros da fazenda, na chuva e com meu único meio de locomoção rápida estragado.

Sinceramente, eu devo estar com Mercúrio retrógrado, não é possível!

Bufo ao levantar a bicicleta e avaliar se há possibilidade de ir com ela a qualquer lugar que seja, porém, o aro está muito contorcido. Além disso, a chuva cria um lamaçal só, dificultando ainda mais a locomoção em um terreno já difícil.

Chuva em pleno julho? Bem que Ritinha disse que este ano as coisas estão diferentes aqui!

Sento-me à beira da estrada, desistindo de fazer qualquer coisa antes que o aguaceiro pare. Apoio os cotovelos nos joelhos e abaixo a cabeça, tentando achar uma solução – além da óbvia, que é voltar andando e arrastando o que sobrou da bicicleta –, até que escuto um relincho de cavalo.

*Era só o que me faltava!*

Sinto o corpo inteiro tenso ao pensar em um desconhecido me vendo aqui sozinha. Torço fervorosamente para ele ser uma ajuda e não um homem para me estuprar e jogar no meio do mato para ser devorada por onças.

— Sua maluca, tá querendo se matar?!

Encaro o xucro do Guilherme em cima de seu cavalo, rosto protegido da chuva pela aba do chapéu e com a raiva transparecendo em seu semblante. Dois sentimentos tomam conta de mim neste momento: alívio, por não ser um bandido assassino de mulheres indefesas; e indignação, por ele ver meu estado deplorável e ainda chegar me dando lição de moral.

A indignação, claro, ganha a parada.

— Não... estou aqui só curtindo a paisagem e tomando banho de chuva — ele levanta a sobrancelha ante minha resposta ácida. — Veio até aqui encenar o

papel de príncipe do cavalo branco?

Guilherme ri.

— Não. Estava voltando para a fazenda quando vi a dona aí, largada na estrada como *traia* velha. — Dá de ombros. — Mas, já que a dondoquinha não está precisando de ajuda...

Arregalo os olhos quando o vejo tocar o flanco de seu garanhão com os tornozelos e voltar a cavalgar pela estrada. Bufo e me coloco de pé.

— Volta aqui, seu xucro! — berro. — Eu não acredito que você vai me deixar aqui, no meio da chuva!

Ele para e faz o cavalo se voltar em minha direção.

— Achei que a dona estivesse curtindo o local. — O cavalo parece ansioso e fica virando a cabeça de um lado para o outro, mas o peão o contém. — Não quero interromper!

Rolo os olhos ante o deboche.

— A bicicleta agarrou em algum buraco e já não posso voltar pedalando-a. — Aponto para ela.

— Então precisa da minha ajuda?

Eu vou matar esse xucro dos infernos!

— Sim! — grito. — Preciso da porra da sua ajuda!

Ele volta e estende a mão para mim. Olho-o desconfiada, mas, como não tenho opção, aceito-a, e ele me ergue, colocando-me a sua frente na sela. A proximidade dos nossos corpos mexe comigo, e eu tento, em vão, manter alguma distância.

Escuto-o respirar fundo antes de instigar o cavalo a andar.

— E a bicicleta? — indago.

— Ninguém vai querer pegar esse ferro velho, mesmo que tivesse movimento para esses lados. — As coxas dele roçam as minhas a cada galope, e meu bumbum se encosta cada vez mais entre suas pernas. É uma situação incômoda por ser excitante. *Merda!* — O que você estava pensando? Se queria fugir da fazenda, não era mais fácil tentar ir para a vila?

Tento virar-me para lhe olhar, mas isso faz apenas com que eu me pressione mais contra ele, então apenas respondo:

— Eu estava indo para a vila!

Ele ri, e eu o encaro, ouvindo-o gemer em seguida.

— Não se mexa! — diz entredentes. — Essa sela não é para dois, sabia? Sossegue! — Fico parada e com o rosto vermelho ao entender que ele também está sentindo esse “incômodo”. — O caminho para a vila já passou há muito tempo! Você não viu a bifurcação? Essa estrada ia te levar direto até outra fazenda!

*Merda!* Realmente não lembro de Ritinha ter dito algo sobre bifurcação. Abro a boca para falar que não tinha a informação total, mas a respiração quente dele bate em minha nuca, minhas costas roçam em seu peitoral e minha bunda está contra algo bem duro que eu não creio ser a fivela do cinto. As imagens que vi mais cedo, de ele se lavando na bica perto do galpão, enchem minha mente, e no mesmo instante meu corpo reage. A pele arrepia, meus mamilos ficam duros e espetados contra a camiseta, e, entre minhas coxas, a temperatura se eleva muito.

Respiro com dificuldade, sentindo o corpanzil dele atrás de mim, a chuva que nos mantêm molhados e escorregadios, o cheiro de cavalo, de terra molhada e da colônia que ele usa. Gemo e o escuto bufar.

— Notei que estava mancando. Machucou algo?

Tento controlar-me para responder normalmente:

— O pé... — Mais uma vez sinto o roçar no meu bumbum. — Mas não foi nada... demais... eu acho.

— Foi uma péssima ideia tentar chegar na vila de bicicleta. — Eu nem consigo mais pensar em mandá-lo tomar conta de sua própria vida. Tudo nele me deixa excitada, é como se, somente por ele estar perto, meu tesão há muito tempo esquecido acendesse. — Péssima... ideia... — Geme. — Merda!

Ele para o cavalo e, sem dizer nada, desce.

— Você sabe cavalgar?

A minha mente, já cheia de hormônios sexuais inebriando-a, não processa a pergunta de forma normal, e eu abro um sorriso malicioso.

— Depende.

Guilherme balança a cabeça.

— Caralho! — Vira-se de costas.

— Não sei se... — tento responder, e ele pega as rédeas e começa a andar guiando o cavalo. Rolo os olhos. — Há mesmo a necessidade de você ir andando?

Guilherme para e me encara.

— Não sou a porra de um bruto! Não vou ficar atrás de você, sentindo seu corpo e de pau duro como um adolescente. — Volta a andar. — Vou andando, e você vai quieta!

Eu sabia que não era a fivela! Abro um sorriso por saber o quanto mexo com ele, como ele o faz comigo, ao mesmo tempo tocada por ele não querer se aproveitar da situação. No entanto, por mais que ele ande rápido, na atual passada, nós vamos chegar à fazenda ao anoitecer, e a chuva aumenta cada vez mais.

— Ei, Xucro! — chamo-o, mas ele não responde. — Guilherme!

— Parece tão estudada e não sabe o que quer dizer “quieta”?

Mostro a língua para as costas dele.

— Sabe que isso que você está fazendo não é muito inteligente, não sabe? — Ele levanta os ombros. — Chegaremos mais rápido se formos a galope e...

Ele para mais uma vez.

— Você não entendeu o que eu disse? — Desço o olhar para a frente da calça jeans dele, notando o volume bem considerável ali e assinto, sorrindo. — Porra, Dondoquinha, não me enlouqueça!

Rio fingindo inocência, mas louca para vê-lo sofrer assim como ele faz comigo quando me provoca.

— Só quero chegar o quanto antes! Estou toda molhada e...

Guilherme bufa.

— Sabia que sua camiseta está transparente? — Olho para baixo e confirmo que pareço uma daquelas garçonetes da Hooters. Se fosse em outras circunstâncias, eu ficaria sem graça, mas, por incrível que possa parecer, não estou. — O perfume dos seus cabelos... — sorrio — me dá dor de cabeça.

— Mentiroso! — provoco.

Ele fica sério, apenas me encarando. Não sei o que se passa em sua cabeça, mas os olhos dele brilham e sua respiração vai ficando cada vez mais pesada. Sem anunciar, ele põe o pé no estribo e monta de novo, bem colado em mim.

Fecho os olhos, sentindo o encaixe perfeito das minhas costas no seu tórax, suas coxas pressionando as minhas e, quando sinto uma de suas mãos na minha cintura, apertando-me ainda mais, percebo que não tem mais volta.

Guilherme aspira o cheiro dos meus cabelos e desce o rosto em direção ao meu pescoço. Sua barba por fazer arranha a pele sensível, e isso me deixa ainda mais excitada. A mão agora está espalmada sobre meu abdômen, mantendo-me firme contra seu corpo. Espero que ele a mova, subindo até meus seios, brincando com os mamilos, que aparecem embaixo do tecido molhado. Gemo só de pensar, querendo-o, louca de vontade de sentir suas mãos na minha pele e sua boca em todo o meu corpo.

Contrariando minha expectativa, ele grita um comando para o cavalo, e preciso me segurar firme na sela quando começamos a galopar.

A velocidade do cavalo faz com que minha cabeça esfrie um pouco e o tesão deixe de nublar meus pensamentos. Eu não conheço esse homem, acho-o muitas vezes grosso, estranho, um... xucro. No entanto, não posso negar que atiça meu corpo como nenhum outro fez até hoje.

A torturante proximidade do seu corpo ainda me deixa excitada, mas ele não faz, nem diz nada. Quando vejo as cercas da fazenda se aproximando, começo a lamentar que tenhamos chegado, mesmo sabendo que o tesão que

sentimos não vai levar a lugar algum.

Mais uma vez sou surpreendida quando ele não entra pelo portão principal, mas sim por um vão na cerca, passando por um caminho com uma vegetação mais densa. Reconheço o galpão onde ficam as baias dos cavalos, e ele entra com tudo no lugar.

Guilherme desce do cavalo, e logo após sou arrancada da sela e encostada contra a parede de madeira de uma das divisórias das baias. O corpo dele pressiona o meu, e sinto seu hálito quente perto da minha boca. Bem perto.

Ele é bruto para beijar, e eu não esperava menos do que isso.

Atracamo-nos um ao outro enlouquecidamente, desesperados, gemendo, agarrando cabelos, puxando a roupa, enquanto a sua boca devora a minha, seus dentes prendem meus lábios, sua língua invade e recua contra a minha.

Ele apoia as mãos abaixo da minha bunda, erguendo-me, e eu enlaço seus quadris com minhas pernas, cruzando os calcanhares para nos manter bem juntos. A calça jeans que uso, ensopada, não me deixa sentir muita coisa, mas a dureza do pênis dele contra mim é evidente.

As mãos grossas e com calos invadem a minha camiseta e suas palmas arranham minha pele até alcançarem meus seios. Guilherme se movimenta com força contra mim, suas mãos apertam e beliscam meus mamilos, e não separamos as bocas nem mesmo para respirar.

É uma loucura e, ao mesmo tempo, uma delícia.

— Você me deixa louco, Dondoquinha! — geme. — Louco para foder você aqui, no meio dos cavalos, sem me importar se entrará algum peão, sem me importar se eles ouvirão seus gemidos quando eu fizer você gozar.

Gemo, e ele morde meu ombro.

Guilherme levanta minha camiseta e fica um tempo olhando para meus seios, seus polegares excitando meus mamilos, seus dedos apertando-os com força, juntando-os, erguendo-os, puxando-os.

— Porra... eu quero muito foder você!

Volta a me beijar com força. Suas mãos vão à procura dos botões da calça jeans que visto, abrindo-os e depois fazem o mesmo com os da dele. Sou afastada da parede e carregada em seu colo para dentro de uma das baias.

Ele se senta em algum local, e eu aproveito para rebolar um pouco sobre seu pau, ainda contido pela cueca.

— Isso, potranca! — delira. — Rebola gostoso, usa meu pau para te deixar molhada...

Guilherme segura-me pelo rabo de cavalo, puxando-o com força, a ponto de minha cabeça se inclinar para trás. Escuto seus rosnados, sinto sua língua passando por toda a minha garganta, indo em direção ao decote da camiseta. Ele

abaixa minha calça, e suas mãos apertam minhas nádegas com força e começam a aumentar meu ritmo sobre ele.

— Quero que você me coma agora! — revela. — Não dá mais para esperar.

Ergue-me e puxa a calça de uma só vez, embolando-a nos meus pés. Rio de seu desespero e termino de tirá-la, jogando-a para longe. Meu sorriso morre ao vê-lo se masturbando para mim, sua enorme mão movimentando-se sobre o seu pau, grosso e comprido, completamente proporcional ao corpo dele. A visão tira meu fôlego, vendo-o assim, sem chapéu – que já deve ter caído em algum lugar –, a camisa xadrez toda amarrotada, a calça nos joelhos, e ele aqui, comendo-me com os olhos enquanto dá prazer a si mesmo.

— Vem! — chama-me.

— Continua — ordeno, tirando a camiseta, ouvindo seu gemido sofrido ao me ver só de calcinha. — Me mostra como você gosta disso!

— Vem me chupar, Dondoquinha!

Sinto uma fisgada entre minhas pernas só com o pedido dele, mas nego.

— Tira a camisa. — Ele o faz, praticamente arrancando os botões e depois volta a pegar em seu pênis, mas não o movimenta mais. — Continua.

— Vem me chupar agora! — Nego. — Agora, Malu!

Ele nunca me chamou assim, e sua voz pareceu desesperada ao ordenar. Nunca gostei de tons de comando, mas não resisto ao dele. Ponho-me entre suas pernas e o encaro.

— Como você gosta?

Um sorriso malicioso se estampa em seu rosto, e ele segura meus cabelos de novo e atrai meu rosto até seu pau.

— Abre a boca e engole tudo.

Faço como me pede, porém, não consigo ir até o final, e o Xucro ri ao bater no fundo da minha garganta e ainda restar metade dele para fora. *Convencido!* Chupo-o com força, indo e voltando, e ele tenta me segurar, deter meus movimentos, mas não cedo.

— Porra! — geme. — Senta no meu pau agora! — Puxa-me. — Eu preciso te foder! Você tem enlouquecido meus dias desde que chegou, e eu preciso entrar na sua boceta macia, senão vou ficar louco!

É neste momento, pensando no seu pau – gostoso – entrando em mim, que a ficha cai.

— Camisinha?

Ele fecha os olhos e geme, negando.

Olho para ele, perfeito, músculos definidos, pelos castanhos aparados em seu peito e abdômen, um conjunto masculino perfeito de pau e bolas e... sem camisinha!

— Não dá para fazer sem... — aviso, e ele assente.

— Também não faço. — Bufa, puto. — Vem aqui!

Levanto-me, e ele abaixa minha calcinha.

— Guilherme...

— Não vamos trepar, não se preocupe. — Saio da peça. — Sente-se sobre ele e rebole. Eu quero só te dar prazer.

Sorrio e me sento sobre seu pau, e ele me instiga a rebolar, deslizando meu sexo sobre a extensão dele, para frente e para trás, estimulando meu clitóris, masturbando-nos ao mesmo tempo.

É uma tortura maravilhosa! A vontade de tê-lo dentro de mim, de sentir toda essa potência invadindo-me centímetro por centímetro, socando fundo dentro de mim está me matando. Gemo alto quando ele começa a sugar meus mamilos.

— Quero você rebolando na minha cara, Dondoquinha... — diz, mordiscando-os. — Quero lamber sua boceta, enfiar minha língua nela, chupar seu clitóris até te ouvir gritar... — Eu estou prestes a fazer isso. — Vou lamber seu rabo também, deixá-lo bem molhadinho, abri-lo com minha língua. Você gosta disso? — Assinto. — Responde, Dondoquinha!

— Gosto! — Descontrolo-me ao pensar nas coisas que ele diz, imaginando o prazer, o gozo e... — Eu vou gozar!

Guilherme ri e se afasta, contemplando as expressões no meu rosto quando, enfim, sinto o orgasmo fluindo por cada fibra, deixando músculos tensos e lambuzando o pau dele.

Ao notar o que aconteceu, ele rosna desesperado e põe a mão sobre seu pau, gozando como louco. Os gemidos dele são incríveis! Sorrio satisfeita ao me deixar cair sobre seu corpo, deitando a cabeça sobre seu ombro.

— Que loucura! — Gargalho.

— Nem me fala! — resmunga. — Você é a porra de uma tentação dos diabos!

*Da próxima vez, precisamos de um local limpo e camisinhas!*

É só neste momento que percebo o cheiro horrível do local, bem como que estamos sobre um comedouro. Olho minhas roupas jogadas no chão, sujas de palha e seja lá o que mais... *Droga! Mais uma roupa com cocô!*

Ele nota minha expressão e gargalha.

— Parece que é sua sina, Dondoquinha!

— É o carma de ter você perto, Xucro! — revido.

Guilherme me puxa para um beijo gostoso, e eu me esqueço de tudo.

# 13

# Guilherme

A ÁGUA FRIA do chuveiro não alivia a tensão do meu corpo, muito menos o tesão que ainda sinto pulsar nas minhas veias. Encosto a cabeça na parede pintada com tinta a óleo azul e respiro fundo, pensando na loucura que cometi há pouco.

Aquela mulher me enlouquece, é verdade! Desde que apareceu aqui na fazenda causa em mim um misto de repulsa – pelo simples fato de ser uma ambiciosa mulher de negócios de São Paulo – e excitação. Meu corpo ferve perto do dela, e o tesão é algo tão estratosférico que eu não consigo me conter.

Tentei, juro que tentei, mas não consegui manter as mãos, a boca e meu pau longe dela.

Gemo ao me lembrar de como ela chupa gostoso, como foi bom ir até o limite de sua garganta, bater bem lá no fundo e sentir que ela gostava disso. O corpo da Dondoquinha é lindo! Ela é alta e magra, mas tem um bumbum durinho

e as pernas longas e torneadas, mas são os peitos que me enlouquecem.

Aqueles peitos me fazem ter todo o tipo de fantasia suja!

*Caralho, Guilherme, não está ajudando!*

Tudo o que eu preciso neste momento é me enterrar nela, sentir a quentura e a maciez daquela boceta rosada, quente e úmida... Ah! Como ela molhou meu pau quando gozou apenas se esfregando nele! Foi uma experiência inimaginável! Completa tortura viciante, que só fez instigar minha vontade e potencializar meu tesão.

Por mim, neste momento, ela estaria na cama estreita na qual durmo dentro do quartinho que uso no alojamento e não lá na suíte da casa, tomando banho quente e avaliando tudo o que nos aconteceu. Eu estaria experimentando todo seu corpo, levando-a à loucura com minha boca e mãos, fazendo-a gozar tantas e tantas vezes quanto conseguisse.

Ter o gozo da Dondoquinha se tornou um vício! Eu preciso beber aquela delícia, preciso... Pego meu pau, já duro e doendo, e me masturbo com força, tentando conter o tesão, tentando deixar ir, porque não sei como as coisas ficarão daqui para frente. Não quero ter um caso com quem quer que seja, muito menos com ela.

Eu não tenho casos! Eu fodo esporadicamente quando sinto vontade, nada fixo, nada com qualquer sentido de permanência. Mesmo um caso de férias é muito mais do que já me permiti ter.

Não! A Dondoquinha é gostosa, sim, mas, se eu me envolver com ela, não vai ser simplesmente uma foda única, eu vou querer seu corpo todos os dias em que ela estiver aqui, conhecer cada pedaço dele, descobrir como ela gosta de ser tocada, como fica depois de um sexo bem-feito e exaustivo, completamente satisfeita.

O que sobrou depois do que fizemos hoje foi um tipo de estranhamento no fim. Ela estava ainda no meu colo, nossas bocas juntas, quando ouvimos a voz da Ritinha. A moça chamava por mim, parecia preocupada, e a Malu pulou do meu colo como se eu tivesse a peste.

Tudo bem, eu também não queria expor aquilo aqui na fazenda. Aquele momento de loucura foi só nosso, só cabia a nós mesmos. No entanto, ela se levantou, juntou sua roupa toda suja do chão da baia e vestiu apenas a camiseta e a calça, deixando a calcinha por lá mesmo.

— Como vamos sair daqui? — perguntou nervosa.

— Eu saio, tiro a Ritinha do caminho, você dá um tempo e vai para casa.

Ela assentiu, e não nos tocamos, ou mesmo senti vibrar qualquer coisa entre nós, como senti antes. Tudo gelou à nossa volta. Ouvi Ritinha me gritando de novo, recompus-me e fui até a indiazinha sem nem mesmo um segundo olhar na

direção da Malu. Não sabia o que dizer ou mesmo o que fazer!

O que rolou foi afobação, tesão, tudo aflorado pelo momento que tivemos no cavalo. Depois que os corpos esfriaram, simplesmente não sabíamos como agir.

— Gui, a Malu foi para a vila de bicicleta e deve ter pegado a chuva toda! — Ritinha parecia aflita. — Dona Sueli está querendo me pegar porque fui eu quem indicou a direção e falou da bicicleta.

— Não deveria ter feito isso mesmo! Mas tenho certeza de que ela está bem! — Arrastei-a para a casa de seus pais, perto do alojamento. — Eu ainda tenho que terminar de secar e escovar o Zeus.

— Você está com um cheiro ruim... — Franziu o nariz.

— Estava na baia! — Dei de ombros, voltando para o galpão.

Malu, claro, já não estava mais lá. Tratei de Zeus e o coloquei em sua própria divisória. Não resisti e passei na que a gente tinha quase trepado. Vi a calcinha branca, de seda e renda, uma peça tão delicada no meio da sujeira e do chão de madeira tão rústico.

Abaixei-me, peguei-a e a enfiei no bolso, pensando em descartá-la em local apropriado, pois qualquer outro peão que entrasse ali, ao ver a lingerie, iria logo adivinhar de quem era, e tudo o que eu não precisava era de especulações sobre a Dondoquinha.

Mesmo a lembrança do clima estranho entre nós não consegue diminuir o desejo que sinto por ela, e em poucos minutos explodo gozo por todos os lados no chuveiro. Rio ao pegar a calcinha molhada e limpa, pendurada no registro do chuveiro, pensando ser um hipócrita por pegá-la com a desculpa de jogá-la fora.

Levo-a para o quartinho comigo, estendo-a em um local para secar e sinto meu pau acordando de novo somente em pensar no que essa pequena peça de roupa escondia. Vai ser uma tortura essas semanas com a Malu aqui!

A peonada já acabou de carnear o novilho, e todos estão agitados pela possibilidade do churrasco. A lida hoje foi mais tranquila, terminamos de separar os garrotes e agora falta apenas terminar a vacinação do gado. O veterinário contratado para isso já confirmou que virá nesse final de semana.

Foi um alívio quando a Iagro – a agência de defesa sanitária animal e vegetal aqui do Mato Grosso do Sul – comunicou que estenderia o prazo para a vacinação do gado. A cheia deste ano foi bem forte e veio em períodos diferentes do que costuma vir, o que atrasou com o manejo dos bichos.

Assim, terminando de vaciná-los este mês, fazendo o registro após, poderemos vender todos os animais prontos para abate. A negociação do preço este ano está sendo boa, embora ainda muito abaixo do que precisamos para quitar todas as dívidas da fazenda.

Há anos meus tios e eu estamos lutando para pagar ao banco o empréstimo que fizeram para a compra de materiais e de sêmen de qualidade para reprodução. Ele tinha calculado tudo, e os riscos eram pequenos, mas não contava que o veterinário que estava aqui na época fosse um vigarista.

A reprodução não ia conforme o esperado, e, quando vim morar com eles, encontrei desânimo e preocupação. Bastou eu investigar um pouco para descobrir que o filho da puta estava vendendo o caro material genético para outras fazendas.

Tentei me controlar, mas na época tinha meus próprios demônios bem ativos em minha mente e dei uma surra no caboclo, que sumiu depois disso. O que eu deveria ter feito era alertado a polícia e tentado pegar o dinheiro que ele recebia, mas minha cabeça quente me fez agir de maneira irracional, o que apenas prejudicou tudo.

Nós não tínhamos nada, e, para piorar, o preço do gado caiu, e a dívida se tornou uma bola de neve. Todo o dinheiro que havia sido economizado para fazer melhorias na fazenda foi usado para controlar os juros. Entretanto, a coisa saiu do controle.

Sinto minha consciência doer ao pensar nisso, mas tento não focar neste sentimento, ainda acreditando que podemos salvar tudo com trabalho duro. Eu estimo que em dois anos teremos quitado as dívidas. O rebanho está crescendo, o preço da arroba tem aumentado e a qualidade do nosso boi melhorou muito com o que sobrou do material genético que não foi furtado pelo veterinário.

Livres dessa ameaça, poderemos voltar a pensar em reformas, ampliações e até mesmo a mudança de atividade, uma ideia que estamos amadurecendo há algum tempo. A lida com o gado mudou muito com os anos, já não é mais tão simples, e precisaríamos de muito dinheiro para investir em modernização.

Olho em volta, vendo a beleza do dia dando lugar à noite, ouvindo o som dos pássaros, da natureza ao longe. Sei da preciosidade que temos dentro destas terras. Esta fazenda não tem o nome Paraíso à toa, meus avós maternos escolheram-no a dedo, exatamente por causa das características do lugar.

Meu tio resiste a mudar o foco da fazenda, mas parece entender que não dá mais para seguirmos como antigamente. O clima saudosista das comitivas, os peões reunidos nas paragens, tocando a boiada, tudo isso já não existe mais, e reconhecer esse fato o tem mais machucado do que feito bem. Contudo, acho necessário que ele sinta esse choque de realidade para que assim possamos

conversar sobre como conservar a terra, que é o que importa.

Quando cheguei aqui, há oito anos, não tinha intenção alguma de me envolver nos assuntos econômicos da fazenda. Tudo o que eu queria era um local onde pudesse me esconder, lamber minhas feridas em paz, deixar meus fantasmas para trás. Descobri que não havia como me livrar do passado, ele sempre me perseguiria, então enfiei a cabeça no trabalho duro e fui levando a vida.

Hoje eu aprendi a amar este lugar. É onde recomecei, minto, onde tenho recomeçado a cada dia, mesmo achando que não mereço isso tudo. Tenho uma enorme gratidão pelos meus tios e sou capaz de tudo para que eles sejam felizes...

Minha consciência grita dentro de mim as palavras: hipócrita e covarde.

— Vamos ter cantoria essa noite? — Ritinha interrompe meus pensamentos, encostando em um mourão perto de mim. — Já quero deixar uma música encomendada.

Rio de seu jeito de menina sapeca, sabendo que ela virá com mais uma das suas.

— Eu não toco esses sertanejos enrustidos, não — provoco-a.

Ritinha ri e estapeia meu ombro.

— Quero uma do Zezé di Camargo... — Eu tento segurar o riso. Lá vem! — *Menina veneno*, pode ser?

Gargalho ao ouvir a música que ela quer que eu cante. Mais uma mensagem da moça na mesma direção de sempre: minha cama. Bagunço seus cabelos.

— Vou pensar, indiazinha. Zezé não é para qualquer um cantar. — Ela faz um beicinho, e eu penso que o Jumecy vai ter muito trabalho ainda com essa morena. A indiazinha é muito bonita, faceira e toda cheia dos olhares maliciosos. No entanto, não mexe nada comigo. Ela era uma menina quando cheguei aqui na fazenda, tanto que sua simples presença me incomodava... Interrompo os pensamentos de novo. — Galdino vai vir tocar também, peço para ele em seu nome.

— Ah, Gui! — Ela faz cara feia. — Eu queria que você cantasse para mim!

Abro a boca para justificar minha recusa, mas a simples visão da Dondoquinha me tira do prumo. Eu ainda não a tinha visto hoje e pensei que ela tivesse se entocado dentro de casa ou mesmo ido embora de algum jeito. Porém, não! Ela está aqui, cabelos trançados de novo, roupa emprestada – ainda mais sexy que jeans e camiseta branca –, e eu vejo a peonada toda parar para olhá-la.

— Sua irmã não teria uma blusa comprida e larga para emprestar para a Dondoquinha, não? — Ritinha arregala os olhos, e eu percebo que usei o apelido pelo qual chamo a Malu em pensamentos. — Eu esqueci o nome dela. — Tento

disfarçar dando de ombros.

A indiazinha parece aceitar minha explicação e sorri.

— Ah, eu que falei para ela usar essa camisa hoje! — Olho detalhadamente para a camisa xadrez vermelha e azul-marinho, que seria uma peça muito normal e corriqueira por aqui se ela não tivesse aqueles peitos. Bufo. — Ficou um tanto pequena, mas a Malu tem um corpo bonito! Eu queria ter um pouco mais de... — Ritinha fica sem graça e cruza os braços sobre os pequenos e quase inexistentes seios.

— Você é linda do jeito que é, Ritinha! — Ela sorri. — E aposto que os dela são de silicone!

*Não, não são!* Sinto meu pau reagir apenas por me lembrar da tarde de ontem, dos peitos dela, naturais e pesados, em minhas mãos, na minha boca. Puta que pariu! Saio de perto da moça antes de passar vergonha com o volume aparecendo no meu jeans e ando na direção contrária à da Dondoquinha.

Paro assim que escuto o primeiro assovio.

*Porra, eu avisei!*

Marcho como um touro bravo na direção do Jonas e o seguro pela camisa, arrastando-o para o alojamento sob os olhares perplexos dos peões em volta. Dane-se! Eu avisei a todos que não queria gracinhas com ela!

— Não repita isso! — Empurro-o para longe. — Eu avisei que não queria brincadeiras com a dona!

Ele me olha sério, um tanto assustado, mas altivo.

— Arre! Eu só assobiei para a dona! Você que está igual um baguá...

Seguro-o pelo colarinho.

— Nenhum tipo de brincadeira! Ela é hóspede aqui...

— Guilherme! — escuto tio Sandoval. Respiro fundo e solto o novilho metido a touro. — Jonas, volte para o trabalho.

O peãozinho ainda tem a desfaçatez de me encarar antes de sair.

Fecho os olhos e passo as mãos pelos cabelos, sabendo que terei de dar explicações para o meu tio.

— Pensei que esse seu gênio já estivesse controlado — ele comenta às minhas costas. — O que aconteceu?

— Deixei claro que não queria brincadeiras com a dona da cidade. — Viro-me. — O filho da puta estava assoviando para ela.

Sandoval enruga a sobrancelha.

— Só isso?

Dou de ombros.

— Ela poderia se sentir incomodada. — Vou até o refeitório e pego um copo d’água. — A dona é hóspede aqui, e eles precisam conhecer os limites,

principalmente se a gente for fazer...

— Ainda não decidi sobre isso, filho. — Eu o encaro. — Precisamos primeiro garantir que a fazenda continue sendo nossa. — Concordo. — Os peões da vizinhança estão chegando a qualquer hora. As esposas do Elias e do João já estão aí ajudando sua tia na cozinha.

— Certo.

Ele apenas balança a cabeça e sai.

Soco a cabeça contra a parede do refeitório, irritado com minha atitude. Sim, eu já não sou mais o brigão que apareceu por aqui anos atrás. Pelo contrário! Hoje sou eu quem administra os conflitos com a peonada, não o contrário.

A imagem da Dondoquinha vestida com jeans apertado vem a mim como um tiro bem no meio das bolas. A blusa apertada nos peitos, botões abertos mostrando parte do colo e o nó no tecido deixando a barriga à mostra... Engulo em seco, lembrando o sabor da sua pele, dos seus beijos, louco para descobrir qual é o gosto da sua...

*Caralho, Guilherme!*

Soco a mão na parede, e a dor faz meu tesão amenizar um pouco.

*Muito pouco!*

# 14

## Malu

PERNAS TRÊMULAS COMO se fossem feitas de gelatina!

Foi assim que me senti ao correr do galpão para a casa na tarde de ontem. Não sei o que foi que fez com que perdêssemos a cabeça daquele jeito, mas o fato é que tudo perdeu o sentido depois que Guilherme me tocou, depois que nos beijamos. Eu só queria ser dele.

Isso foi assustador, eu confesso. Nunca tive essa química com ninguém, muito menos com um rude peão irritadiço.

Ah! Mas foi muito bom!

O jeito como ele me tocou, acariciou minha pele, meu corpo inteiro respondendo aos estímulos do seu olhar. Aqueles olhos azuis pareciam soltar faíscas ao olharem cheios de tesão para mim. Eu me senti poderosa, diva, e isso aumentou ainda mais o prazer daquele encontro. Não me importei com onde estávamos, nem com o cheiro forte de animal, nem com a sujeira da baia à qual

ele nos levou. Tudo o que fazia sentido naquele momento era o homem que estava comigo e o que ele me fazia sentir.

Rio de mim mesma ao me lembrar da mulher enjoada que sou. Sou viciada em limpeza e organização, nunca transei com ninguém em local público, banheiro, carro, ou coisa parecida. Sempre dou um jeito de haver um banho antes do sexo, e ontem fiquei de joelhos e chupei um cara que eu mal conhecia, em um local completamente insalubre para os meus padrões.

E foi incrível!

O jeito que ele me fez gozar incitando-me a rebolar sobre seu pau, mesmo não podendo entrar em mim por causa da falta de preservativo foi uma experiência quase sobrenatural. Eu gozei duro, meu corpo todo sentiu o prazer, vibrou, sacudiu-se, e ainda tive a satisfação de vê-lo perder o controle quando sentiu meu orgasmo.

Foi loucura, eu admito! Nada sei sobre a vida dele, mas naquele momento pouco importou.

No entanto, depois que o sangue esfriou e a Ritinha apareceu, percebi toda a precariedade daquele encontro. Foi como um balde de água fria me lembrar que a gente não tem nada em comum, que ele é um xucro sem educação que vive pegando no meu pé. Olhei tudo em volta e me senti suja como aquela baia. Minha roupa jogada no meio da sujeira, minha calcinha perdida... Fiquei constrangida naquele momento.

Depois vim para o meu quarto, tomei um banho longo e bem quente, mas ainda sentia as palmas das mãos grossas e calejadas percorrendo meu corpo, beliscando meus seios, enquanto sua boca não desgrudava da minha. Senti-me acesa de novo, ofegante, excitada, querendo sentir novamente o prazer que ele me proporcionou.

O homem é um vício!

Tinha saído do banho quando a Ritinha apareceu no quarto perguntando se eu ia jantar. Lembrei que a moça era apaixonada pelo peão e me senti mal pela tarde de ontem. Ela sempre foi tão gentil comigo, e eu não tinha intenção alguma de chateá-la tendo um caso com o xucrão gostoso.

Contei a ela minha aventura pedalando e o pequeno acidente que tive com a bicicleta, informando que ela ficou abandonada e avariada na estrada.

— Você se machucou no tombo? — Lembrei-me do meu tornozelo, mas ele não doía mais, então neguei. — Se a dona quiser, posso emprestar meu tablet...

— Não precisa, Ritinha. Dou um jeito de ir até a vila outro dia. Obrigada!

— Amanhã, por causa do churrasco, vou estar muito ocupada, então você pode usar. — Concordei, agradecendo-lhe. — O que houve com a roupa?

Pulei quando ela apontou para a roupa suja dobrada num cantinho do

banheiro.

— Eu caí sobre esterco de novo! — inventei a desculpa, e ela gargalhou. — Virou uma perseguição comigo isso!

Ritinha me acompanhou nas risadas, o que me fez sentir ainda mais mal. Ela é uma garota tão bacana! Não quero que fique chateada comigo apenas por causa de um caso sem sentido.

Jantei na cozinha, mas Guilherme não apareceu, embora fosse esperado. Foi o melhor, porque, mesmo eu sendo moderna e liberal quanto a sexo, aqui, nesta fazenda, sinto-me constrangida pelo que fiz. Talvez pela proximidade com a família – os tios – dele ou mesmo por saber do amor platônico da Ritinha. Nunca conheci ninguém próximo aos homens com quem transei em São Paulo, era um acordo de "tá a fim de gozar hoje?", mais nada.

Eu nunca namorei ou mesmo mantive um relacionamento fixo. Claro que já dormi com um homem mais de uma vez, teve um com quem fiquei meses, mas nada sério, nem mesmo considerávamos uma relação. Éramos apenas amigos que gostam de fazer sexo.

Nunca houve espaço na minha vida, nos meus objetivos para a paixão de maneira romântica. Manter qualquer tipo de relacionamento dá tanto trabalho que eu priorizo apenas as amizades e vejo o sexo apenas como necessidade, algo parecido com comer ou escovar os dentes.

Dormi muito bem, como na noite anterior, graças ao repelente em serpentina que a dona Sueli me arrumou, ao cortinado e aos cobertores grossos de lã, que me mantiveram aquecida mesmo com a queda drástica de temperatura na madrugada.

Hoje de manhã Ritinha trouxe meu café na cama, juntamente ao tablet, e eu passei o dia todo sem soltá-lo. Criei um e-mail, mandei mensagem para o e-mail pessoal do Leo, que, graças ao seu sobrenome incomum, eu sei de cor. Depois acessei minha conta particular também, conferindo minha agenda de telefones e alguns arquivos que coloquei lá para ler em casa.

Fiz anotações, criei alguns cronogramas para quando eu voltar e li muitas notícias. Parei apenas para almoçar e voltei ao trabalho. No início da tarde, o Leo me respondeu – surpreso –, e nós conversamos por um aplicativo de mensagens do próprio e-mail.

Ele me disse que tudo está indo muito bem, que sua parceira e ele já visitaram mais locais para a Yannes e que Kika está lendo o relatório e reunindo a equipe para decidirem juntos. Estou orgulhosa da minha amiga, mesmo ainda planejando apertar seu pescoço quando voltar.

Foi um alívio poder conversar com ele, que me prometeu não contar para a Kika sobre nossa conversa. Leo me passou alguns documentos para ler, de outros

trabalhos, coisas que estavam um tanto agarradas, para que eu ajudasse a achar alguma solução.

Eu, claro, estou imensamente feliz por poder trabalhar um pouco e ainda mais decidida a ir para a vila e comprar um celular e um notebook, se encontrar algum. Depois, de bom grado, deixarei os equipamentos com a Ritinha, para que ela possa acessar a internet e, quem sabe, estudar.

Está anoitecendo, e deixo meus pensamentos e o tablet de lado. Resolvo sair do quarto e caminhar um pouco. Troco a roupa de ioga que estou usando por uma calça jeans – apertada e de cintura baixa, estilo que eu nunca uso – e coloco uma camisa de tecido, apenas para descobrir que é pequena para o meu tamanho.

Estou tirando-a quando olho para o espelho e penso no peão xucro. Um sorriso malicioso se desenha no meu rosto. Abro os primeiros botões da blusa e amarro a bainha dela com um nó. Sinto-me uma adolescente vestida assim, com a barriga de fora, mas para que tantos anos de abdominais se não posso tirar proveito disso?

Guilherme reage ao meu corpo, tortura-o me ver e me querer, e eu gosto da ideia de ele sofrendo um pouco, com tesão, lembrando-se da tarde de ontem. Claro, também não sou imune a ele; se fosse, não estava fazendo isso apenas por divertimento. Bufo ao pensar que decidi que não queria um caso com o xucrão... No entanto, os meus olhos brilham, excitados, e meu corpo inteiro se aquece somente em pensar nas mãos dele em mim de novo.

Encontro a dona Sueli com mais duas senhoras que não conheço na cozinha. Cumprimento-as e sou apresentada às vizinhas da fazenda, que vieram auxiliar no preparo da comida da festança de hoje à noite. Sinto vontade de gemer de frustração ao pensar que, provavelmente, vai rolar música sertaneja até altas horas.

— A moça vai se juntar a nós, não vai? — Margarida, uma das senhoras, questiona-me.

— Ah... eu acho que não! — Rio sem jeito. — Eu estou aqui mais para descansar e...

— Tem jeito melhor de descansar do que comendo um bom churrasco, bebendo cerveja e ouvindo música? — Dona Sueli ri. — Claro que Malu vai participar conosco! Vamos mostrar a ela como se diverte por esses cantos!

As três mulheres parecem animadas, e eu forço um sorriso. Bom, eu posso fazer apenas um pouco de presença e depois voltar para o meu quarto.

— Não estou vendo a Ritinha aqui pela casa. — Olho na despensa, mas nada da moça. — Ela disse que estaria aqui ajudando vocês.

— Ela saiu um pouco — Adalgiza, a outra senhora, responde-me. — A bugrinha estava com as mãos vermelhas de tanto picar tempero! Vá lá fora dar

um passeio também. O entardecer aqui nessa fazenda é lindo!

Agradeço a sugestão e saio da casa. Encontro-me com o Jumecy, o peão mais velho que me ajudou quando cheguei e que descobri ser o pai da Ritinha. O homem é viúvo e criou as duas meninas sozinho depois que a mãe delas faleceu. A filha mais velha, Conceição, mora na capital do estado, pois trabalha e estuda lá. Ritinha me disse que a irmã não quer mais morar por aqui, enquanto ela mesma não quer deixar o lugar nem mesmo para estudar.

— Tarde, dona! — ele me cumprimenta. — Posso ajudar a dona?

Sorrio para ele.

— Estou só esticando um pouco as pernas, pois passei o dia trabalhando no quarto. — Ele franze o cenho, e eu desvio o assunto. — Animado para a festa de hoje?

— Muito! Depois de todos os sustos que *nós* passou esse ano, vai ser bom comer e beber um pouco.

— Imagino que sim. — Avisto a Ritinha e o Xucro apoiados no mourão do pasto principal. — O pessoal todo parece empenhado em fazer a festa.

— Pois é! Para baile, não tem corpo mole. — Ri, apontando para uns peões carregando lenha para a fogueira e outro preparando mesas improvisadas. — Ei, Jonas, apruma esse jirau[18] direito, arre!

O peão assente e me olha de cima a baixo, como um lobo faminto. O simples fato de ele olhar-me desse jeito já me deixa constrangida, por isso não o encaro e sigo caminhando com o Jumecy. O assovio me tira do sério, mas finjo não ouvir, pensando ser melhor ignorar.

Não dá para entender o motivo que leva uma pessoa a mexer com outra sem nenhum tipo de reciprocidade! Só porque eu estou com uma roupa mais sexy? Não me vesti assim para chamar a atenção dele, nunca o incentivei a ter qualquer tipo de liberdade comigo. Não sou do tipo que faz alarde por causa de um assobio ou uma olhada mais descarada, desde que seja só isso! Desde que ninguém invada meu espaço, me toque ou mesmo diga palavras ofensivas, eu simplesmente ignoro.

Entretanto, não sou obrigada a gostar da atitude dele, não mesmo!

Instantes depois escuto um furdunço, uma falação entre os peões, e tanto Jumecy quanto eu olhamos para ver do que se trata. Não vejo mais o Jonas, e Ritinha vem correndo na nossa direção.

— Pai, o Gui vai matar o Jonas!

Franzo o cenho, sem entender.

— Arre, o que houve?

Ritinha me olha.

— O Gui tinha dito que não queria brincadeiras com a Malu, e o Jonas

assobiou e...

Ela se interrompe quando o seu Sandoval passa correndo em direção ao alojamento. Não sei como agir ou o que pensar! O Guilherme ameaçou a peonada para que não mexesse comigo? Ficou puto a ponto de arrastar o rapaz para dentro do alojamento e lhe dar uma sova? Por quê?

Jonas sai do alojamento pisando duro. Os outros começam a rir dele, e seu Jumecy vai até lá, acalmar os ânimos. O peão mais jovem me olha sério, fala algo baixinho e some para os lados do curral.

— Que loucura toda é essa? — questiono retoricamente, mas a Ritinha resolve responder.

— O Gui tinha avisado, agora todo mundo sabe que, se pisar na bola, ele vai em cima... — Dá de ombros. — Ele fez isso comigo também, assim que fiquei mais velha e os temporários mexiam comigo. Acho que deixou uns três sem dente na época. — Ri, e eu arregalo os olhos, assustada com a violência. — Ele é bem protetor com a gente!

Sandoval aparece também, no meio da peonada, fala algo com o Jumecy, e todos vão para o local onde estão montando a fogueira. Fico um tempo parada, sem falar, sem nem mesmo ouvir a falação da Ritinha ao meu lado, olhando fixamente para o alojamento, esperando Guilherme aparecer.

— ...alguma música, é só pedir para o Gui! Ah, ele canta e toca como ninguém!

Eu a olho.

— O Guilherme? — Ela assente, suspirosa. — Eu não conheço muitas músicas sertanejas!

Ritinha arregala os olhos como se eu tivesse dito algum sacrilégio, mas, antes que eu diga que conheço umas antigas, sinto meu braço sendo agarrado e, em seguida, sou arrastada para longe dela, que olha a cena de boca aberta.

Eu não preciso nem olhar para saber que é o Xucro me arrastando para longe, pois, além de o meu corpo já dar sinais que só acontecem quando ele está próximo, sinto o seu cheiro também. Tento desvencilhar-me, mas sua mão está fechada no meu braço com força.

Entramos no galpão onde eu peguei a bicicleta ontem, e ele me solta.

— Está louco?! — Encaro-o fervendo de raiva, sentindo meu braço arder.

— Eu? A louca aqui deve ser você! — embora incisivo, ele não grita. — Andando por aí assim, no meio de um monte de homem que não vê mulher há tempos!

Sinto o ódio fervendo dentro de mim ao ouvir essa acusação. Quer dizer que a culpa de o peão ter mexido comigo é minha?!

— Seu machista babaca! — ofendo-o e em seguida sou pressionada contra

um antigo armário de madeira. — Essa é coisa mais idiota que já ouvi, mas, vinda de um xucro como você, eu...

O olhar dele me faz parar de falar.

Não, não é ameaçador, nem de um homem violento. É um olhar cheio de tesão, faminto, desesperado. Minha respiração fica pesada, rápida, meu peito sobe e desce, minha garganta seca, e meu sexo umedece em contrapartida. A tensão sexual entre nós é enorme, palpável, e eu sou uma idiota se penso que vou resistir a ir para a cama com ele.

Nem quero, apesar de ele ser um imbecil.

— Eu não quero ninguém olhando para você do jeito que aquele palhaço fez! — sua voz é grave, e suas mãos apertam minha cintura. — Eu não quero ninguém usando você, seu corpo, para alimentar fantasias à noite! — Sua respiração está ruidosa, como se ele estivesse lutando contra si mesmo. — Você é minha!

Arregalo os olhos, excitada e temerosa com a declaração.

Nossos corpos estão encostados um no outro. Guilherme praticamente me esmaga contra o armário, e eu sinto sua ereção, dura e grossa, contra meu abdômen. Ele não me beija, não se esfrega em mim, e suas mãos apenas seguram minha cintura, sem se mover.

Ouço-o bufar, e em seguida ele se afasta pisando duro para fora do galpão.

*Puta merda, o que foi isso?!*

# 15

## Guilherme

A PEONADA COMEÇA a chegar assim que a noite cai. A fogueira já está acesa, e eu estou tomando minha erva com água quente, uma vez que a temperatura caiu drasticamente. O churrasco já está todo nos espetões de pau, e, no braseiro no chão, podemos ver as costelas cozinhando lentamente.

Eu nunca tinha visto um churrasco assim antes de vir para cá. Eles põem a lenha toda em um buraco grande no chão e, com paus, fazem o suporte para os enormes espetos, também feitos de galhos. É muita carne sendo assada ao mesmo tempo, enquanto os costelões no chão são assados lentamente e ficam mais para o final da festa, quando a galera já está com a bebida em alta.

O pessoal que promove a cantoria já está todo posicionado, sentado nos bancos de madeira perto da fogueira. Galdino faz sinal para eu me juntar a eles, mas peço para esperarem uma próxima vez.

Não consigo tirar os olhos do caminho que vem da sede da fazenda. Bufo

de raiva e puxo um pouco do meu mate pela bomba, pensando seriamente em trocar de bebida, porém, contendo-me. Não quero ficar bêbado hoje, preciso estar pleno de todas as minhas faculdades para me controlar e não fazer merda.

Balanço a cabeça e vou até perto da churrasqueira.

— Já chegou quase todo mundo, não é? — pergunto para meu tio, que assente. — Onde está tia Sueli?

— Ela e as outras mulheres estão arrumando a boia *nas vasilha*.

Olho novamente para o caminho.

— Vou até lá para ajudar, então. — Ele me para segurando meu antebraço. — Já tem gente lá fazendo isso. — Assinto, sério, conhecendo o olhar dele. — A Ritinha me falou o que houve hoje à tarde entre você e a dona da cidade.

*Bugrinha fofoqueira!*

— Eu só pedi a ela que não atiçasse os peões. — Ele não parece convencido. — Eu estava nervoso!

— Isso eu sei, eu queria entender o motivo! — Ele para de conversar para dar instruções aos homens que estão tomando conta das carnes, antes de se voltar para mim. — Não havia necessidade de arrastar a moça para longe.

Ele está coberto de razão, e eu fico quieto. Essa tarde foi uma sucessão de burradas uma atrás da outra. Primeiro, a atitude do Jonas, mexendo com ela enquanto os outros peões riam, depois a minha reação a isso, quase surrando o *novilho* e, então, a maior de todas, o jeito que falei com a Dondoquinha.

Ela teve toda a razão ao me chamar de machista, e o pior, enquanto eu falava da reação dos outros à roupa dela, eu mesmo estava louco para arrancar cada uma das peças e fodê-la ali mesmo, como o xucro que ela acha que eu sou. Ah, eu tive que me controlar muito para não me enterrar, mesmo sem camisinha, dentro dela.

Ainda bem que não fiz isso, pois, se já estou me sentindo mal apenas por tê-la tratado daquele jeito, imagina se tivesse também me aproveitado dela! Nunca fui esse tipo de homem.

Escuto uma gritaria de felicidade dos homens e vejo a Ritinha aparecendo com uma travessa coberta. Atrás dela vêm a tia Sueli e as duas vizinhas, esposas dos fazendeiros do entorno, com os quais compartilhamos o pasto alto. Mais pessoas trazem o restante da comida, porém, Malu não está entre elas.

— Cadê a hóspede? — indago ao tio.

— Ela vai ficar no quarto, trabalhando — informa-me. — A Ritinha vai levar a boia dela depois...

— Sozinha?! — Busco o Jonas com os olhos e fico aliviado ao vê-lo conversando com uma moça da outra fazenda.

— Guilherme... — escuto o tom preocupado dele. — Ela é uma moça fina,

de São Paulo e...

Bufo.

— Eu sei, tio. — Bebo a erva. — Eu só fiquei preocupado, pois a bebida vai começar a surtir efeito na peonada.

— Você já deixou bem claro hoje que não é para se aproximarem dela. — Ri. — Aposto que todo mundo aqui já sabe disso.

Concordo e tento relaxar, então decido tomar algo mais forte e desfrutar da noite de comemoração. Se a dondoca não gosta de festa na roça, o problema é dela, não meu!

Troco o mate pela cachaça e me junto ao pessoal da música, pegando minha viola e me sentando ao lado do Galdino no acordeom. Tocamos, claro, a música que sempre abre nossas cantorias aqui: "Comitiva Esperança", do Sérgio Reis.

Os olhos do meu tio se enchem de água, e eu sei o quanto ele sente falta da época das comitivas que ficavam dias nas estradas, levando a boiada ainda quando não tinham tantas estradas e pontes por essas paragens. Para piorar, Galdino emenda "Mágoa de Boiadeiro", e aí eu o vejo cantar como se ele mesmo tivesse composto a música.

Olho para meu companheiro de música e faço um sinal indicando o tio.

— Anima isso! — grito para ele, enquanto todo mundo, saudosista demais cantando alto, como se fosse um hino, parece meio transportado pela letra da música.

Ele ri e toca seu acordeom de maneira doída. A música, não nego, é linda demais e fala exatamente o que todo boiadeiro mais antigo vive reclamando, mas hoje estamos aqui para comemorar, é melhor deixar essa música para quando todos já estiverem bêbados para chorarem abraçados!

O aplauso quando a música acaba é quase ensurdecedor. Chamo o Galdino e peço para ele tocar algo mais alto-astral. Ele puxa "Casei porque bebi", e eu morro de rir, seguindo-o. Fico acompanhando as músicas animadas, vendo a turma toda dançando, comendo, e só paro para tomar um trago e comer alguma coisa.

Já nem estava mais pensando na diaba da Malu, quando, no meio de "Coisa Boa é Mulher!", ela apareceu.

Chegou pelo cantinho, mas meus olhos foram logo atraídos pelos seus cabelos claros, brilhando por causa do fogo. Ela estava usando um casaco grosso de lã, até os joelhos, calça jeans e botas, linda, sorrindo para as outras moças,

cumprimentando o Jumecy e meu tio.

Vi quando a Ritinha a puxou para dançar e ela negou enfaticamente com a cabeça. Ficou um tempo parada no meio do povo que dançava, mas percebi seus olhos passando por todos os rostos, talvez à procura de alguém. Sorri, e foi assim que ela me encontrou, tocando minha viola, sorrindo e a encarando.

Tive vontade de largar a cantoria e ir até ela, tirá-la para dançar, mostrar-lhe como fazemos aqui no mato, como se divertir. Ritinha a chamou novamente, e ela arriscou alguns passos, rindo bastante, mas seus olhos sempre se desviavam para minha direção.

Isso foi há horas!

Chamo um dos outros peões que também toca viola, entrego-a para ele cheio de recomendações e vou comer. Malu agora está perto do jirau, ajudando a organizar a bagunça que os homens, já bêbados, fizeram na comida.

— Resolveu se reunir *com nós*, Dondoquinha? — inquiro em seu ouvido.

Ela se assusta e me olha, às suas costas.

— A música não me deixava trabalhar, então... — Sorri. — Não sei se você conhece, mas existe um ditado que diz: se não pode com eles...

— Junte-se a eles. — Ela levanta uma sobrancelha, sexy como o diabo, e sorri concordando. — Fico feliz que tenha se juntado! A dona pareceu se divertir bastante!

Ela gargalha.

— Pode ter certeza que sim! — Ela pega meu copo de cachaça. — Muito forte?

— Como um coice de boi.

Malu vira meio copo de pinga de uma só vez, faz careta, mas tenta disfarçar. Rio de sua expressão.

— É forte mesmo! — Gargalha. — A que eu tomei antes era mais gostosa.

Sim, eu vi a Dondoquinha bebendo pinga com mel e limão enquanto dançava como se fosse nascida e criada aqui. Essa desenvoltura dela me surpreendeu, confesso.

Ouço “Chuva de Mulher”, do Trio Parada Dura e estendo minha mão para ela.

— Dança comigo.

Malu olha para minha mão e depois de volta para o meu rosto. Penso que vai negar, desprezar-me com seu nariz arrebitado, mas então ela entrelaça a mão na minha, e eu imediatamente fico duro.

*Porra, Guilherme, um toque de mão!*

Grudo meu corpo no seu, encaixo minha perna no meio das dela e a seguro bem firme pela cintura. Malu põe a mão no meu ombro, e eu começo a dançar

devagar, pois não sei se ela consegue seguir o ritmo rápido da música. No entanto, sou surpreendido.

— Frequenta muitas festas sertanejas em São Paulo? — pergunto provocativo.

— Não, nunca fui em nenhuma por lá!

Rodopio com ela, e em nenhum momento ela se embola nos passos, pelo contrário, acompanha-me como se tivesse nascido dançando isso. É uma experiência deliciosa, e nos divertimos muito, mesmo com toda a tensão sexual entre nós – porque isso é constante, nossos olhares, o jeito que nos tocamos, a reação da minha pele à dela. Uma tortura deliciosa.

Galdino emenda "A Loira do Carro Branco", fazendo-me gargalhar, mas não paro de dançar, apenas começo a cantar junto, mexendo com ela por ser loira como a mulher da música. Malu rola os olhos para mim, mas esconde o sorriso divertido.

Paramos de rodopiar no meio do quintal ao som de "Galopeira". A Dondoquinha está com as bochechas rosadas, ofegante, ainda mais bonita do que antes, como se isso fosse possível. Respiro fundo, sabendo ser uma batalha perdida manter-me longe dela esta noite.

— Vem comigo! — peço, com ela ainda nos meus braços, os dois parados no meio dos dançantes.

Ela não responde de imediato, e eu acho que vai negar. Entretanto, assente.

Nem me preocupo em olhar para me certificar de que ninguém percebeu que saímos juntos. Tudo o que eu quero é tomá-la nos meus braços, levá-la para a cama e beijar seu corpo inteiro até ouvi-la gritar meu nome. Rio de mim mesmo ao me lembrar das camisinhas no meu bolso e da estúpida desculpa que dei a mim mesmo ao colocá-las lá.

Preparei-me para ela, apenas para estar com ela, dentro dela.

Novamente entramos no galpão de mantimentos, cheio de quinquilharias, porém, onde eu sei que teremos uma cama improvisada, limpa e toda a privacidade do mundo. Nunca ninguém vai até o mezanino, porque é um local proibido, onde estão guardadas as poucas lembranças que trouxe comigo quando cheguei aqui.

Nunca pensei em usar o local para algo além de me embebedar, chorar e amargar todas as lembranças, a culpa e a dor. Contudo, desta vez, eu quero a Dondoquinha aqui comigo.

Malu acompanha-me escada acima sem dizer uma só palavra, sem questionar o local, apenas me segue. Abro a portinhola do quartinho e, mesmo no escuro, vou direto à lamparina de querosene que sempre está no mesmo lugar. Acendo a pequena labareda, e a cama de palha, com lençol limpo, aparece.

Ela olha tudo com atenção, percebendo as caixas de papelão e as malas, desviando os olhos para a cama e depois para mim. Malu abre a boca para falar algo, talvez fazer perguntas que eu não quero responder, e aproveito o momento para puxá-la para mim e beijá-la.

Não é um beijo desesperado como o de mais cedo, mas sim um saborear de seus lábios. Sinto o sabor da pinga com mel, a leve acidez do limão e me embriago com as sensações apenas explorando-a. Minha língua varre o céu de sua boca, esfrega-se contra a sua própria, invade e recua em sua garganta.

Minhas mãos a mantêm bem junto a mim, moldando-a contra meu corpo, praticamente sumindo com sua figura alta e delgada no meio dos meus braços. A onça brava morde meu lábio inferior, e sinto gosto de sangue, o que apenas aumenta meu tesão e me faz entender que ela, assim como eu, não quer delicadeza.

Seguro-a pelos cabelos e beijo todo seu pescoço, gemendo, mordendo, ouvindo-a emitir sons deliciosos, excitados, movendo-se contra meu pau. Com a outra mão, começo a abrir os botões do seu casaco, tirando-o completamente do caminho, sentindo a fina blusa de malha por baixo.

— Eu vou te foder muito gostoso! — Encaro-a enquanto meto minhas mãos por baixo da blusa, sentindo sua pele quente. — Quero você rebolando no meu pau de novo, mas dessa vez com ele dentro de você.

— Sim... — geme quando eu empurro o sutiã de renda para cima, livrando seus peitos deliciosos. Seguro-os com firmeza, a textura macia, o tamanho perfeito para minhas mãos e os mamilos espetando meus polegares. Esfrego-os com mais força, e Malu se contorce.

Ela se livra do casaco, deixando-o cair no chão, e eu, sem esperar mais nada, tiro-lhe a blusa por cima da cabeça e gemo de tesão ao ver o sutiã de renda preta embolado em seu colo. Afasto-me dela para poder visualizá-la melhor.

— Tira a roupa para mim, Dondoquinha.

— É Malu! — corrige-me, e eu sorrio, malicioso. Assisto-lhe tirar a peça delicada, descartando-a junto ao restante da roupa e em seguida abrir os botões do jeans. Paro-a antes que continue a se despir e me ajoelho aos seus pés, puxando a calça lentamente, suspirando de desejo ao ver a calcinha igual ao sutiã e suas coxas gostosas.

Deixo a calça na altura dos joelhos e beijo suas pernas. Lambo o interior de uma de suas coxas, seguindo até sua virilha e depois recuo, fazendo o mesmo caminha na outra. O cheiro dela, da sua boceta, é pura excitação. Eu me sinto no cio, como um garanhão ao sentir o aroma de uma égua. Minha respiração fica pesada, minhas narinas dilatam a cada vez que puxo ar para os pulmões.

Eu preciso comer essa mulher!

Termino de abaixar sua calça, e ela pisa em cada lado da peça para se livrar dela. Sorrio para as botas de cano curto que ela usa, olhando para cima, encontrando um sorriso safado em meio a seios fartos e empinados.

Não resisto mais. Abocanho sua boceta por cima da calcinha, fazendo pressão com a língua, chupando a renda molhada com sua lubrificação, sentindo seu gosto pela primeira vez. Gemo em descontrole, apreciando o sabor, abrindo minha calça para liberar meu pau, que se contorce como louco, aprisionado contra o jeans. Não estou usando cueca esta noite e o pego assim que abro o zíper. Os gemidos enlouquecidos dela, seu sabor íntimo na minha língua e minha mão masturbando meu pau brutamente quase me levam ao gozo, então eu paro.

Malu não tira os olhos de mim quando me levanto, arranco as botas, a calça e, por fim, tiro a camisa de flanela. O olhar apreciativo dela sobre meu corpo me deixa ainda mais louco de tesão. O seu desejo é evidente, e isso é bom *pra* caralho!

Pego-a no colo e a deito na cama de palha.

— Eu ainda estou de botas! — Ri, apontando para elas.

— Foda-se! — respondo antes de começar a chupar seus mamilos, um de cada vez e esfregar meu pau contra sua calcinha. Os peitos dela são como um parque de diversões sexuais. Brinco com os mamilos rosados, depois chupo-os, mordo cada uma das elevações, lambo o vale entre eles, tudo isso moendo meu pau contra ela e ouvindo seus gemidos fogosos.

Não quero abaixar-me e simplesmente chupá-la, não vou fazer isso! Deito-me na cama e a puxo para cima de mim. Malu rebola descaradamente, ainda com a calcinha a protegê-la e dá um gritinho quando eu a seguro com força pela bunda e a faço sentar na minha cara.

É assim que eu quero chupar essa mulher!

Afasto a calcinha para o lado e olho mais uma vez a perfeição de sua boceta antes de meter a boca com vontade sobre ela. Malu joga o corpo para trás, a cabeça para cima e geme gostoso. Beijo seus lábios, chupo-os, separo-os, penetro-a com a língua, mas em nenhum momento fecho os olhos, totalmente embevecido com a visão do rosto dela.

Aperto cada uma de suas nádegas com força e a faço rebolar sobre mim, esfregando-se sobre minha boca, nariz e queixo. Detenho-a e chupo com força seu clitóris, já duro e aparente, fazendo-a gritar.

Ela segura seus peitos, excitando-os enquanto monta na minha cara e é fodida por minha língua. Desfiro um tapa forte sobre sua bunda, e ela ri, extasiada, louca de prazer. Enfio os dedos entre as nádegas e brinco com seu rabo, o que ela parece gostar bastante.

Quando um deles ameaça entrar no seu cuzinho, a diaba goza em desespero,

e eu recebo todo os seus sucos na língua, na boca, bebendo seu gozo como um sedento.

Ela tomba na cama, e eu me levanto rapidamente, pego uma camisinha, rasgando o lacre e a desenrolando no meu pau e, sem nenhum aviso ou cerimônia, empino seu rabo gostoso em minha direção e me enterro em sua boceta quente e molhada, rosnando como um animal, socando o fundo dela em frenesi.

Malu está com o rosto no lençol, o tronco levemente levantado e a bunda para o alto, enquanto eu entro e saio dela com força e rapidez, mantendo-a firme segurando-a pelos quadris. Não há meio termo aqui entre nós. Desde que ela chegou e mexeu comigo, eu sonho em fazer assim com ela, sem pena, sem delicadeza.

Ela geme sem parar, suas mãos agarradas ao lençol de algodão, apertando-os, e o rosto virado para baixo. Ergo-me na cama, metendo agachado e não mais de joelhos, diminuindo o ritmo, adorando ver meu pau mergulhando dentro dela.

Cuspo bem no meio de sua bunda e insiro o polegar entre as pregas apertadas e levemente rosadas. Os gemidos aumentam, meus e dela, misturados, uma canção de acasalamento perfeita!

Fecho os olhos, meu pau querendo explodir a qualquer momento, meu dedo sendo apertado naquele local quente, a visão do rabo dela todo para mim. Trinco os dentes e volto a meter com força, segurando-a pelos cabelos, fazendo com que gire a cabeça e me olhe.

— Goza para mim, Malu! — ordeno entredentes, gemendo.

A resposta dela é um orgasmo violento que faz seu corpo todo tremer. Ela grita, descontrolada, e eu não consigo mais me conter. Fecho os olhos, jogo a cabeça para trás e deixo o gozo fluir, acelerando meu coração, arrepiando minha pele e explodindo dentro da camisinha.

Ela desmonta na cama, e eu fico paralisado, ainda sentindo correntes elétricas passando por mim, tremendo.

*Puta que pariu! Essa mulher é minha!*

# 16

## Malu

ACORDA COM UM ronco baixo e grave nos meus ouvidos e tento me mexer, porém, não consigo. Está tudo escuro, embora eu consiga ver alguns fachos de luz entrando no ambiente, o que demonstra que já amanheceu. Olho para o lado e vejo o Guilherme dormindo.

Sorrio satisfeita com as lembranças da noite passada. *O homem é um touro!* Como se não bastasse ter esse rosto e corpo lindos, ainda faz sexo como um deus pagão! Sem pudores, desavergonhado, solto, incrível. Ele soube onde me tocar, como me tocar e, principalmente, conseguiu me levar ao orgasmo em todas as vezes. E não foram poucas!

Depois da primeira transa, achei que ele ia ficar um tempo na *petite mort*, quietinho, esperando seu corpo se recuperar, mas não. Ele se deitou ao meu lado e começou a me beijar inteira. Senti-me uma iguaria sendo saboreada, lentamente degustada, até gozar de novo e ser surpreendida com ele duro.

Retribuí, claro, o carinho especial e passei bons momentos com ele em minha boca. Experimentei seus mamilos, lambi cada gominho daquela barriga perfeita, contornei as tatuagens dos braços e do peito, chupei seu pau e suas bolas até ele me mandar parar, colocar a camisinha e me pedir para montá-lo.

Suspiro ao me lembrar da delícia que foi ter o controle, sentar nele, rebolar, enquanto suas mãos seguravam-me pelos seios. Gozamos juntos mais uma vez, e eu fiquei deitada sobre ele, ainda com seu pau dentro de mim, e nos olhamos em silêncio por um longo tempo.

Admito que senti uma conexão tão estranha, algo que realmente nunca experimentei antes. O homem é um xucro, peão do mato, mal sabe falar e, apesar disso tudo, eu me sinto ligada a ele como nunca ocorreu com mais ninguém. Penso ser efeito do sexo espetacular, e isso me alivia, afinal, estou aqui apenas para curtir as férias e descansar, nada mais do que isso.

Olho em volta do local onde estamos. A cama de palha, coberta com um lençol limpo, foi providencial, muito melhor do que aquela baia fedida, mas eu o imagino na cama da suíte. Não, melhor ainda, no chuveiro quente da suíte, comendo-me em pé contra os azulejos. A fantasia desperta minha fome dele, e aspiro o cheiro da sua pele, deliciando-me com o perfume masculino.

Passo a mão sobre seu peito com pelos aparados bem curtinhos, espetando minha palma. Guilherme é tão quente e, por ser muito grande, manteve-me aquecida a noite toda, mesmo sem ter uma coberta por perto.

Escuto alguns barulhos do lado de fora do galpão, o que me faz raciocinar novamente e resolvo acordá-lo.

— Ei, Xucro! — Cutuco-o. — Acorda, peão!

Ele sorri ainda de olhos fechados e me aperta mais contra si. Imediatamente sinto seu pau contra meu corpo e arregalo os olhos por ele estar excitado ainda dormindo.

— Nada disso, peão! — Afasto-me, e ele finalmente abre os olhos. — O dia já amanheceu e...

Guilherme senta-se rapidamente na cama, confuso.

— Amanheceu? — Assinto, mas ele se perde olhando meu corpo nu. Bato palmas, trazendo-o de volta à realidade. — Porra, eu tinha compromisso ao cagá-do-pato[19]!

Minha expressão de quem não entendeu nada do que disse não o detém, e ele levanta-se à procura de suas roupas, espalhadas pelo chão de madeira. Vejo-o vestir a calça rapidamente e já procurar as meias e as botas.

O bufo de raiva me indica que há algo errado, mas eu não o questiono. Tivemos uma noite deliciosamente sexy, mas foi só isso, não tenho que tentar entender o que acontece com ele. Nunca fui de dormir abraçadinha, de conversar

na cama de manhã, nem nada disso, então, a reação fria dele a mim não me incomoda.

— Merda! — ele xinga, sem encontrar as meias. Esfrega as mãos na cabeça e se vira para mim, que continuo calmamente deitada na cama. Seus olhos claros percorrem cada centímetro meu. A parca claridade não o ajuda a ver muito, então Guilherme abre uma janelinha no alto da construção de madeira.

Imediatamente fecho os olhos por causa da luminosidade repentina, por isso não o vejo se mover até onde estou, apenas sinto sua boca passando pelos meus pés e subindo perna acima.

Gemo em expectativa, já conhecendo o poder de seus lábios e língua sobre mim.

Guilherme lambe-me inteira, como um felino, demora-se sob meus joelhos e, com a ponta da língua, vai contornando minhas coxas. Seguro a respiração, esperando o toque daquele mesmo órgão molhado e macio entre minhas pernas, e, quando ele o faz...

— Assim... — gemo, segurando-o pela cabeça. — Eu adoro o jeito que você faz isso!

Escuto sua risada rouca, e a língua golpeia meu clitóris com mais e mais força. Contorço-me inteira, meu corpo aquecendo, meus pelos arrepiando-se de tesão, meus mamilos duros, à espera dele.

— Eu sou louco pelo gosto da sua boceta — Guilherme declara afastando a boca, mas continuando as carícias com os dedos. — Sabor de mulher fogosa...

Penetra dois dedos em mim e mete com força, arremetendo e voltando, girando-os, intercalando com seu polegar em meu clitóris. Sorrio para ele em meio a gemidos, mas o sorriso morre quando o vejo lamber os dedos que me fodiam.

— Você gosta disso? — Volta a enfiá-los em mim e em seguida os estende até meu rosto. — Chupa, Dondoquinha!

Abro a boca e faço o que ele manda, sentindo minha própria excitação em seus dedos. Fecho os olhos quando ele volta a me chupar e não paro de mover minha língua pelos seus dedos, sorvendo cada gota da minha lubrificação.

É uma loucura, mas muito excitante!

Guilherme retira os dedos da minha boca e me puxa pela nuca, fazendo-me sentar ao encontro dele, devorando minha boca, compartilhando todos os meus sucos, meu tesão em sua língua.

Não sei como aconteceu, mas tudo o que sinto em meio ao beijo é uma enorme vontade de provar nossos sabores misturados. Não raciocino direito, simplesmente jogo o peso do meu corpo contra ele e me sento em seu colo. O peão geme sem parar de me beijar, e eu, extasiada de desejo, pego seu pau e o

introduzo em mim.

Ele para e me segura pela bunda.

— Não... — A respiração é forte, seus olhos tormentosos de vontade de mergulhar em mim. Rebolo um pouco, a ponta de seu pênis dentro dos meus lábios íntimos, e ele fecha os olhos, emitindo um grunhido quase doloroso. — Foda-se!

Sou puxada para baixo e o sinto entrando totalmente em mim. A cada centímetro, estremeço, sua pele quente, o pulsar de seu pau na minha vagina, a mistura perfeita da minha umidade com a dele.

Guilherme me segura pelos cabelos e me encara sem se mexer.

— Isso é loucura... — Eu concordo, lembrando-me que mal nos conhecemos. Tento interromper o contato, mas ele me segura. — Não... ainda não.

Ele me segura firme pelas costas e se levanta, levando-me junto, empalada, conectada. Sou encostada contra a parede e apoiada a uma base de madeira, e, sem nenhum aviso, ele começa a se mover devagar, de forma cadenciada, penetrando-me profundamente, ficando lá por um tempo e depois saindo. Estou sendo degustada, é isso! Os músculos dele estão trêmulos, sua pele brilha de suor, e a cada movimento profundo e firme, ele geme, fechando os olhos, sentindo.

A tensão por estarmos fazendo sexo sem proteção deixa meu corpo, e eu acompanho seus gemidos, absorvendo cada sensação que nossas carnes juntas, sem barreiras, provoca em mim. É um tesão cru, quase selvagem, diferente de tudo o que já senti, mesmo porque, em toda minha vida sexualmente ativa, nunca transei sem camisinha com alguém.

Os movimentos dele aumentam de intensidade, e a cada estocada sou pressionada contra a parede. Deixo-me levar, confiando que ele saberá se controlar, sentindo as paredes da minha vagina se apertando, o pau dele deslizando com mais facilidade em mim por causa da lubrificação intensa, o barulho que ela faz cada vez que ele sai e volta a entrar.

Quando ele toca meu clitóris com os dedos, movimentando-o no mesmo ritmo em que trepa comigo, eu explodo. Ofego, arranho seus ombros, gemo enlouquecida em um orgasmo indescritível.

Guilherme rapidamente se retira e me puxa para fora do local onde estou sentada, pondo-me no chão, de joelhos, ainda trêmula e sentindo espasmos no meu sexo. Abro a boca, recebendo-o até onde consigo, sentindo os nossos fluidos misturados, harmonizados com meu gozo, e ele fode minha boca com a mesma loucura que fazia comigo há pouco.

Para um pouco antes de gozar, geme gostoso e me lambuza inteira com sua

porra.

— Daqui a pouco o pessoal vai fazer uma busca pela fazenda — comento, deitada sobre seu peito, completamente satisfeita. — Estamos sumidos desde a madrugada!

Ele não responde, apenas continua a passar a mão sobre minhas costas. Encaro-o, mas seus olhos estão fixos no teto do galpão.

— Preocupado por ter perdido seu compromisso de hoje de manhã?

Seus olhos encontram os meus e, sem falar nada, ele nega. Não vou forçar o assunto; se ele não quer conversar, o problema não é meu. Volto a me deitar sobre ele, tentando adivinhar as horas e começando a sentir fome.

Brinquei sobre a busca na fazenda, mas a verdade é que estou preocupada em voltar para a casa. Não ligo realmente para o julgamento de ninguém, sou adulta e me responsabilizo pelos meus atos, mas não conheço os costumes daqui e nem como seu Sandoval e dona Sueli encarariam um caso de férias debaixo de seu teto.

— Eles não vão se meter — Guilherme comenta como se lesse meus pensamentos. — Pode ficar tranquila, que eles não falarão nada com você.

— Mas com você, sim?

Ele ri.

— Não sou mais nenhum novilho, Dondoquinha! Eles sabem que eu trepo por aí.

É... Eu também imagino que sim, e, mesmo assim... o assunto não tem como esperar mais.

— O que acabamos de fazer... — começo a falar, e ele para com o carinho. — Não acho que devemos repetir.

Guilherme ri.

— Sem chance de eu não te foder de novo! — Senta-se e me encara. — Você acha que consegue se manter longe de mim?

Levanto minha sobrancelha, achando-o um arrogante com o ego maior que o próprio pau. Não vou ser hipócrita comigo mesma, claro que eu o quero de novo e de novo; não era a isso que estava me referindo.

— Eu estava falando de sexo sem camisinha. — Ele se surpreende, e eu é que tenho o ego inflado ao perceber que ele ficou louco ao pensar que eu não queria mais transar consigo. Sorrio maliciosamente. — E, sim, se eu quisesse, eu me manteria longe de você, mas não quero! — Levanto-me. — Não tem quase

nada para fazer neste lugar, você vai ajudar a passar o tempo!

Sua gargalhada preenche todo o quartinho improvisado.

— Você é mesmo uma diaba! — Agarra minha cintura e cheira minha pele, bem perto da virilha. — Vou adorar ser seu passatempo! Em que posso te servir agora, Dondoquinha?

Abaixo-me, pegando-o pelo queixo, encostando minha boca na dele, mas sem o beijar.

— Eu estou com fome... de comida de verdade!

Ele ri e morde meu lábio inferior.

— Vamos para casa!

Ergue-se e pega a camisa no chão.

— Juntos? — questiono, e ele assente. — Eu não sei se...

O peão encosta um dedo sobre meus lábios.

— Não estou te pedindo em casamento, mulher! É só irmos juntos para casa, cada um na sua. Não precisamos dar satisfação para ninguém.

— Certo!

Coloco minha roupa, sem a blusa, que, infelizmente, tive que usar para me limpar depois do banho de gozo que ele me deu – aqui não tem banheiro ou água, infelizmente – e o espero calçar as botas.

— O que são todas essas coisas?

Olho caixa por caixa, todas lacradas, e algumas malas – de grife, por sinal – abandonadas no chão, cobertas de poeira.

— Não é da sua conta, Dondoquinha! — Ele me abraça pelas costas. — São só umas coisas velhas.

Hum, sinto cheiro de mistério no ar. Malas de grife e caixas em um local aonde, ao que parece, só ele tem acesso. Será que a mulher da cidade que o abandonou deixou tudo para trás?

Saio com ele decidida a não pensar sobre isso, afinal, tudo o que eu quero do homem são alguns orgasmos, nada mais. Se houve uma mulher que despedaçou seu coração e ele fica guardando as coisas dela até hoje, isso não é problema meu!

# 17

# Malu

A VOLTA PARA A casa é estranha para mim, não por estar constrangida ou com medo, mas porque eu não sei como agir, e isso não é meu natural. Eu sempre tive o controle de tudo, sempre gostei de me sentir segura mesmo nas situações mais adversas, mas, neste pequeno trecho de terra, estou totalmente no escuro.

Ouço o berrante tocando de vez em quando, bem como os gritos dos peões ao longe. Guilherme segue diretamente para o pasto, passando apenas para pegar o Zeus, seu cavalo. Diz que precisa resolver umas coisas por lá, mas que estará de volta para o almoço.

Olho para o alto e vejo o sol bem no centro do céu, o que indica ser mais de meio-dia. O pessoal aqui geralmente almoça entre 10h e 11h da manhã, depois descansa um pouco tomando tereré e retoma as atividades do dia.

Entro na cozinha e abro um sorriso sem jeito ao ver dona Sueli.

— Boa tarde! — cumprimento-a.

Ela sorri também.

— Boa tarde! — Levanta-se e para de descascar mandioca. — Eu vou colocar a comida na...

— Não! — Rio. — Eu faço isso depois, pode ser? — Ela assente, sem entender. — Eu vou tomar um banho antes.

A expressão no rosto dela demonstra que entendeu que eu *preciso* de um banho, mas, como Guilherme já havia previsto, ela não diz nada, voltando a se sentar e a continuar descascando a raiz.

Sigo direto para o quarto e me livro da roupa toda, entrando debaixo do chuveiro rapidamente. Prendo a respiração, deixando a água me lavar da cabeça aos pés enquanto relembro os momentos de paixão que vivi com aquele peão a noite toda e parte da manhã.

O sexo tão bom deve ter sido efeito do tempo que fiquei sem o praticar, e o tesão que sinto pelo Guilherme deve ser porque ele... Rio debaixo d'água, tentando arranjar desculpas para uma reação química. O peão não tem nada – além de sua aparência – que me atraia, afinal, nós dois não possuímos nada em comum. Enquanto eu sempre quis sair da roça, ele parece que ama viver neste lugar isolado de tudo, lidar com os animais, falar errado e viver uma vida simples. Eu tinha tudo isso em casa, mas nunca me completou. Minha felicidade é viver na cidade grande, em ritmo acelerado, ganhar dinheiro e ser reconhecida pelo meu trabalho. Apesar da atração sexual que sentimos um pelo outro, não há mais nada além disso, o que, para o que tenho em mente – um caso de férias –, é mais do que suficiente para mim.

Saio do chuveiro e passo um hidratante importado e caríssimo em todo o meu corpo, imaginando Guilherme sentindo a deliciosa fragrância. O dia está bem quente, então ponho um short de linho e uma blusinha de seda branca, com uma lingerie rendada linda. Penteio-me e vou para a cozinha.

— Hum, que cheiro bom! — dona Sueli comenta, com meu prato arrumado.

— Obrigada, mas não precisava ter se incomodado! — agradeço. — A senhora gosta de perfumes?

— Gosto muito! — Suspira sonhadora. — Minha cunhada sempre me mandava uns chiques, bem cheirosos! — Ri. — Sandoval ficava louco, dizia que eu cheirava melhor do que uma roseira!

Gargalho, achando uma graça a sua história. Provo a comida, um arroz de carreteiro – que geralmente ela serve no desjejum – acompanhado de salada verde com hortaliças variadas e algumas frutas. Gemo de prazer ao sentir o sabor, recebendo um sorriso dela em agradecimento.

— Pelo som, aposto que está uma delícia! — quase engasgo ao ouvir a voz do Guilherme. — Tarde, tia! — Ele a beija no topo da cabeça sem tirar os olhos de mim. — Tarde, Malu!

*Malu?!* Abro um sorriso por ele ter me cumprimentado pelo meu nome, não pelo apelido tosco pelo qual me chama e nem por meu nome composto.

— Tarde, Guilherme!

— Já comeu? — Sueli pergunta, e ele nega. — Vou arrumar seu prato.

Ele lhe agradece e se senta de frente para mim. Percebo que também tomou banho, os cabelos curtos estão úmidos, a barba, aparada, e a roupa, embora seja de trabalho, está limpa.

— Tudo bem?

— Sim — respondo. — Teve algum problema por ter perdido a hora?

— Não, tudo certo. Hoje vamos terminar de vacinar o rebanho, e o veterinário chegou bem cedo. Eu que iria passar as instruções para os outros sobre como organizaríamos, mas o tio fez isso em meu lugar. — Ele dá uma olhada para a tia e se inclina em minha direção sobre a mesa. — Mal pisei aqui e já fiquei com o pau duro com seu gemido...

Engasgo com a comida, chamando a atenção da dona Sueli, o que faz o Xucro rir e apontar para o meu copo de suco. Ele é um descarado. Muito embora seu jeito bruto me excite, fico sem jeito por causa da dona da casa.

Ele pega o prato que a tia lhe entrega e se põe a comer.

— Eu trouxe alguns perfumes comigo — volto a conversar com dona Sueli. — Se a senhora não ficar ofendida, gostaria que escolhesse um como presente.

Guilherme para de comer e me encara, enquanto sua tia abre um enorme sorriso de satisfação, demonstrando que, sim, ela quer muito o mimo.

— Eu vou aceitar, sim! Desde que a Lucy faleceu, eu não tenho um desses perfumes chiques. — Ela estapeia o sobrinho no ombro. — Ah, essa moça é um amor, não é, Gui? — Fico feliz ao ver a animação dela, mas o peão parece totalmente paralisado, sem reação, com o garfo parado no meio do caminho entre o prato e a boca. — Sua mãe sempre mandava perfumes para mim, você sabia?

Encaro o peão ao ouvir isso, e seus olhos azuis se prendem aos meus. A mãe dele mandava perfumes chiques para a tia? Isso quer dizer que ele não morava aqui ou que a mãe dele foi embora?

Noto o clima tenso, dona Sueli perdendo o sorriso ao notar a reação do sobrinho e, mesmo não querendo, questiono-me sobre o que esse homem esconde, porque, mais do que nunca, sei que há algo!

— Sim, tia! — ele resolve responder. — Minha mãe tinha muito bom gosto para essas coisas, e aposto que a Malu também tem...

Guilherme volta a comer, e sua tia, mesmo com o sorriso um pouco menor do que antes, parece gostar da resposta dele.

O silêncio impera entre nós três. Sueli continua seu trabalho de descascar as mandiocas, enquanto ele e eu comemos sem nos olhar ou falar. O som das aves ao redor da casa é o único que se faz ouvir por um bom tempo, até que Guilherme se levanta, vai até a pia lavar seu prato e pega o chapéu que deixou no móvel da entrada da cozinha.

— Estamos todos no curral sul vacinando as reses, tia — informa e depois me olha, um sorriso no canto da boca e olhos brilhantes. — Até mais tarde, Dondoquinha!

Sueli faz um muxoxo com o intuito de o repreender por me chamar assim, mas, por mais que eu deteste esse apelido, pego-me sorrindo ao pensar no “mais tarde”.

— Eu não sei o que se passa com esse moço! — Sueli comenta. — É tão educado e, de repente...

— Ele não cresceu aqui? — inquiro tentando parecer desinteressada.

— Ah, não! Ele veio para cá tem *uns par* de anos! — Leva a bacia com as raízes descascadas para a pia. — Onde será que se meteu a Ritinha hoje?

A mudança de assunto me deixa ainda mais curiosa, mas também notei a falta da moça pela casa.

— Ela não apareceu aqui hoje? — Levo meu prato para a pia, mas ela me impede de lavar.

— Nem deu *as cara*! Deve estar trepada em algum pau de árvore perto do curral para ver a vacina do gado. — Balança a cabeça. — Aquela menina sonha com o impossível!

— Guilherme? — arrisco, já sabendo a resposta.

Sueli fica séria e assente, parecendo preocupada.

— Ele nunca vai olhar para ela como mulher! Quando chegou aqui, a indiazinha era ainda bezerrinha! — Encara-me. — Nunca vai olhar para ela como olha para você.

Respiro fundo.

— Dona Sueli, sobre ontem à noite...

— Não — ela me interrompe, sorrindo. — Não carece a dona explicar nada! Já fui jovem e bonita como você, e o Sandoval era um homem... — Suspira, saudosa. — Só tomem cuidado, por causa da menina.

Fico muito sem jeito. Nunca tive qualquer tipo de conversa desse tipo com minha mãe. Na verdade, nunca conversei sobre isso com ninguém! Claro que eu falava de um caso ou outro com a Kika, mas apenas comentando como foi e trocando detalhes mais sórdidos, nunca com uma mulher que tem idade para ser

minha mãe.

— Eu estou sem palavras!

— Ah, deixe de bobeira! — Ri. — Se eu tivesse sua idade e um homem bonito como o Gui estivesse no meu caminho, tenho certeza que sumiria uma noite inteira com ele! Ele é um bom homem, responsável, tenho certeza que sabe tratar bem uma mulher.

A propaganda gratuita do sobrinho acende um alerta vermelho em minha cabeça.

— Eu só estou de passagem e...

— Eu sei, mas às vezes o destino é imprevisível, minha filha! Já vi isso acontecer uma vez... — Dá de ombros e se afasta, indo mexer em algo no fogão a lenha. — E quem sabe sua vinda para cá não teve um propósito maior!?

Apoio as costas na pia e não olho na direção dela, mas suas palavras martelam minha mente. Eu nunca acreditei em destino, mesmo porque isso seria completamente contraditório para alguém que trabalha dia e noite para ter seu lugar ao sol. Se eu acreditasse que algo sobrenatural já havia escrito minha história, seria muito desanimador lutar para vencer.

Acredito que o destino nada mais é que a consequência daquilo que plantamos. Toda ação tem uma reação, mesmo que os efeitos dela sejam sentidos muito tempo depois. Nada está escrito, na verdade, é tudo uma página em branco que vamos preenchendo conforme vivemos.

Vim parar neste lugar porque tenho uma amiga e assistente maluca – que será torturada quando eu voltar –, e o que está acontecendo entre mim e o peão é apenas a reação normal de duas pessoas que se sentem atraídas uma pela outra. Nada mais!

Peço licença a dona Sueli e vou para meu quarto ver se consigo terminar de ler os relatórios que Leo me mandou ontem, porém, o tablet da Ritinha não está mais sobre a mesinha de cabeceira, o que demonstra que ela esteve no meu quarto enquanto eu estava nos braços do Guilherme.

*Merda! Eu preciso arranjar um jeito de comprar um celular!*

# 18

# Guilherme

A PEONADA ESTÁ toda reunida no curral sul para auxiliar na vacinação do gado contra a febre aftosa e contra brucelose. Todo ano temos que fazer esse controle, pois estar com as vacinas em dia é uma requisição dos órgãos de vigilância sanitária para a venda de bovinos.

A fiscalização pode surpreender, e o produtor que não estiver com os registros em dia, sofre com as altas multas e até interdição da fazenda. Nós sempre andamos em dia com essa obrigação, mas, este ano, por causa da demora da descida das águas, o trabalho de vacinação está atrasado.

Além da campanha de vacinação para a febre aftosa, fazemos ainda o manejo sanitário geral desde o nascimento dos bezerros até os reforços anuais de algumas vacinas. As novilhas são separadas dos bezerros e vacinadas, até os oito meses de nascidas, contra a brucelose.

Aproximo-me do curral, vendo os bois dentro do brete, todo construído de

madeira, com os peões pendurados nele dos dois lados. Alguns estão aqui apenas para auxiliar a passagem do gado conforme vão sendo vacinados, e outros portam as pistolas para a imunização.

Antes de os bovinos entrarem no brete, suas patas e boca são avaliados, sob supervisão do veterinário, para certificação de que não há nenhuma contaminação da aftosa. Meu tio está acompanhando atentamente esse serviço, enquanto o Jumecy está encarregado de acompanhar a vacinação.

Cumprimento-o com o chapéu assim que esse me vê.

— Arre, olha só quem resolveu dar as caras! — provoca-me. — O moço sumido desde ontem à noite!

Dou um sorriso seco, mesmo sabendo que esse tipo de brincadeira é normal, mas sem nenhuma vontade de comentar o que houve com qualquer pessoa que seja. Nunca fiz isso, nem vou começar a fazer.

— Como estão as coisas por aqui? — Penduro-me no brete para olhar se estão fazendo a aplicação de maneira adequada e dou de cara com o Jonas do outro lado, empunhando uma pistola. — Quantas reses já foram?

O peãozinho petulante olha para o Jumecy antes de me responder, mas João Bahia, outro peão que já trabalha comigo há mais tempo, o faz em seu lugar:

— Para mais de 50, com certeza!

— 75 — Jumecy completa a informação. — Estamos indo mais devagar porque o patrão está fazendo a revista boi por boi.

— Certo.

Encaminho-me para perto do tio Sandoval, mesmo sabendo que há pouco tempo tivemos uma pequena rusga por causa do que aconteceu na noite passada.

Eu o respeito muito, devo muito a ele, mas, ainda assim, não gosto que se intrometa na minha vida como tentou fazer ao me censurar por causa da Dondoquinha. Eu não sou a porra de um adolescente para ficar tomando esporro só porque passei a noite fora de casa trepando!

Eu entendo que ele me veja como o filho que não teve e o considero mais pai do que o meu próprio sempre foi. Todavia, não preciso ouvir certas coisas.

Bufo, puto, sabendo que algumas das coisas que ele me disse são a pura verdade, mas sem querer dar o braço a torcer. Expliquei-lhe que o que está acontecendo entre sua hóspede e mim é apenas diversão de férias e que ela aceitou o acordo sem nenhum problema.

Concordei com ele apenas em manter meu caso com ela longe dos olhos dos outros peões – pelo menos os temporários que ainda circulam por aqui – por questão de respeito, já que a Malu despertou o interesse de muitos deles, e eu fiz questão de dizer que ela era área proibida.

— Guilherme! — Vinícius, o veterinário, cumprimenta-me. — Que bom

que se juntou a nós! Fiquei sabendo que ontem teve um baile aqui e que uma potranca te jogou no chão...

Ele gargalha, mas minha cara fechada já demonstra que eu não estou para brincadeiras hoje. O homem fica sem graça e volta a falar com o peão que está deitando uma vaca no chão para a revista.

— Vamos demorar mais uns dois dias fazendo isso! — tio Sandoval puxa assunto. — Amanhã à tarde começaremos a vacinar as novilhas.

— Pode contar que estarei aqui antes de todos.

Ele assente.

— Eu preciso que você vá até Aquidauana resolver umas coisas no banco, então falei com o Vinícius, e ele vai te dar carona na pick-up.

— Certo — concordo, pensando, mais uma vez, em mandar consertar a porra do nosso carro. — Sabe se ele tem reboque?

— Gui, nós já conversamos sobre...

Bufo.

— Tio, é uma loucura ficar aqui sem um transporte decente! Se alguém tiver uma emergência, como é que faz? Eu não preciso de salário!

— Isso não tá certo! — ele protesta, mas já tomei a decisão. Se o doutor tiver um reboque na caminhonete, vou levar a velha pick-up da fazenda para reparos na cidade. Há meses venho insistindo nisso, disponibilizando o que eu ganho aqui para servir de pagamento, mas ele se recusa.

Simplesmente, não dá mais para ficar aqui isolado, contando apenas com o cavalo e o pequeno barco de popa para poder ir a algum lugar. Na vila não tem quase nada, e, daqui até o centro de Aquidauana, leva mais de uma hora de carro.

— Já decidi — insisto. — O senhor vai liberar os temporários depois que acabar aqui?

— Vou, mas resolvi ficar com dois, pelo menos até o leilão, então preciso que você acerte isso também lá na cidade.

— Certo.

— Sobre hoje de manhã...

— Não, tio! — interrompo-o.

— A indiazinha passou a manhã toda acabrunhada. — Rolo os olhos. — Ela sabe que a dona Malu não dormiu na casa, então...

Bufo e saio de perto dele, marchando duro para fora do curral. Só faltava esse, eu ter de dar satisfações para a Ritinha! Já é hora de a indiazinha superar a paixonite infantil que tem por mim e entender que não vai rolar nada entre nós. Ela é linda, muito bacana e tem toda a vida pela frente ainda, mas, mesmo que não existissem 20 anos de diferença de idade entre nós, eu nunca seria o ideal

para uma moça sonhadora e apaixonada como ela. Não obstante, é preciso sentir alguma atração, e eu não sinto nenhuma faísca pela bugrinha, ao contrário do que acontece com a Malu.

Chuto uma pedra ao pensar na diaba loira que me tira do prumo como não acontece há anos. Não tenho vivido como santo por todo esse tempo desde que vim para cá, mas não sinto vontade de trepar com a mesma pessoa assim há muito tempo. E, com ela, estou pensando nisso a todo momento. Basta vir à minha memória sua imagem, o som da sua voz ou mesmo seu cheiro e pronto: meu pau fica duro como pedra, e o sofrimento começa. É um estado constante de agonia prazerosa a forma como meu corpo fica perto daquela mulher ou apenas ao pensar nela.

Acredito também que Malu deva estar confusa com tudo isso, pensando de onde vem essa química tão forte entre nós, pessoas tão diferentes. Definitivamente, não devo ser o tipo de cara com quem ela sai, e ela... bem, meu tipo de mulher já não é o dela há muito tempo!

Contudo, de acordo com toda a experiência que adquiri nesses meus quase quarenta anos de vida, sei que isso é irrelevante quando a pele reage e o tesão acende. É inexplicável como nossos corpos se atraem e, para ser sincero, irrelevante nesse momento, pois tudo o que teremos é uma aventura de mais alguns dias. Não há expectativa ou qualquer futuro, não há promessas ou responsabilidades. Nós somos só dois adultos que sentem uma enorme atração um pelo outro e que escolheram dar vazão a ela, aproveitar sem consequências, gozar o momento e depois cada um seguir com sua vida onde é feliz.

Em 20 dias ela voltará para São Paulo, a maior cidade do Brasil, com seu ritmo frenético, seus negócios, dinheiro, sujeira, corrupção e violência, enquanto eu vou permanecer aqui, no mato, no meio dos bois, como eu escolhi viver.

Um pássaro grita ao longe, e eu olho para a direção das lagoas da fazenda, um dos lugares mais lindos que existem e que só é possível de se ver aqui na região do Rio Negro ou lá na Nhecolândia.

Sorrio ao imaginar a Dondoquinha por lá, nua, no meio da natureza, desfrutando das lagoas de águas transparentes, apesar de escuras, e de tudo em volta. Lembro-me do meu conjunto de acampamento, e uma ideia vai se formando em minha mente, o que me faz sorrir.

— É, peão, a noite foi boa mesmo! — Galdino passa e me dá um tapa nas costas. — Tá com cara de sucuri que engoliu um bezerro!

Rio com sua comparação, mas apenas balanço a cabeça, sem nenhum tipo de comentário.

— Decidiu ficar por aqui?

— Meu pai mandou umas reses para serem vacinadas aqui, umas novilhas.

— Ele aponta para os bovinos separados. — Seu tio combinou com ele, e eu vim acompanhar.

— Como está indo a faculdade? — pergunto, e ele faz careta.

— Eu gosto de estudar veterinária, é algo que eu sempre quis, mas ficar em Campo Grande é duro para quem foi criado aqui no meio do Pantanal. — Dá de ombros. — Falta pouco, mas não vejo a hora de voltar para cá de vez!

— Seu pai está muito orgulhoso!

— É... — Sorri sem jeito. — A Ritinha ficou com sua viola ontem. Já te entregou? — Nego. — Aquela bugrinha ficou igual um marruá quando notou que você sumiu.

— Não esquente com isso! E o acordeom? Você melhorou muito desde a última vez. Está fazendo aula lá na capital?

Ficamos um tempo conversando sobre a rotina dele em Campo Grande. Galdino é um rapaz muito responsável e simples. Um ótimo filho para o Leônidas, dona da fazenda na qual a Malu quase foi parar de bicicleta, braço direito do pai e das irmãs – cinco, no total – na manutenção da propriedade. Ele é o caçula, tem 24 anos, mas é maduro e decidido a levar o legado dos avós aqui no Pantanal. Poderia ter feito como tantos outros jovens daqui dessas paragens e ido embora, estudar outra coisa qualquer na capital e nunca mais retornar; não, ele anseia vir para cá, tem no sangue e no coração a garra de um verdadeiro pantaneiro.

Um pouco mais tarde, quando o movimento da vacinação começa a ficar grande, subo no brete, com ele ao meu lado, e substituímos dois peões que já estão na lida desde cedo. Enquanto vacino, as ideias sobre uma noite com a Malu no lado norte da fazenda, nas lagoas perto do Rio Negro, me deixam em expectativa.

Eu preciso primeiro terminar esse serviço com o gado e dispensar a peonada temporária para a cidade, então, depois que voltar de Aquidauana, tirarei esse tempo para mostrar a ela o motivo de esse lugar ser chamado de Paraíso.

Não sei por que o impulso de levá-la até lá, para o meio do nada, e acredito até que a Dondoquinha pode detestar ficar no meio do nada comigo, mas sinto meu pau reagindo apenas em pensar na possibilidade de tê-la inteira só para mim, fodê-la no mato, no rio, nos lagos, na barraca... Ah! É uma expectativa torturante!

# 19

## Guilherme

MOÍDO!

É assim que me sinto ao passar horas sobre o brete, depois seguir com mais dois peões até o pasto oeste para consertar umas cercas, pois tivemos ataque de onça ultimamente. Fazemos de tudo para evitar o felino, mas, de quando em quando, ele aprece, e aí é prejuízo na certa.

Entro no alojamento já à noite, e a peonada está toda reunida no refeitório, contando causos ou ouvindo histórias do Vinícius, o veterinário. Passo direto para meu quarto, pego uma muda de roupa limpa e sigo para o banho. Olho-me no espelho, notando a barba já grande, mas decido não a aparar por hora.

Demoro debaixo d’água, deixando os músculos relaxarem um pouco. Eu sempre cuidei do meu corpo, mesmo aqui na fazenda estou regularmente fazendo algum tipo de exercício e, além disso, o trabalho pesado também ajuda a manter a forma. Na verdade, isso é uma das poucas coisas que mantenho da

minha antiga vida. No resto, desde o corte de cabelo às roupas, é tudo diferente, e confesso estar bem mais satisfeito hoje que outrora.

Arrumo-me e capricho na colônia que uso – bem mais simples que a importada que usava antes –, agito um pouco meus cabelos com as mãos, pois mantenho-os curtos exatamente para não ter trabalho com os fios lisos e arrepiados e saio do banheiro sem ao menos parar no refeitório, onde já é possível ouvir a cantoria, indo em direção à casa principal da fazenda.

Assim que vim morar aqui, fiquei hospedado lá, mas, com o passar do tempo, percebi que era melhor estar no alojamento, pois tinha mais liberdade e não me sentia um incômodo na rotina dos meus tios.

O quarto que a Malu está ocupando é exatamente o mesmo no qual estive, então não tenho dificuldade nenhuma em – depois de pular o canteiro de flores da tia Sueli – bater na janela. Espero um momento, conferindo as horas para ter certeza de que ainda não é tarde o suficiente para ela estar dormindo – e volto a bater.

— Mas o que... — Ela abre uma fresta, e eu, sem lhe dar tempo para reagir, já me penduro na janela, pulando para dentro do quarto. — Ficou maluco?!

Não respondo, apenas puxo-a para os meus braços e a beijo, descarregando todo o tesão reprimido ao longo do dia. Os óculos de leitura que ela usa vão parar no chão com o ímpeto do meu abraço, mas ela não se importa, correspondendo-me com a mesma intensidade.

— Ei... — Malu se afasta. — Xucro... você é doido?

Eu a deixo sair de perto de mim, notando-a trêmula.

— Não gostou da surpresa? — Dou um sorriso safado, e ela bufa.

*Alerta vermelho!*

Pelo jeito e o olhar dela, posso ver que algo não está legal, o que me deixa um tanto perdido, pois, há menos de 12 horas, eu estava com uma mulher fogosa e louca para ter mais noites como a que tivemos. Então presumo que algo tenha ocorrido nesse lapso temporal.

— Não é isso! — Suspira. — Essa coisa entre a gente... — ela aponta para mim e depois para si mesma — é só paixão, tesão, e eu vou embora daqui umas semanas...

— Achei que isso fosse ótimo!

— É! — ela concorda. — Eu não estou querendo mais. — Ri. — Não, mesmo!

Cruzo os braços, resistindo à vontade de revirar os olhos para ela, impaciente, com o pau latejando dentro das calças. Pelo visto, vamos ter uma D.R. sem ao menos ter uma relação.

— Você quer trepar comigo ou não quer? — pergunto sem rodeios.

Ela respira fundo e fecha os olhos.

— Quero! Não é essa a questão... — Aproximo-me, mas não a seguro, apenas começo a desabotoar a camisa. Já tive a resposta que queria. — Guilherme, a Ritinha...

— Foda-se a Ritinha! — retruco com raiva, sem parar de desabotoar a camisa. — Não tenho nada com a indiazinha.

— Eu sei, mas... — Ela acompanha meus movimentos enquanto me livro da camisa e começo a abrir o cinto. — Ela ficou muito chateada com o que aconteceu conosco ontem e...

Paro antes de abrir a calça.

— O que isso tem a ver com o que está acontecendo entre nós? — Minha paciência se esgota, mas eu tento me acalmar. — Eu não tenho e nem nunca alimentei qualquer possibilidade de ter algo com ela! Ritinha tem idade para ser minha filha, além disso, gosto dela como se fosse!

— Ela sabe disso?

Bufo.

— Todo mundo aqui neste lugar sabe! — Abro a calça e a tiro, ficando apenas de cueca.

— Cueca?! — Ela se surpreende e ri.

Sim, eu sei, não sou muito chegado a usar roupa de baixo, mas hoje quis colocar uma novinha apenas para esse strip-tease malfadado. Finjo não dar atenção a ela e termino de me livrar dos itens de vestuário, tirando as botas e as meias.

Quando a encaro, tenho que me segurar para não gozar na cueca – nova e limpa – como um rapazote. Malu retirou a roupa – uma espécie de vestido largo, fino e bordado – enquanto eu estava agachado, e agora apenas uma minúscula calcinha preta e um sutiã transparente cobrem seu delicioso corpo.

— Você é gostosa, Dondoquinha! — Ela faz careta para o apelido. — Porra, você é muito gostosa!

A diaba loira sorri, consciente de que seu corpo realmente é lindo. Não é a perfeição que muitas mulheres perseguem, é naturalmente bonito. É óbvio que Malu faz exercícios, mas não, seu corpo não é ao estilo das “musas fitness” que vemos por aí na televisão e revistas. Ela é feminina, uma fêmea de verdade, e é isso que mexe com meu tesão.

Meus olhos passeiam por cada curva, nos peitos deliciosos, cheios e de mamilo grande e rosado; no abdômen plano, cintura marcada, quadris levemente arredondados e pernas longas de coxas firmes. Sua pele é puro deleite, perolada, cheirosa, brilhosa, e sorrio ao notar que ela tem algumas sardas no colo que não puder ver antes por causa da parca iluminação.

Venço a pequena distância entre nós e a puxo para um abraço forte novamente. Espalmo minhas mãos em suas costas, sentindo os músculos que sustentam sua coluna, acariciando a pele macia. Malu geme como uma gata ronronante em meus braços, e esse som desperta fome em mim, fome dela, do seu corpo, do seu sabor.

Começo a beijá-la bem na curva de seu pescoço, arrastando lábios, arranhando dentes e lambendo. O perfume que ela usa ajuda a inebriar meus sentidos, passando uma corrente de energia por todo meu corpo até explodir na cabeça do meu pau. Gemo e a viro de costas para mim, encostando-me a sua bunda gostosa, esfregando-me de baixo para cima em seu corpo.

É ela quem se arrepia inteira com esse contato, e eu percebo que gosta da sensação das minhas mãos calejadas sobre sua pele macia. A Dondoquinha não é nada delicada, já percebi isso, e essa percepção deixa-me ainda mais excitado e louco para fodê-la duro.

Seguro os seus cabelos no alto e beijo sua nuca, divertindo-me com os arrepios que levantam os pelinhos loiros, bem como com o leve tremor sobre sua pele. Com a outra mão, espalmo um de seus peitos e o massageio, satisfeito, pois o sutiã que ela usa não tem aquela espuma, é só a renda transparente sobre seu bico túrgido.

Meu indicador faz o mamilo balançar por baixo da peça, e Malu geme entredentes, soltando apenas o ar que parece ter contido. Os sons dessa mulher me enlouquecem! Afasto-me levemente e desprendo o sutiã por trás, e ela não se move, apenas deixa-o cair no chão.

— Safada... — sussurro em seu ouvido enquanto seguro seus peitos e ela rebola contra mim. — Você me deixa louco, Malu! — rosno quando sinto sua mão atrás de seu corpo, sobre meu pau. — Eu passei a tarde toda pensando em te foder esta noite, a tarde toda!

— É? — Geme quando mordo seu ombro e belisco seus mamilos. — Como você quer me foder, Guilherme?

Não penso duas vezes em responder com palavras. Empurro-a levemente até a cama, dobrando seu tronco sobre o colchão, colocando sua bunda empinada para mim. Malu gargalha contra a colcha, e eu arranco a boxer em desespero. Masturbo-me olhando-a balançar os quadris de forma sensual e enlouqueço atrás da minha calça, onde as camisinhas estão no bolso traseiro.

Pego-as e abro um dos pacotinhos com os dentes, logo vestindo-a, mas sem ter pretensão de meter nela agora. Ajoelho-me e beijo as suas panturrilhas, a traseira dos joelhos, as coxas e subo direto para as costas, onde, com a ponta da língua, atravesso todo o percurso sobre sua coluna.

Volto a me postar entre as pernas dela e abaixo a calcinha devagar. Não a

tiro toda, deixo-a embolada nos joelhos, o suficientemente fora para o que eu quero fazer. Seguro as bochechas de sua bunda e as abro levemente.

— Porra, Dondoquinha!

Deliro, fechando os olhos para me concentrar e não gozar sem nem mesmo ter começado. Quando volto a abri-los, encaro sua boceta rosada, bem como o pequeno anel rugoso acima e sinto minha boca se enchendo d'água. Não me faço de rogado e a abocanho nessa posição, deslizando minha língua desde o meio de suas nádegas até o interior de seu sexo quente e suculento.

Malu geme gostoso e rebola na minha cara, o que faz com que eu a chupe com mais vontade, usando lábios e até dentes. Substituo minha boca pelos meus dedos, enfiando dois dentro de sua boceta, fodendo-a sem parar, enquanto o polegar da minha outra mão brinca no seu rabo apertado.

É uma delícia vê-la se contorcer nos meus dedos, completamente entregue e rendida ao prazer. Tiro o polegar de seu cuzinho e uso a língua para lubrificá-lo e abri-lo, louco pelas imagens que minha mente cria do meu pau enterrado nesse mesmo local. Volto a fodê-la com os dedos em conjunto, e ela tenta me parar, gemendo enlouquecida.

— Me fode agora, Guilherme! — Não paro de socar meus dedos dentro dela. — Me fode...

Vejo-a se agarrar à colcha, em desespero, puxando-a, enquanto sua boceta encharca meus dedos. Meu pau dói, duro como nunca o vi antes. Retiro os dedos e a abocanho novamente, enfiando meu rosto entre suas coxas, alcançando seu clitóris com a língua, fazendo-a gozar com os dentes travados na coberta para não gritar.

Isso é o limite que eu consigo suportar, então, sem nenhum aviso, entro nela rápida e profundamente, tomando-a de assalto em meio ao orgasmo. Seguro-a pelas ancas, travado no fundo dela, esperando que ela relaxe para começar a estocar. Quando o faço, sou eu quem geme enlouquecido.

Uma estocada profunda, batendo no fundo dela, e um gemido.

Outra estocada mais forte, rebolando meu pau ao final, e travo os dentes, rosnando.

Nós dois imprimimos um ritmo novo à nossa transa, sem pressa, devagar e profundo, aliando a dor de chegar ao limite ao prazer de tomar tudo por completo. Continuo metendo dessa forma, minhas mãos marcando a pele alva de suas nádegas, meu corpo indo e voltando em câmera lenta, mas com tamanha força que nos estremece.

Os braços da Malu estão estendidos na cama, ainda agarrados à colcha como uma espécie de âncora a segurá-la durante os movimentos bruscos. Sinto o suor escorrer em minhas costas. O movimento do meu pau dentro dela causa

barulhos por conta de seus caldos.

Agacho-me no chão e empino ainda mais esse traseiro lindo. Fodo-a com fome, com pressa, de cima para baixo, balançando meu quadril freneticamente, deslizando o polegar de volta àquele buraco quente e apertado.

O gozo a faz explodir em gemidos sobrepostos, a ponto de fazê-la engasgar-se com eles. Não consigo mais me conter e, segundos depois, sinto o delicioso alívio da porra jorrando.

Desabo sobre ela, mesmo esmagando-a, mas querendo o contato com sua pele úmida e trêmula, como a minha, seu perfume exalando mais forte, misturado ao cheiro de sexo que toma conta do quarto.

Mordo seu pescoço devagar, e a safada ri, satisfeita.

— Você é louco! — exclama entre risadas.

— Mas te faço gozar gostoso, Dondoquinha! — Lambo sua orelha.

— Convencido! — provoca. — Você tem noção de que é bem mais pesado do que eu, não tem?

Saio de dentro dela e me levanto, puxando a camisinha para fora e depois a descartando no lixo. Vejo cadernos com anotações em cima da mesa, parecendo que ela está planejando algumas coisas a longo prazo, tudo muito organizado.

Vou até ela, que já se levantou, e a beijo cheio de tesão.

— Vamos tomar um banho?

Ela sorri ante minha proposta, entendendo que pretendo trepar com ela debaixo d’água.

— O gerador vai desligar daqui a alguns minutos, você sabe!

— Foda-se o gerador!

Pego-a no colo, colocando-a por sobre o ombro, e a carrego banheiro a dentro.

# 20

## Malu

AQUIDAUNA!

Olho a rua principal, cheia de lojas, e fico me sentindo maravilhada, mesmo sendo menor que qualquer bairro comercial de São Paulo. Loja significa, para mim, neste momento, liberdade!

A caminhonete do veterinário avança pelas ruas da cidadezinha, e eu olho pela janela, encantada, com o coração acelerado, ansiosa para achar logo qualquer loja de eletrônicos e comprar os equipamentos que preciso. Sorrio maleficamente ao pensar que dona Kika não previu isso!

Uma música sertaneja, dessas duplas novas, toca no som do carro, enquanto Vinícius – o veterinário – e Guilherme conversam sem parar. Há algum tempo que venho percebendo que o sotaque do Xucro é diferente dos demais. Todos aqui arrastam o erre como se faz no interior paulista, mas de uma forma diferente, com mais molejo na fala e com acentos em outras letras como d e t.

Todos, menos Guilherme!

Fico tentando imaginar de onde o peão veio, pois já sei que ele não nasceu aqui, mas não consigo identificar nenhum sotaque, afinal, pelo tempo que mora nesta região, já há mistura em seu linguajar.

A verdade é que o homem sentado no banco do carona me intriga!

Assim que cheguei, há uma semana, achei-o grosso e debochado. Ele ainda é isso tudo. No entanto, começou a temperar minhas noites de uma forma que não tenho feito há muito tempo! Guilherme é um homem que sabe me levar à loucura em todos os sentidos.

A noite em que ele invadiu meu quarto – pulando a janela como um adolescente – volta à minha mente, e fecho os olhos ao me lembrar de como ele me fez gozar, do banho safado debaixo da água fria do chuveiro, pois o gerador desligou minutos após entrarmos e, por fim, do sexo gostoso à luz do lampião.

Acordei na manhã seguinte com ele abraçado a mim de novo e fiquei um tempo sem saber o que fazer. Guilherme acordou, abrindo aqueles olhos azuis tão claros, sorriu preguiço e roçou a barba no meu rosto.

— Bom dia, Dondoquinha!

Não tive nem tempo de mandar que ele parasse com aquele apelido idiota, pois, instantes depois, estávamos trepando como dois coelhos loucos e no cio. O homem acende meu tesão igual a fogo em mato seco.

Tomamos, enfim, um banho quente juntos, e eu abri a janela, indicando o local para ele sair da casa. Para minha surpresa, ele riu, negou e simplesmente abriu a porta do meu quarto e sumiu pelo corredor. Terminei de me arrumar e fui para a cozinha, onde ele já estava, todo brincalhão com a dona Sueli.

— Bom dia, Malu! — Ela pôs o quebra-torto em cima da mesa. — Dormiu bem?

Guilherme deu um sorriso convencido, e eu revirei os olhos para ele.

— Dormi, sim, obrigada.

Dona Sueli sorriu satisfeita com a resposta.

— Fico feliz que você está conseguindo relaxar aqui *com nós*.

— Ô! — O peão gargalhou e levou um tapa da tia na cabeça.

— Sossega, guri!

Sorri para os dois, tendo a certeza de que dona Sueli sabia o que estava acontecendo entre nós. Entretanto, como ele mesmo comentara, não se metia no assunto, o que era nada mais do que natural, afinal, somos dois adultos. O meu único receio era de os tios dele serem do tipo conservador.

Para meu espanto, ele arrumou seu arroz de carreteiro com farofa e se sentou ao meu lado à mesa. Eu, embora tenha gostado muito do arroz, ainda o achava um tanto pesado para ser a primeira refeição do dia, então dispensei a

iguaria, servindo-me apenas de café preto e um pãozinho de milho caseiro.

— A Dondoquinha ainda não aguenta o quebra-torto, tia! — Guilherme debochou com a boca cheia de arroz, o que me fez olhá-lo de cara feia. O peão safado piscou um daqueles olhos cor de mar para mim e deu um sorriso cheio de malícia.

— Xucro!

Ele se aproximou e falou – já sem mastigar – no meu ouvido:

— Gostosa!

Minha pele toda se arrepiou e, por incrível que possa parecer, fiquei excitada como se não tivesse acabado de gozar havia alguns minutos. A mão dele sobre minha coxa, alisando, apertando, avançava em direção ao meu sexo, mas sem chegar lá, apenas uma promessa torturante.

Tenho certeza de que meu rosto estava afogueado, não por vergonha, mas por desejo quando a Ritinha entrou na cozinha, intercalando olhares entre mim e o Guilherme, cumprimentou-nos de forma fria e foi logo ajudar dona Sueli no preparo dos alimentos.

Bufo ao pensar na Ritinha.

Se fosse qualquer outra mulher, principalmente do meu meio profissional ou de convívio, eu a teria mandado se foder e tomar conta de sua própria vida, mas ela não era. Logo após minha noite com Guilherme, no dia do baile na fazenda, ela me procurou, magoada, ferida e se sentindo traída.

A moça já me via como uma amiga, e eu também já possuía muita consideração por ela, mesmo nesse curto espaço de tempo de convívio. Eu sempre fui assim: gosto ou detesto alguém no ato. Confesso que gostei muito da indiazinha quando a conheci, pois ela era muito diferente de mim mesma em sua idade, e isso me divertia. Sonhadora, romântica, otimista, ingênua, tudo o que eu nunca fui ou nunca me permiti ser. Desde que enfiei na minha cabeça que sair do interior e ser bem-sucedida era a chave para a felicidade, eu fui tudo, menos como ela. Eu nunca questionei minhas escolhas, nem o estou fazendo neste momento, mas o jeito doce e espontâneo da moça me fazia imaginar como eu seria se tivesse tomado um rumo diferente.

— A dona sabe que ele não tá apaixonado, não sabe? — ela me questionou à queima-roupa. — Que ele só quer se divertir entre suas coxas e nada mais.

Respirei fundo, pedindo paciência.

— Eu sei, Ritinha. — Parei de trabalhar nas minhas anotações e a olhei, parada no batente da porta do meu quarto. — Entre.

Rosto sério, corpo tenso e olhar magoado, era assim que ela se encontrava. Eu só esperava que ela não fosse chorar ou me ofender.

— Ele nunca dança — confessou, e isso me surpreendeu. — Nunca dançou

com nenhuma moça nos bailes, aqui ou nas outras fazendas. E dançou ontem com você. — Assenti, mas continuei calada, deixando que ela desabafasse. — Depois vocês dois sumiram, e ele deixou a viola – que ele nunca esquece em lugar algum – para trás, e eu soube. — Ela me encarou. — Você gosta dele?

*Ah, meu Deus!*, pensei, sem saber o que fazer, afinal, eu nunca havia tido uma conversa assim ou mesmo tivera de dar satisfações a quem quer que fosse sobre um cara com quem transara.

— Não é disso que se trata, nós...

— É só sexo? — ela interrompeu-me, e eu concordei. — Todo mundo diz que ele nunca vai olhar para mim como mulher, porque, quando veio para cá, eu era só uma menininha de tranças.

— Ritinha...

— Eu sei que não é isso! — Sorri. — Ele apenas está muito magoado com tudo o que aconteceu, e seu coração ainda não está pronto, mas, quando estiver...

Fiquei sem saber o que dizer a Ritinha. Eu não conhecia – ainda não conheço – o peão o suficiente para dizer o motivo pelo qual ele não ficava com ela. Todavia, senti-me mal, confesso, por estar transando com ele sabendo que a moça era apaixonada daquela forma e que albergava esperanças de um dia ficarem juntos.

— Eu não tenho nenhuma intenção com ele — resolvi ser sincera. — Apenas aconteceu essa atração, e somos adultos, não há nada impedindo e... — Bufei, sem saber o que falar para ela. *Que situação!* — Eu sinto ter te chateado!

Ela deu de ombros e se pôs de pé.

— Você não é a primeira e nem será a última mulher com quem ele se diverte. — *Uau!* Deu-me vontade de aplaudir a indiazinha por esse tapa sutil na cara, só não o fiz porque isso, realmente, não me importava minimamente. — Em alguns dias você vai retornar para a cidade grande, e nós ficaremos aqui. O Gui nunca moraria lá, e nem a dona, aqui, então... — Sorriu. — É só uma questão de tempo.

E, com essa frase, saiu do meu quarto, deixando-me sem fala, ainda que concordando plenamente com ela. Por mais que o sexo tenha sido bom, nunca me passou pela cabeça ter qualquer tipo de envolvimento mais profundo com o peão e, aposto, nem ele comigo.

Não vi, então, sentido em ficar alimentando aquela coisa, mesmo com o enorme tesão que ele me despertava. Sexo nunca foi prioridade, sempre foi apenas uma válvula de descarga de energia para quando eu estava muito tensa no trabalho. Eu precisava mesmo era de um modo de ter acesso à internet e poder trabalhar dali.

Essa minha resolução durou até o Xucro pular minha janela e me

enlouquecer de prazer a noite inteira.

A caminhonete para no que parece ser uma praça. Viemos mais devagar porque trouxemos o carro tracionado que estava parado na fazenda para deixá-lo no mecânico. Na direção do outro veículo veio o peão que sempre mexe comigo, o tal do Jonas, e mais dois temporários que irão receber o salário na cidade e já ficar aqui vieram com ele.

Guilherme não pareceu nada feliz quando o seu Sandoval anunciou que o Jonas iria voltar para a fazenda conosco e que iria ficar mais um tempo ajudando na lida. Pelo que pude entender, seu Sandoval quer montar uma comitiva para levar boa parte do gado até um famoso leilão em Corumbá – o que fará com que fiquem dias na estrada – e por isso precisa do peão.

Tudo bem que desgostar o Guilherme é algo muito fácil, como percebi quando, depois de mais uma noite dormindo no meu quarto, ele me contou que viria para Aquidauana e eu insisti para vir junto.

— Já com falta da cidade, Dondoquinha?

Ri, já não tão chateada com o apelido, embora seja ridículo.

— Eu preciso de um computador. — Ele franziu a testa. — Esqueci o meu em casa e tenho que fazer algumas anotações e mandar alguns e-mails.

— Resumindo: quer trabalhar! — Gargalhou. — Por que não aproveita um pouco as férias? — Passou a mão pelo meu corpo. — Por que não se aproveita de mim?

Gemi quando ele introduziu dois dedos no meu interior e esfregou o polegar no meu clitóris.

— Já estou aproveitando, mas, quando você está ocupado, fico muito entediada. — Fiz beicinho na minha encenação.

— Certo! Desde que não me troque pelo computador...

Abocanhou meu mamilo, e eu pensei que seria bem capaz de, em algum momento, isso acontecer, mas eu estava disposta a deixar uma brecha na minha agenda para ele.

Depois que o sexo terminou – nós dois sem fôlego, suados e agarrados um ao outro –, ele anunciou que pediria para sua carona até Aquidauana, o Vinícius, levar-me também.

Desço da caminhonete e estico meu corpo. O trajeto de uma hora e meia não é muita coisa, mas a estrada não é nenhuma maravilha de primeiro mundo, por isso a dor no meu traseiro.

— Bem-vinda à cidade, dona! — Jonas me saúda com um sorriso, tirando o chapéu.

— Obrigada! — mal respondo e sinto o braço do Guilherme em minha cintura.

— Larga mão de corpo mole, guri, e apura-te até a oficina! — ordena ao pobre peão, que assente, visivelmente chateado com a missão. — Satisfeita com a cidade, Dondoquinha?

— Assim que achar uma loja que venda o que quero. — Ele gira meu corpo e aponta para o outro lado da rua. — Ah... informática!

Encaro-o com um largo sorriso, e ele me beija deliciosamente indecente no meio da calçada. Meu Pai! Eu me agarro a ele, retribuindo o beijo como se há muito não o beijasse, minha pele reconhecendo a dele, meus lábios carentes dos seus.

A intensidade do desejo que sinto é tão grande que, mesmo sempre detestando qualquer tipo de demonstração de afeto em público, estou agarrada a ele em plena praça pública, como dois adolescentes saudosos e cheios de hormônios.

Após o beijo, ficamos de rostos unidos, olhos fechados, esperando que o som reverberante cesse entre nós e pare de tremer tudo a nossa volta.

— Senti falta do seu corpo na viagem, Malu.

Abro os olhos, encarando-o, sem notar qualquer tipo de brincadeira ou deboche. O tom de sinceridade aliado ao uso do meu nome e não do apelido faz com que essa frase atinja algum lugar desconhecido dentro de mim.

— Eu também, Guilherme — confesso.

— Voti, larga a mulher, Gui! — Vinícius grita do outro lado da praça.

Guilherme ri e se afasta, sem jeito, um pouco como se saísse de um transe.

— Eu estarei na Casa do Criador. — Aponta para uma enorme loja. — Se não estiver lá, estarei no banco, na outra quadra.

Assinto, e ele se despede.

Sigo em frente, em direção à loja de informática e, chegando lá, já fico feliz ao ver um laptop na vitrine – bem mais caro do que eu compraria em São Paulo – e muito modelos de celular.

Faço a compra de um laptop e um smartphone intermediário, com boa memória e muitos recursos, além de pen-drives – já que não sei como é o fornecimento de internet na fazenda para colocar meus arquivos em depósitos online –, feliz por a loja aceitar cartão de débito, não precisando usar o dinheiro que trouxe para emergências.

Saio da loja com o celular habilitado com chip de operadora – embora saiba que não irá pegar na fazenda – e com os Apps de mensagens instalados. Assim que coloco meu e-mail, todos os meus contatos do celular que Kika surrupiou da minha bagagem aparecem, e eu quase solto fogos de felicidade.

*Agora, sim, Malu, você se sentirá completa novamente!*

De volta ao trabalho!

# 21

# Guilherme

— EU CONSIGO ENTREGAR o carro daqui a uns dois dias — Maurício, um dos melhores mecânicos que já conheci, dá seu veredito. — Quando você conseguirá voltar para buscar?

Se eu levar em conta que não venho à cidade há quase cinco meses exatamente por estar sem meio de transporte, a volta não é uma perspectiva animadora. Na verdade, só vim para cá agora por causa dos pagamentos que tinha que fazer e porque o veterinário nos trouxe e nos levará de volta, deixando-nos próximo a Paraíso, pois seguirá para outra fazenda na nossa região.

Não faço ideia de quando o Vinícius irá voltar para Aquidauana, e, já que o carro não vai demorar muito a ficar pronto, a ideia de ficar na cidade me é muito tentadora. Entretanto, eu preciso considerar que trouxe Malu comigo e que, talvez, ela não queira ficar por aqui.

Há pouco tempo ela chegou toda animada, com duas sacolas da loja de

informática, informando que não tinha apenas comprado um computador, mas também um celular novinho. Estranhei ela ter vindo para o Mato Grosso do Sul sem seu telefone, mas fiquei admirado com a sua empolgação com as compras. Só não esperava que esse mesmo entusiasmo se estendesse às lojas de roupas!

Olho pelo portão da oficina, lembrando-me de ter deixado a Dondoquinha dentro de uma enorme loja de roupas – a maior da cidade – mostrando alguma coisa na vitrine para a vendedora que a estava atendendo. Sei que a situação de usar roupas emprestadas sempre a incomodou, mas eu sinceramente gosto de vê-la de jeans e camiseta e...

Meus pensamentos trombam um com o outro e meu cérebro derrete quando ela aparece em um esvoaçante vestido florido, saia rodada, cintura justa e um decote delicioso. Nos pés, calça botas sem salto, de cano médio, femininas e muito mais agradáveis que as botinas da minha tia.

Vou caminhando para fora do galpão sem ao menos dar uma resposta ao mecânico, devorando-a com os olhos, curtindo cada passo que ela dá em minha direção. Ela é linda demais! Sorriso perfeito, que repuxa os olhos um pouco, deixando-os apertadinhos, dentes retos e brancos, nariz pequeno e feminino.

Os cabelos loiros, que, a julgar pelo pouco de pelos que vi no resto do seu corpo, são naturais, balançam soltos enquanto Malu caminha. Vejo alguns homens olhando-a assim como estou fazendo e cerro os punhos, sentindo uma vontade primitiva de gritar a todos que ela é minha.

Atravesso a rua e a ajudo com as dezenas de sacolas que carrega.

— Se divertiu nas compras? — Rio ao levantar as sacolas cheias de roupas e sapatos.

— Bastante! — Ela realmente parece divertida. — Há muito tempo não entro em uma loja para comprar nada! — Olho-a, incrédulo. — Geralmente as marcas que uso mandam algumas peças para eu experimentar e escolher em casa.

*Ah! Ainda mais dondoca do que eu imaginava!*

— Você gostou daqui, não é?

— É o mais próximo da civilização que eu chegarei perto nessas semanas, então, sim, gostei bastante daqui! — Dá uma piscadinha safada.

— O carro fica pronto no máximo até depois de amanhã, mas, se eu voltar à fazenda hoje, sabe-se lá quando vou conseguir voltar aqui sem transporte, e, mesmo para eu vir a cavalo, eu ficaria com o problema de voltar depois com o animal. É desnecessário, então, voltar...

Ela para de caminhar.

— Está pensando em ficar aqui até o conserto?

— Sim — respondo de pronto. — E você ficará comigo!

Ela levanta a sobrancelha.

— Não me lembro de ter sido consultada sobre a questão.

— Você veio comigo, então, permanece comigo. — Dou de ombros. — Simples assim, Dondoquinha!

— Que eu saiba, não vim com você, mas sim com o veterinário, que, por sinal, está voltando para lá hoje.

Sinto meu sangue ferver apenas ao imaginá-la com o Vinícius e com o Jonas numa viagem no meio do nada. Sem chance!

— Como eu disse, você veio comigo. Não me lembro de você ter pedido a nenhum outro para trazê-la... — Chego bem perto dela. — Agora, eu me lembro bem de você gozando e em seguida falando que gostaria de vir comigo. — Ela geme quando meu corpo encosta no seu, evidenciando o constante estado ereto do meu pau quando estou perto dela. — Teremos dois dias para aproveitar a cidade, um quarto de hotel só para nós dois e muitos gemidos orgásticos para seu diário de viagem.

Malu sorri, e eu sinto meu peito estufar por ter ganhado a disputa sem muito esforço.

— Está certo, eu fico. Aqui tem sinal de celular, afinal, e eu tenho que fazer muitas ligações. — A diaba sorri vitoriosa para mim e volta a caminhar como uma deusa.

*Puta que pariu, que mulher gostosa!*

O hotel no centro da cidade não é nada extraordinário, inclusive é mais simples que o quarto que ela ocupa na fazenda. A única vantagem é a banheira de hidromassagem, da qual eu fiz questão. Quero ter a Malu montada sobre mim dentro da água quente!

A Dondoquinha olha tudo em volta, desde o piso simples de madeira até a cama *queen*, que, na verdade, é a junção de duas camas de solteiro. O armário é feito de alvenaria, com portas de venezianas como as da sacada e só possui três cabides.

Não é o melhor nem o pior hotel da cidade, embora estejamos em seu melhor quarto, mas, como eu fiz questão de pagar a estada, é o máximo que meu dinheiro suporta. Malu ficou bem chateada de não poder dividir a conta comigo, mas eu lhe expliquei que a ideia de ficar na cidade foi minha, então nada mais justo do que eu arcar com as despesas.

Assim que paguei a hospedagem, liguei para o meu tio e informei que iria

esperar aqui pelo conserto, o que ele achou uma ótima notícia, mesmo ainda contrariado por eu estar pagando pela manutenção do veículo.

— Esfriou muito! — Malu comenta ao fechar a porta da sacada do quarto. — O tempo aqui não tem meio termo, não é? De dia faz sol e calor, à noite parece que vai nevar!

Rio sentado na cama, tirando as botas.

— Vamos tomar um banho quente, trocar de roupa e ir até o restaurante de um amigo. — Ela não parece muito animada. — Vamos ouvir um pouco de música e tomar caldo de piranha. — Dessa vez ela faz careta e olha para o computador em cima da mesinha do quarto. Isso me irrita um pouco, mas dou de ombros, tirando toda minha roupa e indo resmungando em direção ao banheiro. — *Si fueris Romae, Romano vivito more.*[20]

— O quê?

Paro no meio do caminho, percebendo a surpresa na voz da Malu, sem entender ao que ela se refere.

— Você disse um provérbio em latim?

*Puta que pariu!* Bufo pelo ato falho. *Merda!*

— Sim, já ouvi isso algumas vezes, aprendi! — disfarço. — Qual o problema, Dondoquinha, um peão xucro como eu não pode repetir palavras como um papagaio?

Meu tom de cinismo não tira, em nenhum momento, o olhar desconfiado dela.

— Você não repetiu como papagaio! Sabia muito bem o que queria dizer e pronunciou perfeitamente a língua. — Malu cruza os braços. — O que você esconde, Xucro?

Gargalho com a perspicácia dela, sem, no entanto, nenhuma vontade de lhe contar minha história. Os únicos que sabem o motivo pelo qual vim para cá são meus tios. Os dois ouviram minha história, entenderam-me e me acolheram, mesmo achando que eu estava errado. Para eles, eu estou fugindo de encarar um problema. Para mim, estou apenas deixando tudo para trás.

— Vem para o banho comigo, Malu. — Estendo a mão para ela.

A mulher não se move, mas seus olhos não resistem a olhar para minha excitação. Vejo-a prender o fôlego, ainda sem se mexer, e penso que está lutando consigo mesma sobre continuar a inquirição sobre minha vida ou apenas curtir o momento.

Ela é mais teimosa que eu!

Ando decidido até ela, viro-a de costas para mim, descendo o fecho do vestido e o tirando dos ombros. Malu relaxa os braços, e a peça cai a seus pés, revelando a minúscula calcinha preta.

Gemo ao espalmar minhas mãos em suas nádegas, apertando-as levemente.

— Vamos para a banheira! — Pego-a no colo, arrancando um gritinho de surpresa. — O caldo de piranha pode esperar um pouco!

A hidro não é lá grande coisa também, apertada, não é para casal, como eu queria, mas vai servir ao propósito. Deixo Malu sentada na beirada e abro a água quente, fechando o ralo e adicionando espuma. Entro na banheira sem ter quase nada de água ainda e seguro Malu pela cintura, trazendo-a até mim.

— Enquanto ela enche, você rebola um pouco na minha cara! — A safada sorri com a ideia. — Estou com fome do seu gosto!

Deito minha cabeça para trás, e ela se posiciona com minha cabeça entre suas pernas e as mãos apoiadas na beirada. Chupo-a por cima da calcinha e depois jogo a peça para o lado, mergulhando minha língua dentro dela com vontade, sugando e bebendo toda sua excitação.

Depois, com a água já na metade, Malu me cavalga como uma amazona experiente. O sexo é rápido, intenso, deliciosamente safado e prazeroso.

— Estou começando a sentir fome — aviso-lhe muito tempo depois.

Malu ronrona entre meus braços e pernas dentro da banheira de água tépida e com muitas borbulhas. Sorrio e beijo o topo de sua cabeleira loira.

— O caldo de piranha podia ficar para amanhã... — sua voz é sonolenta e satisfeita.

— Não, senhora! — Levanto-a um pouco. — Comemos mal no almoço, só um lanche rápido, agora precisamos de algo mais nutritivo. Vamos!

— Você parece um morto de fome! — Bufa ao se levantar.

— Já viu meu tamanho, dondoca? Não me contento apenas com folhas de alface, não!

Ela olha para o meu corpo detalhadamente e, óbvio, meu amigo logo reage ao olhar.

— Por que tantas tatuagens? — ela indaga de repente.

Respiro fundo.

— Sempre gostei. — Saio da banheira, pego uma toalha para ela e outra para mim. — Fiz a primeira assim que completei a maioridade. — Aponto para o desenho no interior do meu bíceps.

— O que significa?

Não me parece ser próprio dela tamanha curiosidade, mas as tatuagens são assuntos mais tranquilos de falar, então respondo:

— Fiz em homenagem à minha mãe. — Mostro a pena. — Ela era metade índia, como o tio Sandoval, e, além disso, amava escrever.

Malu aponta a que tem no ombro, três estrelas.

— Faço uma a cada vez que ganho uma promoção. — Ri de si mesma. —

Sei que é meio ridículo, mas...

— Não é. — Toco cada uma delas com a ponta do dedo. — A tatuagem tem que fazer sentido apenas para quem está gravando-a no corpo, foda-se o resto. — Seus olhos castanhos estão fixos nos meus. — Você gosta delas?

— Sinto orgulho, porque sei o quanto foi difícil pôr cada uma aí.

Sorrio, sentindo orgulho dela também.

— Então elas são perfeitas!

O clima entre nós fica denso, diferente do de provocação, do sexual, que sempre permeou nossos encontros. Meus dedos percorrendo cada linhas das suas tatuagens, a forma como senti o quão importante aquelas conquistas são nos conectou.

Eu me afasto, desejando não ter sentido nada disso, afinal, Malu não cabe na minha vida e nem eu, na dela. Eu não preciso cometer os mesmos erros sempre, já aprendi demais com os do passado.

— Não demore a se arrumar, porque meu estômago está quase comendo o esôfago — falo a gracinha para quebrar o clima, e o que vejo em seus olhos prova que aquilo que senti há pouco não foi unilateral. Deixo-a sozinha no banheiro e parto para pegar minhas roupas, agradecendo por ter tido a brilhante ideia de comprar um par de cuecas novas, meias e duas camisas.

Sento-me na cama e olho para a porta do banheiro.

*O que foi aquilo?!*

# 22

## Malu

*O QUE FOI isso?!*

Seguro a toalha contra o corpo, mas sem me secar, ainda tentando entender o que aconteceu há alguns minutos. É claro que há muita química entre mim e o Xucro, mas o que senti agora, a empatia dele quando falei das minhas estrelas e do significado delas na minha vida, isso, eu não esperava sentir.

O toque dele mudou na minha pele, ou talvez seja a percepção do meu corpo ao seu, a conexão estranha que se estabeleceu. Eu simplesmente não faço ideia do que houve. Enrolo-me na toalha, pensando no misterioso homem com quem tenho dividido a cama nesses últimos dias, tendo a certeza de que ele não é esse peão xucro que se mostra. O jeito que ele fala, até a pronúncia de algumas palavras mudou. A forma como ele disse o ditado latino me deixou embasbacada. Nem todo mundo conhece esse ditado e muito menos na língua original. A curiosidade que eu já tinha sobre ele, sobre a vida dele antes de

chegar à fazenda agora é insuportavelmente maior.

Ele esconde algo!

Ou então... Encaro-me no espelho.

— Ele está se escondendo!

A constatação disso me deixa perturbada. Eu não sei absolutamente nada sobre a vida dele e, se fosse uma transa do tipo que eu tinha em São Paulo – aquela de alívio e depois nunca mais –, não precisaria mesmo saber, mas a coisa agora já está indo além do que eu já fui com qualquer outro parceiro. Não no sentido de sentimentalismo, mas por estarmos mantendo uma frequência, dividindo cama e até um quarto de hotel...

Suspiro ao pensar que estou totalmente à sua mercê, mas que, por enquanto, não tenho motivos para desconfiar de seu caráter, mesmo porque, pelo pouco que conheci de sua família, parece-me que são pessoas muito corretas.

Enrolo-me na toalha e vou para o quarto, porém, Guilherme não está lá. Talvez o peão tenha decidido ir tomar seu caldo sozinho, o que me enerva por sua grosseria, e eu procuro um pijama entre as coisas que comprei.

A camisola longa, rendada, resvala entre meus dedos, fazendo-me sorrir ao lembrar que a escolhi para o peão, para mais uma noite ao seu lado. Eu nunca comprei algo para agradar alguém, não no sentido sexual, então o impulso de ter escolhido essa camisola é, ao mesmo tempo, surpreendente e aterrorizante.

Um barulho nas portas da sacada chama minha atenção, e me viro no momento em que ele entra no quarto, já arrumado com seu jeans, sua camisa nova flanelada, chapéu e botas.

— Pijama? — Aponta para as duas peças de seda na minha mão. — Você não quer mesmo ir comer?

— Pensei que você já tivesse ido. — Dou de ombros, e ele franze as sobrancelhas. — Eu quero ir, sim!

Guilherme sorri, mas não se aproxima, nem mesmo quando tiro a toalha para colocar a lingerie novinha que comprei.

— Está bem frio lá fora — comenta. — Você comprou roupa quente?

Assinto, retirando da sacola uma calça jeans modelo *flaire*, uma blusa de lã e uma jaqueta de couro. Ele não diz nada enquanto me arrumo, mas, assim que fico pronta, vejo o brilho em seus olhos, e seu sorriso demonstra que gostou da produção.

— Agora estou mais no meu estilo — justifico-me sem jeito.

— Gostava de você com as roupas apertadas também, mas realmente assim ficou melhor. — Aproxima-se, pegando-me pela cintura. — Vamos?

Caminhamos por pouco tempo até o bar rústico, de tijolos de barro maciço e madeira, porém, muito limpo e organizado. Guilherme, ao que me parece,

conhece a todos, e, a cada encontro, mostra-se bem feliz em rever alguns amigos.

A cada passo sou apresentada a tantos homens – peões em sua maioria – que não me lembro mais de um só nome. O bar está lotado, há uma dupla sertaneja tocando em um pequeno tablado, e, à sua frente, alguns casais dançam coladinhos. Abro um sorriso ao me lembrar da noite em que o Xucro me tirou para dançar no baile na fazenda.

Há muitos anos eu não dançava com ninguém daquele jeito, na verdade, nesses poucos dias que estou aqui, tenho redescoberto prazeres que há muito tempo não experimentava. Olho para o homem ao meu lado, admirada por sua beleza, mesmo com a pele queimada de sol e as ruguinhas ao lado dos olhos.

Dificilmente ele passaria despercebido em qualquer local que frequentasse, mesmo em São Paulo. Um banho de loja, uma boa *barber shop* para acertar um corte mais estiloso do que esse, de somente passar a máquina e manter o cabelo baixo, e a barba mais tratada... Interrompo meus pensamentos, levemente assustada com o rumo que eles tomaram.

Guilherme em São Paulo? Por que o peão iria querer deixar a fazenda para se aventurar na cidade grande? E a pergunta mais importante: por que eu estou imaginando o homem por lá?

Claro que, se eu o encontrasse em algum bar ou em uma boate, certamente ele chamaria minha atenção – e não só a minha, diga-se de passagem –, o porte, os músculos, os olhos azuis, todo o conjunto masculino seria impossível de ser ignorado. Rio, balançando a cabeça, ao constatar que, para encontrá-lo em alguns desses locais, eu precisaria frequentá-los também, e não faço isso há mais de um ano.

A verdade é que eu já devo ter perdido a oportunidade de encontrar muitos "Guilhermes" por aí pelo simples fato de não os estar procurando. Minha carreira consome minha vida, preenche meus dias e me satisfaz.

Só estou divagando sobre isso por causa do ócio, mas isso será resolvido muito em breve, assim que eu começar a trabalhar no meu computador recém-adquirido! Um sorriso gigante se expande em meu rosto.

— Dondoquinha, você está com cara do gato que comeu escondido o canário! — Guilherme mexe comigo, e eu sorrio ainda mais, sentindo-me exatamente assim, erguendo mentalmente meu dedo médio para a Kika lá em São Paulo. *Achou que poderia me deter? Toma, distraída!* Eu o agarro pelo pescoço, movida pela sensação de vitória sobre minha amiga, também pelo tesão que sempre está no ar quando ele e eu estamos próximos.

— Me leva para dançar, cowboy!

O sorriso dele se abre em câmera lenta, e em nenhum momento ele tira os

olhos dos meus. Sou agarrada pela cintura, esmagada contra seu corpo, sentindo de imediato o pênis duro contido pela calça. Um arrepio cruza minha coluna, e eu rebolo ao som do sertanejo universitário, as mãos dele deslizam e seguram minhas nádegas.

— Safada, vem dançar!

Guilherme me carrega até a pista, encaixa sua perna entre as minhas, segura-me firme contra seu corpo e começa a me conduzir, a dança hoje totalmente diferente da do baile na fazenda, mais sensual, seguindo a melodia e a letra sensuais, deixando-o demonstrar o excelente bailarino que é.

Sigo-o, concentrada em seus movimentos, sentindo sua perna roçando diretamente sobre meu clitóris, embora protegido pela calça e a peça íntima. O safado mói seu corpo contra o meu a ponto de me fazer gemer. Fecho os olhos e me permito apenas sentir as reações que ele desencadeia em meu corpo.

A música muda, e escuto sua voz baixinha acompanhando a letra, sinto seu hálito quente soprando em meu ouvido, a barba resvalando minha orelha e, até mesmo, uma língua quente e molhada fazendo o contorno dela.

*Deus, o homem quer me enlouquecer!*

— Se continuar assim, vou gozar aqui no meio da pista — provoco-o e sou recompensada com um gemido sofrido dele.

— Não com esse monte de macho aqui em volta. — Encara-me. — Seu gozo é exclusivamente meu, Dondoquinha.

Sua boca toma a minha com fúria, enquanto suas mãos imobilizam-me pelos cabelos, segurando-os firme, puxando-os. É uma loucura o que ele faz com a língua, a forma como chupa meus lábios ou apenas os lambe devagar. O beijo parece íntimo e sugestivo demais para eu não imaginar sua boca entre minhas pernas, o que acaba por me deixar ainda mais úmida e excitada.

— Eu quero você, Xucro... — gemo em desespero quando ele volta a dançar, beijando meu pescoço. — Eu quero você agora, Guilherme!

Ele para o que está fazendo e sorri satisfeito. Minha respiração está acelerada, sinto os lábios ardendo e inchados, meu rosto deve estar todo vermelho, e os cabelos – pela forma com que ele me segurou – devem estar uma bagunça.

— Você é linda, Malu! Quer voltar para o hotel?

*Sim!*, quero gritar e já sair correndo, mas meu lado racional manda-me acalmar e não agir como uma ninfomaníaca. Ele disse que estava com fome, e, na verdade, eu também estou. Podemos fazer sexo mais tarde, a noite toda, de preferência e, quem sabe, pela manhã também.

Respiro fundo.

— Vamos comer e depois voltamos.

Recebo um olhar questionador e um tanto analítico. No entanto, ele concorda e me conduz de volta à área das mesas, onde estávamos antes de a dança começar.

— Ei, Firmino! — ele grita para um dos garçons, e eu não me assusto mais por ele saber o nome do homem, afinal, ele parece conhecer todo mundo nesta cidade. — Dois caldos e duas cervejas trincando!

Em seguida – e para meu total assombro – puxa uma cadeira para que eu me sente e toma assento de frente para mim. Meu rosto, principalmente pelo fato de eu estar tentando segurar o riso, deve tê-lo alertado para a surpresa ante seu gesto.

— Sei ser galante com uma dama, Dondoquinha! — Pisca.

— Até quando você vai ficar me chamando desse apelido tão ridículo? Eu não tenho absolutamente nada de dondoca em mim!

Guilherme se recosta na cadeira de madeira e cruza os braços sobre o peito.

— Certo, Maria da Luz. — Bufo pelo uso do meu nome completo. — Também não gosta?

O sorriso de provocação o deixa ainda mais gostoso, mas eu o ignoro.

— Não pode simplesmente me chamar como todo mundo o faz? MA-LU. — pronuncio devagar e separando as sílabas, porque talvez ele seja burro demais para entender.

— Certo, MA-LU — Rolo os olhos para ele. — Fale-me sobre você.

O pedido me sobressalta, pois eu nunca imaginei que ele quisesse ter esse tipo de conversa, afinal, tudo o que temos em comum é a maldita química que se instalou desde que nos conhecemos.

— Por quê?

Guilherme gargalha.

— Você é a primeira mulher que eu conheço que me responde com uma pergunta! — Apoia os cotovelos sobre a mesa e o queixo sobre as mãos, encarando-me. — Porque eu quero saber um pouco mais sobre a mulher que estou fodendo.

*Ah, peão, não provoca!*

— Terei reciprocidade na conversa? — Ele franze o cenho, e eu bufo. — Não se faça de besta, que eu sei muito bem que você entendeu o que eu quis dizer, Xucro.

— Certo. — Ri. — Terá, sim.

O garçom chega com as duas garrafinhas de cerveja, deixando-as na mesa e informando que o caldo sairá em seguida. Guilherme se oferece para abrir a minha *long neck*, mas dispenso, tirando a tampa com facilidade e tomando um belo gole da cerveja estupidamente gelada.

— O que você quer saber de mim, peão?

— Qualquer coisa que queira me contar. — Bebe sua cerveja.

— Nasci no Rio Grande do Sul. — Ele parece se surpreender. *Eu sei, peão, não tenho sotaque, lutei muito para perdê-lo!* — Tenho 33 nos, sou formada em economia, pós-graduada latu e stricto senso, trabalho há mais de uma década na mesma empresa e estou perto de ganhar uma promoção.

— Currículo bacana, mas e sua vida pessoal?

— O que tem ela?

Guilherme fica um tempo mudo, e eu quase posso ouvir os sons das descargas elétricas de seus neurônios se comunicando.

— Você tem alguma vida pessoal além do trabalho? Família, amigos, namorado...

É a minha vez de gargalhar com vontade. Ele é impressionante!

— Você fez essa volta toda apenas para perguntar se eu tenho um namorado?!

— Claro que não! — Mas não consegue segurar o riso.

— Não tenho tempo para isso, peão! — Ele levanta uma sexy sobrancelha questionadora. — Namoros demandam tempo, e eu estou comprometida 24 horas com a minha carreira.

Ele fica sério e vira uma golada gigante de sua cerveja.

— Agora é minha vez.

Tento continuar a conversa, disposta a arrancar algumas respostas dele, mas sou interrompida pelo garçom, que nos entrega duas cumbucas de barro soltando fumaça de um caldo cheiroso que faz meu estômago até roncar. Guilherme aproveita para pedir mais bebida e alguns pãezinhos para acompanhar.

— Prove o caldo, Dondoquinha, e depois me diga se não é a melhor coisa que você comeu. — Pego a colher e faço o que ele sugeriu, comprovando o que ele disse. — Sabe o que é o melhor?

— O quê, peão? — pergunto já sem vontade de conversar, apenas de degustar esse caldo bem temperado com um rico sabor de peixe.

— Dizem que é afrodisíaco!

Quase engasgo com o caldo, e o Xucro gargalha, começando a comer de seu bocado. Olho para minha cumbuca e depois para o homem à minha frente. Nossa maratona sexual tem sido intensa sem a ajuda de nada para nos acender, imagina se a história do caldo for realmente verdade?

Volto a comer com um sorriso malicioso e o escuto gemer ao perceber que comprei a ideia.

# 23

# Guilherme

AS GARRAFINHAS DE cerveja se acumulam sobre a mesa junto às cumbucas de caldo e às iscas de peixe que pedi depois. Estou surpreso com a Malu, gratamente surpreso, por ela não ser uma mulher cheia de melindres, o que me faz pensar que eu a julguei mal.

Realmente ela não tem nada de dondoca!

A conversa entre nós fluiu gostosa, por vezes ela me perguntou do funcionamento da fazenda, principalmente em épocas de cheia. Contei a ela as inúmeras lendas que circundam esse lugar, as crenças dos índios, os costumes locais.

Ela, mais solta por causa da bebida, divertiu-me cantando – errado – algumas músicas antigas e novamente me levou à loucura na pista de dança. Sinceramente não sei o que essa mulher tem a ponto de mexer comigo desse jeito. A noite no bar está sendo ótima, mas tudo o que eu quero é levá-la de volta

ao hotel e amá-la durante toda a noite.

*Amá-la...*

Há muito tempo eu não vejo o sexo dessa forma e não será com ela que começarei a ver. Nossa relação tem prazo determinado, com dia e hora para acabar, muito embora, mesmo que não tivesse, estaria fadada ao fracasso.

Apesar de não ser uma dondoca, como eu mesmo tenho comprovado, ela ainda me lembra a vida que deixei para trás. A dor do passado alfineta meu coração, fazendo-me respirar fundo para não me entregar a ela. Eu escolhi mudar, escolhi deixar para trás o homem que eu era, o homem que pôs tudo a perder, e começar de novo.

Malu, que estava no banheiro, vem andando em minha direção, mas, antes de chegar a nossa mesa, é interceptada por um homem visivelmente bêbado. Ela tenta desviar-se dele, mas o desgraçado a segura pelo braço.

Levanto-me enfurecido, disposto a socar a cara do sacana, mas ela, mesmo com toda sua graça e feminilidade, torce o braço do homem e o ameaça a ficar sem as bolas se tocá-la novamente. Eu, claro, gargalho do homem e a tomo pela cintura.

— Você acaba de estragar meu papel de salvador de donzelas incautas.

Malu, ainda enfurecida com o assédio do homem bêbado, encara-me com “sangue nos olhos”, completamente enfurecida.

— Não preciso de um salvador e não sou incauta!

Meu pau reage na hora, e o tesão extrapola todos os limites considerados saudáveis ao ouvir seu tom. Sem pensar, pego-a abaixo dos quadris, levantando-a sob protestos e a jogo por sobre o ombro como um homem das cavernas.

— Essa mulher é minha, palhaço! — rosno para o babaca que ousou tocá-la sem permissão. — Toque-a de novo, e eu te faço engolir os bagos.

Saio marchando com Malu por sobre os ombros ainda protestando, grito para o Firmino que virei acertar a conta amanhã e rumo para o hotel onde estamos hospedados, embora minha vontade seja apenas de encostá-la à parede de algum beco escuro e fodê-la até que ela goze no meu pau.

— Seu xucro, imbecil, me põe no chão! — Ela soca minhas costas.

— Estamos chegando, te acalme! — Dou um tapa em sua bunda, e ela bufa, o que me faz rir. — Você tem noção de como eu fiquei duro ao ouvir você ameaçando o imbecil lá do bar?

Ela ri e depois geme quando passo a mão pela sua coxa e a subo até sua boceta protegida pelos tecidos da calça e da calcinha.

— Eu tive aulas de Krav Maga há alguns anos. Sei me defender sozinha.

— Você me excita como uma diaba, Dondoquinha! — Abro a porta do quarto onde estamos e a coloco no chão, mas sem a deixar se afastar de mim. —

Você me deixa louco, Malu.

Em resposta, ela segura-me pela nuca, atraindo-me para um beijo delicioso, demorado, apenas nossas bocas degustando uma à outra, as línguas se roçando devagar. Minhas mãos escorrem ao longo de todo seu corpo, desde os ombros até a bunda dura e gostosa.

Agarro-a pelos quadris e a prendo a mim, excitado com seu beijo sexy e demorado, pela noite que tivemos juntos no bar ou somente por ela comigo. Nossos corpos se reconhecem, se atraem a todo momento, a química entre eles é única e deliciosa.

Quero essa mulher de um modo tão intenso que não tem comparação com nada que senti anteriormente. Foi inesperado, contra minha vontade, mas impossível resistir ao chamado de nossos corpos quando eles se encontraram.

Pego-a no colo, ela abraça meus quadris com as pernas e segura firme em minha cabeça, puxando como pode os fios curtos dos meus cabelos.

Deito-a na cama, ficando por cima dela, devorando-a com o olhar. Não há necessidade de palavras, a bebida nos soltou, e o tesão está nos levando às alturas, não há segredo de como nos queremos esta noite. Eu vejo em seus olhos castanhos e acredito que ela também vê nos meus a intensidade do desejo que compartilhamos.

Retiro sua jaqueta de couro e puxo a malha de lã de dentro da calça, expondo seu abdômen, o umbigo, as costelas. Beijo o local, e Malu se contorce, gemendo. Abro o botão e o fecho da calça jeans, e ela se ergue levemente para eu tirá-la, puxando as botas junto e jogando tudo no chão do quarto.

Ergo seu pé direito e o beijo, chupando o dedão, descendo pelo calcanhar, subindo pela sua panturrilha com uma trilha de beijos, lambendo o joelho e arrastando minha língua pelo lado interno de sua coxa, porém, parando antes de chegar a sua boceta e recomeçando tudo do lado esquerdo.

Enfio minha cara entre suas pernas, esfregando meu rosto por cima de sua calcinha, de baixo para cima e desfazendo o contato já de volta à sua barriga. Malu senta-se na cama e se livra de vez da blusa, expondo o sutiã simples e estampado, mas que deixou seus peitos ainda mais perfeitos.

— Você é linda! — declaro antes de devorar seus peitos por cima do sutiã, abrindo o fecho em suas costas, afastando-me para lhe assistir tirar a peça e a jogar para o lado. — Porra, Malu, você é linda!

— Quero gozar, Guilherme... — ronrona.

— Você vai... — Abraço-a e sussurro em seu ouvido: — Você vai gozar na minha boca enquanto eu mastigo sua boceta, fodendo-a com minha língua. — Sinto minhas costas serem arranhadas pelas suas unhas. — Depois vai gozar no meu pau enquanto o soco em você com força e, por último, vai gozar na sua

mão, enquanto se masturba e eu te como gostoso.

Invado sua calcinha com a mão e sinto o quanto minha Dondoquinha está excitada. Uso seus próprios caldos para facilitar os movimentos dos meus dedos, ora entrando em sua boceta quente, ora apenas esfregando seu clitóris duro.

Malu se deixa cair de costas sobre o colchão, e eu aproveito o acesso e começo a exploração pelo seu corpo, chupando primeiramente seus seios deliciosos para depois seguir caminho em direção ao local onde minha mão trabalha sem parar.

Retiro sua calcinha, e ela abre bem as pernas, oferecendo-me seu sexo molhado para minha contemplação e satisfação. Puxo-a pelas coxas até a beirada da cama, abaixo-me e lambo com a ponta da língua apenas sua virilha, contornando devagar o local onde quero mergulhar. Retiro o dedo de dentro de sua boceta, brilhando com sua lubrificação e, após uma lambida longa sobre seu rabo, introduzo-o entre suas pregas apertadas, fazendo-a gemer alto ao acompanhar o movimento invasivo enquanto abocanho tudo, sugo seus lábios íntimos, enfio minha língua dentro de sua vagina.

A resposta dela, do seu corpo às minhas carícias me deixa louco e, consequentemente, aumenta ainda mais minha vontade de estar em seu interior, fodendo-a de todas as formas possíveis e imagináveis.

Malu demora pouco a gozar, e eu me ergo para tirar todas as peças de roupa para me juntar a ela. Estremeço inteiro ao sentir suas mãos sobre meu tronco. A safada, com um sorriso satisfeito, está sentada na beirada da cama, pernas abertas, seios empinados em minha direção.

— Minha vez, cowboy.

Malu puxa minha cueca para baixo e, sem nenhuma reserva, deliro ao ver a ponta do meu pau sumindo dentro de sua boca gostosa. Meus movimentos são involuntários, o tesão, enorme, então em poucos minutos estou socando meu pau em sua boca, batendo a cabeça dele no fundo de sua garganta, segurando-a pelos cabelos enquanto a fodo sem parar.

Suas mãos seguram minhas bolas com força ou então apertam minha bunda, arranhando-me com as unhas. Abro os olhos, fechados desde que comecei a trepar com a sua boca, e vê-la engolindo meu pau enquanto seus peitos balançam é demais para mim, preciso de mais!

Seguro-a pelas axilas, levantando-a para deitá-la parcialmente contra a cabeceira da cama. Subo em cima dela, sua cintura entre meus joelhos, que estão apoiados no colchão e me masturbo com força, enquanto ela me olha e aperta os seios.

— Segure-os juntos para mim... — rosno a ordem, e ela obedece.

Enfio meu pau entre eles e o deslizo com força, gemendo quando sou

recebido com uma linguada safada. Malu sorri, maliciosa, safada mesmo, e eu gemo enlouquecido. Há muitos anos não trepo assim com ninguém, com tantos detalhes, com posições variadas. Desde que cheguei aqui, tudo o que tenho feito é foda de alívio, sem brincadeiras, indo direto ao assunto.

Malu recebe tão bem tudo o que fazemos juntos que seu tesão é o combustível do meu, e eu acredito que ela sinta o mesmo.

O suor escorre nas minhas costas, e eu tombo no colchão, arrastando-a para cima de mim, pedindo a ela, silenciosamente, que tome as rédeas do jogo. E, como não poderia ser diferente, a danada gosta disso.

Sua tortura começa apenas me usando, usando meu pênis para se dar prazer, para se masturbar, primeiro segurando-o e brincando com ele no seu clitóris, na sua entrada molhada e até em seu cu apertado; depois deixando-o sobre mim e deslizando sua boceta sobre ele em constante vai e vem, dando-me a visão perfeita de seus lábios vaginais beijando-o.

— Camisinha! — peço, e ela aponta para a mesinha de cabeceira ao meu lado, onde há um pacote de farmácia. — Safada esperta!

Estico-me, pego a sacola, rio um pouco da quantidade absurda de proteção que ela comprou, escolho uma e a faço parar os movimentos para envelopar meu pau.

— Deixe-me fazer isso. — Ela toma a camisinha da minha mão, segura meu pau com força e se abaixa, dando uma chupada longa e demorada que quase me faz gozar. — Porra, Dondoquinha!

Malu é habilidosa com a proteção, mas nada sutil ao sentar no meu pau. Urro de tesão quando sinto-o tocar o fundo de sua vagina, enquanto ela rebola encaixada em meus quadris. Arremete mais uma vez, e eu ofego, segurando os lençóis com força, conforme ela sobe e desce curtinho e rápido e depois volta a investir com força.

É torturante e delicioso. Curto as sensações de prazer de tê-la quicando no meu pau, de olhos fechados, cabeça levemente inclinada para o lado, dentes trincados de prazer.

Ela muda de posição, apoiando seus pés na cama, o corpo se inclina para trás e suas mãos o sustentam entre minhas pernas. Não há possibilidade de meus olhos se fecharem agora! Que visão! O corpo dela todo à minha disposição, meu pau sendo engolido por sua boceta.

Chupo dois dedos, molhando-os e os esfrego sobre seu clitóris. Malu geme mais alto, gostoso, joga a cabeça para o alto, de olhos fechados, completamente entregue. Os cabelos loiros, por causa da posição, roçam quase em sua bunda, balançando cada vez em que ela se move para comer meu pau.

Seguro o gozo, que está prestes a explodir a qualquer momento. Ergo-a

mais e novamente molho meus dedos com sua lubrificação e os introduzo no seu rabo apertado. Ela geme, e eu sorrio, sabendo que, se eu quiser fodê-la desse jeito, o caminho está livre.

— Se toca para mim enquanto te como — peço entredentes, sentindo meu pau sendo apertado cada vez que afundo mais o dedo em seu rabo. Malu delira se masturbando, e eu sei que vou durar bem pouco. — Isso, goza para mim!

Minha premonição não estava errada. Quando Malu solta os primeiros gritos de prazer, tudo dentro de mim aquece. Sinto o líquido quente passando por dentro do pau e explodindo em gozo dentro da camisinha.

*Puta que pariu!*

Ela desmonta em cima de mim, ofegante, grudenta, perfeita. Abraço-a com força, coração disparado, cabeça nas nuvens e corpo inteiro trêmulo. O sexo com ela sempre foi muito bom, mas esse... Balanço a cabeça e rio.

— Contente, Xucro?

Mordo sua orelha de leve.

— Ô! — Malu se ergue para me encarar com sua sobrancelha erguida. — Melhor trepada em muitos anos!

— Mentiroso! — Gargalha e se ergue.

Bem, é verdade, mas não vou insistir nisso!

# 24

## Malu

GUILHERME INSISTIU EM voltar para a fazenda na segunda noite que passamos em Aquidauana, pois o carro ficou pronto. Eu entendi a preocupação dele por estar longe do trabalho por tanto tempo, mas confesso que preferia ter ficado lá um pouco mais.

Tivemos uma primeira noite intensa, com as conversas no bar, a dança e a confusão final que culminou em um tesão desenfreado e um sexo perfeito. Suspiro ao me lembrar daquela noite, notando que estou fazendo muito isso, suspirando com lembranças de nós dois.

Depois de gozar como nunca aconteceu em minha vida, tomei um banho relaxante, sendo interrompida pelo peão, que se enfiou na ducha comigo.

Claro que não foi a primeira vez que tomamos banho juntos, mas foi diferente. As mãos dele, sempre safadas e brincalhonas, dessa vez estavam carinhosas e me lavaram com o sabonete, fazendo massagens em várias partes

do meu corpo. Outra diferença foi o banho não ter sido mudo, como foram os outros. Demoramos debaixo dos jatos do chuveiro, conversando, rindo e sempre nos beijando.

Consequentemente, acabamos por transar de novo. Dormimos abraçados, não apenas aquele leve encostar ou o desmaio após várias sessões de sexo intenso. Não! Nós dois desfizemos a cama juntos, entramos debaixo das cobertas e nos abraçamos.

Não houve mais safadezas, apenas a mão dele nas minhas costas, acariciando-as sem parar, enquanto eu ouvia as batidas de seu coração, deitada sobre seu peito.

Acordamos com o celular dele – um aparelho pré-histórico, diga-se de passagem – tocando o alarme do despertador. O mais incrível foi que, enquanto a campainha estridente tocava sem parar, nos dois continuamos deitados, olhos nos olhos, mãos dadas e beijos suaves, até fazermos um sexo matinal vagaroso e completamente delicioso.

Ele já havia me contado seus planos para o dia, e, como estaria ocupado boa parte dele, aproveitei para utilizar a internet mais potente do hotel para deixar tudo em ordem com meus novos aparelhos para o trabalho. Fiquei um tanto enrolada para aprender a mexer no Android do celular, uma vez que uso aparelhos da Apple há muitos anos, porém, não foi difícil aprender.

Entrei em contato com Leonardo, avisando-lhe que o número que estava usando seria acessível através apenas de mensagens e chamadas via internet, pois na fazenda não tinha sinal de celular. Confesso que foi uma alegria fazer uma chamada de vídeo e ver tudo na minha sala durante o almoço da Kika. Leo me passou todas as informações sobre o que estava trabalhando por e-mail, e eu fiquei muito tranquila ao ver que minha amiga estava mantendo tudo nos trilhos.

Kika me substituirá com perfeição depois que eu conseguir a vaga na diretoria, tenho certeza de que até Theo achará isso, e sinto um enorme orgulho dela. As outras contas que temos estão em dia, e há uma lista muito boa de locais a considerar para a Yannes. Mesmo longe, vou ajudar a destrinchá-la e reduzi-la para que possamos apresentar o resultado daqui a alguns meses.

Falta pouco para a tomada de decisão do Conselho, e, como Theo ressaltou, eles não irão dar a vaga para quem conseguir executar o projeto, mas para quem trabalhar melhor. No entanto, penso que, se eu conseguir fechar essa conta tão difícil, serei praticamente imbatível.

Entrei em contato com alguns parceiros de negócios de outros estados do país, buscando algumas dessas áreas apontadas na lista da equipe, depois passei o resto do dia lendo relatórios e resultados das outras contas.

No final do dia, Leo me ligou para avisar que um dos nossos parceiros fez

contato e que a equipe descartou um dos locais da lista, o que eu já sabia que aconteceria, pois a legislação local é muito dura e difícil de ser contornada.

Já estava cansada de ficar sentada na cadeira dura do hotel, quando decidi tomar um banho de espuma bem quente e relaxar ouvindo música no App que baixei no celular. Acabei adormecendo na banheira com fones de ouvido e acordei assustada com Guilherme arrancando-os do meu ouvido.

— Ficou louca?! — Ele puxou o carregador do celular da tomada. — Celular na banheira já é um perigo, ainda mais conectado na energia, sua maluca!

Balancei a cabeça, sem saber o que estava acontecendo.

— Eu adormeci...

— Percebi! — Ele parecia nervoso. — Porra, Malu, isso foi irresponsável!

— Eu não esperava dormir... — desculpei-me. — Mas você tem razão...

Certamente ele não esperava que eu entregasse os pontos, mas realmente percebi que foi loucura dormir na banheira com fones e o celular perto, ligado na tomada, carregando. Se eu escorregasse e puxasse o aparelho para dentro da água, provavelmente estaria morta agora.

Bufou, parecendo tentar se acalmar, e eu, já sem a desorientação do sono, percebi que ele tomou um baita susto comigo.

— Me perdoe por te assustar, Xucro! — Sorri para ele. — Tudo certo com as coisas que foi resolver?

Ele assentiu e começou a tirar a roupa para entrar na banheira comigo.

— O carro ainda não ficou pronto, mas vai ainda hoje, por isso vamos fazer check-out daqui a pouco, jantar e aguardar. — Sentou-se na beirada, colocando a mão na água, alcançando minhas coxas. — Como foi seu trabalho?

Essa conversa me lembrou a rotina de um casal e me fez ver como seria se eu tivesse alguém comigo lá em São Paulo. Chegaríamos a casa – certamente não ao mesmo tempo – e teríamos esse tipo de diálogo, um tentando saber como foi o dia do outro. Isso nunca me fez falta. Todavia, aquela pequena rotina *fake* que eu estava desenvolvendo com aquele peão me fez pensar sobre isso.

Conversamos sobre o dia, e eu acabei falando para ele sobre Kika, minha amiga e assistente, que estava fazendo um ótimo trabalho enquanto eu estava de férias. Ele questionou as intenções dela, se não era possível que ela estivesse querendo tomar meu lugar na empresa. Apenas ri e respondi que ele não a conhecia, por isso pensava isso. Não existe ninguém mais leal e sincero que a Kika neste mundo, confio plenamente nela, apesar da pegadinha que aprontou comigo.

Guilherme entrou na banheira, sentando-se entre minhas pernas, e eu lavei e massageei suas costas conforme ele falava do pagamento que fizera aos peões

temporários, da ideia do senhor Sandoval de montar uma comitiva até Corumbá para participar de um leilão e da conversa tensa com o gerente do banco.

— Tão mal vão os negócios na fazenda? — indaguei a certa altura.

— É perceptível que o negócio com gado não anda bem para nós. — Deu de ombros. — Por mim, já teríamos parado com essa atividade, mas meu tio ainda é muito agarrado à tradição.

Considerei que Guilherme desejava levar os tios para outro local, principalmente levando-se em conta a conversa entre ele e o veterinário na viagem para Aquidauana, pois expressou a preocupação pela distância e isolamento da fazenda de centros urbanos e ressaltou a idade dos tios.

O banho não terminou em sexo, mesmo porque eu estava um tanto dolorida de tanto praticar o ato, e, pensando mais tarde em tudo o que aconteceu, nas conversas e o fato de eu tê-lo banhado e acariciado, fiquei surpresa, pois não era do meu feitio.

Nunca fui carinhosa com ninguém. Sou amiga, sou confiável e leal, mas não sou romântica ou carinhosa. A sensação de que a atração que tínhamos um pelo outro estava indo por caminhos mais profundos me bateu em cheio na cabeça e resolvi que era hora de pisar no freio.

Meu interesse no peão era no prazer que tínhamos juntos e nada mais.

O carro ficou pronto já passava das 10h da noite, e, ainda assim, pegamos estrada. Guilherme dirigia quieto, e eu agradeci pelo som, que tocava apenas CD, para não deixar um clima pesado e silencioso entre nós.

Chegamos no começo da madrugada. Eu estava moída por causa da viagem e pelo tempo que passei sentada na cadeira de madeira sem nenhum estofado lá do hotel, querendo desesperadamente dormir, mesmo porque quase não tinha feito isso na noite anterior.

Ele estacionou a caminhonete e me ajudou com as sacolas. Pensei por um momento em como iria dizer a ele que preferia dormir sozinha naquela noite, para descansar, mas ele se adiantou, entregando-me as compras na varanda da casa, desejando-me boa noite e seguindo em direção ao alojamento.

É difícil admitir, mas senti uma falta enorme do corpo dele encostado ao meu durante a noite. Acordei várias vezes durante a madrugada pensando ter ouvido algo na minha janela. Ficava quieta esperando que ele jogasse alguma coisa nela de novo, mas não havia nada.

Até ouvir uma batida à porta.

Levantei-me correndo, com o coração disparado, mesmo achando mais provável que fosse alguém da casa, porém, com esperança de que fosse o Xucro que estivesse tendo uma noite tão solitária quanto a minha.

Abri a porta e um sorriso.

— Não consegui dormir — Guilherme justificou. — Sei que você deve estar cansada e...

— Eu também não estava conseguindo — confessei. — Vai ficar parado aí no corredor e acordar seus tios?

Guilherme sorriu e me laçou pela cintura com seus braços, apertando-me forte contra si. Provavelmente foi ele quem fechou a porta, porque eu estava tão imersa em seus beijos que só me lembro de estar gemendo com ele dentro de mim a me levar ao limite do prazer.

Dormimos de conchinha, e eu, que sempre fui avessa a toques e abraços – mesmo de amigos –, senti-me segura e bem com os braços e as pernas dele em volta do meu corpo.

Hoje acordei sozinha e com um bilhete a me convidar para cavalgar mais tarde. Logicamente achei que o convite era malicioso e que o “cavalo” que queria que eu montasse fosse ele próprio.

Ledo engano!

Trabalhei a maior parte do dia, parando apenas para as refeições, nas quais não o vi, e, no entardecer, decidi ir até a varanda e o encontrei vindo ao meu encontro.

— Tarde! — cumprimentou-me, com um sorriso. — Aceitou meu convite para andar de cavalo?

Eu ri.

— Achei que aquilo era uma mensagem de duplo sentido!

Ele se aproximou.

— Também era, Dondoquinha! Com você, sempre é.

Sorri sem jeito com o olhar dele, faminto, desejoso, reconhecendo nele também o quanto eu o queria.

— Acho que vou precisar de um casaco — comentei. — Vamos agora?

— Daqui a pouco, eu ainda preciso verificar umas coisas no pasto. — Puxou-me pela cintura para que eu sentisse como ele já estava duro. — É uma tortura ficar perto de você sem poder te devorar toda.

— Por que não pode? — gemi a pergunta.

— Achei que você não quisesse se expor comigo...

Gargalhei.

— Acho que todo mundo aqui já sabe o que está acontecendo entre a gente, não é? — Mordi o lóbulo de sua orelha antes de acrescentar: — Além do mais, ninguém tem nada a ver com isso!

— Eu só não quero que nenhum peão faça imagem errada a seu respeito, Malu. — Sorri pela consideração, principalmente porque sabia que, toda vez que ele me chamava pelo meu apelido – o verdadeiro –, era sério. — Eu não posso

ficar brigando com todo empregado daqui.

— Não brigue, apenas me beije.

Ele não esperou outro convite e colocou sua boca, sua língua, na minha. Imediatamente senti o fogo acender entre nós, a excitação tomando conta de tudo, forte, avassaladora, deixando-me inebriada de desejo e me perguntando por que eu reagia daquela forma a ele.

Deixo de lado meus pensamentos sobre os acontecimentos desde o dia de ontem e entro na cozinha, recebendo sorrisos da dona Sueli.

— Vocês fazem um belo casal!

Respiro fundo, não querendo pensar sobre isso ou mesmo nessa possibilidade. Sim, temos uma química perfeita, mas é só isso. Eu não sirvo para a vida dele, e ele não cabe na minha. É um idílio de férias, apenas isso.

Além do mais, eu não terei tempo para manter um relacionamento perto de mim, quanto mais um à distância, sem perspectiva alguma de futuro.

— Nós não...

— Eu sei, minha filha — responde já mexendo em algo muito cheiroso no fogo. — É só um romance passageiro, eu sei, mas, como dizia mamãe, não é o tempo que marca, mas sim a força do sentimento. Nem sempre o eterno é aquele que dura muito.

Decido não contradizer a minha anfitriã, mesmo porque não sei se vai adiantar. Não há sentimento forte entre nós, a não ser o de tesão. Guilherme e eu estamos apenas explorando a possibilidade de termos transas incríveis sem compromisso ou expectativa. Sabemos muito bem que nosso envolvimento não passará de um caso passageiro.

Vou para meu quarto, coloco a jaqueta de couro que comprei na cidade e fico à espera do peão. Estou distraída respondendo a mensagens no celular, o que ajuda a passar o tempo enquanto Guilherme termina seu trabalho, e tomo um enorme susto com sua voz provocativa:

— Pronta para umas aulas de equitação, moça da cidade?

Gargalho, pondo-me de pé, imaginando a pequena surpresa que o Xucro terá ao descobrir que a “garota da cidade” aqui sabe muito bem conduzir uma montaria – e sem duplo sentido dessa vez!

# 25

# Guilherme

— PRONTO PARA UMAS aulas de equitação, moça da cidade?

Ouço a gargalhada bem-humorada da Malu e sorrio junto, prevendo que teremos uma tarde cheia de aventuras. A verdade é que eu não estou querendo ensiná-la a montar apenas para que ela aprenda, como forma de entretenimento. Não há altruísmo no meu gesto, ele é totalmente egoísta. Malu precisa aprender a montar para que eu possa levá-la até as lagoas.

Há dias eu tenho pensado nisso, e essa ideia tomou corpo depois que o tio Sandoval decidiu participar do leilão da Curva do Leque. Esse tipo de negócio é o mais tradicional do Pantanal Sul, acontecendo sempre no último sábado de cada mês, ano após ano. A estrutura é enorme. No entanto, é necessário deslocar todas as cabeças de boi até lá, o que levará mais de 10 dias na estrada.

Malu vai embora no final deste mês, e logo eu começarei o caminho com a boiada, o que me fará estar ocupado com todos os preparativos que antecedem

uma comitiva: organizar os peões, as atividades, as *traias*, mulas e mantimentos. É trabalhoso, porém, divertido e lucrativo.

Conseguir negociar todas as reses prontas para abate em agosto aliviará muito nossa situação no banco, que tem me tirado o sono ultimamente.

A primeira coisa que fiz assim que acordei hoje pela manhã foi procurar meu tio para conversarmos. Tive uma reunião tensa com o Osório, gerente do banco, e as prospecções não são favoráveis. Estamos há anos abatendo juros e renegociando a dívida da fazenda, mas parece que poderá haver maior dificuldade de continuarmos nesse caminho, pois, como o gerente alegou, o banco tem arrochado cada vez mais sua política de empréstimos.

Sinceramente tenho medo de que ele nos execute, levando a fazenda a leilão. Isso seria desastroso!

Essa situação reforçou a vontade do tio de participar do leilão e negociar o maior número de cabeças de gado possível, ficando apenas com as matrizes e os novilhos. Isso, desde que consigamos fazer uma boa venda, vai nos dar fôlego por um tempo, mas ainda assim deixa o futuro muito incerto.

São nesses momentos que eu me sinto ainda mais covarde. Ainda que meus tios garantam que eu não preciso voltar atrás na minha decisão para ajudá-los, sinto-me mal por não fazer nada pelas pessoas que sempre estiveram ao meu lado, que entenderam minha situação e me auxiliaram a seguir em frente.

Chegamos ao estábulo, e paro de pensar nos problemas por um momento, mostrando para a Dondoquinha a égua que separei para ela ter sua primeira tentativa como amazona.

— Não precisa se preocupar, ela é bem tranquila — explico quando a vejo se aproximar da égua. — Seu nome é Estrela, já é um animal maduro, além disso, os cavalos pantaneiros são bem dóceis e fáceis de conduzir.

Malu sorri e passa a mão sobre o pelo castanho da égua.

— Ela é linda! — Leva a mão a seu focinho com cuidado e depois acaricia sua cara. — Não é uma égua idosa, não é? Terei pena se for.

— Não, está ainda na flor da idade, mas já perdeu a rebeldia de uma potranca, por isso a escolhi. — Encilho Zeus. — Eu já a deixei pronta para você montar, só precisamos ajustar o estribo à sua altura.

— Certo.

Cochicho com Zeus que ele terá que ser paciente hoje, pois iremos andar a passos de tartaruga. E logo conduzo os dois para fora, sempre com a Malu bem perto da égua, como se quisesse conhecê-la melhor.

Explico a ela a posição correta de montar e a auxilio a subir.

— O segredo é manter as rédeas firmes, são elas que vão dar ao cavalo o direcionamento. — Mostro-lhe como segurar. — Você pode incentivar o cavalo a

andar mais rápido ou mesmo a começar a marchar usando seus calcanhares nos flancos do bicho. — Malu sorri, não questiona nada e assente. — Para parar, puxe as rédeas com força.

— Certo!

— Nenhuma pergunta? — Ela nega. — Não precisa ter medo, eu estarei sempre por perto. — Ela ri, eu penso ser de nervosismo. — O cavalo sente sua tensão, então relaxe.

Malu assente e, com uma das mãos, faz uma carícia na crina da égua, falando baixinho com o animal. Fico hipnotizado com o carinho que ela demonstra pela égua, os dedos longos e brancos deslizando entre os pelos escuros da crina, a voz baixinha e calma.

Sim, estou surpreso com a sensibilidade dela para com o animal. Eu esperava um pouco de histerismo, um caminhão de perguntas e risadas nervosas, mas ela parece incrivelmente serena.

— Podemos ir, Dondoquinha?

— Sim. — Respira fundo.

Incito Zeus a começar a trotar, e ela me segue. Admiro sua postura na sela, o modo como parece concentrada nos movimentos da égua, e isso faz com que ela tenha domínio da situação. Uma ideia passa pela minha cabeça, e, analisando mais a fundo a reação dela ao animal, não acho que seja difícil. *Filha da mãe!*

— Você já sabia montar, não é?

Malu me encara, abre um enorme sorriso safado e dá de ombros.

— Uma corridinha para animar?

Eu nem tenho tempo de responder, pois ela toca o flanco da égua e a conduz em galope pela estrada de terra. Primeiro, eu apenas a acompanho, linda, levemente inclinada na montaria, indo a um passo veloz.

Ponho Zeus a galopar atrás dela, divertido porque sei que meu cavalo é mais forte e ágil que a égua que ela usa e que, por mais que Malu saiba cavalgar, eu tenho mais experiência e prática.

Alcanço-a no final da estrada e puxo o arreio de Estrela, diminuindo a marcha.

— Escondendo o jogo, garota da cidade? — provoco-a, encostando nossas montarias e a puxando para um beijo.

Malu gargalha, ofegante, excitada por causa da pequena corrida com a égua.

— Não sou uma garota da cidade de verdade — a confissão dela pega-me desprevenido. — Eu morei na zona rural de uma cidade menor que Aquidauana até completar 18 anos e ir estudar em São Paulo.

Dizer que estou embasbacado seria eufemismo neste momento. A imagem

pré-concebida que eu tinha dela era de uma mulher nascida e criada na cidade grande, de família de classe média. Ouvir que ela veio de uma pequena cidade do Sul do país, como já havia me contado, e da zona rural é quase impossível de acreditar.

Malu fica muda depois do que disse, talvez no calor do momento, movida pela excitação de ter voltado a galopar, a competir com alguém em uma corrida como uma guria. Seguimos em silêncio até um capão[21], onde apeamos, e eu amarro as montarias em uma árvore.

O sol não está forte hoje, mas aquece gostoso, e ela fica parada fora da sombra da vegetação, sentindo os raios em sua pele.

— Eu não falo sobre isso com ninguém — puxa o assunto sobre suas raízes novamente. — Mas esse tempo por aqui tem me feito lembrar muito de casa.

Ela suspira e vem ao meu encontro, sentado sobre o pelego embaixo de uma árvore frondosa. Chego para o lado para ela se acomodar também e a abraço.

— Você vê pouco sua família? — questiono, embora não goste do assunto.

— Sim. — Dá de ombros. — Eu mal tenho tempo para ir dormir no meu apartamento, quanto mais visitar meus pais no interior do Rio Grande do Sul.

— Se você não dorme em seu apartamento, onde, então? — provoco-a, mesmo um tanto mordido ao pensar que ela durma com alguém regularmente em São Paulo.

— No meu escritório — admite sorrindo, e eu fico tenso. — Aquela pequena sala de 12 metros quadrados é mais minha casa do que meu apartamento. Como, durmo, trabalho por lá.

As lembranças do meu passado vêm com força, embora pareçam ser de outra vida, de outra pessoa.

— Por quê? — Malu parece não entender meu questionamento. — Por que trabalhar tanto desse jeito?

Ela sorri, recostando-se a mim, como se lhe agradasse falar disso, enquanto eu estou mais tenso que uma corda de viola.

— Porque é o que eu amo fazer! É o que move minha vida.

— Mesmo impossibilitando que você tenha uma de verdade?

Malu me encara.

— Por que você acha isso? Eu amo e tenho prazer em trabalhar, essa é a minha vida de verdade!

Assinto, não querendo discutir, embora tenha vontade de argumentar e lhe apresentar motivos bem sólidos para que ela reconsidere. No entanto, não tenho nada a ver com as escolhas dela e não quero remexer no passado, nas feridas que decidi deixar para trás ao vir para cá.

Ficamos mudos, abraçados, um tanto incômodos com o assunto; ela, por eu

ter questionado seu amor pelo trabalho intenso, e eu, por ressuscitar lembranças indesejadas e dores que nunca se apagam.

Ao longe ouvimos o canto do colhereiro, uma ave muito comum nessa época do ano, provavelmente em busca de abrigo para a noite depois de passar o dia todo pescando com seu bico em forma de colher. Fecho os olhos, deixando ir embora todo o peso do passado, respirando fundo o ar puro do lugar em que escolhi viver e aprendi a amar.

O trabalho é duro, o dinheiro é pouco, a vida é bem mais difícil do que a que tinha antes, mas é onde eu me sinto inteiro, verdadeiro. Eu tive que perder tudo para entender que precisava de mudança, tive que ter o coração partido, que lidar com a mágoa da traição, com a realidade de que nunca vivi por mim mesmo.

Este é o lugar em que eu decidi recomeçar minha vida!

— Eu preciso voltar para a casa. — Malu levanta-se. — Deixei uns relatórios incompletos. — Concordo, pegando meu pelego e o colocando de volta em Zeus. — Você pretende dormir no meu quarto hoje?

Tenho vontade de rir ao ouvir a pergunta, pois a resposta é bem óbvia, tanto para mim quanto para ela. Na noite passada, tentei manter distância depois do enorme susto que ela me deu na banheira, querendo ser eletrocutada dormindo com o celular na tomada e fones de ouvido enquanto tomava banho.

Eu cheguei todo cansado, doido para foder e relaxar, e gelei ao ver a cena. Não tive alternativa a não ser chamar a atenção dela para o perigo que correra. Acabamos na banheira juntos em uma espécie de cena romântica de novela clichê, ela ensaboando minhas costas, conversando comigo.

Aquilo me assustou mais do que o medo do curto-circuito. A relação com aquela mulher estava saindo fora da curva, o que definitivamente não era bom para ninguém. Um envolvimento emocional, fosse de uma ou das duas partes, seria sinônimo de dor de cabeça, de sofrimento, porque nós não cabíamos no mundo um do outro.

Notei que, assim como eu, ela ficou mais distante depois desse banho. Voltamos praticamente mudos para a fazenda, e, ao chegar aqui, tudo o que eu queria era ir para meu quartinho no alojamento e ter uma noite de sono reparadora para pegar na lida no dia seguinte.

Só que nem meu corpo, nem minha cabeça me deixaram seguir esse propósito. Eu só pensava nela, queria estar com ela, abraçar e beijar seu corpo, dormir sentindo o cheiro de sua pele e de seus cabelos. Aquela mulher havia se tornado um vício, e eu precisa de mais uma dose!

Saí pela noite fria só de calça de pijama, peguei minha chave reserva da casa, entrei sem fazer barulho e bati de leve à porta do quarto dela.

Meu orgulho doeu ao admitir que não havia conseguido ficar longe, mas fui recompensado quando ela confessou que também não conseguira dormir. Valeu a pena! O sexo foi uma delícia, e o sono, com ela em meus braços, foi perfeito.

Hoje pela manhã, antes mesmo de o galo cantar no galinheiro, eu a estava olhando dormir. Ouvia seu leve ressonar, via seu corpo entregue ao descanso, sua expressão completamente serena. Bufei ao reconhecer que queria aquela mulher mais do que admitia a mim mesmo e que iria aproveitar a oportunidade de tê-la por perto.

Ela não quer um relacionamento, eu, muito menos, mas a possibilidade de me sentir vivo novamente é um privilégio que não posso me negar.

Malu me traz de volta bons momentos, lembra um tempo em que eu era aberto e disposto a amar e ser feliz, e eu percebo que o que me atrai nela é mais do que somente o sexo gostoso.

Ela se tornou a luz, e eu, o inseto atraído por ela. Malu resplandece promessas que me inebriam, me confortam e, de certa forma, me fazem sentir mais vivo, porém, eu sei que, se me aproximar muito, acabarei queimado.

Por mais que eu queira todas essas sensações que ela me traz, também não posso ser irresponsável a ponto de deixá-la se envolver mais do que seria saudável; não é justo.

— Os outros peões me convidaram para uma reunião na vila, e eu concordei. — Ela assente. — Devo chegar bêbado e muito tarde, então...

— Certo. — Sorri. — Ótimo! Assim eu avanço no meu trabalho, é melhor mesmo.

Observo-a montar na égua, régia, linda, porém, mais tensa do que quando veio. Ela nunca irá admitir que ficou frustrada com minha resposta, orgulho também é um traço marcante na sua personalidade, mas isso não me impede de me sentir um idiota.

# 26

## Malu

*IDIOTA! IMBECIL!*

Entro no meu quarto bufando de raiva pelo papelão que acabei de protagonizar. O que eu estava achando, afinal? Só porque estou há dias dormindo com o peão isso me transformou em uma mulher possessiva e dependente?

*Foda-se, Malu!*

Arranco minha roupa com raiva e entro no chuveiro, deixando a água lavar toda a raiva que sinto de mim mesma. Por que estou me importando tanto se ele vai ou não dormir comigo? Claro que o sexo é gostoso e que eu estava há um tempão sem o fazer, mas não a ponto de ter de pedir!

Rosno debaixo d'água, sentindo-me rebaixada, o tipo de mulher que eu nunca quis ser, quase implorando para que ele ficasse e... Suspiro. *Certo, Malu, admita que na verdade você está chateada por ter sido trocada por uma noitada*

*de bebedeira! Droga!*

Guilherme feriu meu orgulho, foi isso! Eu sou capricorniana, orgulhosa demais, autossuficiente, e, quando me sinto deixada de lado, é como se tivesse fracassado, e isso me frustra. É, eu não sei lidar com sentimentos.

*Sentimentos!*

O peão fode gostoso, e aqui neste lugar não há nada para fazer, então a coisa tomou essa proporção estranha, mas não significa que eu tenha qualquer sentimento por ele. Respiro fundo e desligo o registro do chuveiro, sentindo-me melhor, mais na posse da minha racionalidade natural.

Realmente tenho trabalho a fazer, possuo computador e um telefone cheio de mensagens no aplicativo para me importar se ele vai farrear a noite inteira. Provavelmente ele até durma com outra mulher, porque o bicho é safado demais, e eu não me importo, desde, é claro, que use proteção comigo e...

— Porra, Malu, não surta! — falo para mim mesma. — Esquece esse xucro e põe sua cabeça no que importa!

Pego meus mais novos companheiros de trabalho e verifico as últimas mensagens que Leo me encaminhou. Respondo alguns e-mails que recebi dos meus contatos pelo Brasil e passo instruções ao meu colega de trabalho depois de analisar alguns relatórios.

Involuntariamente pego-me olhando o relógio do computador ou o do celular, mas finjo que não faço isso por causa do peão. Ele não merece que eu desperdice um só pensamento com ele.

O sono me abate às 3h da manhã, e eu acabo adormecendo com o laptop no colo e o celular ao lado, acordando com uma enorme dor no pescoço por causa da posição em que dormi.

— Merda! — exclamo ao ver a hora.

São mais de 10h da manhã, dormi demais. Ponho a culpa no maldito silêncio deste lugar, que me faz perder a hora. Não há tráfego de carros, motos, buzinas, sirenes de ambulância ou polícia como em São Paulo, só este silêncio sepulcral.

Tomo uma ducha fria para despertar e, notando o sol já alto no céu, coloco um vestido florido de mangas compridas, cordão na cintura, decote em “V” e saia solta de tecido leve e calço botinhas de *nobuck* caramelo, sem salto e bem confortáveis.

Alcanço meus óculos de sol antes de sair para tentar comer algo antes do almoço, porque meu estômago não vai aguentar qualquer comida mais pesada agora, logo depois de eu ter acordado.

— Bom dia! — cumprimento dona Sueli e Ritinha.

As duas estão empenhadas no preparo do almoço, e eu, como já me sinto

em casa, pego uma laranja para descascar e acordar meu estômago.

— Bom dia, dormiu bem? — Sueli, sempre um amor, pergunta-me com um sorriso.

— Trabalhei até de madrugada e apaguei. — Ri. — Acordei com dor no pescoço e um tanto mal-humorada por ter perdido a hora.

— Pelo menos não está de ressaca! — ela comenta algo sobre a comida com Ritinha, que mexe em panelas no fogão a lenha, e se senta à mesa comigo. — A maioria dos rapazes hoje estão todos silenciosos e sem fome.

— Ninguém mandou ficarem enchendo a cara até tarde! — Ritinha condena.

— Deixe *os homi* se divertir, Ritinha! Os dias agora serão bem intensos por conta da viagem com *os boi*.

— Viagem? — questiono.

— Comitiva — Ritinha é quem responde. — Eles vão levar *os bicho* para venda lá em Corumbá.

— Não dá para transportar os animais em caminhões?

Penso com meu lado prático, imaginando que deve ser exaustivo, perigoso e lento o processo de conduzir a boiada por um estradão qualquer. Os caminhos já estão secos, mas ainda assim eles devem ter que atravessar rios, estradas com movimento de carros e locais ermos.

— Ia precisar de mais de 100 caminhões pela quantidade que eles querem levar, Malu. — Arregalo os olhos. — Caminhão é só quando vende pela tal da internet, porque aí vem buscar a quantidade certa.

— Serão muitos dias na estrada?

— Por volta de uns 10 a 15 dias.

Algum peão grita por ela, que sai já ralhando com o pobre, e fico pensando em como deve ser passar duas semanas inteiras acampando ou se hospedando em fazendas. Não é uma vida fácil, e imagino Guilherme nela, tão fora desse cenário quanto um touro em uma loja de porcelana.

Há algo nele que destoa dessa vida tão dura, não sei se é o jeito de falar e agir, mas definitivamente ele não combina com essa vida.

— A dona ficou preocupada com sua diversão de férias?

*Oi?*

Olho na direção de Ritinha, completamente surpresa com a pergunta e com o tom que foi feita. A indiazinha me encara, sorriso debochado, olhar frio.

— Não entendi sua pergunta. — Cruzo os braços e mantenho meu olhar no dela.

— Bem, sua diversão parece estar se divertindo por conta própria também! — Ela sopra o braseiro do fogão e depois destampa uma das bocas de ferro. —

Jonas me disse que ontem, no Rosa Pantaneira, ele foi o que mais se divertiu.

Ergo uma sobrancelha, tentando entender o que a menina quer. Fazer intriga? Certamente. Causar-me ciúmes?

— Que bom para ele. — Chupo a laranja. — E, quanto a sua pergunta anterior, não estou preocupada com ninguém.

— Ah, sim... que bom que você pensa assim, porque certamente ele também pensa. — Ri. — Ô, se pensa!

Não tenho tempo para responder nada, porque dona Sueli entra resmungando e a manda ir até o alojamento.

— *Esses peão é* tudo folgado! — Lava a mão e assume as panelas. — Bebe até encher a cara e depois emporcalha tudo passando mal!

— Ação e reação! — comento, pensando no que a indiazinha quis dizer sobre Guilherme também não se preocupar com nada. — Quando eles viajam?

— Ah, só no começo do próximo mês! É uma pena que você vai perder o dia de ida da comitiva! É uma festança só!

Sim, já não estarei mais aqui, graças a Deus! Em agosto estarei em São Paulo, retomando minha vida, entrando com todo o gás para conseguir fechar a conta da Yannes.

Guilherme aparece na cozinha com o chapéu na mão e o rosto muito suado. Primeiro cumprimenta a tia com um beijo na testa e só então se vira em minha direção.

— Bom dia!

O cumprimento, sem nenhum apelido, me deixa tensa. Ele é sempre provocador comigo, e, mesmo que eu odeie ser chamada de Dondoquinha, a falta da brincadeira acende um alerta de que algo aconteceu.

— Bom dia!

Chupo a laranja, e os olhos dele acompanham o movimento. O peão bufa.

— Tia, eu preciso da sua caixinha de primeiros-socorros.

Hum, tão ruim está que precisa de remédios para a ressaca?

— Pelo visto, a farra foi boa ontem — comento, arrependendo-me em seguida.

Guilherme ergue suas sobrancelhas, e depois um sorriso zombeteiro aparece.

— Foi, sim, Dondoquinha! Mas os primeiros-socorros são para um peão idiota que foi laçar um bezerro e foi arrancado do cavalo.

Arregalo os olhos, e dona Sueli faz uma prece, saindo correndo em direção ao seu quarto, deixando-me a sós com o peão. Guilherme se apoia em uma cadeira e se inclina na minha direção.

— Trabalhou muito ontem?

— Muito! É bom não ter distrações...

Ele gargalha e puxa em sua direção minha mão que segura a laranja.

— A distração aqui sentiu sua falta. — Chupa a fruta sem tirar os olhos de mim.

*Filho da puta!* Minha pele inteira se arrepia quando me lembro de ele chupando-me e olhando em minha direção, exatamente como faz agora. Não vou me derreter tão fácil assim, não, peão!

— Não foi o que fiquei sabendo! — Dou um puxão na laranja, arrancando-a de sua boca. — Soube que você foi o que mais se divertiu ontem no bar.

Ele engancha os polegares nas presilhas da calça jeans.

— Sentiu minha falta também, Dondoquinha?

— Para com esse apelido ridículo! — Levanto-me e jogo o resto da laranja no lixo. — Como eu te disse, estava ocupada trabalhando.

— Justo! — Caminho em direção ao corredor que leva aos quartos, mas paro quando ele confessa: — Eu senti muito a sua falta, Malu.

— Qual é a sua, Guilherme? — resolvo ser direta. — Que porra de jogo é esse?

— Não tem jogo nenhum.

Noto sua postura tensa.

— Você e eu não temos nenhum tipo de obrigação um com o outro. Você não é obrigado a dormir comigo todas as noites, como se estivesse incluído no preço do pacote da minha estada aqui! — Sei que o atinjo com minhas palavras, pois ele aperta a mandíbula com força, ressaltando os músculos de sua face. — Não precisa fazer nenhum joguinho comigo, não quero isso. Não me importo se sentiu ou não minha falta ou mesmo que tenha passado a noite na cama de outra.

— Bom saber disso! — Guilherme sorri, e eu cerro o punho ao imaginar que ele tenha dormido com alguém. Porra, o que está havendo comigo? — Bom saber que você é tão moderna assim, mas eu quero te dizer uma coisa. — Caminha até mim. — *Eu* não sou! Bebi um monte ontem porque queria me manter lá, longe da fazenda, longe de você. Poderia ter trepado com outra, mas não quis. — Puxa-me ao encontro do seu corpo. — Eu só quero você, Malu. — Sua mão segura firme em minha nuca, atraindo meu rosto para o seu, encostando sua boca na minha, mas sem me beijar. — Você me tem nas mãos, Dondoquinha!

Beija-me com desespero, devorando minha boca, enquanto me segura firme contra seu corpo. A última declaração me traz uma sensação de poder, e eu me sinto excitada, poderosa. Tudo isso se converte numa resposta imediata do meu corpo. Gemo cheia de tesão, abraçando-o pelo pescoço, pendurando-me nele.

— Eu não sei quem foi que tirou do lugar, mas... — Sueli se interrompe. — Arre, menino, deixe isso para depois e corre lá para socorrer o moço!

Afastamo-nos a contragosto. Guilherme sorri abertamente, enquanto eu ainda tento conter o sorriso, um tanto constrangida com o flagra. Não estou acostumada a nenhum tipo de exposição ou de demonstrações desse tipo, por isso sinto meu rosto arder e sei que devo estar vermelha como um pimentão.

— Mais tarde conversamos — o Xucro se despede e sai da casa a passos largos.

Olho de soslaio para dona Sueli, que tem um enorme sorriso no rosto.

— Vocês realmente fazem um belo casal! — Volta para perto de suas panelas.

Não emito nenhuma opinião sobre o assunto, pois já disse a ela que não há possibilidade de nada acontecer entre mim e o seu sobrinho além de um caso passageiro. No entanto, as palavras delas ressoam em minha mente como um sino.

*Sim, nós seríamos um belo casal!*

Minutos depois, já no meu quarto com uma xícara de café na mão e conferindo os e-mails do dia, ouço uma batida à porta que me faz abrir um enorme sorriso. Mando entrar, achando que é o Guilherme. Entretanto, é o tio dele, vindo me informar que o sobrinho foi para Aquidauana levar o peão que se acidentou.

— Algo grave? — pergunto.

— Provavelmente quebrou a clavícula ao cair. O Gui socorreu o homem, mas achou melhor levá-lo para o hospital da cidade. Por isso pediu-me para avisar que não deve voltar hoje.

Sorrio sem jeito e lhe agradeço pelo recado. Sandoval parece querer me dizer mais alguma coisa, mas apenas respira fundo e deixa o quarto. Bem, terei o dia todo para trabalhar e a noite para dormir direito, mas isso não me anima, pois sinto uma desagradável falta do Xucro.

Eu só posso estar mesmo maluca!

Coloco a culpa neste lugar longe de tudo, embora essa desculpa já não surta mais efeito, pois, com o computador e a internet – abençoada internet rural –, eu consigo trabalhar e me conectar com o mundo.

É duro admitir que algo está mudando dentro de mim. Em pouco mais de uma semana, algo está acontecendo comigo, e eu não posso bloquear seu caminho.

Mergulho no trabalho, parando apenas para esticar o corpo, fazer necessidades, comer e caminhar um pouco lá fora. A peonada está toda ocupada, acumulando o trabalho do Guilherme e do peão que se machucou. O único que se detém para falar comigo é o seu Jumecy, pai da Ritinha, sempre muito educado e solícito.

Eu sinto falta da simpatia da indiazinha, sua energia e inocência. Não foi proposital de minha parte magoá-la com essa situação entre mim e o Guilherme, simplesmente aconteceu.

No final da noite, tomo um banho rápido antes que o gerador desligue, baixo uns documentos para ler depois que cesse a internet pela falta de energia, organizo meu trabalho para amanhã e me deito.

Não consigo ler nada, pois o cansaço acaba por me abater novamente.

De repente, algo me acorda no meio da noite. Tento me virar na cama, mas sou impedida por um corpo grande e musculoso cujo braço está pesando sobre minha cintura. Sorrio, reconhecendo o perfume do meu peão, sentindo sua respiração morna em meu pescoço enquanto dorme.

*Meu peão!* Dou-me conta do modo como pensei nele, mas não me importo, apenas fecho os olhos, voltando a dormir satisfeita e segura em seus braços.

# 27

## Guilherme

AS PROVIDÊNCIAS A serem tomadas por conta do leilão no próximo mês deixaram a todos mais atribulados do que normalmente. O acidente com o Dionísio também foi inesperado e acumulou mais uma função sobre meus ombros, pois ele era o responsável por fazer a ordenha toda manhã do leite que abastecia a fazenda.

Com isso, passei a acordar ainda mais cedo para já ter o alimento fervido quando os outros peões levantassem para começar o dia.

Olho para a cama onde tenho dormido há mais de duas semanas, sorrindo ao ver a Dondoquinha toda encolhida debaixo das cobertas, já sentindo a falta do calor do meu corpo. Eu abandonei o alojamento de vez, instalando inclusive alguns itens pessoais na suíte da fazenda.

Malu confessou que nunca teve nenhum tipo de relação parecida com essa que estamos tendo, com essa constância em dormir juntos e de ter duas escovas

de dentes sobre a pia do banheiro. Mesmo sabendo que esta situação só está ocorrendo porque ela está de férias aqui, sinto-me bem em ser o primeiro.

Tenho desfrutado muito da companhia dela, não só na parte sexual, que é foda, mas está se formando entre nós um elo de amizade que me faz bem. Isso, para mim, é mais do que tive com qualquer outra mulher, mesmo no passado. Conversamos depois do sexo – nunca antes, porque, quando chego perto dela, só penso em me enterrar em seu corpo até perder a consciência –, durante as refeições, que passei a fazer na sede para acompanhá-la, uma vez que a indiazinha passou a ignorá-la abertamente.

Bufo ao pensar na Ritinha e no que ela aprontou comigo há uns dias. Eu nunca alimentei a paixonite que a moça sentia por mim, mas sempre tentei ter tato com ela para não a magoar. Porém, nossa última conversa foi franca e direta.

Eu tive que ajudar a tirar uma rês de um atoleiro e fiquei imundo, por isso não quis entrar na casa da Tia Sueli, porque sei o quanto ela trabalha para mantê-la limpa. Resolvi tomar banho no banheiro do alojamento, e a pequena embusteira invadiu minha privacidade, entrando no chuveiro comigo lá.

Tomei um susto desgraçado ao sentir umas mãos pequenas abraçando-me pelas costas, deslizando sobre meu peito. Imediatamente me afastei e pressionei o invasor contra a parede do boxe.

Ela estava nua!

A porra da garota que eu vi crescer, que carreguei nos meus ombros, estava nua! Xinguei e fechei os olhos imediatamente, o que serviu para que ela avançasse sobre mim e me beijasse. Pressionei-a contra a parede de novo, mantendo-a longe de mim.

— Sai daqui, Ritinha! — Ela se negou. — Porra, guria, você só pode estar louca!

— Não sou mais uma guria, Gui! — ressaltou, olhando para seus peitos. *Puta que pariu!* — A dondoca da cidade vai embora em breve, eu estou aqui...

— Ritinha, você só pode estar maluca! Eu nunca pensei em você nesses termos! Sai daqui agora!

Soltei-a, virei de costas e dei tempo para que ela se fosse, mas, pelo visto, não era essa sua intenção. Senti seus lábios deslizando sobre minhas costas e bufei de raiva, afinal, sou homem, ela é uma mulher bonita, era muita tentação!

Segurei-a firme pelos ombros, e a indiazinha sorriu.

— Não vai rolar, Ritinha! Não só porque vi você crescer e respeito muito seu pai, também por causa da Malu. — O olhar magoado que ela me deu foi como um soco no estômago, mas eu não podia deixar que ela pensasse que havia esperança. — Eu gosto dela, respeito-a e, mesmo que seja um relacionamento passageiro, não vou ser desleal. Quanto a depois que ela for embora, também

não há possibilidade de ficarmos juntos, eu não sinto nada por você. — Ela descaradamente olhou para o meu pau, que – graças aos Céus – não teve nenhuma reação. — Você merece alguém que a ame e respeite, Ritinha, mas esse alguém não sou eu.

Saí do chuveiro, peguei minhas coisas, enrolei-me na toalha e a deixei sozinha.

Desde então, a moça tem evitado estar no mesmo local conosco. Ela continua ajudando minha tia, mas já não faz as refeições na sede e fica andando por lá. Quando vai falar com o pai e eu estou perto, finge que não me vê. É uma pena perder a amizade dela. Só espero que, com o tempo, ela amadureça e perceba que eu fiz o melhor para nós dois.

Saio de casa e vou caminhando em direção ao curral, pensando que mais um dia chegou e que o tempo com Malu fica cada vez mais escasso. A correria na qual estamos vivendo – sim, porque ela disse ter vindo de férias, mas passa o dia todo enfurnada no quarto trabalhando – tem deixado apenas as noites para que possamos desfrutar um do outro.

Abro um sorriso ao olhar ao longe, imaginando-a quando souber que em breve vou raptá-la. Já avisei aos meus tios que irei ficar uns dias acampado com ela nas lagoas, e, embora meu tio tenha achado uma ideia ruim, pois Malu não está acostumada a esse tipo de vida, minha tia achou romântico – o que me fez rir, porque eu só tinha safadeza na mente – e resolveu ajudar-me a programar as coisas.

Espero realmente que não seja uma surpresa desagradável para ela, pois é o lugar que mais gosto dentro da fazenda, o que me dá mais prazer em morar aqui. O tempo irá ajudar mantendo o sol durante o dia, e, à noite, uma fogueira e a barraca irão nos manter aquecidos. A ideia não é ficar muito tempo, apenas duas noites, mudando de local para que ela possa conhecer o máximo da área tão linda.

Ontem fui até o ponto de acampamento, uma área limpa que sempre deixamos pronta para receber as barracas das comitivas que sobem para a serra usando esse caminho quando as águas começam a subir. Verifiquei a lenha para a fogueira e dei uma volta no entorno para ver se encontrava algum sinal de caça clandestina, o que não comprovei.

O lugar é bom para acampar e fica bem perto da primeira lagoa, com uma prainha boa para nadar. Sorrio, já preparando a vaca para a ordenha, ao pensar na Dondoquinha pelada na água comigo. Essa não é a época mais quente, mas é a melhor, pois a água já escoou o bastante para andarmos pelas estradas, mas ainda não o suficiente para que algumas lagoas desapareçam.

Levo leite primeiro até o alojamento, onde o Jumecy já me espera acordado,

preparando o quebra-torto da peonada, e depois o levo até minha tia, que também prepara o café da manhã para os ocupantes da casa.

— Bom dia! — tio Sandoval me cumprimenta. — Hoje preciso ir até a vila buscar uma encomenda...

— Posso ir para o senhor — ofereço-me. — Eu preciso comprar algo por lá também.

— Hummm. — Tia Sueli ri. — Não é bebida, espero! Eu já separei umas garrafas de vinho que ganhei, coisa chique!

Gargalho, sabendo do esforço dela para fazer o passeio com a Malu especial, embora com objetivos escusos.

— A senhora sabe que ela vai embora, não sabe? — Beijo-a na testa. — Fica desperdiçando seus dotes casamenteiros comigo não, tia Su!

Ela adora quando eu a chamo assim, fica toda vermelha e jovial. Eu a abraço apertado, pois eles – meu tio e ela – são tudo o que tenho, e não poderia ser melhor. Ela me tem como a um filho e sempre foi muito querida pela minha mãe, sua cunhada.

— Vá trabalhar, guri! — Ela se afasta, emocionada. — Mas tenha em conta que eu acho que vocês foram feitos um para o outro; por mais que ela pense que vocês sejam diferentes demais, você sabe que não são.

Fico sério.

— Aquele homem não existe mais, tia. — Ela faz um muxoxo ante minha afirmação. — Não quero mais aquela vida, não me trouxe nada de bom.

Tia Sueli passa a mão carinhosamente pela minha barba.

— Filho, você não pode negar ser quem é, nunca pôde. Concordo que viver daquele jeito não te fez bem e que mudar foi a melhor coisa que você fez, mas isso não te altera aqui. — Toca-me no coração. — Você sabe que pode ajudar muita gente, meu filho.

*Não, eu não posso!*

Ainda me sinto impotente, fracassado. Descobri que eu era uma fraude ao ter a arrogância destruída da pior maneira possível. O destino – ou o que quer que fez isso – esfregou na minha cara que eu não era quem pensava ser.

— Eu só quero ter paz, tia, só isso e já estou feliz.

— A culpa não foi sua, você sabe...

Sorrio triste para ela e dou de ombros. Isso já não importa, não faz nenhuma diferença agora. Não há maneira de consertar as coisas. Eu tentei desesperadamente, mas, ao invés disso, só piorei ainda mais tudo, e toda a sujeira foi revelada. Não, eu estou bem assim, não preciso complicar minha vida de novo.

O assunto me faz perder a fome, então saio para as tarefas do dia sem

comer e, com isso, não poderei ver a Malu acordar. Se bem que eu duvido que ela consiga despertar cedo hoje, pois nossa noite ontem foi intensa e extensa. Assovio uma canção entrando no galpão de materiais para pegar algumas ferramentas, mas algo prende minha atenção.

Toco as tiras de couro curtido, prontas para serem trabalhadas e transformadas em um belo laço. Todo peão que se preze sabe trançar sua corda, e isso foi uma das primeiras coisas que aprendi ao chegar aqui. Jumecy é o mestre nessa arte e sente prazer em passar a tradição para quem queira aprender. Em um mundo de laços sintéticos, quem sabe fabricar um de couro é raridade.

Sinto a textura de cada tira, e uma ideia vai se formando em minha mente, algo que eu gostaria de tentar, mas não sei se a Malu topará.

— Sim, ela vai! — decido e escolho algumas para usar. — A noite passada mostrou que ela é aberta a novas experiências. Mesmo as mais simples.

Enrolo as fitas de couro e as levo comigo junto às ferramentas para o conserto na cerca do curral das vacas leiteiras. Muita coisa precisa de reparo na fazenda, e, como somos poucos peões fixos, temos que eleger prioridades. A cerca em questão já está avariada há um pouco de tempo, mas foi preciso primeiro resolver a situação do gado de corte, que é de onde provém o dinheiro.

O trabalho é demorado, e, como o faço sozinho, cansativo. Contudo, sou ajudado com as lembranças da noite passada, que começou tão inocente e terminou totalmente sem controle.

Olho em direção à sede, mesmo não dando para ver quase nada de onde estou. Se desse, eu conseguiria ver a rede na varanda lateral onde Malu e eu começamos a noite apenas deitados, descansando. Malu estava cheirosa, e eu tinha acabado de tomar banho depois de jantar, então a chamei para deitar um pouco na rede.

Nem preciso dizer que ela ficou encantada com o céu. O gerador já havia sido desligado, tudo estava um breu à nossa volta e as estrelas brilharam com mais força. Eu sei que ela já morou em uma espécie de sítio, pois seu pai é um homem da terra e ela nasceu no interior, porém, mora há tanto tempo em São Paulo que deve ter esquecido como é olhar o céu noturno de inverno.

Limpo, gelado e extremamente estrelado.

— Uau! — ela exclamou deitada entre minhas pernas, a cabeça e o tronco sobre meu tórax. — Há anos não vejo um céu assim!

Sorri, sentindo-me um homem esperto por ter adivinhado como ela se sentiria.

— É o mesmo céu, Dondoquinha, mas com a diferença de não ter luzes e nem poluição.

Ela suspira.

— Parece realmente outro mundo. Eu amo São Paulo, mas lá não existem estrelas brilhantes como essas.

Malu encarou-me com um sorriso deslumbrado, e eu fiquei momentaneamente sem saber o que fazer, completamente preso às sensações de estarmos ali juntos, da sua alegria, de tê-la por perto. Eu estava totalmente em suas mãos.

— "Não declares que as estrelas estão mortas só porque o céu está nublado" — recitei o maldito provérbio sem perceber, apenas me lembrando dele por causa do que ela disse. Contudo, como era de se esperar, ela reconheceu a frase e se sentou, encarando-me com o cenho franzido.

— Provérbio árabe? — Cruzou os braços sobre os seios. — Primeiro latim, agora um provérbio árabe... — Malu mudou de posição e encostou seu nariz no meu. — Quem é você, "Xucro"?

Segurei-a bem forte contra mim e, antes de beijá-la, respondi sua pergunta:

— O homem que vai te fazer gozar aqui nesta rede.

Ela gemeu quando enfiei minha mão dentro de sua *legging*, afastando a calcinha e comecei a acariciar sua boceta quente. Rapidamente Malu ficou úmida, e meus dedos já não se contentavam mais com os carinhos, fodendo-a sem nenhuma pressa, um entrar e sair lento e constante.

Minha boca não se cansava da dela, sempre exigindo mais, querendo mais do que só seus lábios. Chupei sua língua, lambi seu queixo, mordi seu pescoço, e Malu respondia gemendo e movendo os quadris contra meus dedos. Meu pau parecia querer arrebentar a calça de pijama, e a fricção do corpo dela sobre ele só aumentava minha angústia.

Não conseguia entender que sintonia era essa que tínhamos. Eu a provocara apenas para distraí-la do meu ato falho, pois não queria perguntas acerca do meu passado e eu sabia que ela tinha muitas. A Dondoquinha não era boba e sabia muito bem que eu não era o xucro que ela julgara a princípio.

O que começou apenas como uma evasão tornou-se uma transa diferente, na rede, como os índios faziam. Primeiro, ela gozou nos meus dedos, encharcando-os, enlouquecendo-me com seus gemidos contidos dentro de minha boca ao beijá-la. Não tive outro pensamento a não ser livrá-la e a mim mesmo das nossas roupas.

A manta que havíamos trazido por causa do frio nos protegeu de qualquer olhar curioso que poderia ver nossos contornos na noite iluminada pelas estrelas. Penetrei-a ainda com nossas bocas coladas, sem camisinha, tremendo ao sentir o calor e a umidade de sua boceta sem nenhuma barreira.

Foi loucura o que fizemos, mas foi delicioso!

A rede balançava seguindo os movimentos dela, por cima, quicando no meu

pau devagar e constantemente, ondulando os quadris, com a cabeça enterrada na curva do meu pescoço, gemendo e respirando em meu ouvido.

Foi como um cântico hipnotizador os sons que ela produzia ao me ter dentro de si. Eu fiquei parado, sendo devorado por ela, deixando que Malu ditasse o ritmo e tivesse todo o controle. Fechei os olhos quando senti sua boceta contrair e ficar mais molhada, prevendo mais um orgasmo, implorando a meu corpo para que se contivesse, pois não poderia de maneira alguma gozar dentro dela.

Concentrei-me apenas no seu corpo roçando o meu, nossos quadris moendo um contra o outro toda vez que ela rebolava com meu pau até o fundo. Malu gozou desenfreadamente, a ponto de eu ter de tapar sua boca para que não acordasse toda a fazenda. Em seguida, tirei meu pau de dentro dela e despejei minha porra contra minha própria barriga.

Entramos na casa pelados, grudados um no outro e enrolados na manta. Tomamos banho juntos e passamos a noite entre carinhos e fodidas.

— Ei, peão! — Malu grita, trazendo-me bruscamente de volta de minhas recordações, e eu acerto o martelo no dedo, xingando. — Ai, desculpa! — Ela corre em minha direção, mas não para de rir. — Tudo bem?

— Não. — Levanto o dedo, levemente avermelhado, para ela. — Precisa de um beijo! — Pisco.

A diaba, ao invés de beijar, chupa-o, deslizando a língua nele igual ao que faz ao meu pau. *Safada!* Tiro o dedo de sua boca e a beijo gostoso, mostrando o que seu casto beijo me provocou.

— Hum, acho que preciso acertar meu dedo mais vezes.

Ela me dá um tapa no ombro, mas gargalha.

— Sua tia me disse que você vai na vila hoje. — Assinto. — Seria incômodo se eu fosse junto?

— Quer alguma coisa de lá?

— Não, só não queria ir embora sem conhecer o local. — Gargalha. — Da última vez em que tentei ir para lá sozinha, terminei perdida e sendo resgatada por um xucro que abusou de mim.

— Que safado! Apesar de que eu não sei se ele é totalmente culpado nessa história. — Ela faz careta, e eu a beijo de novo. — Vou sair logo depois do almoço.

— Vai almoçar na sede?

— Claro que vou! — Aponto para a cerca. — Preciso só terminar isso aqui antes.

Ela concorda e acena, despedindo-se, mas, assim que se vira, desfiro um tapa em sua bunda, fazendo-a xingar.

— Gostosa! — elogio-a, e recebo uma língua malcriada.

Ponho a mão no bolso da calça e sinto as tiras de couro, abrindo um sorriso secreto ao pensar no que a espera amanhã.

# 28

# Malu

*PEÃO ABUSADO!*

Penso nele com um sorriso idiota – e irreconhecível – enquanto troco de roupa para ir até a tal vila. Há semanas ando com esse estado de espírito, nada me aborrece, estou solta, relaxada como não me sinto há muitos anos. Tenho dormido e feito todas as refeições de maneira satisfatória, meu corpo parece já sentir essa mudança, e, por incrível que pareça, até meu trabalho está melhor, mesmo me dedicando a ele menos horas do que antes.

Penso na Kika e na conversa que tivemos na semana passada, quando ligou para cá. Tentei fingir que ainda estava brava com ela, mas não pude a enganar, minha amiga me conhecia demais.

Contei-lhe, então, sobre o Xucro. Kika me ouviu durante todo o tempo – que não foi pouco – completamente muda, o que é totalmente anormal para ela. Quando terminei de falar, o silêncio era tão grande que achei que a ligação

tivesse caído.

— Ei, *Wilka Maria*, você está aí ainda?

— Estou, sim, Malu — o seu tom de voz me surpreendeu, principalmente por não ter retrucado por eu ter usado seu nome composto. — Você já se ouviu falando nesse peão?

— Oi? — Comecei a rir, sem entender a pergunta. — Do que você está falando?

— Malu, eu nunca ouvi você falar de ninguém assim! Eu ressalto ninguém porque, quando você tem um encontro que resulta numa transa, você só fala do sexo e não do cara, mas com esse aí... — Ela suspirou. — Você parece querer que eu o conheça, me deu detalhes de sua personalidade, de seu jeito, discorreu minutos sobre como o sorriso dele parece iluminar os olhos azuis...

— Eu não disse uma cafonice dessa, Kika! — contestei, sentindo-me incomodada.

— Pior que disse! — Ela gargalhou. — Você entendeu minha pergunta agora? Você divaga ao falar dele, flutua, as palavras saem da sua boca sem que você se dê conta, e isso, definitivamente, minha amiga, não é seu estado normal.

Remexi-me na cadeira, sem entender sobre o que ela estava falando, mas com o coração acelerado e as mãos suando frio.

— Kika...

— Malu, você está se apaixonando por esse peão!

Estremeci e fechei os olhos, e ainda me sinto assim, ansiosa, agora, quando penso na conversa. Será possível? Isso nunca aconteceu comigo antes, eu nunca me senti mais do que atraída por alguém. Porém, sei que a minha situação com o Guilherme é diferente de tudo o que já vivenciei.

— Isso não pode acontecer! — minha voz saiu um tanto em pânico. — Daqui a alguns dias, eu volto para minha vida normal, isso é apenas um caso passageiro, e nós dois sabemos disso.

Kika riu.

— Você sabe também que eu não entendo muito essa coisa de sentimentos, mas acho que sei um pouco mais que você, por ter amigas que se apaixonam e namoram normalmente. — Ela respirou fundo. — O coração não obedece à racionalidade, Malu. Se você der mole, ele passa por cima de tudo o que você jurou nunca fazer e te torna uma pessoa daquelas que a gente não quer ser: sorriso bobo no rosto, suspiros pelos cantos, olhar sonhador.

*Puta que pariu!*, xinguei ao contatar que, sim, eu estava me tornando essa pessoa.

— Como paro essa coisa? — indaguei em desespero.

— Quer que eu mande o avião para te buscar?

Foi naquele momento que eu percebi que ela não estava me sacaneando, mas sim preocupada. Kika realmente achava que eu estava me apaixonando pelo Xucro e, conhecendo-a como conheço, sabia que ela devia estar tão apavorada quanto eu deveria estar. Contudo, o fato mais estranho foi perceber que eu não estava.

Nunca havia pensado que o tempo estava passando e que eu nunca tinha me permitido viver nada. Os dias na fazenda, com Guilherme ao meu lado, brincando de casinha, fizeram-me admitir isso. A probabilidade de eu ficar na merda quando fosse embora se deixasse esse sentimento se desenvolver era enorme, mas eu não estava me importando.

Eu queria continuar sentindo o que ele me fazia sentir!

— Não — respondi. Kika xingou do outro lado da linha, e eu ri. — Eu estou, enfim, fazendo algo além de trabalhar, como vocês todos me aconselharam. Tenho dormido bem, comido nos horários, e meu corpo está bem relaxado, então vou continuar aqui até a data que foi programada.

— Malu... — Kika estava receosa, e eu sabia que a pergunta em seguida seria a mesma que eu estava me fazendo: — Como vai ser quando você tiver que dar adeus a ele?

Imediatamente a música do Lulu Santos – um cantor de quem eu sempre fui fã – tocou em minha mente. Sorri e a recitei para Kika:

— Se amanhã não for nada disso, caberá só a mim esquecer...

Ela deu uma risadinha, ainda preocupada, ao reconhecer a letra e me desejou boa sorte antes de desligar. Fiquei um tempo no escritório da casa, digerindo todas as coisas que uma simples conversa com minha melhor amiga me fizeram enxergar. Eu estava arriscando meu coração pela primeira vez e em um caso fadado ao término desde o princípio.

Fui para a cozinha buscar um copo de água antes de voltar ao trabalho, mas me encontrei com Guilherme atacando uma das panelas de dona Sueli.

— Ei! — Beijou-me ao me cumprimentar, e eu senti o sabor doce em sua boca. — Estou pegando um pouco do doce de leite que a tia fez, antes de dar o tal do ponto. — Ele me mostrou um potinho de vidro com uma pasta dentro.

— É tão fã de doces que não pode esperar ficar pronto? — debochei.

— Não... — Molhou um dedo e me deu para que eu o provasse. — Assim é muito melhor do que em ponto de corte. Mas não vou comer agora. — Tampou o pote. — É uma reserva.

Comecei a gargalhar, achando engraçado que ele fosse tão fanático por doces a ponto de reservar um pote escondido. Realmente era delicioso, a textura e sabor, perfeitos. Mais tarde fomos expulsos da cozinha quando dona Sueli nos pegou no flagra, agarrados, eu sentada em cima do tampo da mesa e ele entre

minhas pernas.

O peão se despediu de mim e voltou para o trabalho, e eu segui para o quarto, mas ainda pude ouvi-la comentar:

— Apaixonados que só...

A batida à porta me faz parar de pensar nos dias aqui com ele e eu peço à pessoa que entre, sabendo não ser o Xucro, pois ele nunca bate, já se sentindo um pouco dono do quarto também.

— Tarde. — Ritinha entra carregando roupa de cama limpa e passada.

Fico observando-a guardar as peças no armário, sentindo falta da moça animada e falante que ela era quando nos conhecemos.

— Tudo bem com você, Ritinha? — puxo assunto, mas ela apenas balança a cabeça. — Eu vi que ontem você trouxe umas roupas minhas lavadas e passadas, obrigada por isso.

Ela me encara.

— Não fui eu, foi a dona Sueli — esclarece. — Eu não mexo nas coisas de um bicho de chão feito você. Licença.

Sai batendo a porta do quarto, deixando-me com olhos arregalados e com total noção da mágoa que ela sente por eu ter me envolvido com seu amor platônico. Lamento, não foi proposital, e sinceramente espero que isso passe... dou-me conta, entretanto, de que, quando eu for embora, ela ficará por aqui e é uma bela moça.

Tento não dar ouvidos ao ciúme e à inveja que sinto. Os dois conseguiriam muito bem levar um relacionamento, viver a paixão, pois são parecidos e se encaixam um na vida do outro, o que não acontece entre mim e ele.

Olho-me no espelho novamente, perguntando quem é essa mulher que está se revelando.

A vila é exatamente isso, apenas um amontoado de casas em uma única rua, com alguns comércios pequenos. O maior estabelecimento do local é um bar chamado “Rosa Pantaneira”. O nome não me é estranho, e eu tento me lembrar de onde já ouvi falar nele.

Como em Aquidauana, o peão parece conhecer todo mundo e vai cumprimentando e me apresentando a todos. Vejo uma lojinha com alguns artesanatos como cestas e bijuterias, além de alguns entalhes e resolvo ir até lá enquanto ele resolve as coisas da fazenda.

Descubro que a tal “lojinha” é, na verdade, a casa de uma senhora bem

simpática – que inclusive me oferece um café – e que ela mesma é quem faz as peças que vende. Adquiro algumas coisas, muito bem-feitas, e fico um tempo conversando com ela, ouvindo-a contar histórias e causos.

Como Guilherme ainda não voltou, começo a entrar nas outras lojas, a maioria de materiais para fazenda e peões, e paro no bar. O local está praticamente vazio, apenas com uns três homens – parecendo bem bêbados – em mesas espalhadas pelo grande salão.

Uma mulher bem bonita, parecendo ser um pouco mais velha que eu, atende-me com um sorriso e um brilho de curiosidade no olhar.

— Boa tarde!

— Boa tarde, eu gostaria de uma água bem gelada, por favor! — peço, e ela logo me serve. — O lugar aqui é grande!

Ela sorri, orgulhosa.

— É meu, sou a dona. — Estende a mão. — Elizete Soares, mas todo mundo me chama de Lizete.

— Prazer! Sou Malu Ruschel, estou hospedada na Paraíso.

— Ah, mesmo? Não sabia que Sueli e Sandoval estavam hospedando! Bom saber! — Sorri, simpática. — O que está achando do local? A Paraíso tem as melhores lagoas e prainhas, com certeza!

Franzo o cenho ao que ela fala, pois nunca ouvi falarem de nada disso na fazenda, mas, como ela disse até mesmo o nome dos proprietários, entendo que estamos falando do mesmo local.

— Eu ainda não conheci muita coisa por lá... — respondo, bebendo minha água. — O bar parece ser bem animado à noite. — Aponto para um palco com instrumentos. — Música ao vivo?

— De quinta a domingo. Recebo aqui as melhores duplas da região, e a peonada das fazendas do entorno vem toda para cá balançar o esqueleto, beber e, às vezes, arrumar briga. — Ela abre um enorme sorriso. — O mais gostoso deles acaba de chegar, mas você já deve conhecê-lo...

Olho na direção da porta e vejo o Guilherme. Aceno, e ele se aproxima.

— Oi, Lizete! — cumprimenta-a. — Me traz uma geladinha!

— A melhor! — Ela vai até o freezer pegar a cerveja.

Guilherme senta-se na baqueta alta ao meu lado e sorri para as sacolas que carrego.

— Gostou das coisas da dona Marta? — Assinto. — Aposto que foi onde você mais demorou, porque ela sempre fala muito!

— Foi, sim, mas ela é um amor, lembrou muito minha avó — admito, enternecida ao me lembrar da velhinha. — Conseguiu resolver tudo?

— Sim. — Pega a cerveja que Lizete lhe serve. — Já carreguei tudo na

caminhonete.

— Não sabia que vocês estavam recebendo hóspedes! — Lizete comenta com ele. — Vou indicar a fazenda para algumas pessoas que chegam aqui procurando pouso. É bem melhor que a pousada aqui da vila.

Guilherme nega.

— Não estamos, não, Lizete. — Ela franze a testa com a negativa e me olha. — Malu foi exceção.

— Ah...

Percebo a mudança no olhar dela pouco antes de voltar a olhar para o Guilherme. O peão, um tanto alheio a essa mudança, continua a beber sua cerveja, sem notar que ela o come com os olhos antes de voltar a me encarar.

Com certeza essa mulher tem interesse no peão! A minha vontade é de rolar os olhos, afinal, essas paragens estão cheias de homens – peões e fazendeiros. Por que toda mulher que conheço quer logo abrir as pernas para o Xucro? Bufo e atraio a atenção dele.

— Algum problema?

— Cansada. — Ponho o dinheiro, que inclusive paga a cerveja, em cima do balcão e me ponho de pé. — Podemos voltar?

— Claro. — Ele termina e sorri para Lizete. — Foi bom te ver, Lizete!

Ela se derrete, e eu faço careta.

— Virá ao baile desse final de semana?

Encaro Guilherme, sabendo agora onde ele enche a cara com os outros peões e onde, provavelmente, dá suas trepadas ocasionais. Onde e *com quem!*

— Não — ele lamenta, mas me abraça. — Vou levar a Malu para conhecer as lagoas.

*Hein?!* Não disfarço minha cara de surpresa. Ele não falou nada comigo sobre lagoas ou mesmo de me levar até lá e agora dispara a informação sem mais, na frente de outra pessoa!

— Ah... — Lizete fixa o olhar no braço dele na minha cintura. — Ela vai adorar!

— Vai, sim! — Pisca para mim. — Até outro dia!

— Até... — Olha-me. — Foi um prazer conhecer você!

— Tchau.

Despeço-me apenas, seguindo o Xucro para fora do bar e me afastando dele assim que alcançamos a rua.

— Que história é essa de lagoas?

# 29

# Guilherme

MALU ME FLAGROU, há alguns dias, separando doce de leite da panela da tia Sueli. Mal sabe ela que a iguaria ainda está guardada, esperando o momento de ser utilizada.

Pago as compras na mercearia – pães, biscoitos, pó de café solúvel, algumas frutas e descartáveis – e vou buscar as encomendas que fiz na pequena lojinha de camping e pesca. Não posso acampar com ela como faço quando estou em comitiva, em barracos de pau e lona, então comprei a única – e cara – barraca de acampar que achei no lugar, um colchão inflável de casal e um conjunto com cadeira e mesa dobráveis.

Combino com ele – que vende produtos de segunda mão, também – que irei revendê-los – pela metade do que paguei, claro – assim que voltar do acampamento. Não me importo por ficar mais pobre este mês, mas sim em dar a Malu o mínimo de conforto. Lá na fazenda, lampiões, mosqueteiros, roupa de

cama e banho, além de outros utensílios já foram separados por minha tia para levarmos.

Iremos a cavalo, e uma mula seguirá atrelada ao Zeus só para carregar as provisões. Infelizmente, não dá para chegar lá de carro, mas, como Malu demonstrou ter destreza no lombo de um equino, estou mais tranquilo que aguentará o tempo de montaria.

A única coisa que me deixa tenso é a possibilidade de ela não apreciar o local. Pode parecer besteira, mas eu gostaria muito que se encantasse por aquela parte da fazenda especificamente, pois é o lugar que mais amo, que significa muito para mim, o que me fez ficar e pensar em um futuro aqui.

A verdadeira riqueza da Paraíso não está nas cabeças de boi, como já mencionei, mas sim naquela porção enorme de terra cheia de lagoas.

Coloco minhas provisões na caçamba da caminhonete e sigo para o depósito do Zé, onde meu tio encomendou algumas rações e medicamentos. O homem sempre vai entregá-los para nós, mas nesta semana não vai poder ir, e, como a caminhonete já está funcionando, não há motivo para esperarmos até a próxima entrega.

Zé e seu filho, Lucas, estão já à minha espera com tudo separado.

— Seu tio me contou que vão deslocar centenas de reses até a Curva do Leque. — Eu concordo enquanto carregamos o carro com as encomendas. — Lucas está com vontade de participar de uma comitiva.

Olho para o adolescente e franzo a testa.

— Ele não estava estudando em Aquidauana?

— Sim, mas não quer mais ir para a escola. — Dá de ombros. — Decidiu que quer ficar por aqui e se tornar peão.

Paro e olho para o homem, que tem quase a minha idade, apenas dois anos a mais, vendo em seu rosto a vida dura que vem levando desde moleque.

— Mande-o de volta e o obrigue a estudar, Zé.

O homem olha para seu filho e assente.

— Estou tentando, mas o guri tá impossível.

— Ficará mais ainda se você o deixar fazer o que quiser agora, com tão pouca idade.

— Eu pensei em deixá-lo ir com vocês porque sei que não aguentará e que ficará assustado com as horas em cima do cavalo e a correria com os bichos.

Sim, ele tem razão ao falar do trabalho duro, mas isso para mim foi combustível para que eu permanecesse nessa vida. Se o moleque gostar de um pouco de aventura, mal irá reclamar do trabalho, e isso só o fará ficar ainda mais convicto de que parar de estudar é o melhor.

— Mande-o de volta, é o meu conselho. Por enquanto, ele ainda é

responsabilidade sua, é menor de idade; depois ele decide o que quer fazer, mas não negligencie sua parte na vida dele. Você tem certeza de que é só por desejar ser peão que ele não quer voltar?

— Tenho, sim. Isso e uma namorada, que o trocou por um homem mais velho, um peão.

Não consigo conter o riso. Eis a explicação!

— Mande-o de volta, Zé, isso passa.

Converso mais uns momentos com pai e filho e vou até a casa da dona Marta, onde Malu foi comprar uns artesanatos da senhora idosa. Lá, sou informado, depois de muita conversa fiada, de que a moça entrou no Rosa Pantaneira e sigo para lá.

Assim que entro, vejo a minha Dondoquinha sentada próximo ao balcão e conversando com a Lizete. Não vejo a dona do bar há algumas semanas, desde a noite que passei aqui com os peões, detestando cada momento, querendo voltar para a fazenda de qualquer jeito. Lizete se mostrou disposta a mais uma foda sem sentido, mas eu já estava completamente intoxicado pelo tesão na Malu, então neguei.

Lizete é a primeira a me ver e acena, comentando algo com a Malu.

— Oi, Lizete! — cumprimento-a de volta, sentando-me ao lado da Dondoquinha. — Me traz uma geladinha!

— A melhor! — Ela exibe um enorme sorriso e caminha até o freezer, exibindo seu lindo traseiro em uma calça jeans justa.

Olho para a Malu, achando-a ainda mais bonita com as bochechas coradas por andar ao sol. Em seguida, o número de sacolas que ela tem no chão perto de sua banqueta chama minha atenção.

— Gostou das coisas da dona Marta? — Ela assente, e eu faço uma careta de pena, pois conheço a senhora há muitos anos e sei que ela adora conversar por horas a fio. — Aposto que foi onde você mais demorou, porque ela sempre fala muito!

— Foi, sim, mas ela é um amor, lembrou muito minha avó — o sorriso e o jeito carinhoso que ela fala da dona Marta me surpreendem positivamente, pois nem todos têm paciência com a velhinha solitária. — Conseguiu resolver tudo?

Sorrio como um gato que comeu o canário, pensando nas surpresas que a aguardam na caminhonete, no nosso passeio e em todas as coisas perversamente safadas que pretendo fazer com ela no meio do mato.

— Sim. — Lizete serve minha cerveja em um copo de vidro, e eu a pego, louco para matar a sede. — Já carreguei tudo na caminhonete — informo e logo dou uma enorme golada na bebida estupidamente gelada.

— Não sabia que vocês estavam recebendo hóspedes! — Lizete comenta

olhando de esguelha para a Malu. — Vou indicar a fazenda para algumas pessoas que chegam aqui procurando pouso. É bem melhor que a pousada aqui da vila.

*Ai, merda, não!*

Rapidamente nego, pois sei a quantidade de pessoas que vem parar aqui para turismo, seja de observação ou de pesca, e que a oportunidade de ficar em uma fazenda como a nossa é um achado no meio de tantas pousadas ruins que existem por aqui. A fazenda não está aberta a turistas.

— Não estamos, não, Lizete — esclareço, e é então que ela encara a Malu, confusa. As duas devem ter conversado, e a Dondoquinha, contado que está hospedada na fazenda. Abro um sorriso ao dizer: — Malu foi exceção.

— Ah...

Consigo ouvir todos os pensamentos da mulher atrás do balcão, mas finjo que não há nada demais na história, afinal, a Malu veio para cá apenas por um pedido da sobrinha da tia Sueli, não teve nada a ver comigo, como parece que ela está imaginando.

Continuo tomando minha cerveja tranquilamente, até que escuto o bufo irritado da Malu. *Puta que pariu, a Dondoquinha deve estar entediada com o lugar!*

— Algum problema? — pergunto.

— Cansada.

Ela tira uma nota da carteira, sem nem mesmo perguntar o valor ou se eu irei pagar, o que me dá a ideia exata de que ela está realmente muito entediada aqui. *Merda! Ela não vai gostar de acampar!*

— Podemos voltar? — questiona-me impaciente.

— Claro. — Termino de beber o conteúdo do copo, deixando meia garrafa cheia e sorrio para a dona do bar. — Foi bom te ver, Lizete!

— Virá ao baile desse final de semana? — Lizete indaga animada.

Respiro fundo, pois sei que ela tem expectativas de que, como acontece quase todos os meses desde que começamos a trepar sem compromisso, eu venha. Claro que tenho que ser sincero com ela; mesmo não tendo nenhum tipo de obrigação, não sou um homem desconsiderado. Nós não devemos nenhum tipo de explicação um ao outro, mas, por amizade, é melhor que ela entenda que, sim, eu estou dormindo com a Malu nesse momento e que, por isso, não vai rolar nada entre nós.

— Não — respondo e passo o braço por trás da Malu, abraçando-a pela cintura. — Vou levar a Malu para conhecer as lagoas.

Pela expressão da Lizete, sei que ela entendeu o que está acontecendo entre a hóspede e mim, pois fixa os olhos na minha mão segurando a Malu bem pertinho do meu corpo.

— Ah... Ela vai adorar!

— Vai, sim! — Pisco para Malu, mas ela está tensa como uma corda de violão. *É melhor sair daí rápido, Guilherme!* — Até outro dia!

— Até... — E ela olha para a Malu. — Foi um prazer conhecer você!

— Tchau. — Ela reponde seca.

Puta que pariu! O que será que aconteceu?, penso ao sair do bar, ainda sentindo a Malu dura ao meu lado, sem me olhar e respirando como se estivesse bem enfezada. Será que ela não gostou da ideia de acampar e irá desistir sem nem mesmo ir até o local para o conhecer?

Assim que pisamos na calçada, ela se afasta de mim e dispara:

— Que história é essa de lagoas?

— Era para ser uma surpresa, mas... — Dou de ombros. — Vou levar você para conhecer o local mais bonito da fazenda.

Ela cruza os braços.

— Você já levou a tal Lizete para lá também?

A pergunta me pega desprevenido, mas o que chama a minha atenção não é seu conteúdo em si, mas o tom que ela usou. *Ciúmes?!* Fico um tempo olhando para Malu, notando sua postura, seus olhos castanhos brilhando, o nariz altivo. Sim, constato pasmo, a Dondoquinha está com ciúmes!

Puxo-a pela cintura, recebendo em troca uns tapas no peito. Imobilizo-a, deixando-a bem presa ao meu corpo com um só braço, enquanto o outro a segura pela nuca.

— Não, Malu, eu nunca levei ninguém lá.

Ela, obviamente, não acredita. Sinto sua respiração ofegando, e seus olhos não desgrudam dos meus, provavelmente avaliando se estou ou não dizendo a verdade.

— Como ela sabe das tais lagoas?

— Tudo mundo por aqui sabe, é um local cheio delas, desde lá do Parque Estadual do Rio Negro. — Puxo seu rosto na direção do meu. — As nossas são as mais bonitas, e quero que você as veja comigo.

Malu geme, e eu aproveito para beijá-la devagar, apenas roçando minha boca na dela.

— O que tem de tão especial lá? — sua voz está baixinha, seduzida.

— O paraíso! — Lambo seu lábio inferior. — E ele será só nosso!

Deixei Malu na sede e fui ajudar a descarregar a caminhonete, aproveitando

para, depois, deixar as coisas que comprara no quartinho do alojamento. Conferi tudo, coloquei os alimentos, os descartáveis e os utensílios nos baús de couro – são dois deles, que irão um de cada lado da mula. Enrolei o edredom, manta e lençóis em uma lona grossa para o caso de chuva e fiz o mesmo com o colchão inflável.

A intenção é sair daqui ainda de madrugada, chegando até a primeira prainha no meio da manhã. Conferi a espingarda, bem como todo o material de primeiros-socorros e fechei o quartinho, indo ajudar o Jumecy no pasto sul.

Trabalhamos juntos tratando de um garrote com algumas bicheiras o resto da tarde, só parando para tomar um tereré antes do jantar. Eu sempre gostei do clima entre a peonada no fim do dia, das conversas cheias de mentiras que um conta para o outro, das músicas que cantamos e, claro, de compartilhar o tereré e até cigarro de palha com meus companheiros de lida. É o que estou fazendo agora, no alojamento.

Confesso, no entanto, que olho para o relógio na parede do refeitório a todo momento, perguntando-me quando poderei sair daqui para ir até a sede sem ouvir piadas de como estou laçado pela moça da cidade. Sim, eu ouço esse tipo de brincadeiras o dia todo, especialmente depois que eles se acostumaram a me ver chegar da casa todas as manhãs.

No começo, uns e outros me olharam torto, principalmente depois das ameaças que fiz para que não mexessem com ela, mas depois pareceram não ligar mais. Um deles até me perguntou se ela estava pensando em ficar por aqui de vez ou se eu iria embora com ela.

Não, nem uma coisa, nem outra, era a resposta que eu teria dado caso tivesse respondido. A coisa pode até parecer ter ficado séria, mas nós dois sabemos que não haverá nenhum futuro para isso que estamos vivendo, pois desde o começo esse caso teve dia certo para acabar.

Levanto-me, deixando a guampa com o Jumecy, despeço-me de todos – ainda recebendo os sorrisos e olhares maliciosos – e sigo para a sede, onde meus tios e a minha Dondoquinha me aguardam para o jantar.

*Minha Dondoquinha!*

A possessividade do termo traduz apenas aquilo que eu sinto. Malu é minha. Independentemente de qualquer outra coisa, durante o tempo em que ela estiver aqui, é minha e somente minha.

Eu não esperava essa identificação toda. Desde o começo me senti atraído por ela, algo normal, pois a danada é gostosa, mas fomos além disso. Gosto do jeito que ela pensa, da forma como ama seu trabalho – mesmo achando que é exagerada e com medo de que ela descubra isso da pior maneira –, da sua lealdade com sua equipe, principalmente com sua amiga e, também, da mulher

que ela tenta esconder de qualquer jeito, mas que consigo ver.

Ah... essa mulher que ela insiste em negar é a que mais me atrai!

Sempre quando conversamos sobre a família dela, vejo-a. Malu às vezes se dispersa e fala livremente sobre sua infância no interior, conta-me coisas engraçadas, como se ela mesma tivesse esquecido do significado de uma dessas lembranças. Eu vibro com ela a cada sentimento que tem redescoberto.

Não vou mentir que a tenho acompanhado nesses momentos intensos, lembrando-me de coisas que até então evitava. Não é só porque a vida me apresentou um grande momento ruim que se anulam todos os pequenos bons momentos que vivi antes. A dor tão forte me fez esquecer que eles existiram, por isso que reviver as lembranças da Malu me fez recordar as minhas e diminuir um pouco do peso em meus ombros.

Nós nos tornamos amigos, por mais improvável que isso possa parecer.

Sorrio ao pensar que, se alguém tivesse me dito que eu estaria completamente fascinado por uma mulher como ela há um mês, eu teria rido e o chamado de louco. A verdade é que aconteceu, sim, e ela foi como um frescor na minha vida. Ela tem sido um sopro de esperança.

Entro na cozinha, e a cena que vejo dá um tombo no meu coração: Malu ajudando a tia com as panelas, conversando entre risadas, com um lenço – de seda, ao que parece – amarrado nos cabelos e um avental na cintura.

*Não viaja, Guilherme!*, repreendo-me, tentando manter meus pés no chão, porém, sem sucesso.

Em minha mente, uma cena dessas, com ela aqui comigo, dando-nos a oportunidade de descobrir até onde essa ligação entre nós irá, começa a se tornar nítida.

*Eu quero essa mulher!*

# 30

# Malu

SOU ACORDADA AINDA de madrugada – depois de ter dormido poucas horas porque passei boa parte da noite fazendo sexo – por um insistente homem que parece que vai tirar algum boi do atoleiro, tamanha a impaciência do peão.

Na noite passada, Guilherme me fez arrumar uma mochila – sim, mochila que não sei de onde veio, mas de boa qualidade, de couro puro – colocando apenas coisas básicas como roupas – blusas com mangas compridas leves e grossas e duas calças –, roupa íntima – embora ele insistisse que não seria necessário –, além de produtos de higiene pessoal e meias – um par para eu ir e outro para levar. Também me fez separar botas sem salto.

Eu estou bem nervosa com esse negócio de acampar, porque nunca me vi como uma pessoa aventureira, e, por mais que ele me garanta que estaremos em segurança, ainda estou morrendo de medo de topar com uma onça-pintada, mesmo com Guilherme insistindo que nem ele viu uma nesses anos todos

morando aqui.

Levanto-me da cama um tanto mal-humorada, indo direto ao banheiro para escovar os dentes e trocar de roupa. Ele me disse que está frio, por isso me encapoto toda para ir tomar o “quebra-torto”.

Encontro-me com dona Sueli na cozinha, toda animada – meu Deus, de onde esse povo tira animação às 4h da manhã para se embrenhar no mato?! –, esperando-me já com café forte e pãezinhos recém-assados, o que prova que ela está de pé há ainda mais tempo que eu.

— Cadê o Xucro? — pergunto, azeda, e ela gargalha.

— Vocês dois já até arranjaram apelidos carinhosos um para o outro. — Fungo, tentando manter meu mau-humor, mesmo achando engraçado ela dizer que eu o chamar de Xucro e ele me chamar de Dondoquinha é algo carinhoso. — Seu Xucro está lá fora arrumando *as traia* no lombo da mula.

Caminho até a varanda e o vejo, juntamente ao senhor Sandoval, enchendo o pobre animal de carga. Os dois colocam as bolsas e as tiram, sempre discutindo sobre o peso das coisas e a melhor maneira de dividi-lo.

O mais velho é o primeiro a me ver:

— Dia, dona Malu! — Acena para mim, fazendo com que o Guilherme se vire para me olhar.

— Já ia levar um balde de água gelada para te acordar, Dondoquinha! — ele provoca. — Animada?!

Aproveito que o senhor Sandoval está distraído arrumando algo no burro – ou o que quer que seja esse animal – e mostro minha animação levantando o dedo do meio para o Xucro, que começa a gargalhar.

— Eu espero realmente que as tais lagoas valham a pena, porque, senão, vou tirar o couro daquele abusado! — resmungo entrando na cozinha. — Além de assar meu traseiro na sela de um cavalo por horas, vou perder dois dias de trabalho e ficar incomunicável no meio do mato servindo de iscas para onças!

Dona Sueli ri com vontade, mexendo em suas panelas.

— Você ficará tão encantada que dois dias serão pouco, pode ter certeza! — Ela põe uma panela fumegante em cima da mesa de madeira, e eu sinto o cheiro do arroz de carreteiro. — Tem certeza de que não quer comer o quebra-torto de verdade?

— Por que vocês chamam o desjejum assim?

Ouço a risada do senhor Sandoval, e é o próprio quem responde ao entrar na cozinha:

— Porque antigamente falava-se que os peões acordavam tortos de fome. — Suspira. — Eu faço questão do meu quebra-torto tradicional, mas a maioria dos fazendeiros e dos peões de hoje preferem café com pão!

— E, depois de meia hora de lida, já estão querendo parar para comer de novo! — Guilherme completa, sentando-se ao meu lado e se servindo de arroz, farofa e caldo de peixe. Meu estômago revira. — Coma bastante pão, Dondoquinha, nosso caminho é longo.

Bufo, e ele me beija na frente dos tios.

Tenho que enfrentar, após isso, o olhar sonhador e cheio de romance da dona Sueli e o resignado do senhor Sandoval. O tio do Xucro sabe muito bem que nossa relação está com os dias contados e que nem eu, nem o sobrinho iremos fazer algo para mudar essa situação. Na verdade, não há nada que possamos fazer, mesmo se quisermos.

Saímos antes de o dia começar a clarear, o que me deixou temerosa, mas Guilherme garantiu que só entraríamos em área mais selvagem quando o sol nascesse. E foi o que aconteceu! Ficamos dentro do perímetro da fazenda – na parte utilizada para a atividade de pecuária – por quase uma hora. Atravessamos um pequeno corixo, e o entorno começou a mudar, com vegetação mais densa e a estrada mais complicada.

Guilherme levava, além da mochila nas costas, um facão de um lado e uma espingarda do outro. Segundo ele, a faca era para abrir a mata, caso tivesse adensado desde a última vez em que estivera no local, e a arma, para nossa segurança.

Os cavalos não avançavam muito por causa da mula, que marchava devagar com o peso dos equipamentos no lombo. Ele calculou que levaríamos cerca de duas horas para chegar ao local do acampamento – que eu estava imaginando ser como naqueles filmes de camping, um local com uma cabana de madeira à beira de um grande lago – porém, estava muito enganada!

As primeiras lagoas começaram a aparecer, e eu, a perder o fôlego, tamanha exuberância. Lindas, dos dois lados da estradinha aberta a facão no meio de matas ciliares. Cada uma possuía tamanho e cor diferentes. Umas eram como lagoinhas, enquanto outras pareciam um mar sem fim, impossível de ver a outra margem.

De acordo com o avanço da manhã, eu ia ficando mais e mais surpresa com a fauna e a flora do local. Um sem número de aves. O famoso tuiuiú – ave símbolo do Pantanal – atravessou nosso caminho alçando voo, enquanto milhares de garças pescavam tranquilas.

A câmera do meu celular disparava sem parar, e eu lamentei que a filha da

mãe da Kika tenha afanado meu iPhone, pois ele daria fotografias belíssimas! Não... aquele lugar merecia uma câmera profissional, com zoom que buscasse a exuberância das penas do tucano que estava comendo no alto de uma árvore.

— Gostando do passeio? — Guilherme perguntou-me ao passar um cantil para que eu bebesse água.

— Estou sem palavras! — Bebi e o devolvi. — Isso aqui é o que eu imaginava ao pensar no Pantanal! — Olhei em volta com um baita sorriso. — É natureza pura!

— É, sim, Dondoquinha! — Ele me encarou com olhos brilhantes. — Isso aqui é a vida se renovando e seguindo sempre em frente.

Ficamos mudos o restante do caminho até agora, ao chegarmos a uma área limpa de vegetação às margens de uma imensa – a maior que vi até agora – lagoa com uma faixa de areia formando uma praia.

Seguro o fôlego ante o cenário.

Guilherme desce de Zeus e vai descarregar a mula antes de levar os animais para beber água. No entanto, fico congelada em cima da égua, hipnotizada por esse imenso mar de água doce e calma. Os sons ao redor, os cheiros, a visão... eu me sinto em êxtase!

— Ei! — Guilherme me chama. — Desça e estique as pernas um pouco, depois vou precisar de você para montar acampamento.

Suspiro.

— É aqui que vamos ficar?

— Não gostou? — ele parece tenso ao perguntar.

Apeio da égua, indo até o peão e o abraçando pelo pescoço.

— Isso aqui é o paraíso!

Ele ri e me beija cheio de tesão, molhando minha boca, apertando minha bunda.

— É o nosso paraíso, então... — Tira meu casaco e desabotoa a blusa que uso por baixo, expondo um ousado sutiã de renda vermelha. Geme. — Poderemos ser selvagens como a natureza nos fez.

Fico excitada apenas com a possibilidade de viver uma recriação moderna do Éden com ele. Nós dois e mais ninguém, sozinhos, nus, no meio da forma mais pura de vida: a selvagem.

Ajudo-o com as coisas na mula e em seguida levo Estrela – a égua que estou usando – até a água para beber.

Guilherme amarra os cavalos em árvores próximas ao acampamento, tratando deles.

— Quando algum fazendeiro da outra banda — aponta para o seu lado esquerdo — precisa trazer o gado para cá, que é um pouco mais alto, nós usamos

essa área como apoio. Geralmente usamos paus e cobrimos com lona, e a maioria gosta mesmo de dormir ao relento, mas eu comprei uma barraca de camping.

Ajudo-o a montar a barraca – que me surpreende pelo tamanho e por ter até uma “varanda” feita de mosqueteiros, onde ele arma uma mesa e duas banquetas dessas de plástico dobrável. Consigo entrar dentro dela em pé, sem me curvar, mas o peão, não.

Colocamos nossas mochilas dentro dela, bem como os lampiões e lanternas que ele trouxe. Enchemos – com uma bomba acoplada – o colchão de casal, e eu o cubro com os lençóis e mantas que dona Sueli mandou. Não tem travesseiros, mas, como durmo sobre o peito do peão mesmo, não me fixo muito na questão.

Em um outro canto, ele coloca os baús que estavam na mula, com mantimentos e utensílios.

— Vou montar o fogão lá fora e trazer parte da lenha que separei antes para deixá-la aqui na entrada, no caso de chuva. — Concordo. — Não tem previsão, mas é bom prevenir.

— Eu gostei bastante da estrutura — digo ao tirar as botas e a calça jeans. — A lagoa pode ser usada para banho, não é?

Guilherme fica um tempo olhando-me tirar a roupa, restando apenas a lingerie vermelha. Nega.

— Existem regras severas para entrar no lago.

Penso em jacarés, piranhas e outros bichos, ficando tensa imediatamente.

— Não diga que tem sucuri por aqui, por favor!

— Não, quer dizer, pode até ter, mas ela não vai se importar com você lá. — Isso não ajuda muito. — Você não pode poluir a água.

— Hein? Claro que não vou jogar nada na água para poluir, ficou louco?

— Isso... — ele enfia um dedo no elástico da minha calcinha — polui a água. — Semicerro os olhos, não acreditando na sua cara de pau. — Está proibido, totalmente, com direito a multa!

Guilherme puxa a peça para baixo e a deixa cair aos meus pés. Fica me comendo com os olhos, respirando forte, excitado e contido. Vira-me de costas e desprende meu sutiã, puxando suas alças sobre meus ombros, fazendo-o ir ao chão também.

— Agora você pode se banhar... — sussurra ao meu ouvido, arrastando os dedos entre a fenda da minha bunda, indo em direção ao meu sexo. — Antes, quero que banhe meu dedo com seu tesão. — Insere um dentro de mim. — Sinto o calor e a umidade, e a lembrança do sabor da sua boceta enche minha boca de água, Dondoquinha.

O peão retira o dedo e o chupa, fazendo barulho no meu ouvido, enfiando a

língua na minha orelha e voltando a me foder com o dedo safado.

Ele me enlouquece por alguns minutos, fodendo e massageando até me fazer gozar em sua mão. Quando o Xucro consegue o que quer, sorri cheio de safadeza e se despe na minha frente, expondo seu pau enorme e grosso com orgulho.

Penso que ele vai me deitar no macio colchão inflável e me levar ao céu, mas, compreendendo o que se passa em minha mente, ele apenas nega e pega minha mão, dizendo:

— Vamos para a água!

Saímos correndo da barraca, nus, gargalhando como loucos. A areia escura da margem é solta e fofa, igual à de uma praia, a água gelada, escura, mas límpida. Entro devagar, ainda receosa por causa de bichos.

— Não tem piranha, nem jacaré por aqui, não é?

Ele ri.

— Geralmente eles habitam rios, Dondoquinha. Ou lagoas que se ligam a um rio, o que não é o caso dessa. Vem sem medo! — Ele submerge, e eu começo a andar devagar, indo para mais fundo.

De repente, com água já na cintura, sinto um puxão e afundo, sendo depois içada para cima por um Xucro gargalhando.

— Porra, Guilherme! — Dou um tapa na cabeça dele, ainda tremendo de susto e já completamente molhada.

Ele não se desculpa, mesmo sob meu olhar indignado, só me abraça apertado.

— Eu estou adorando ter você comigo! — declara sério, seus olhos azuis fixos nos meus. — Não é só o sexo, Malu. — Eu concordo, emocionada. — É você toda... — Respira fundo. — Eu sou louco por você!

Beijo-o assim que ouço a declaração que sei que significa muito entre nós. Há muito tempo eu sinto mais do que somente uma atração física por ele, e saber que é recíproco faz com que eu sinta que fogos explodem no meu peito.

Eu não sei o que falar de volta, nunca lidei com uma situação dessas. Então, beijo-o querendo demonstrar que eu, mesmo não dizendo, também sinto o mesmo.

# 31

## Guilherme

TODA A TENSÃO que senti por medo de que Malu não gostasse do local foi embora assim que vi sua expressão de deslumbre logo quando as primeiras lagoas apareceram. O dia estava especialmente quente, com céu aberto e sol forte, o que só ajudava meus planos.

Tentei não conversar muito com ela durante o caminho, apenas a observava, sentindo no peito cada sorriso e cada suspiro que ela dava ao ver a paisagem.

*Este é o meu lugar, Dondoquinha!*, pensava com orgulho, dividindo-o pela primeira vez com uma mulher. Malu não é uma pessoa qualquer na minha vida, não mais. Eu não sei como aconteceu, mas a importância dela para mim é tamanha que me deixou tenso ante a simples possibilidade de ela não sentir o que eu sinto por este lugar. Eu precisava que ela entendesse e compartilhasse comigo. Foi como um teste para saber se o que eu vejo, mesmo sob a capa de mulher de negócios e capricorniana sem sentimentos – como ela se pinta – é

verdadeiro.

Sorrio em agradecimento ao vê-la nua, deitada em uma colcha posta sobre a relva, enquanto eu esquento o caldo de peixe que tia Sueli mandou para esse primeiro dia. Amanhã vamos pescar – eu dou gargalhada só de imaginar uma mulher tão agitada como ela tendo que ficar quieta na margem – e fazer fritada de peixe.

— Ei, dondoca, estamos no inverno, mas ainda assim o sol aqui é quente! — chamo sua atenção. — Não fique muito tempo exposta.

Malu resmunga alguma coisa sem sentido, e eu volto a mexer o caldo na panela, tomando cerveja gelada que tirei do pequeno *cooler* que trouxe. Coloquei pelo menos a cueca para fazer comida, mas gostaria de estar nu com ela sobre a colcha.

Olho-a com inveja, mas satisfeito, lembrando a foda gostosa que demos dentro da água, mesmo ela falando coisas sem sentido como pegar um candiru[22]. Expliquei a ela que a pequena praga não é comum por aqui, mas que eu corria sério risco de ficar sem as bolas por causa do arranca-bagos, como é popularmente conhecido o pacu.

Demos risadas – principalmente ela, porque as bolas sempre são uma parte do corpo e um assunto sensível para um homem – e fizemos sexo gostoso sem mais nenhuma preocupação.

Saímos da lagoa, e ela demonstrou estar visivelmente cansada, então me propus a esquentar o almoço enquanto ela relaxava na barraca, mas a Dondoquinha preferiu deitar-se ao sol, como um jacaré, na beira da água.

Tiro a panela do fogão improvisado, deixando-a de lado por um momento, e caminho até a deusa pagã de seios fartos e empinados, cintura marcada e pernas longas. Fico de frente para o sol para não fazer sombra nela e me abaixo, beijando-a de cabeça para baixo.

— Hum... — Ela se espreguiça. — O cheiro está delicioso!

— Comida da tia Sueli... — Lambo os lábios dela, e a safada geme, deslizando as mãos sobre seu próprio corpo. — Ah, Malu, não provoca... — Ela ri. — Vem!

Ela pega minha mão, ajustando seus óculos Prada – totalmente fora de lugar aqui – e se levanta, seguindo para a barraca a fim de colocar uma roupa. Levo a panela fumegante para a mesa dobrável e a encontro saindo vestida com um daqueles vestidos de seda bordados com que ela adora dormir e carregando pratos, copos e talheres.

— Vou buscar um pouco de pão também — informo ao entrar. — Está se sentindo bem? Dolorida?

Ela sorri ao se sentar, espiando a comida com cara de quem está morrendo

de fome.

— Um pouco. Fazia anos que eu não andava por tanto tempo a cavalo, mas valeu a pena. — Encara-me. — Essa área toda pertence à fazenda?

— Sim, e o que vimos não chega a ser nem um terço do total. Há ainda muitas lagoas como essas, braços de rios com corredeiras e cachoeiras. Amanhã vamos mais a oeste, e você vai ver um corixo que é um espetáculo!

Malu serve o caldo para mim e depois para si mesma em total silêncio, o que não é o seu natural. Talvez esteja cansada de verdade, mas não quer dar o braço a torcer, orgulhosa como eu já sei que ela é. Penso em lhe fazer uma massagem à noite, agradá-la um pouco antes de usar os equipamentos que levei horas construindo nos últimos dias.

Comemos sem muita conversa, e ela se dispõe a lavar a louça, mesmo sendo em uma bacia com sabão. A panela, já limpa e seca, é guardada no baú, assim como os descartáveis são colocados em um saco para lixo. A ideia é causar sempre o menor impacto possível no local, pois sou ferrenho defensor de não modificar nada aqui, inclusive me preocupo com a passagem do gado por este lugar tão especial, por isso, sempre que é necessário que a boiada ande por aqui, eu supervisiono.

Meu tio também tem essa preocupação. Disse que muitos locais lindos do Pantanal já deixaram de existir ou tiveram suas paisagens modificadas pela ação do homem, o que tem causado mudança nas chuvas, nas temperaturas e o sumiço de muitas espécies.

É esse seu maior medo a cada vez que falo em mudar o foco da nossa atividade, pois tem medo de abrir a fazenda e destruir seu paraíso. Ele não entende que a pecuária como conhece, como aprendeu a fazer com seus pais é tão ou mais prejudicial do que o que eu propus, pois vê como sua tradição.

À tarde, enquanto a Dondoquinha lê um livro e descansa na barraca, protegida dos mosquitos que começaram a atacar, começo a montar a fogueira para a noite. Espero que ela consiga relaxar e dormir, pois sei que seu maior medo de estar aqui é passar a noite, mas, como eu lhe disse, muitos peões e moradores da área dormem no mato, basta ter um pouco de experiência e segurança.

Eu conheço os riscos, já estive em muitas comitivas, calculei tudo o que poderia acontecer assim que pensei na ideia de trazê-la comigo, então não há com o que se preocupar, mas sei que ela ficará ansiosa. Abro um sorriso ao

pensar que foi por esse motivo que planejei algo especial para hoje à noite.

Entro na barraca e encontro Malu dormindo. Fico um tempo olhando-a, extasiado, bobo como um maldito adolescente apaixonado. Respiro fundo, tentando não me concentrar nisso. É apenas a empolgação de ter encontrado alguém que tem uma química perfeita comigo, além da enorme admiração que sinto por ela.

Tiro uma bolsa térmica do baú, conferindo seu conteúdo, satisfeito por estar tudo em ordem, pego as taças de vinho – de cristal, uma exigência da tia Sueli – e o vinho francês que ela esteve guardando por anos e que eu espero, sinceramente, que seja bom.

Apoio tudo na mesinha de plástico, organizando os queijos, os pães e as pastas antes de levar tudo para perto da fogueira, onde forrei a colcha, coloquei os pelegos quentes e macios e distribuí as mantas. A temperatura já caiu drasticamente, o céu se encontra em uma miríade de cores, variando desde o dourado até o vermelho.

Uma revoada de garças brancas passa por mim, e o cantar dos pássaros nas árvores é como uma sinfonia. Sento-me à beirada da lagoa, apenas usufruindo do privilégio que é pertencer a este lugar, lembrando-me, involuntariamente, de como era minha vida antes, da maneira errada que priorizei as coisas e de como percebi o erro. Abaixo a cabeça, não querendo ser invadido pela dor e a tristeza, fugindo mais uma vez. Tomei uma rasteira pelas minhas próprias escolhas e não consegui mais lidar com elas, decidido a esquecer, mesmo sabendo que nunca poderia fazer isso.

Sou um covarde e sinto que está cada vez mais perto de eu ter que enfrentar meus demônios para seguir em frente. Eu tinha somente 30 anos quando tudo aconteceu, não sabia nada da vida, mesmo com essa idade. Tudo, até então, fora muito fácil, natural, e minha arrogância não me fez ver que nada era real, apenas um amontoado de mentiras e manipulações.

— Ei, Xucro! — Olho para trás e vejo a Malu parada na porta da barraca. — Uau!

Meu peito incha ao ver a expressão dela ante o pôr do sol colorido refletindo no espelho d’água e a revoada dos pássaros.

— É incrível, não é? — Vou até ela, que apenas assente, ainda maravilhada. — Bem-vinda ao nosso paraíso, Malu!

Abraço-a apertado, sentindo-a trêmula – não sei se de frio ou de emoção –, abrigando-a entre meus braços. Ouço seus suspiros, um tanto nervosos, e a encaro.

— Tudo bem?

— Sim, é só... — Seus olhos parecem vidrados. — É perfeito!

Beijo-a, adorando saber que ela sente o mesmo que eu por este lugar. Aqui a vida pulsa da maneira mais verdadeira possível, num ciclo sem fim, demonstrando que ninguém tem controle sobre a natureza, ninguém!

Ela estremece novamente.

— Com frio? — Assente. — Vem, preparei uma surpresa.

Abro uma das mantas, segurando-a, enquanto Malu se senta sobre o pelego e a envolvo. Ela olha para o tampo da mesa desmontável, sem os pés, diretamente apoiada no chão, com pratinhos contendo queijos variados, torradas e as pastas da tia Sueli.

Quando apareço com o vinho e as taças, ela franze o cenho.

— Não gosta?

— Adoro, principalmente dessa vinícola. Só fiquei surpresa...

— Por eu ter algo chique assim aqui? — Rio. — Só espero não te decepcionar com vinho azedo, porque esse aqui está guardado com a tia Sueli há um tempão!

Malu gargalha, solta pela primeira vez desde o almoço. Ah, isso é foda demais! A gargalhada dela, o jeito que ela se entrega com prazer quando relaxa, é surpreendentemente contagiante e me afeta de um jeito inexplicável.

Não resisto mais e me junto a ela no chão, sendo recebido de braços abertos e embolado na manta.

— Eu estou gostando muito de ter você aqui comigo... — digo, beijando suas bochechas, olhos, nariz e, levemente, sua boca.

— Eu também. — Ela me encara. — Estou amando estar aqui com você, Guilherme.

A sua escolha de palavras me atinge como um soco na boca do estômago.

*Amando...*

*Deus do Céu, eu estou amando essa mulher!*

Avanço sobre ela com o peito explodindo por finalmente ter admitido o que está se passando dentro de mim. Há muito tempo não me sinto assim e, realmente, achei que nunca mais me sentiria. Já me apaixonei outras vezes, quando era moleque, principalmente. Na maioria delas, foi aquele fogo de palha que vem intenso e depois some, porém, uma ou outra me marcou com sentimentos verdadeiros. Talvez eu nunca tenha sentido amor da maneira como todos apregoam por aí. No entanto, com Malu, neste momento, posso precisar que é o mais forte que já senti.

Justamente com ela.

*Temporário. Passageiro. Um romance de férias.*

Com certeza, penso sorrindo, encostando meu nariz no dela, eu vou ser o homem mais fodido do mundo quando ela for embora, porque não importa o que

aconteça ou o que eu esteja sentindo, isso não mudará.

— Eu quero te comer de uma forma diferente hoje — anuncio. — Deixe-me te amar esta noite, Malu...

Ela respira fundo, prendendo a respiração por um momento pelo modo como falei e assente.

— Deixo. — Esfrega o nariz no meu. — Pode me amar como quiser, Guilherme.

# 32

## Malu

GUILHERME ME APERTA contra si de uma forma completamente diferente da que já senti em todos esses dias nos quais estamos juntos. Há uma emoção no ar à qual não sei explicar, mas que me contagia, faz meu coração se apertar e meus olhos se encherem de lágrimas.

Ele se levanta, pegando a garrafa de vinho e a abrindo, servindo uma taça para mim e uma para si próprio. Provo a bebida, que, graças a Deus, está ainda saborosa como eu gosto, e pego um pedaço de queijo dentro do pratinho descartável.

— Hum... — gemo deliciada. — A combinação é perfeita!

Guilherme segura meu rosto e me beija, lambendo meus lábios antes de se afastar.

— Realmente, a combinação é perfeita! — Sorri safado antes de beber de sua taça.

— Você planejou isso tudo há muito tempo? — pergunto enquanto comemos.

— Sim, há alguns dias. — Sorri. — Pensei em te trazer aqui para conhecer o lugar. — Respira fundo.

— Tudo aqui é lindo! — elogio. — Eu nunca fui muito fã de mato, do campo, mas este lugar... você... — Ele me encara. — Eu não poderia ter pedido férias melhores.

— É, Dondoquinha? — Sua mão desliza nas minhas costas sobre a seda do kaftan. — Eu tenho sido uma boa diversão? — Pisca.

Tomo o restante do meu vinho e sorrio, assentindo.

— A melhor, Xucro! — Suspiro, olhando para o lago, agora negro, pois rapidamente o pôr do sol deu lugar à noite. — Se a lua estivesse cheia, seria o cenário de um filme.

Ele põe um morango na minha boca, segurando-o para que eu o morda, mas apenas chupo a fruta, encostando meus lábios em seus dedos. Sinto-me poderosa quando ele geme e se arruma sobre a colcha, visivelmente incomodado com a calça jeans.

*Está sofrendo, peão?!*

Levanto-me, sentindo seu olhar sobre mim, e vou até a ponta da colcha, na parte mais longe da fogueira. Pego a barra do meu kaftan e começo a levantá-lo, as luzes do fogo dançando sobre cada parte do meu corpo que vai se descobrindo. Viro de costas para onde Guilherme está e tiro o vestido pela cabeça, jogando-o no chão, ficando completamente nua no frio intenso de uma noite estrelada.

Levanto a cabeça em direção ao céu, deslumbrada com o número enorme de corpos celestes a brilhar, sorrindo, livre, relaxada, aquecida por causa do vinho e, como uma deusa pagã cultuando o universo, levanto os braços para o alto, deixando meu corpo à disposição do Xucro.

Tudo à minha volta parece místico, ou talvez mágico, o local, os sons, o céu refletindo na água, tornando tudo um só cenário, impulsionando ainda mais o desejo e despertando em mim algo primitivo, aguçando minha percepção. Posso sentir melhor os cheiros – da lenha, da relva –, o sabor do vinho mais pungente em minha língua, o ar gelado roubando um pouco do calor que recebi do fogo, levando-o como se flutuasse como fumaça à minha volta. É uma sensação inédita para mim, assim como todas as outras que senti desde que chegamos a este lugar.

O calor do corpo de Guilherme chega até o meu assim que me abraça pelas costas, encostando-se em minha pele fria, aquecendo-a instantaneamente, e ele cobre a nós dois com a manta de lã. Esfrego-me contra ele, sentindo-o nu e

excitado, suas mãos segurando meus seios com força, mantendo-me presa em um abraço esmagador.

Sua boca desliza sobre meu pescoço, tocando-o devagar, um leve roçar de lábios, até chegar ao ombro. Guilherme deixa um caminho molhado com a ponta da língua ao fazer o caminho de volta, brincando com minha orelha ao alcançá-la. Gemo ao senti-lo chupar devagar meu lóbulo, balançando-o com sua língua e gemendo em meus ouvidos.

Minha pele vai se arrepiando à medida que ele me toca sutilmente, roçando as pontas dos dedos por entre meus seios, contornando-os, enchendo suas mãos com eles, mas sem provocar meus mamilos. Sinto-o apertar minha cintura, meus quadris, rebolando seu pau nas minhas costas enquanto sua mão busca o meio das minhas pernas.

O toque dele, agora nada sutil, de mãos calejadas, exatamente em cima do meu clitóris me faz gemer alto na noite, vapor saindo da minha boca pelo encontro da respiração quente com o ar gelado, mas nada disso me importa. Aqui somos só ele e eu em um mundo só nosso.

A cada movimento, sinto-me ficando mais e mais molhada e seus dedos deslizarem mais facilmente sobre a carne da minha boceta inchada. A exploração não é nada superficial, seus dedos entram em cada dobra, percorrem cada reentrância até estarem dentro de mim, brincando com as paredes da minha vagina, deixando-a ainda mais encharcada.

Em meus ouvidos, sinto e escuto sua respiração. O som rouco dos gemidos arrepia minha pele, deixando meus mamilos duros e prontos para serem acariciados por sua outra mão, que os belisca ou simplesmente puxa.

— Eu vou foder você esta noite sob as estrelas — avisa. — Vou ter sua boceta de todas as formas, cavalgando sobre minha boca, sobre meu pau e, quando você gozar, eu vou comer seu rabo... — Gemo. — Você gosta disso, não é?

— Gosto... — minha resposta é só um gemido.

— Vou enfiar meu pau no seu cuzinho enquanto você estiver de quatro. — Eu gemo, ouvindo os sons da minha boceta molhada em sua mão. — Serei eu a montar em você, Malu, te comendo feito um bicho no cio.

Guilherme morde meu ombro, abaixando-se levemente para esfregar seu pau contra minha bunda. Giro em seus braços, ficando de frente para ele, segurando seu pênis com força, fechando os olhos de prazer.

— Olha para mim, Malu. — Faço o que ele manda, seus olhos azuis fixos nos meus. — Não para de me olhar.

Meu corpo inteiro responde a esses estímulos. Sua pele na minha, sua mão voltando a atacar meu clitóris, usando meus sucos para lambuzar e deixar a

masturbação mais deliciosa, os dedos da outra mão entranhados em meus cabelos, mantendo-me firme a encará-lo.

Quando sinto as primeiras reações do meu corpo ao orgasmo, fecho os olhos involuntariamente.

— Abra os olhos! — ordena, seus dedos cada vez mais rápidos.

— Não consigo... — gemo em descontrole, retesando os músculos, prestes a explodir em gozo.

— Consegue, sim, abra a porra dos olhos!

Consigo fazer o que ele manda no exato momento em que tudo estremece, um calor intenso preenche meu ventre, minha boceta pulsa e meus gritos de êxtase ecoam na noite.

Ele já não me abraça mais, mas sustenta-me de pé com os braços me laçando no momento em que o orgasmo me arrebata todos os sentidos. Quando volto à tona, já estamos no chão. Guilherme está deitado de costas sobre a colcha, e eu, sentada sobre seu rosto, recebendo sua língua no lugar que ainda está loucamente sensível. Novamente gozo, mas dessa vez rebolando contra sua boca, lambuzando-o todo com meu prazer.

Ele me puxa para baixo, deslizando-me sobre seu corpo até que fico sentada sobre sua barriga. Sua língua tem o sabor da minha boceta, e ele faz questão de que eu a prove, afundando-a em minha boca. Sugo-a por alguns momentos como gostaria de fazer com seu pau, e ele parece entender.

— Fica de joelhos, Malu.

Saio de cima dele e o vejo se levantar, indo até onde estão suas coisas. Guilherme pega algo que não consigo identificar o que é e caminha até onde estou, nua, ajoelhada, com apenas o calor dos orgasmos que tive e a fogueira a me aquecer.

— Você confia em mim? — indaga, e eu assinto. — Se não gostar de algo, é só dizer, certo? — Aquiesço, já excitada.

Então vejo uma corda, ou algo do tipo, em sua mão. Ele a tem enrolada, acaricia-a solenemente antes de mostrar um nó. Eu arregalo os olhos ao reconhecer um laço de couro usado para laçar as reses.

Guilherme põe o laço em meu pescoço e some novamente, voltando com um pote de vidro com algo dentro. O peão mergulha o dedo no creme e o passa sobre meus lábios, e eu descubro que é o doce de leite que o vi pegando furtivamente da panela. Ele se ajoelha à minha frente e lambreca meu pescoço com o doce, comendo a iguaria sobre minha pele.

Repete a ação sobre meus mamilos e se levanta, puxando o laço no meu pescoço, pondo-me de pé também.

— Vire-se.

Acato sua ordem, sentindo seu indicador deslizar o doce sobre minha coluna, até o meio das minhas nádegas. Gemo quando ele recolhe a iguaria com a língua e se demora para tirar tudo da minha bunda.

— Guilherme...

Gemo ao sentir a língua dele penetrando-me, lambendo todo o doce, para depois me untar novamente com o creme e continuar me chupando enquanto se delicia com a sobremesa.

Estou excitada, molhada, quente e completamente rendida a ele. Sinto, de repente, um puxão no laço e me ponho de joelhos novamente. Guilherme puxa-me forte em sua direção, o laço apertando meu pescoço. A princípio, sinto-me incomodada com isso, mas, assim que sinto o tamanho de seu pau na minha boca, esqueço todos os pudores e conceitos que tinha e disponho-me a apenas curtir.

Confio nele.

Chupo-o com vontade, recebendo-o todo em minha boca, sentindo seu pau se apertar no fundo da minha garganta. Lambo só a cabeça, coberta com o doce de leite, e ele puxa o laço, fazendo-me engoli-lo por inteiro. Volto a tirá-lo da boca, deslizando minha língua por sua extensão, mordendo-o levemente, chupando suas bolas, até que ele volta a puxar e fode minha boca com desespero.

Sinto-o à beira do orgasmo, penso que ele vai se deixar ir, porém, o Xucro parece ter outras ideias. Sou levantada, guiada pela corda no meu pescoço. Ele faz a volta, postando-se às minhas costas, virando o laço, puxando minhas mãos para trás e as amarrando também.

— Agora você é minha! — sussurra. — Dobre-se.

Eu me abaixo e sou surpreendida com sua boca na minha bunda.

Guilherme beija, lambe e chupa sem parar, enquanto gemo e rebolo. Levanta-se, puxando o laço com força, firmando-me contra ele e, levemente agachado, penetra em meu corpo com um impulso firme.

A cada estocada, sinto a corda sendo puxada, mas não sou machucada por causa da maciez do couro. A posição se mantém porque ele segura o laço e é firme, porém, sem pressa ao me comer.

Sinto meus joelhos tremerem, e eles se dobram sobre a colcha. Guilherme pressiona minha cabeça contra o chão, ainda agachado e dentro de mim, montando-me como prometeu. Balanço a cada estocada, ficando cada vez mais veloz, cada vez mais forte e bruta.

Sinto suas bolas batendo contra minha boceta cada vez que ele entra ao máximo, socando profundamente. As sensações voltam com força, a imobilidade, a sensação do couro roçando meu pescoço e minhas mãos enquanto ele mantém o laço firme, tudo isso me faz ficar muito excitada, e o meu corpo

anuncia um novo orgasmo.

— Vou gozar, Guilherme...! — grito.

— Não!

Ele para imediatamente, retirando-se de dentro de mim, ajoelhando-se na colcha e abocanhando minha boceta por trás, lambendo-a desde meu clitóris ao meu cóccix, detendo-se no meu ânus. Sua língua provoca e lambuza essa área tão sensível do meu corpo. Gemo em expectativa enquanto ele fode minha bunda com a língua e seus dedos.

Novamente estou à beira do orgasmo, sentindo-me em um precipício, a um fio de cair, e eu quero muito isso! Paro de pensar ao sentir a ponta do seu pau esfregando entre minhas nádegas enquanto sua mão massageia meu clitóris.

— Por favor! — imploro, querendo a liberação do gozo.

Ele geme, penetrando-me devagar, abrindo-me levemente, ajustando meu corpo ao seu. Ouço seus gemidos doloridos e contidos. Sei que ele deseja muito me ter dessa forma, por isso vai degustando em seu pau de todas as sensações que cada centímetro vencido lhe causa. Quando está inteiramente enterrado em mim, Guilherme fica imóvel, sua respiração indicando que também está por um fio do êxtase, tentando se controlar para me comer antes de explodir seu gozo em minha bunda.

— Apertada demais... — geme. — Gostosa demais! — Move-se devagarinho, até que parece perder o controle. — Caralho...

Ele soca seu pau dentro de mim rápido, sua mão acompanhando o movimento em meu clitóris, e eu deixo vir todo o prazer que esta noite, em tudo, faz-me sentir. Grito seu nome enquanto gozo e o escuto fazer o mesmo, murmurando o meu.

Estou deitada nos braços de Guilherme depois da intensa transa que tivemos, e... *Deixe-me te amar, Malu...* a voz dele continua ressonando nos meus ouvidos a todo tempo, desde quando foi proferida. Não fizemos sexo e nem trepamos – como ele gosta de falar. O que aconteceu esta noite, embora de uma forma que nunca imaginei ser possível, foi amor.

Guilherme me amarrou como uma novilha com o laço que ele mesmo fez, segurou meu pescoço, meteu duro dentro de mim enquanto exigia que eu não tirasse meus olhos dos dele, mas a intensidade de sentimentos entre nós ultrapassou o tesão – ou o fortaleceu –, e foi algo inédito para mim.

Escuto sua respiração constante, sinal de que adormeceu, e me levanto um

pouco para conseguir olhar para ele. Ainda estamos no mesmo local, deitados sobre a colcha, aquecidos pela manta de lã e confortáveis por causa dos pelegos. O fogo ao longe nos aquece, mantém afastados os animais e, claro, ilumina a noite escura, embora estrelada.

Toco sua face, admirando os contornos perfeitos de seu rosto, desde as maçãs altas, a boca carnuda e vermelha, o queixo coberto pela espessa barba e os cílios longos. Guilherme é muito bonito e, embora o nariz seja um pouco grande, ele fica perfeito em seu rosto, pois deixa-o mais másculo.

Desço o olhar e continuo tocando-o levemente com a ponta do dedo. Seus ombros, com os trapézios altos e definidos, os braços fortes ostentando suas tatuagens na parte interna do bíceps e no tríceps, o peitoral dividido e definido, mesmo levemente coberto de pelos aparados, e a barriga... suspiro ao sentir os gominhos perfeitos de seu abdômen.

Ele me confessou que pratica atividades físicas regularmente, mesmo aqui não tendo nenhum aparelho. Além do serviço pesado que faz diariamente, disse-me que corre e faz exercícios livres. Porém, como frequento academia há muitos anos, sei perfeitamente que o corpo dele só se mantém assim porque ele fazia muita musculação antes, quando ainda não morava aqui na fazenda, e que seus músculos já guardaram essa memória.

Minha exploração chega ao seu pênis, em descanso, e eu suspiro ao me lembrar de como é senti-lo em minhas mãos, na minha boca, no meu corpo todo. Rio ao me lembrar de todas as safadezas que fizemos juntos essas semanas, e uma melancolia me invade ao perceber que, daqui a poucos dias, eu vou voltar para São Paulo e só terei essas lembranças dele, mais nada.

— Ei... — escuto sua voz sonolenta. — Já querendo um pouco de ação de novo?

Sorrio e o encaro, negando.

— Apenas... — não sei como explicar o que estava fazendo sem parecer estranho — admirando você.

Guilherme senta-se e passa a mão pelo meu rosto.

— Eu faço muito isso também — confessa. — Todas as manhãs, antes de sair, eu fico um tempo no quarto te olhando dormir, tentando entender como e quando você se tornou tão importante para mim.

Meu coração dispara ao ouvir isso, e sinto um frio na barriga. Eu estou apaixonada por ele, não tem mais como eu negar ou me iludir e tenho certeza de que ele sente algo parecido, de que eu mexo com ele do mesmo modo que mexe comigo, mas admitir isso é perder o controle, algo que eu nunca fiz. Eu não sei simplesmente me entregar.

Ademais, do que adianta falar de sentimentos? Nossa relação começou com

prazo definido para acabar, e assim será.

— Vamos entrar? — Aponto para a barraca, mudando de assunto. — O fogo já está diminuindo, e a noite está bem fria.

Levanto-me, e ele faz o mesmo, recolhendo o restante das coisas que comemos, assim como as taças e a garrafa vazia de vinho. Com o lampião na mão, vou iluminando a pequena distância até a barraca, abrindo o mosqueteiro que deixamos fechado e entrando rapidamente.

Guilherme apaga o candeeiro e liga uma lanterna de LED enquanto eu arrumo o colchão, sempre atenta a qualquer tipo de bicho. A barraca é bem vedada, o piso é costurado na estrutura, o que não permite que haja nenhuma fenda, mas todo cuidado é pouco.

Sinto os braços dele me abraçando pela cintura, carinhosos, firmes, e eles me dizem o que eu tentei evitar ouvir esse tempo todo.

— O que vamos fazer, Guilherme? — questiono, entregando os pontos. — Isso não estava previsto!

Ouço sua risada triste, quase irônica.

— Nem tudo está sob nosso controle, Dondoquinha. — Deposita um beijo na minha nuca. — Me apaixonar por você era inevitável.

# 33

# Guilherme

MAL O DIA clareia, e eu já estou de pé. O costume de todos os dias não me deixa permanecer na cama por muito tempo depois que eu acordo, mesmo querendo ficar com Malu em meus braços, apertá-la contra mim e gravar cada respiração, cada expressão e movimento seu na memória.

Em alguns dias ela voltará para São Paulo, para sua rotina louca, mergulhada em seu trabalho, seus negócios, seus círculos de amigos e, por fim, esquecerá essa experiência aqui comigo.

Termino de passar o café já bufando de raiva por estar azedando meu dia com esse pensamento.

Não há nada que eu possa fazer para mudar nosso destino. Nada!

Malu pertence à vida corrida de São Paulo, ela mesma já disse que sente falta, que ama aquilo lá e que seu sonho, desde criança, é ser uma grande executiva e que está trilhando esse caminho desde que conseguiu sair de sua

cidade rural e entrar na selva de pedra.

Eu sou esse homem que encontrou seu lugar no meio do mato, na vida simples e dura de lidar com bichos, com a terra, respeitando a natureza e apreciando a vida devagar, sem cobrança, sem querer agradar a ninguém, sem querer ser quem eu não sou para ser aceito e amado.

Nós dois somos diferentes demais, embora parecidos em muitos aspectos, querendo destinos diferentes. Temos ambições diversas e incompatíveis.

*É só uma paixão de férias,* tento me convencer.

Uma forte e intensa paixão de férias.

Respiro fundo, e, ao fazer isso, o cheiro de Malu invade minhas narinas e parece preencher tudo dentro de mim, principalmente o coração.

*Merda, me tornei a porra de um cafona!*

Encho duas canecas esmaltadas de café e as levo para dentro da barraca, onde Malu ainda dorme. Tenho pena de acordá-la, mas precisamos seguir em frente para que ela conheça o outro local que eu programei.

Sento-me no colchão e passo as mãos sobre suas costas nuas, lembrando que pedi a ela que tirasse o vestido estranho que usava, pois queria dormir agarrado ao seu corpo, à sua pele.

A noite ontem foi indescritível, foda, boa pra caralho!

Eu fiz todas as coisas que tinha em mente desde que vi as fitas de couro no galpão. A cada intervalo entre uma tarefa e outra, eu as trançava como me foi ensinado assim que cheguei aqui na fazenda. Não fiz um laço comprido como se fosse para ser usado em um garrote, apenas o suficiente para imobilizá-la como eu queria.

Fiquei tenso, achando que ela se ofenderia – por ser essa mulher toda controladora –, mas não, ela não se opôs quando apareci com a corda e gozou como uma deusa pagã quando começamos a brincadeira.

Sinto meu pau reagindo às lembranças, mas fecho os olhos para me acalmar. Precisamos desmontar o acampamento e seguir caminho em direção ao corixo que quero que ela conheça. O braço de rio, que vai desaguar lá no Rio Negro, é perfeito para ela, eu tenho certeza. As águas fortes, que descem de uma pequena elevação, passam por entre pedras fazendo lindas corredeiras e cachoeiras.

Quero aproveitar mais esse atípico dia quente com ela nadando, fazendo sexo, andando nus sem preocupação com nada e sem pensar no futuro.

— Esse cheiro... — escuto-a resmungar e se virar na minha direção. — Diz que eu não estava sonhando, Xucro. — Rio com o apelido. — Me diz que temos café!

Eu levanto a caneca para ela e recebo um enorme sorriso.

*Ah, essa mulher!*

Malu se senta rapidamente, avançando sobre o líquido quente e cheiroso, mas eu afasto a bebida dela, exigindo primeiro um beijo de bom dia, que ela dá sem nenhuma reserva ou pressa, fazendo com que eu quase deixe cair a caneca.

— Agora você tem direito! — brinco, e ela faz careta. — Só não podemos demorar, precisamos desmontar tudo. Eu já tratei dos cavalos, da mula e já os encilhei.

— Precisamos mesmo sair daqui? Este lugar é perfeito!

— Precisamos, Dondoquinha! — Beijo sua testa. — Não demore!

Saio da barraca também tomando meu café, mas já pronto a cumprir com as obrigações de arrumar tudo por aqui. Desmonto o fogão, retirando a lenha de dentro da chapa, apagando toda e qualquer brasa com água. Lavo o coador, bem como o bule e os levo para dentro a fim de guardá-los no baú.

Encontro Malu já com sua mochila arrumada e vestida para cavalgar com jeans, camisa e botas. Ela usa meu chapéu, e eu a acho linda com ele.

— Vou lavar as canecas enquanto você ajeita as coisas aqui, depois te ajudo com a barraca. — Pega a minha também, cujo líquido acabo de beber numa só golada e vai à lagoa.

Dobro as roupas de cama, esvazio o colchão e enrolo tudo. Malu retorna com as canecas lavadas e as coloca no baú. Desmonto a mesa e as banquetas, e retiramos tudo de dentro da barraca para desmontá-la.

Dessa vez é ela quem me ajuda a carregar a mula, discutindo comigo igual ao meu tio sobre o melhor lugar para as coisas, divertindo-se com o trabalho como uma verdadeira pantaneira. De tempos em tempos, nos abraçamos, nos provocamos e trocamos beijos como se fosse impossível ficar longe um do outro.

Com tudo pronto, montamos os cavalos e seguimos o estradão.

— Fica longe o local onde você quer ir hoje?

— Não, na verdade, vamos dar apenas uma volta e, de lá, seguiremos por outro caminho até a fazenda, só que pelo outro pasto, já na divisa com a fazenda da família do Galdino, o rapaz que tocou acordeom comigo no baile lá da fazenda. — Ela assente, lembrando-se do moço. — O corixo desboca no Rio Negro, e vamos seguir sempre junto dele.

— Vamos acampar por lá?

— Vamos, se quiser. — Ela sorri, e eu fico satisfeito ao saber que ela está gostando mesmo da aventura comigo. — É um lugar bem diferente daqui, a mata é mais densa, mais úmida, mas é um espetáculo também.

— Eu quero, Guilherme. — Malu me encara. — Eu quero qualquer coisa com você nesses dias que ainda temos.

A sua resposta me faz engolir em seco, tentando ignorar as pontadas no meu peito. Sorrio, mesmo sentindo essa dor estranha da consciência de perdê-la em breve, compreendendo que não sou mais um menino deslumbrado pelo seu primeiro amor.

Seguimos em silêncio por quase uma hora, até que ela avista o riacho. A sua expressão me diz que qualquer expectativa que tivesse sobre o local foi superada, pois parece espantada, perplexa, sem palavras, a ponto de puxar as rédeas de Estrela e fazê-la parar.

— É lindo, não é? — questiono orgulhoso, olhando para a pequena corredeira em forma de cascata de um desnível do riacho e suas águas transparentes que depois se juntarão às escuras do Rio Negro.

Malu continua sem reação, e avanço até o local onde costumo acampar para já começar a preparar as coisas, pois ainda terei que pescar o almoço.

Só depois que começo a descarregar a mula é que a Dondoquinha aparece.

— Isso aqui também é parte da fazenda? — pergunta sem tirar os olhos do rio. — Essa área toda, até chegar ao Rio Negro?

— É, sim! — afirmo orgulhoso. — Quando há cheia, esse corixo some, engolido pelas águas do rio maior que o sufoca, mas agora, na vazante, e depois, na seca, ele fica assim, límpido. — Aponto na direção do seu curso. — Mais lá embaixo já há corredeiras maiores, daquelas que dá vontade de descer de barco. Mas vamos ficar por aqui, porque eu tenho que pescar lá em cima. — Mostro a parte mais alta do terreno, antes da pequena cascata. — Há um barco lá.

Malu ainda parece muito contemplativa, mas me ajuda a montar a estrutura do acampamento. A todo momento olho para ela, sem saber o que se passa por sua cabeça, uma vez que sua reação aqui está bem diferente da que teve ao chegar lá, à lagoa maior. Sim, ela está deslumbrada, mas não é só isso. Talvez seja ainda consequência das coisas que estamos descobrindo nesse tempo juntos, o sentimento além da óbvia atração física que temos um pelo outro. De qualquer forma, seja o que for, está deixando-a um pouco tensa, e isso me preocupa.

— Ei, Dondoquinha, sabe pescar?

Malu ri.

— Meu pai sempre nos levava em suas pescarias. — Balança a cabeça como se reprovasse o ato. — Ele nunca teve um menino, então tentava nos incluir em seus programas. Minha irmã do meio, Maria Lúcia, sempre foi boa pescadora, porque ela é do tipo quieta e paciente.

— Aposto que você nunca foi assim — provoco-a.

Ela respira fundo.

— Não, mesmo! A única coisa que me fazia ficar quieta era estudar, fora isso, sempre fui agitada, fazendo mil e uma coisas ao mesmo tempo. — Encara-

me. — Mas eu topo seu desafio, Xucro. Vamos pescar!

Agora, à noite, já estamos de volta à fazenda, contrariando minha vontade de voltar apenas amanhã. A pescaria foi o momento mais divertido – fora o sexual – que tivemos juntos hoje. Primeiro, porque Malu realmente não conseguia ficar quieta mesmo, andava de um lado para o outro na margem, falando que não tinha peixe no rio e etc. Eu desisti do barco porque a correnteza estava forte, então escolhemos um local e ficamos à espera.

Expliquei a ela que o horário não ajudava muito, pois o ideal era fazer essa pesca ainda na madrugada, mas eu acho que a Dondoquinha nasceu com o bumbum virado para a lua, porque pescou um piavuçu dos grandes, brigando e xingando o peixe feito um peão bêbado. Eu tentei ajudá-la, porque o peixe saltou para fora da água e lutou para não ser pego, mas ela quis fazer tudo sozinha, dando-me uma ideia de como adora um desafio e faz tudo para vencer.

Naquele momento, eu conheci a Malu Ruschel de São Paulo, empenhada, focada, que, mesmo cansada, não desiste. Essa era ela de verdade, era sua natureza, e a deixava ainda mais bonita. Ela se divertiu ao lutar com o piavuçu e, quando conseguimos trazê-lo para a margem, parecia ter vencido uma maratona!

— Parabéns! — Beijei-a, toda suada e ofegante. — Você venceu a briga, Dondoquinha!

Ela sorriu animada, olhando o belo peixe em suas mãos. O brilho em seus olhos transmitia toda a alegria e o prazer que sentira ao conseguir pescar nosso almoço de quase três quilos.

— Eu pesquei, você limpa! — ordenou, entregando-me o ressabiado peixe, que se debatia como louco. — Vou acender o fogo.

— Você sabe? — inquiri surpreso.

— Claro que sim! — Apontou para seu troféu. — Eu acabei de lutar com essa ferinha aí, posso fazer qualquer coisa!

Piscou o olho, safada, e pegou o caminho descendo até nosso acampamento.

Olhei o peixe em minhas mãos, as *traias* de pesca ainda no barranco, e tudo o que pude fazer foi gargalhar, cheio de tesão, pensando que eu facilmente libertaria o coitado e a foderia ali mesmo para comemorar sua vitória.

Desci assoviando uma moda de viola, mas senti o pelos da nuca se eriçarem ao ver Malu paralisada no meio do caminho ainda. Ela simplesmente não se movia, e eu olhei na mesma direção dela, vendo, do outro lado da margem do

riacho, uma linda e enorme onça parda bebendo água.

— Não se preocupe, Malu — disse baixinho, tocando-a no ombro. — Ela vai beber e voltar para seu caminho.

— Eu sei... — cochichou. — Ela é linda! Queria minha câmera aqui para registrar.

Sorri, esfregando o nariz no ombro dela, enquanto víamos o felino voltar para a mata.

Naquela tarde, após o almoço, nós dois entramos no rio, nus, fizemos amor como se mais nada existisse neste mundo, mas, contrariando toda minha expectativa, ela me disse que preferia voltar para a fazenda, que não se sentia segura ali depois de ter visto a onça.

Tentei argumentar que não havia perigo, que a fogueira ficaria acesa e que o bicho não iria se aproximar, mas não adiantou. Compreendi a apreensão dela e, antes que o sol começasse a baixar no horizonte, pegamos o caminho de volta para a fazenda.

Malu esteve quieta toda a viagem, e senti o clima pesado, estranho entre nós. Isso me confunde, porque não houve qualquer motivo para essa mudança, a não ser que a Dondoquinha já esteja cansada de se fingir de pantaneira ao meu lado.

# 34

## Malu

ESSA MADRUGADA NÃO consegui dormir, com a cabeça a mil e em luta constante comigo mesma, sem saber o que fazer ou como agir. Chegamos já de noite à fazenda, surpreendendo a todos, pois só nos esperavam para o dia seguinte. Guilherme brincou com todos, dizendo que fiquei com medo da onça parda que vimos bebendo água no rio, mas a verdade é que fiquei com medo de mim mesma.

Passei a noite em claro, nos braços dele, olhando-o dormir depois de termos gozado juntos apenas com sexo oral. Eu me encontrei com esse homem tão diferente de mim. Guilherme me faz sentir e ansiar por coisas que nunca pensei existirem. Mesmo sabendo que nós dois não iremos ficar juntos, eu sonho com isso.

Quando ele acordou hoje, pela manhã, eu fingi dormir, ouvindo a movimentação dele pelo quarto, trocando de roupa para começar seu dia de

trabalho na fazenda, até que ele me beijou na testa cheio de carinho.

Demorei um pouco mais a me levantar, indo direto para o banho e, ao sair, fiquei intercalando olhares entre o celular em cima do móvel do quarto e a cama de casal antiga, com colchão mole e mosqueteiro em volta, pensando no homem que esteve ali, ao meu lado, a noite toda.

Eu não sabia o que fazer!

Troquei de roupa, colocando um vestido simples e sandálias baixas, sem pretensão alguma de sair da casa, querendo mergulhar no meu trabalho e achar outra solução, qualquer outra solução!

Decidi não tomar café e comecei a revisar cada relatório sobre o projeto Yannes que o Leo havia me mandado, achando todos muito fracos, sabendo que os donos da empresa nunca escolheriam os locais ali listados.

Agora, um pouco antes do almoço, uma batida à porta me faz parar de trabalhar.

— Telefone para a dona — Ritinha anuncia e logo sai, sem nenhum cumprimento antes ou depois.

Vou até o escritório da fazenda, pegando o telefone via satélite e já sabendo que é a Kika, afinal, apenas ela tem esse número e não sabe que eu já tenho outros meios de comunicação. Confesso que estou um pouco tensa, achando que talvez ela tenha descoberto meu esquema com o Leo, por isso respiro bem fundo antes de falar com ela:

— Bom dia!

Ela dá risada do meu tom, fingindo ainda estar brava com ela, e eu relaxo.

— Bom dia, Malu! Se divertindo aí? — Cochicha: — E o peão gostoso?

Balanço a cabeça, achando-a ainda mais doidinha do que o normal.

— Desembucha, Kika! Sei que você não ligou para saber da minha vida sexual!

— Quem disse? — Gargalha. — Fico com inveja que você tenha uma, e eu não, isso sim! — No momento em que ela bufa, sei que algo deu errado. — Na última reunião, o conselho designou um fiscal para cada projeto, e, infelizmente, o nosso é o babaca do Konstantinos!

Gemo ao pensar que justamente o Karamanlis que nunca manifestou apoio é nosso fiscal.

— O que aconteceu para eles tomarem essa decisão?

— Houve uma denúncia de que um dos nossos amiguinhos que concorre também à vaga andou fazendo coisa errada. — Ela ri, debochada. — A verdade é que os dois homens estão tão confiantes que você não será escolhida que um está atacando o outro e nos deixando em paz.

Eu imagino mesmo que eles estejam pensando que estou fora do páreo,

afinal, além de ser a única mulher concorrendo – o que eles acham ser desvantagem –, também peguei a conta da Yannes e ainda tirei férias.

— Como estão as coisas?

— Malu, não quero falar disso com...

— O caramba que não quer! — Irrito-me. — Você ligou porque está insegura com alguma coisa e não só por causa do bonitão, mas irascível Kostas Karamanlis! Desembucha!

Ela suspira, fica um tempo muda e depois finalmente diz o motivo da ligação:

— Kostas acha que não temos material consistente para mostrar para os Yannes. — Fecho os olhos, concordando com ele. — Nós estamos trabalhando duro, Malu, mas ele disse – para a equipe toda – que o que temos agora é pior do que tínhamos e que foi rejeitado por eles.

— Merda! — Encosto a cabeça no couro rasgado da poltrona. — Eu preciso voltar, Kika, tentar entrar em contato com...

— Malu, eu pedi isso ao Theo. — Meu coração se aperta ao pensar em deixar a fazenda... Não, eu não quero deixar o Guilherme ainda! — Mas ele insiste que você pode terminar suas férias tranquilamente, pois ainda temos tempo. O problema é o desgraçado do irmão dele aqui, perturbando minha mente!

— Kika, relaxa! — aconselho-a, tentando relaxar também, pois sei como está nossa situação. — Você é competente e tenho certeza de que, juntas, encontraremos uma solução.

— Tudo bem, Malu. — Ela não parece nada otimista. — Desculpa te preocupar aí.

— Você fez o certo, não se preocupe.

Despeço-me dela e desligo, ficando um tempo paralisada, sem saber o que fazer para impedir que a ideia mais horrorosa do mundo tome conta de minha mente. Olho para o escritório, os móveis velhos e rústicos, a parede com infiltração. Imediatamente me lembro da paisagem nas lagoas, do riacho com corredeiras e cascatas, do encontro dele com o Rio Negro.

*A verdadeira riqueza da Paraíso não está no gado...*

Sim, o peão estava certo ao dizer isso. Passo as mãos pelo rosto, tentando clarear a mente, achar outro caminho, mas meu tino profissional já está apurado e todos os meus sentidos já me alertaram de que não há outro jeito.

A todo momento durante nosso interlúdio, eu percebi o potencial turístico do local aonde ele estava me levando. Minha mente fez tantas e tantas projeções e possibilidades para o local que eu fiquei até sem fala.

Contudo, somente quando vi o riacho, com suas corredeiras e cascatas,

pensei no meu próprio projeto, nos malditos Yannes e seus resorts de aventura. O Pantanal seria o equivalente a um hotel de safári na África! Além do turismo de aventura, desbravando as lagoas, fazendo esportes radicais nos rios, ainda poderiam explorar o turismo de observação da vida selvagem, de pesca e de fazenda pantaneira, fazendo os hóspedes viverem a experiência de viajar numa comitiva, por exemplo.

Eram tantas as possibilidades que eu fiquei empolgada, querendo dar logo a notícia para minha equipe, até que via o Guilherme, e o quanto ele amava o lugar transparecia em seu rosto, em seus olhos.

Tentei, de todas as formas, esquecer o projeto, a disputa pela vaga na diretoria, a vontade de vencer que sempre me moveu, até mesmo contra um peixe. Porém, a toda hora eu me lembrava de que finalmente tinha achado o local para o resort do grupo Yannes!

Agora dentro de mim existe uma luta entre as minhas duas grandes paixões: o trabalho e o Xucro. Tenho certeza de que, se eu apresentar a Paraíso, não só fecho aquela miserável conta trabalhosa, como conquisto a vaga na diretoria. Contudo, fazer isso será uma enorme traição ao homem por quem estou apaixonada e à família dele, que me acolheu com tanto carinho.

Gemo, fazendo uma prece silenciosa, pedindo direcionamento para agir e...

— Merda! — a voz do Guilherme chega até onde estou, assustando-me.

Caminho até a porta do escritório e vejo o Xucro e seu tio na sala de estar, conversando. Penso se devo sair do escritório de fininho ou se fico aqui até eles acabarem o assunto, porém, antes que decida, escuto algo alarmante:

— *Eles esteve* aqui enquanto você brincava de Adão e Eva com sua Dondoquinha! — a voz de Sandoval está muito alterada. — Não tem mais jeito! Disse que não vão renegociar, Gui!

— Filho da puta! Foi o Osório quem esteve aqui?

— Não, aquele outro... — Ele parece tentar lembrar o nome. — Santiago.

— Porra! Eu estive com o Osório quando fui até Aquidauana e ele disse que faria o que pudesse para que conseguíssemos a renegociação!

— Eu sei, mas o tal Santiago disse que a nova norma do banco é não renegociar nada, por causa da crise. Crise! — Bufa. — Falei do leilão e das cabeças de gado que vamos vender lá, mas...

— Não é o suficiente para pagar a dívida, tio!

O mais velho concorda.

— Ele disse que vamos a leilão!

Arregalo os olhos ao ouvir isso, tomando consciência da dimensão da dívida deles. Leilão, a pior coisa que pode acontecer a um dono de imóvel, pois o banco só tenta receber o que é devido, e o que sobra para o proprietário é

mínimo.

— Não vamos, não! — Guilherme parece decidido.

— Gui, nós já falamos sobre isso e...

Guilherme sai da sala sem deixar o tio terminar a frase, e escuto o suspiro resignado do senhor Sandoval. Aguardo um momento antes de sair e ir para meu quarto, achando que Guilherme possa estar lá, mas não há sinal do peão.

Eu não posso deixar a fazenda ir a leilão! Pego o celular e ligo, via internet, para o Leo.

— Eu tenho o lugar — informo. — Estou enviando algumas fotos para vocês, mas quero algumas coisas bem específicas no briefing.

Ele parece desnorteado, e eu aproveito sua falta de palavras para enviar as fotos da fazenda e das lagoas para seu e-mail.

— Puta que pariu, Malu! — Ele começa a rir. — É perfeito! Onde você achou esse paraíso?

Eu rio, triste, pensando nos donos da fazenda que me acolheram tão bem e em Guilherme. Sinto-me traindo a todos, mesmo sabendo que eles conseguirão muito mais dinheiro vendendo a propriedade do que indo a leilão.

— É onde eu estou passando as férias. — Ele gargalha do outro lado da linha, chamando-me de sortuda. — Eu vou te passar todas as informações que tenho, e você reúne a equipe para todos os estudos necessários da área.

— Certo, chefinha, mas como faço isso sem despertar a atenção da nossa Kika?

— Deixe que, com ela, eu me entendo, mas cuidado com o Kostas, certo? Não sei o que ele pretende aí.

— Já estou vendo aquele lindo bônus na minha conta!

Desligo enquanto ele comemora e sinto meus olhos ficarem úmidos e o coração apertado.

Pela primeira vez na vida, eu estou amando alguém, apaixonada de verdade e preciso pesar o valor desse sentimento e meus sonhos de conquistar o topo da minha carreira profissional. O relacionamento com Guilherme nunca daria certo, mas traí-lo dessa forma me machuca demais.

Eu sei, eu vi e senti o quanto ele ama este lugar, seu paraíso.

Deito a cabeça contra o teclado do laptop, sentindo-me a pior das criaturas, tendo a consciência de que ele nunca irá me perdoar.

— Onde está o Guilherme? — questiono, já sentada à mesa para o almoço.

— Ele teve que ir para Aquidauana, mas logo estará de volta — dona Sueli força um sorriso ao me informar. — Gui e Sandoval saíram de repente, por isso ele não teve tempo para conversar com você.

Assinto, tentando me concentrar na refeição saborosa que ela fez, evitando pensar que eles devem estar tentando de tudo para salvar a fazenda. Sinceramente, eu preferia que eles conseguissem a renegociação, mas conheço o suficiente dos bancos para saber que, se chegaram ao ponto de ameaçarem os devedores com um leilão, é porque não há mais nada a ser feito.

A melhor alternativa é a venda antes do leilão, e é isso que eu irei tentar fazer. Claro que será muito melhor para a Karamanlis comprar no leilão, mas meu argumento será o tempo que terão que dispor para conseguirem tirar o pessoal da propriedade, pois as ações na justiça costumam demorar. Se a venda for negociada já pelo grupo, diretamente com os atuais proprietários, será muito mais rápido e vantajoso, claro, para a família Antunes.

Minha preocupação é apenas deixar claro para todos daqui que eu não vim para cá com esse propósito. Eu nunca poderia imaginar que o local perfeito que os Yannes tanto querem estivesse aqui, nesta fazenda tão antiga!

— Você aproveitou o passeio? — Sueli volta a falar comigo. — Aquela área é nosso orgulho, sabe? Nós sempre cuidamos para que nada fosse afetado, enquanto muitos outros fazendeiros aterraram algumas lagoas ou mudaram o curso dos corixos para que pudessem ter mais água nos pastos.

— É, sim, um lugar fabuloso, que merece ser preservado!

Ela sorri orgulhosa.

— O que vocês dois estão pensando em fazer? — Não entendo a pergunta, e Sueli percebe. — Com o amor de vocês. — Sinto um aperto no peito e abro a boca para negar que haja isso entre nós, mas ela não permite. — Minha filha, todos aqui já perceberam o quanto vocês estão apaixonados! Até a cabeça voada da Ritinha! — Pega minha mão. — Eu sei que vocês dizem que não há chances por serem tão diferentes, mas saiba que...

O toque do meu telefone celular reverbera por toda a casa, interrompendo o que ela queria me dizer. Imediatamente peço licença, sabendo se tratar de Leo com notícias sobre a fazenda.

— Oi, Leo! — atendo a chamada e espero o tempo de *delay* que acontece nessas ligações via internet. — Alguma novidade?

— Sim! — ele parece animado. — Acessamos nossa conta para imagens de satélite e vimos a área em detalhes! Caramba, Malu, é um achado! A equipe está toda ansiosa, e Vivian e eu queremos ir até aí para poder olhar tudo com nossos drones!

— Já falou com a Kika sobre o local?

— Já dissemos que encontramos outra área, mas ainda não mostramos nada para ela, porque você me disse que queria dar a notícia. — Concordo. — Mas o restante do pessoal está em verdadeiro desespero! O pessoal do jurídico que está aqui, junto com o *Bostas* Karamanlis — rio do apelido — já entrou em contato com alguns conhecidos deles daí da região para levantar escritura, dívidas e essas coisas todas de praxe, além de avaliar a viabilidade do empreendimento.

Respiro fundo, percebendo que é uma realidade, vamos com tudo para comprar a fazenda que está na família do Xucro há anos!

— Eles estão com uma enorme dívida, e o banco não vai renegociar. — Leo gargalha, e eu fecho os olhos, sentindo-me mal. — Eu disse que só íamos falar sobre a locação desde que seguissem alguns pontos que quero colocar.

— Certo, você é a chefa! — Ele sossega, ficando sério. — Fale, que eu vou anotar tudo para incluir no briefing.

— Nada de esperar leilão, vamos negociar pessoalmente com os proprietários e pagar o preço justo. — Leo murmura um “certo”. — Nossa equipe de gestão ambiental terá que ser consultada para os estudos da área e estabelecer que toda intervenção deverá ser sustentável.

— Malu... — Leo bufa. — Você sabe que isso irá atrasar...

— O local é sensível demais, e, embora as leis ambientais protejam bastante, eu sei que existem saídas para ela. Nada de destruir aqui e preservar em outro local!

— Vou colocar no briefing, mas você sabe que, depois que o cliente fecha, a gente não pode fazer muita coisa.

Sim, eu sei! *Merda!*

— Mande o arquivo dos outros empreendimentos deles — peço, já iniciando uma pesquisa sobre possíveis problemas nas construções dos outros resorts. — Vamos ver com esse povo trabalha!

— E quanto à Kika? Ela está bem nervosa aqui com o *doutor* Karamanlis no pé dela.

— Vou ligar para ela. — Suspiro, já imaginando-a discursando no meu ouvido sobre eu ter dado um jeitinho de trabalhar mesmo nas férias. — Leo, essa não é uma área qualquer, eu tenho interesse especial nela, então, todo cuidado...

— Pode deixar, Malu, eu vou seguir todas as suas recomendações!

— Certo.

Desligo a chamada, já entrando em sites do mundo todo para descobrir o *modus operandi* da Yannes.

# 35

## Malu

ESPEREI ATÉ À tarde para falar com o Guilherme e saber se eles conseguiram ou não a renegociação com o banco e a possibilidade de venderem a fazenda caso não tenham conseguido. Eles não apareceram nem para o jantar.

Pergunto a dona Sueli se ela tem notícias, mas a senhora nega, muito embora garanta que está tudo bem com eles. A verdade é que estou agitada, ansiosa para poder conversar com os dois sobre a possibilidade de compra da fazenda, explicando tudo.

Peço para usar o telefone e deixo recado para que Kika me ligue, o que ela faz minutos depois.

— Oi, Malu! — ela grita ao telefone por causa do barulho de pessoas falando ao fundo. — Vim para um happy hour, mas ouvi seu recado. O que houve?

— Me liga depois que chegar, então!

— Não! — Ela parece andar, e o som alto vai diminuindo. — Pronto, entrei em um depósito aqui do restaurante. — Ri. — Olha, é um bom local para fazer umas loucuras! Opa, desculpa! Me diz o que você precisa!

— Você é doida, já te disse isso? — Gargalho, relaxada, adorando o astral da minha amiga.

— Sim, e sei que você me ama também. Agora desembucha!

— A área que os Yannes querem...

— Sim, o que tem? — Fica séria.

— Eu achei!

— Aha! — ela grita, e eu posso ver em minha mente seu dedo acusador. — Eu sabia que o tal lugar perfeito que todos estavam falando lá no escritório tinha dedo seu! Me diz como fez? Comprou computador e celular na cidade mais próxima e inventou essa história de apaixonada pelo peão só para me distrair, não foi?

Respiro fundo.

— Sim e não, Kika. — Ela funga. — Comprei os equipamentos, mas não fiquei com a cara enfiada neles o tempo todo, assim como não inventei o Guilherme. — Ela fica muda. — Antes tivesse feito!

— Ai, Malu, o que aconteceu? — Kika parece preocupada.

— Eu não fui justa ao dizer que encontrei o local, na verdade, foi você.

— Eu?! Tá doida? — Ri de nervosismo. — Eu estou aqui às voltas com um monte de lugares que o *Bostas* Karamanlis diz que são insignificantes...

— Você me colocou nele, Kika. — Escuto seu gritinho de surpresa. — A fazenda Paraíso é o local que estávamos procurando.

— Mas... tem certeza? Minha amiga disse que a fazenda é negócio de família e que eles são bem tradicionais.

— Sim, eles são.

Explico a ela todos os pormenores – tanto das pessoas que moram aqui quanto do funcionamento da fazenda –, lembrando-me de cada detalhe do lugar, dos problemas e das vantagens.

— Acho que não ter sinal de celular não é tão importante quanto se ter energia, mas eles constroem propriedades em lugares ermos, então devem saber o que fazer sobre isso — ela emite, enfim, sua opinião. — Eu vou esquecer que você me passou a perna...

— Você fez isso primeiro, lembre-se! — ressalto.

— Foi para seu bem... — Rolo os olhos. — Amanhã vou coordenar os trabalhos de perto e lutar para conseguirmos as condições que você quer. — Sinto-me mais aliviada ao saber que ela estará cuidando das coisas. — Malu, converse com eles, não os deixe pensar que você orquestrou tudo às suas costas.

— Sim...

— Sobre seu peão... bem, quem sabe não é a chance de vocês dois ficarem juntos? A fazenda sendo vendida, ele terá que ir morar em outro lugar... São Paulo também tem fazendas de gado, sabe?

Sorrio, triste, sem perspectiva alguma de que, depois que ele saiba o que estou fazendo, ainda queira algo comigo.

Não vi o Guilherme chegar ontem à noite, na verdade, não sei nem quando chegou, pois não dormiu comigo. Senti um vazio gigantesco sozinha naquela cama, já antevendo como iria ficar depois que eu voltasse para São Paulo. Tentei não focar nisso, entrando de cabeça no trabalho, sem nem mesmo sair do quarto para tomar café.

Ter revelado para a Kika que eu estava trabalhando aqui foi a melhor coisa que pude fazer, pois adiantou bem meu trabalho. Não precisei ficar escondendo nada e pude trabalhar com a equipe toda livremente. Ou quase, uma vez que Kostas Karamanlis ainda estava "fiscalizando" o trabalho do grupo.

Sinceramente, não consigo entender o que está rolando lá. Kostas sempre foi seco com todos no trabalho, nunca se aproximou de ninguém do seu andar – como eu – para estabelecer qualquer vínculo de amizade. É visto como um homem sisudo, tradicional, que não gosta de se expor e de se misturar com os outros executivos da empresa, nem mesmo com seus irmãos.

É mais uma mostra do meu azar ele ter "caído" justamente para fiscalizar minha equipe. Se fosse o Alex, tudo estaria mais tranquilo, pois o caçula dos meninos Karamanlis é uma pessoa extraordinária!

Acabo de fazer essas considerações e logo dou de cara com o e-mail do engenheiro na minha caixa de entrada. Estranho encontrar isso no e-mail novo que fiz quando cheguei aqui, mas, assim que começo a ler, entendo que Kika conversou come ele – que ficou impressionado com o local – e que entrou no meu time para jogar e ganhar.

Rio, pois ele escreveu exatamente assim: *entrei no time e vamos ganhar!* Os Karamanlis podem ser diferentes, mas com certeza são homens com uma coisa em comum: a arrogância. Quer dizer, além de serem incrivelmente bonitos, mas ressaltar isso é igual a chover no molhado.

Alex, além de dar um gás a mais na equipe, ainda me manda todas as plantas dos Yannes, que parecem um tanto padrão, mudando pouca coisa. Sedes enormes e luxuosas, muita impermeabilização do solo com asfaltos e concretos

nos caminhos, piscinas enormes e a perder de vista, mesmo em locais com água – rios, córregos, cachoeiras, lagoas ou praias –, e as instalações não seguem nenhuma regra de sustentabilidade, sendo tradicionais, gerando muito entulho de obra e lixo.

Isso, claro, cai como um balde de água fria em mim, pensar neste local, que é bonito por ser como é, natural, selvagem, virgem, sendo invadido por asfalto, concreto, vidro e ar-condicionado. Faço uma anotação sobre isso no meu briefing e respondo ao Alex, questionando a possibilidade de uma confecção de um novo padrão para a área de maneira mais simples e socioambiental, com materiais daqui e pessoal da localidade.

Peço a Paula, assistente dos *hunters* que é responsável por pesquisas do local, que coloque no projeto um resumo da história e tradição do Pantanal, que fale nos índios que aqui habitaram, na herança deixada por eles e tudo o mais que ela possa encontrar. Ela terá que vir para cá, andar na região toda e levantar documentos históricos, mas dá conta.

Ligo para o Leo e lhe peço as informações sobre zoneamento da cidade, legislação ambiental – municipal e estadual –, além do Plano Diretor e Código de Obras. Sei que, para isso, ele precisará consultar o jurídico da empresa para a emissão de parecer, o que chamará a atenção do Kostas, mas não há nada mais a ser feito. Estamos mesmo sondando uma área que tem toda a vocação pretendida para o empreendimento dos Yannes.

Por fim, entro no site de planejamento que usamos na empresa e divido as tarefas da equipe, principalmente do pessoal que deverá se deslocar até a cidade, mas não compartilho.

No fundo, ainda tenho esperança de que o pessoal do banco renegocie a dívida e – mesmo correndo o risco de perder a melhor oportunidade da minha vida de fechar a conta mais cabeça de porco da empresa – eu não precise me envolver na destruição dos sonhos dessa família.

Pego o telefone para ligar para a Kika, mas Guilherme entra no quarto, e eu, com o coração disparado, quero ouvir o que ele vai me contar sobre seu sumiço e tudo o mais.

— Tudo bem? — pergunto quando ele para na porta do quarto, olhando-me de um jeito estranho.

— Não, mas vai ficar. — Respira fundo, o que me deixa ainda mais curiosa. — Tive que ir até a cidade com o tio, e agora vamos ter que... — Ele bufa. — Ele quer adiantar a comitiva para ir ao leilão do fim deste mês, em vez do próximo, o que é loucura, pois chegaríamos lá no dia do leilão com muita sorte. — Balança a cabeça. — Eu estou pensando em...

Meu telefone toca estridentemente, e a enorme foto do Leo aparece no

visor.

— Só um segundo para eu...

— Não, não! — Levanta-se. — Resolva seu trabalho. — Aponta para as coisas em cima da mesa. — Eu preciso resolver umas coisas com a peonada. Nos vemos no almoço.

Sai antes que eu possa argumentar.

— Oi, Leo!

— Malu, eu não consegui impedir, e a Kika...

Levanto-me, preocupada.

— Do que você está falando?

— Kostas mandou uma equipe dele para aí. — Fecho os olhos. — Vão conversar na prefeitura de Aquidauana, sondar os cartórios, o banco... — Bufa. — Sinto muito, Malu, sei que não era assim que você queria agir, mas...

— Merda! Eles já vieram?!

— Não. — Respiro aliviada com a resposta. — A Kika está derrubando tudo lá no jurídico, pediu até a presença do chefão Karamanlis!

*Puta que pariu!*

A Kika está louca ao arriscar seu pescoço desse jeito! Não entendo por que razão não me ligou, afinal, eu poderia argumentar os motivos pelos quais não quero um ataque tão abrupto assim.

Olho para a porta por onde Guilherme acabou de sair e sinto um frio na espinha. Preciso conversar com ele com urgência!

Saio atrás do peão pela fazenda, mas tudo o que descubro é que ele está reunindo o gado em algum local longe e que não tem hora para voltar.

— Algum problema, minha filha? — Sueli me pergunta na hora do jantar.

— Guilherme disse que vinha para o almoço, mas, até agora...

A idosa balança a cabeça.

— Sandoval é um bom marido, mas muito cabeça-dura, sabe? — Ri. — Ele sabe muito bem que, mesmo que consiga vaga no leilão do final deste mês, não chegará a tempo, além disso... — Dá de ombros. — Não temos certeza de nada.

— Tão ruim está a situação? — pergunto como se estivesse a par do assunto pelo Guilherme.

— Osório, nosso amigo do banco, ficou de tentar mais uma vez conversar sobre a dívida, mas você sabe como é... bancos!

Assinto, sabendo bem como eles trabalham, mas com um fio de esperança

de haver uma renegociação e, assim, a família manter sua propriedade.

— Eu sei como é, sim! — Levanto-me para lavar meu prato, mas ela impede. — Está tarde, e nem sinal dele ainda. — Olho para fora, ansiosa para conversar com o Xucro.

— Vá descansar, Malu. Eles não devem demorar muito, fique tranquila.

Despeço-me dela, seguindo imediatamente para o banho. A água caindo sobre a minha cabeça me ajuda a ficar mais calma, mais focada no que eu preciso fazer. A ansiedade, o medo não são sentimentos com os quais estou acostumada. No entanto, nunca estive apaixonada antes, então penso ser natural.

Mesmo sabendo que a relação entre mim e o Xucro não tem futuro, não quero que termine com rancor. Ele com certeza sentirá muita raiva de mim ao saber que eu estive sondando a situação da fazenda para vendê-la a um grupo internacional para transformar tudo por aqui em uma área de lazer para ricos.

— Eu estou ferrada! — Encosto a cabeça no azulejo. — Nunca tive uma decisão tão difícil de tomar! — Fico um tempo em silêncio, repetindo essas palavras mentalmente, gemendo uma súplica que nem eu sei para quem ou para quê. — Por favor!

Braços fortes me rodeiam. Um corpo de músculos duros, pelos aparados, e cheiro único se encosta ao meu, fazendo-me arfar. Guilherme não diz uma só palavra, apenas me abraça forte, como se quisesse também expurgar todas as suas preocupações e só se fundir a mim.

Inclino minha cabeça para trás e recebo um beijo na testa, cheio de carinho, respeito e amor. Sim, eu sei que o que sinto por ele não é platônico. Nós nos apaixonamos mesmo sem querer que isso acontecesse. Foi inevitável, avassalador, impossível de se conter. Brincamos com fogo, e agora as chamas estão cobrando seu preço, machucando-nos com a falta de perspectiva de ficarmos juntos e com todos os problemas que nos ameaçam.

— Eu estive o dia todo querendo conversar com você — digo ao me virar para encará-lo.

Guilherme olha-me fixamente, daquele jeito que parece ler minha alma, seu rosto tenso, expressão séria. Ele ergue um dedo e o encosta na minha boca, negando com a cabeça, exalando um suspiro cansado e desanimado.

— Eu só preciso sentir você agora — declara antes de me beijar.

Suas mãos prendem meu rosto firmemente enquanto sua boca devora a minha sem parar, em um frenesi louco, faminta demais, como nunca senti antes. O beijo provoca todo o meu corpo, e minha única reação é agarrar-me a ele como se pudesse cair sem esse contato.

Minhas unhas apertam sua carne, tensionando seus músculos fortes, arranhando sua pele, enquanto sou devorada. Sinto minhas costas baterem contra

a parede gelada do boxe, dando-me conta de que nos movemos, mas concentrada demais ainda no que sua língua dentro da minha boca produz em mim.

Nunca quis ninguém como quero esse homem! Nunca senti tamanha paixão na minha vida! Nunca amei ninguém como o amo...

Guilherme geme quando alcanço seu pau, já completamente ereto e começo a movimentá-lo para cima e para baixo rapidamente e com força, como eu sei que ele aprecia.

Sua boca desgruda da minha, entreaberta, emitindo sons de um sofrimento prazeroso, enquanto seus olhos permanecem fechados. Aproveito para mordiscar seu queixo, coberto pela barba, e lamber seu pescoço de modo provocador, varrendo sua pele com minha língua, assim como gosto de fazer no seu pênis.

Ele segura-me pelos cabelos, afastando-me, obrigando-me a encará-lo. Minha mão para em seu membro, nossas respirações se suspendem, e o olhar entre nós diz, de forma muda, o que um ainda não teve coragem de admitir ao outro.

Guilherme me ama, assim como eu o amo.

Como se lesse meu pensamento, ele emite um rosnado e me ergue em seus braços, pressionando-me ainda mais na parede, encaixando meu corpo no seu, roçando nossas partes mais sensíveis, mesmo sem penetração, levando-me à loucura.

Nós nos movimentamos, um masturbando o outro, como loucos. Gemidos contra gemidos, mãos agarradas na carne um do outro de forma bruta, quase violenta, de modo a não deixar escapar nada. Sinto-me excitada de uma forma inédita, sentindo a paixão e o amor que nunca reconheci inundando meu corpo e potencializando o prazer.

Sou invadida com uma estocada firme, profunda e rápida. Sinto-o batendo bem lá dentro de mim, e ele para, gemendo gostoso.

— Eu sou viciado no calor da sua boceta, Dondoquinha... — diz com voz trêmula. — Ela é um absurdo! — Movimenta-se, e eu arfo. — Um absurdo!

A calma e as estocadas longas dão lugar a movimentos frenéticos, duros, violentos, amassando meu corpo contra a parede. Guilherme soca dentro de mim em desespero. Eu deliro, gemo, mordo seu ombro, grito em frenesi ao gozar.

Ele sorri enquanto deliro de prazer, não tirando os olhos do meu rosto, como se quisesse memorizar minha expressão, antes de me seguir nos sons, bombeando dentro de mim, pela primeira vez, todo seu gozo.

— Eu amo você, Malu! — geme em meu ouvido. — Eu não sei como aconteceu, mas eu amo você!

Meu corpo inteiro está trêmulo como gelatina, minha cabeça gira, e meu coração parece querer sair pela boca por causa do prazer que senti, mas nada

disso se compara ao que ele acaba de falar. Meus olhos se enchem de lágrimas, minha garganta dá um nó, e eu só penso no desgraçado destino que nos fez sentir algo tão forte apenas para nos afastar.

Encaro-o, e ele nota minha expressão de desespero.

— Eu sei que isso não muda nada entre nós — justifica. — Mas eu não queria que você fosse embora sem saber disso. — Franzo o cenho, pois ainda faltam alguns dias para meu retorno à minha cidade. — Eu não esperava que isso acontecesse assim, entre nós, mas não me arrependo de nada. — Encosta a testa na minha. — Não me arrependo de te amar, Malu.

— Isso é uma despedida? — pergunto, sentindo o coração apertar.

Guilherme nega.

— Eu espero que não, mas, se as coisas continuarem como estão, terei que sair em comitiva e não estarei aqui quando você retornar a São Paulo. — Ele me põe no chão, retirando-se de dentro de mim, entrando debaixo dos jatos do chuveiro. — Eu ter dito que te amo não te obriga a nada, eu sempre soube que seu lugar não era aqui, como você sabe que o meu não é na cidade.

Assinto, ainda sem palavras, sentindo uma dor tão estranha no peito que não sei como descrever. Quero dizer a ele que sinto o mesmo, que também não me arrependo e que entendo que um não cabe no mundo do outro, mas que isso não me impede de sofrer. Entretanto, nenhuma palavra sai da minha boca.

Guilherme novamente beija a minha testa e sai do boxe, e, pela primeira vez em muitos anos, sinto lágrimas rolarem pelo meu rosto.

# 36

## Malu

PASSEI MAIS UMA noite em claro ao lado de Guilherme na cama. A todo instante eu quis acordá-lo, dizer a ele que o amava também e que poderíamos arranjar um jeito de ficarmos juntos. Além disso, queria contar que não deixarei a fazenda ser leiloada, que há a possibilidade de minha empresa comprar as terras e, com isso, não os deixar desamparados.

Só pensar nisso faz meu corpo todo gelar de medo de sua reação. Não sei se irei conseguir fazer com que ele acredite que não vim aqui para isso, que foi obra do acaso, do destino. Eu poderia dizer também que nem sabia se a Yannes iria aprovar o local, que é meramente especulação, mas nem eu acredito nisso. Tenho certeza de que, assim que eu apresentar o projeto, ela vai fechar conosco.

Droga! Isso é óbvio desde o momento em que Kostas Karamanlis começou a interferir. O diretor jurídico da empresa viu que o potencial desse lugar preenche todas os requisitos dos resorts do Grupo Yannes. Com isso, temos a

real possibilidade de fechar uma das contas mais difíceis da empresa até então.

É meu sonho se tornando realidade! Não só conseguindo cumprir o desafio integralmente, quanto solucionando um dos trabalhos mais complicados da Karamanlis. Eu deveria estar exultante, planejando minha volta, exigindo que Kika mandasse me buscar.

Mas não!

Ainda pela manhã cedinho, olhei para o Guilherme ao meu lado, ressonando baixinho, e senti os olhos marejados novamente. Foi um péssimo momento para tê-lo conhecido e péssima hora para eu descobrir que tenho sentimentos.

Sempre fui fria e reservada, mas estou aqui, com o coração doendo por ter conseguido a tão sonhada vitória, sentindo-me destroçada por saber que irei magoar o homem que só me fez bem. Penso na dona Sueli e no seu Sandoval, que tão bem me acolheram, e até em Ritinha e seu pai, que moram aqui a vida toda.

Se realmente comprarmos a fazenda, tudo o que eles sempre conheceram terá fim. Tento acalmar meu coração justificando que, se não for a nossa empresa a comprar a fazenda, ela irá a leilão e cairá nas mãos de qualquer pessoa, além de que eles não terão o dinheiro que a Karamanlis pode negociar pelas terras.

Levanto-me da cadeira onde estive trabalhando desde que acordei. Guilherme já não está mais na cama, saiu cedo para resolver coisas da comitiva com o tio, e eu tive uma sensação tão estranha no peito, como se tivesse perdido a oportunidade de dizer a ele que era correspondido em seus sentimentos, que eu também tinha me apaixonado por ele e que queria muito que as coisas fossem diferentes.

A voz da Kika volta à minha mente, criando uma esperança vã de ele se mudar para São Paulo e trabalhar em alguma daquelas fazendas por lá, mais perto de mim. É loucura ficar fantasiando sobre isso, mas o que eu sinto por ele é tão forte que pensar em lhe dar adeus e voltar a viver minha vida como antes... Eu já não sei se serei feliz.

Eu mudei nessas poucas semanas aqui. Descobri que eu posso trabalhar e ser uma pessoa, ter uma vida, fazer planos também fora do trabalho. O apartamento vazio e frio de São Paulo, que sempre foi meu orgulho, já não aparece mais nos meus sonhos. Tudo o que vejo quando fecho os olhos é um lar. Independentemente de onde e como ele seja, eu quero um lar.

Penso na minha família, em como minha casa lá no interior, tão simples, tem esse aspecto, que me é tão caro agora. Lá, eu tive um lar. A minha vontade de alçar voo e conquistar coisas que eu julgava mais importantes que tudo me cegou para isso, e por muitos anos vi aquela casa, com aquelas pessoas, apenas

como um retrocesso, uma prisão que me impedia de alcançar o mais alto que eu pudesse.

Este lugar, esse homem, as pessoas aqui, não sei o que exatamente aconteceu, a única certeza que tenho é de que já não sou mais a Malu Ruschel de antes.

Olho para o computador, esperando a internet conectar. Hoje o sinal está fraco e não estou conseguindo nem mesmo receber mensagens pelo aplicativo do celular. Confiro as horas, lamentando por já serem quase 10h da manhã, sinal de que São Paulo já está trabalhando em ritmo acelerado, mas eu não consigo contato.

Tenho de saber se Kika conseguiu frear a ânsia do Kostas Karamanlis no nosso projeto. Eu preciso de mais um tempo para conversar sobre a situação aqui antes de fazer qualquer proposta, porém, começo a temer que eles já tenham programado o que fazer – afinal, eu estou oficial e compulsoriamente de férias – e acabem por extrapolar etapas.

Pego minhas anotações, feitas ao longo dos dias de trabalho aqui e vou organizando a pasta com as fotos e relatórios que escrevi sobre a Paraíso, adiantando trabalhos que posso fazer sem a conexão com a internet.

Próximo ao meio-dia, resolvo sair do quarto, desistindo de trabalhar sem o maldito sinal de wi-fi e vou para a cozinha conversar um pouco com a dona Sueli.

Não a encontro; quem está a cargo das panelas é a Ritinha, que, como vem fazendo há dias, dá-me uma olhada de desprezo e nem mesmo se digna a responder meu cumprimento. Tento não me importar com o jeito da moça, mas essa situação entre nós duas já está ficando com cara de birra de colegiais, e eu nunca fui imatura a esse ponto.

— Dona Sueli não está? — pergunto.

— Não. Dona Sueli está resolvendo coisas sobre a boia da peonada na comitiva. Como a dona vê, sou eu quem está com a barrinha no fogão.

As palavras, ditas com aspereza, são a gota d’água nessa situação ridícula entre nós.

— Eu sinto se te magoei, Ritinha — disparo, sentada à mesa, vendo-a de costas enquanto continua mexendo na comida. — Nunca foi minha intenção.

— Não faz diferença — responde ainda sem me olhar. — A dona vai voltar para a cidade em breve.

Não tenho argumento contra isso. Eu realmente vou e, talvez, até mais cedo, se realmente o Guilherme for sair em comitiva com o resto da peonada. Irei conversar com ele sobre a possibilidade de compra e, assim que ele partir, irei embora também.

— Sim, estou, por isso mesmo queria ir sem deixar nenhum mal-entendido entre nós.

Ela se vira, sorrindo, e cruza os braços.

— Não tem problema, dona! Você não vai mais voltar para cá. — Seu sorriso aumenta. — Daqui a pouco ninguém mais lembra de você. *Ninguém*!

— Pode ser. — Encosto-me à cadeira. — Mas eu vou me lembrar de você, principalmente da garota simpática que conheci assim que cheguei.

— Eu não sabia que a dona era bicho de chão! — Respiro fundo ante a ofensa. — Chegou aqui fazendo a maior pose de dondoca, mas bastou o Gui estalar os dedos e *tava* embrenhada no mato com ele! Ele só queria te comer, então...

Levanto-me.

— Certo, se você não quer aceitar minhas desculpas por tê-la magoado, pelo que realmente sinto, não aceite! Como você disse, não faz diferença alguma! Mas quero só te dizer uma coisa: se valorize! — Ela arregala os olhos. — Guilherme nunca quis nada contigo, deixou isso bem claro para mim e creio que para você também. O que nós dois tivemos só cabe a nós mesmos, pense o que quiser. Mas não rasteje aos pés de um homem que não te quer... é feio e indigno!

— Seu discurso é por medo de, quando você for embora, ele pular na minha cama?

Sorrio.

— Quando eu for embora, não terei mais nada a ver com a cama de quem ele frequenta. — Tomo ar, enchendo meu peito e erguendo meu queixo. — Mas hoje eu sei que ele me ama, é o suficiente.

— Só porque ele dorme com você não quer dizer...

— Ele me disse. — Ela fica lívida. — As palavras saíram completas de sua boca, Ritinha. Sinto muito ter magoado você, mas não me arrependo de ter me apaixonado por ele.

Saio da cozinha deixando-a muda e paralisada perto do fogão a lenha.

Não fui almoçar, ficando o tempo todo no quarto, à espera da aparição do Guilherme. Mais tarde, andei um pouco pela fazenda, encontrando a dona Sueli no alojamento e soube por ela que o peão estava num pasto ao sul da propriedade.

Agora estou na varanda, sentada na rede em que fizemos amor, sorrindo

feliz pelas lembranças, querendo guardar cada momento que vivi ao lado dele no coração. Eu preciso muito conversar com Guilherme e contar a ele como me sinto, e isso não pode passar de hoje.

— Seu telefone está tocando no seu quarto — Ritinha me avisa bruscamente, dando-me um enorme susto. — Já tem um tempo fazendo isso.

A internet finalmente voltou!

Levanto-me rapidamente, ainda conferindo se Guilherme aparece em algum lugar do quintal, mas, não o vendo, corro para o quarto a tempo de ver que a ligação é de um dos meus contatos no Sul do país.

Converso com ele por alguns minutos enquanto atualizo a minha caixa de mensagens, mas sem ver nenhuma notícia acerca do projeto ou mesmo da conversa de Kika com o Kostas ontem.

Ligo para ela assim que desligo o telefonema de vídeo que acabei de receber, mas minha amiga não atende. Tento o celular do Leo, da Vivian, mas nada, e isso começa a me deixar muito tensa. Alguma coisa está acontecendo em São Paulo, por isso minha equipe está longe dos celulares.

Talvez estejam em alguma reunião! Eu não aguento mais esperar e, por isso, decido ligar para o telefone da Karamanlis.

Saio do quarto e primeiro vou até a cozinha falar com dona Sueli. Contudo, ela não está. *Relaxa, Malu, você deixa um dinheiro a mais por causa do telefone!* Sigo para o escritório, mas, antes que eu consiga abrir a porta, escuto a voz do Xucro:

— Estou no Mato Grosso do Sul, na fazenda da família da minha mãe, e preciso desse dinheiro o mais rápido possível! — a conversa e o tom da voz dele, direto e convicto, assustam-me. Com quem ele está falando? Será que está tentando um empréstimo? — Qualquer solução que quite o débito da fazenda, Hal. — Hum... Hal. Acho horrível ficar ouvindo atrás da porta, mas o diálogo entre Guilherme e o tal de Hal é no mínimo estranho. — Mas quero todo o restante liquidado, tudo à venda. — Fico ainda mais confusa ao ouvir isso, e, depois de um tempo – provavelmente algo que o outro lhe falou – escuto sua risada sarcástica. — Sim, Hal, pode vender todas as minhas ações!

Ações?! Franzo o cenho ao ouvir isso, ainda mais intrigada. Sempre achei que o Guilherme estava escondendo algo, que não era o xucro que se mostrou quando cheguei aqui. Como ele veio de outro local – que não revela –, supus que tivesse pelo menos estudado, mas... ações?!

— Sabe que é muito feio ficar ouvindo a conversa dos outros, não sabe? Não ensinaram isso de onde a dona veio?

Pulo de susto ao ver a Ritinha no corredor, com uma trouxa de roupa nos braços. A moça parece realmente muito nervosa por eu estar aqui, parecendo

espionar o Guilherme, e eu, sabendo estar errada – mesmo intrigada –, saio de perto dela e do escritório, indo diretamente ao meu quarto.

Penso em todas as coisas que ele fez ou disse ao longo desses dias que me fizeram questionar quem ele era, desde a frase em latim lá no pequeno hotel de Aquidauana, ao jeito de ele falar, o conhecimento sobre livros, o ditado árabe. Nada disso seria suspeito, pois poderia realmente haver um peão que gostasse de literatura, mas ele fez questão de interpretar um papel no começo e só se mostrou de verdade quando começamos a ficar juntos.

Espero por alguns minutos no quarto, certa de que ele, assim que terminar a ligação, irá vir até meu quarto para conversarmos, mas, à medida que os minutos se passam, começo a acreditar que não, que ele não virá.

Mesmo quando batem à minha porta, eu sei que não é ele, pois geralmente entra sem anúncio, já se sentindo dono de tudo.

— Soube que você não almoçou. — Dona Sueli entra segurando uma bandeja com pão, bolo e uma xícara de café. — Ficar muito tempo trabalhando e se esquecer de comer não faz bem para a saúde.

— Eu sei, obrigada pelo lanche. — Sorrio, realmente agradecida. — Guilherme está na casa?

— Não vi aquele menino por aqui, não. — Ela suspira.

— Algum problema? — pergunto, comendo um pedaço do bolo.

— Os de sempre, minha filha, mas tenho fé de que tudo dará certo! Graças a Deus essa história de comitiva assim tão em cima da hora foi esquecida!

Franzo o cenho, interessada no assunto, pois isso significa mais tempo com o meu Xucro.

— Por quê?

— Não conseguiram vaga pros *nossos boi* lá no leilão! — Dá de ombros.

Meu coração gela ao pensar que, sem a venda dos bois, eles não conseguirão ao menos tentar a renegociação. Engulo com dificuldade, sabendo que não há outro jeito, terei mesmo que conversar com eles sobre a possibilidade de venda da fazenda.

A senhora à minha frente sempre me pareceu ser muito sensata. Mesmo sem estudo, como ela mesma já me contou, é uma mulher muito sábia. Decido, então, sondar o terreno com ela antes mesmo de conversar com seu marido.

— Dona Sueli...

O meu telefone toca, e a imagem da Kika aparece na tela. Imediatamente dona Sueli se levanta, recomendando-me que coma tudo e sai do quarto.

— Oi, Kika! Eu estive tentando...

— Malu, o filho da puta do Kostas já está sondando o banco para comprar a fazenda.

— O quê?! — Levanto-me apressada, quase derrubando café sobre mim.

Kika bufa, raivosa, do outro lado.

— Eu disse a ele que ainda estávamos vendo a possibilidade de comprar dos proprietários, mas ele esfregou na minha cara que comprar em leilão é muito melhor para a empresa.

Fico sem fôlego ao entender o que ele pretende.

— Ele vai tentar pressionar o banco a não renegociar, é isso?

— Creio que sim, não seria uma jogada inédita nesse meio.

*Puta que pariu!*

Sento-me trêmula na cadeira novamente, sentindo meu corpo inteiro gelando ante o que causei. Talvez eles tivessem a chance de renegociar, afinal, um leilão é algo muito dispendioso para um banco, que inclusive pode ser obrigado a receber menos do que lhe é devido, mas agora, com o interesse de uma empresa do tamanho da Karamanlis, eles têm garantia de compra.

*Merda!*

— Kika, vocês já descobriram a modalidade do empréstimo cuja propriedade é garantia? — indago ainda mais temerosa. — Me diz que é hipoteca! — imploro.

— Não, Malu, não é.

Gemo ao telefone ao perceber que criei um efeito dominó e que, por minha causa, eles vão perder tudo! Se fosse mediante hipoteca, ainda haveria a execução judicial da dívida, o que levaria muito tempo, mas, por ser uma alienação fiduciária, tudo é feito através de execução cartorária, levando, assim, o imóvel rapidamente a leilão.

Preciso conversar com o Guilherme!

— Tudo o que podemos fazer agora, Malu, é torcer para aparecerem mais compradores e que o preço final seja suficiente para que o pessoal aí da fazenda reconstrua sua vida e...

Não termino de ouvir o que Kika me diz, saindo em desespero atrás do Xucro. Encontro dona Sueli primeiro, mas, como ela diz ainda não saber do sobrinho, vou correndo ao alojamento, percorrendo cada canto desta fazenda, pastos, estábulo, alojamento à procura do peão, buscando-o pelo que me parecem mais de duas horas.

Onde ele se meteu?!, pergunto-me a todo instante, até que me lembro do local onde dormimos juntos pela primeira vez, onde parece ser o refúgio dele.

Subo até lá e bato à porta fortemente, chamando-o, mas ele não responde. Lembro-me das caixas e malas jogadas por lá, o que me aguça ainda mais a curiosidade de entender aquela parte da conversa que ouvi sem querer há pouco, mas deixo isso de lado, querendo mesmo encontrá-lo.

— Guilherme? — Forço a maçaneta, que se abre, mas não o vejo.

Cansada, desanimada por ter passado a tarde toda à procura dele, decido esperar por ele na casa, porém, um objeto dentro de uma caixa aberta e com coisas reviradas chama minha atenção.

Mesmo me sentindo uma intrusa, pego a pequena boneca na mão, descobrindo que a tal caixa está repleta de brinquedos e algumas fotos. Pego a primeira da pilha e, mesmo na pouca iluminação, reconheço o Guilherme pelo sorriso, pois o homem na foto veste um caríssimo terno e tem no colo uma menina de cabelos escuros usando um estetoscópio.

Meu coração se aperta, e sinto um frio na barriga, pegando foto por foto, vendo ali o mesmo homem que passei noites amando, mas que, no entanto, não reconheço nas fotografias.

Sempre muito bem-vestido, na maioria das fotos ele aparece com a menina em várias fases da sua infância. Em uma delas, ele veste um jaleco branco, de médico, com a logomarca de um dos maiores centros de referência em neurocirurgia de São Paulo, o INAM – Instituto Neurológico Albuquerque de Medeiros.

Olho tudo ao redor sem ainda compreender o que está acontecendo e, movida pela procura de respostas, numa investigação que leva horas, vou abrindo caixa por caixa, mala por mala, encontrando objetos diversos, inclusive algumas placas de premiações.

Pego uma delas, retiro o pó com a minha blusa e emito um som de surpresa ao ler o nome gravado no metal: Guilherme Albuquerque de Medeiros, neurocirurgião.

Fico sem fôlego, sentando-me no chão empoeirado, entre as caixas e malas aqui há tantos anos que tudo fede a mofo, sem entender como é possível que Guilherme seja o filho único do maior neuro do país!

— O que você está fazendo aqui?!

A voz potente e embriagada do Xucro me faz apenas levantar os olhos em sua direção, sem nem mesmo agitar meu coração, já incrivelmente disparado por causa das coisas que descobri neste lugar.

— Quem é você, afinal? — pergunto em um fio de voz.

Guilherme não responde, olhando para seus objetos remexidos, indo até a caixa com fotografias, trôpego e desesperado.

— Eu sou o homem que quer você fora daqui agora! — grita sem se virar para mim.

Não consigo me mover, tentando entender os motivos que o levaram a se fingir de outra pessoa, a estar enfurnado aqui no meio de tudo, enquanto poderia estar em São Paulo, trilhando sua carreira e...

— Você é filho do doutor Ronald...

Ele bufa.

— Isso não é da sua conta! — Encara-me. — Isso não faz diferença alguma para seus planos de transformar o lar da minha família em um maldito resort! — Ele caminha até onde estou e me segura forte pelo braço, levantando-me. — Acabou a encenação, *Dondoquinha!* — o apelido é usado com desprezo. — Você realmente faz de tudo para conseguir o que quer, não é? Até se vender para um peão xucro e grosseiro!

— Como... — tento perguntar como ele sabe do resort, mas ele me impede:

— Avise aos seus patrões que eles não vão comprar nada por aqui, nem sequer uma palha do celeiro! — sua raiva é tão grande que sinto as palavras etílicas reverberando em meu rosto. — A única coisa aqui à venda é seu caráter!

— Guilherme, eu não vim aqui para...

— Chega de mentiras! — Sacode-me. — Eu quero você fora daqui amanhã cedo! Um avião virá buscar você!

Ele me solta abruptamente e quase cai ao fazê-lo, apoiando-se no móvel onde nós transamos naquela noite. Eu nunca senti nada parecido com isso antes, nem mesmo o medo e frustração de não conseguir atingir meus sonhos me deixaram assim alguma vez. Eu preciso explicar para ele como as coisas aconteceram.

— Eu não vim aqui para isso... — Choro. — Eu só pensei na possibilidade de ajudar vocês...

Ele gargalha, sarcástico.

— Judas deve ter apresentado o mesmo argumento... — Fecha os olhos, apertando as mãos contra o móvel às suas costas. — Suma da minha frente, Malu!

— Não! — Vou até ele. — Me escute, eu preciso explicar e contar o que...

— Explicar que sua empresa anda fazendo pressão no banco que devemos? Que eles souberam daqui por acaso? — Ele me encara com expressão de nojo. — Ou através de seus relatórios sobre o potencial do “imóvel denominado fazenda Paraiso” em cumprir as expectativas do seu cliente?!

Ele termina a frase gritando, dando a certeza de que leu meus relatórios.

— Eu só queria ajudar... — insisto. — Eu... — encaro fundo dentro de seus olhos azuis, esperando que ele consiga ver a sinceridade do que vou lhe dizer — eu amo você.

Guilherme paralisa ao ouvir minha declaração, e eu me encho de esperanças de que ele acredite em mim. Nunca disse nenhuma dessas palavras a ninguém, nunca senti o que sinto por ele por ninguém, e pensar em perdê-lo dessa forma, sem ele me escutar, sem acreditar em mim e no que sinto, é desesperador.

— Arrume suas coisas e saia daqui — ele diz baixinho. — Se você não o fizer, vou arrastá-la até o maldito avião! — Eu me sinto desmoronar, negando por gestos, querendo que ele entenda que eu digo a verdade. — Não vou contar seu plano nojento a ninguém. Meus tios são pessoas que se orgulham de confiar nos outros, eles não precisam saber que acolheram uma cobra dentro de casa!

— Eu não...

— Suma daqui, esqueça que existimos! — ordena arrastando-me para fora do depósito. — Só por cima do meu cadáver que vocês ficarão com nossas terras! — Ele para perto da escada e me solta. — Sinto muito, *Dondoquinha,* você se sujou à toa, não vai conseguir sua tão sonhada promoção!

Soluço ao vê-lo entrar e trancar a porta do depósito e de sua vida.

# 37

# Guilherme

*QUEM É VOCÊ afinal?*, a voz dela ecoa em minha mente.

Dane-se quem eu sou, isso não faz nenhuma diferença mais, para nenhum dos dois. Mais uma vez eu banquei o idiota para uma mulher, deixando-me enganar, acreditando, sem perceber que, na verdade, o interesse não era em mim, mas sim em algo muito maior.

Nada adiantou eu mudar de vida, ficar anos lidando com a culpa e a impotência, se fui levado mais uma vez a acreditar que poderia ser amado por quem eu sou, para descobrir que não, o amor definitivamente não é para mim.

Bufo de raiva, tomando uma última dose de pinga na vila antes de entrar em um avião, depois de oito anos, e voltar a pisar no lugar no qual jurei nunca mais colocar os pés: São Paulo. Não havia mais jeito! Eu precisava encarar meus demônios do passado e lidar com toda a sujeira que deixei para trás no pior momento da minha vida.

Tudo me trouxe a este momento: as condições financeiras ruins que a fazenda vem enfrentando há anos, a decisão do banco em não mais renegociar a dívida e, principalmente, a traição da Malu.

Ainda dói saber que a dondoca se deslocou para o meio do nada apenas para se informar sobre um possível local para ser construído um resort e, com isso, conseguir a promoção que tanto almejava no trabalho. Ela foi fria, realmente boa atriz, parecendo se importar com meus tios, parecendo não saber de todo o potencial da Paraíso, e eu caí como um pato.

Não só a recebemos, mas eu a levei até os lugares que mais amo na propriedade, tudo o que ela precisou ver para decidir que era o local perfeito para a instalação do tal empreendimento milionário.

*E ainda teve a desfaçatez de dizer que só fez tudo para ajudar!*

Aquela fazenda é parte da vida dos meus tios! Tanta coisa já mudou com os anos, mas aquele pedaço de terra no coração do Pantanal é o que os mantém felizes. Sem a fazenda, não há sentido em ter dinheiro; para eles, não iria importar o mínimo!

Encosto a cabeça no balcão, ouvindo o *modão* triste no rádio, enquanto Lizete se mantém distante, sabendo que não estou bem e que preciso ficar sozinho.

Fecho os olhos, lembrando-me dessas semanas em que estive ao lado dela, de todos os momentos que pareceram tão verdadeiros, quando, na verdade, ela estava apenas usando-os como disfarce para saber de todas as informações para seu chefe poder comprar nossa fazenda.

Lembro-me do desespero que senti ao saber pelo tio que nossa dívida não seria renegociada como esperávamos e que o banco a executaria. Naquele mesmo dia fomos para Aquidauana conversar com o Osório, que sempre intermediou tudo para nós no banco.

A conversa não foi boa, sem muitas esperanças, mas ainda assim ele ficou de verificar as possibilidades. Eu sabia que não teria mais jeito, precisávamos pagar o montante, e isso não estava ao nosso alcance, mesmo se vendêssemos todos os bois que tínhamos no pasto.

Na volta, já de noite, tive uma discussão muito séria com meu tio, pois eu disse que iria a São Paulo para conseguir o dinheiro, e ele se negou a me deixar ir. Eu sei que ele odeia tudo lá tanto quanto eu, mas eu não poderia deixar que eles perdessem a fazenda, sendo que poderia fazer algo.

Contudo, tio Sandoval foi categórico ao negar minha ajuda e teve a infeliz ideia de adiantar a comitiva para participar do leilão ainda nesse mês, o que era impossível, mas sua teimosia não o deixava ver.

Fiquei tão frustrado que tomei um porre no depósito do galpão de

suprimentos e adormeci por lá mesmo, remexendo no meu passado e passando minha primeira noite longe da Malu desde que começamos a ficar juntos de vez.

No dia seguinte aconteceram tantas coisas que eu mal estive com ela. Ainda que eu não concordasse com meu tio, ele era o dono da fazenda, era meu patrão, e eu tinha que seguir suas ordens, e foi o que fiz. Só pude estar com a Malu tarde da noite, e fizemos amor no chuveiro, onde me declarei com todas as letras.

*Que idiota!*

Abri meu coração, coisa que achei que nunca mais faria, para aquela mulher. Contra tudo o que me levava a não querer esse sentimento, eu o assumi. Apaixonei-me por ela como um adolescente, um sentimento forte e verdadeiro, mesmo sabendo que não teria futuro.

Ela, claro, não disse nada sobre como se sentia, afinal, estava ali com um propósito, e eu não era parte dele, apenas o caminho mais fácil de alcançá-lo. Achei que ela não se declarara pela impossibilidade de futuro, com medo de me dizer as palavras e tornar tudo mais difícil, como eu havia feito.

Abracei-a a noite toda, sentindo sua pele, seu cheiro, gravando cada detalhe de seu corpo em minha mente, já com o coração malditamente apertado por saber que em breve iria perdê-la.

No dia seguinte – que foi ontem –, conversei com a tia Sueli sobre a loucura de colocar a peonada numa corrida com centenas de cabeças de boi, ter que avisar o suporte de trânsito e tudo o mais que envolve o deslocamento dos animais por estradas trafegadas por carros, mesmo sendo em poucos trechos, com tão pouco preparo.

Ela também não concordava com isso e me informou que estava tentando dissuadir meu tio da ideia. No entanto, não foi necessário, pois um telefonema naquela mesma tarde pôs fim à louca ideia dele.

— Os organizadores do leilão acabaram de ligar — tio Sandoval disse ao se encontrar comigo no estábulo com Zeus. — Não há como adiantarmos a venda para esse mês.

Eu quis agradecer aos céus por isso, mas me contive ao perceber que ele estava desesperado. Foi aí que tomei minha decisão:

— Eu vou para São Paulo com a Malu. — Ele arregalou os olhos e negou prontamente. — Não há mais o que discutir, tio!

— Eu não quero a merda do dinheiro dele!

Eu concordava com isso, porém, pela primeira vez, estava começando a pensar diferente.

— O dinheiro é meu também! — Doía-me voltar atrás nisso, eu lembrava bem como saíra de lá, oito anos antes, desejando que meu pai enfiasse o seu precioso dinheiro no rabo, mas eu não iria sacrificar mais nada por causa dele.

Não ia! — Esta fazenda é parte do meu legado também, o senhor sabe. — Ele assentiu. — Ele fez minha mãe renegar suas raízes, vocês e apenas a fez ser infeliz; é hora de ele compensar isso.

— Ele pode se negar, meu filho.

Ri, sarcástico, sabendo que doutor Ronald Albuquerque de Medeiros não arriscaria que seu verdadeiro caráter fosse revelado. A boa sociedade não poderia nunca saber que tipo de homem ele era, por isso não iria se negar a entregar a minha parte do tão amado dinheiro da família.

— Ele não vai, tio! — Respirei fundo. — Ele não vai!

— Você está pronto para enfrentar todos os fantasmas que encontrará por lá?

— Não, e talvez eu nunca esteja. — Ele assentiu. — Mas eu preciso. A culpa me consome há mais de oito anos, e eu não posso mais carregá-la comigo, preciso deixá-la ir. Não sou mais o homem que era, preciso acertar minha vida de uma vez por todas.

— Você vai procurar ela também?

— Vou. — Sorri. — Eu não sei o que o destino quis ao colocar a Dondoquinha no meu caminho, mas pretendo descobrir. Não sei como iremos fazer, mas eu não posso simplesmente abrir mão dela, tio.

— Vocês estão muito apaixonados, e posso ver isso, meu filho, é uma alegria enorme!

Naquele momento, eu estava confiante de que Malu havia entrado na minha vida para um recomeço. Eu a amava como a mulher que era quem se mostrava ser, um tanto obcecada com o trabalho, metida a durona, mas com um coração e um respeito ao próximo enorme. Eu não só a amava, mas a admirava por saber de sua história, de sua fibra e de como, mesmo querendo muito vencer na vida, nunca havia quebrado seus princípios ou passado por cima de alguém.

Rio de mim mesmo ao me lembrar disso. Bastaram menos de 24 horas para eu descobrir que ela era tão dissimulada quanto fora a Sofia.

Liguei para São Paulo, para um escritório de advocacia de um amigo, Hamilton Navega, e conversei com ele sobre a questão dos bens que me cabiam, pedindo que adiantasse a papelada.

— Onde é que você esteve escondido todos esses anos, Guilherme? — Hal me perguntou.

— Estou no Mato Grosso do Sul, na fazenda da família da minha mãe, e preciso desse dinheiro o mais rápido possível!

— Não sei se conseguiremos o montante em liquidez, Guilherme, a maioria do que te coube foi deixado em bens imóveis. — Eu já imaginava isso. — Mas podemos usá-los para dar em garantia ao banco.

— Qualquer solução que quite o débito da fazenda, Hal. — Pensei muito sobre a questão e, mesmo sabendo que teria briga para muito tempo, completei: — Mas quero todo o restante liquidado, tudo à venda.

— Tem certeza? Até mesmo as ações?

Ri, sabendo que ia mexer em um vespeiro.

— Sim, Hal, pode vender todas as minhas ações!

— Certo, é um grande caso — disse animado. — Conte comigo pessoalmente!

— Você é o melhor, Hal!

Desliguei sentindo-me bem, sabendo que um dos melhores escritórios de advocacia do Brasil estava com meu caso. Não havia muito a ser discutido, uma vez que, assim que minha mãe faleceu, resolvemos a partilha dos bens entre mim e meu pai, mas eu deixei uma procuração para que ele administrasse tudo, pois, como sempre, queria agradá-lo.

A questão do dinheiro nunca foi a mais complicada na história do meu passado, mas sim a importância que ele teve na minha vida por muitos anos, deixando-me cego a tudo mais que deveria me importar. Foi por isso que abri mão dele quando descobri todas as mentiras, quando percebi que o culpado, na verdade, era eu.

Estava prestes a sair do escritório quando o telefone tocou. Atendi pensando que podia ser alguém lá da Curva do Leque, mas era o Osório.

— Guilherme? Que bom que foi você quem atendeu! Preciso conversar sobre um assunto contigo e não queria dar a notícia para seu tio.

Imediatamente fiquei tenso.

— O que houve? Eles vão executar a dívida já?

— Não, mas o que eu tenho a falar pode ser pior. — Ele bufou. — Sondaram sobre a situação da fazenda aqui no banco hoje cedo... Estão interessados nessas terras, Guilherme.

*Só pode ser um pesadelo!*

— Quem? — perguntei nervoso, sabendo que precisava agir o mais rápido possível.

— Uma holding de São Paulo especializada em gerenciamento de imóveis. — Ele ficou um tempo mudo. — Karamanlis, esse é o nome! Pelo que o agente deles, que me ligou, falou, já há uma pessoa deles aí na fazenda e...

— Aqui?! — surpreendi-me. — Não, não há ninguém de...

Gelei ao me lembrar da Malu. *Não! Claro que não pode ser ela, afinal, veio parar aqui sem querer e estava de férias!*, tentei me convencer, mas algo me dizia que só podia ser ela.

— Bom, foi o que me disseram, inclusive já tinham todos os detalhes da

fazenda e da dívida.

Recostei-me à cadeira, aturdido demais para manter a conversa e não consegui ouvir mais nada que Osório me dizia. Deliguei o telefone e saí como uma bala do escritório, entrando no quarto da Malu. Queria confrontá-la, saber se tinha sido ela quem passara todas as informações àquele pessoal de São Paulo.

Contudo, a Dondoquinha não estava no quarto.

Olhei suas anotações em cima da mesa, bem como seu computador ligado. Nunca gostei de invadir a privacidade de ninguém, sempre achei que, mesmo em um relacionamento, cada um tem que manter sua individualidade e que isso tem que ser respeitado. Porém, não consegui fazer outra coisa senão olhar as coisas dela.

Sempre soube que ela era metódica, pois me reconhecia nela, então encontrar vários cronogramas e planejamentos não foi surpresa. O material era sobre imóveis do Brasil todo, o que por si já me deixou tenso. Não havia nada sobre a Paraíso no meio de suas anotações, mas não me dei por vencido e abri uma pasta que estava minimizada em seu laptop.

Sentei-me ao ver todas as pesquisas e fotos sobre nossa área, mostrando que, sim, ela havia estado ali pesquisando nosso “potencial turístico-ecológico”, como escrevera em um dos seus relatórios. Fui abrindo tudo o que estava minimizado na barra de tarefas dela, até que encontrei um software de planejamento em equipe com o nome da empresa bem grande, tirando todo e qualquer vestígio de dúvidas que eu tinha.

Karamanlis!

Maria da Luz Ruschel era gerente de *hunter*, ou seja, ela era a responsável por “caçar” imóveis para clientes. Li todos os passos que ela montou para sua equipe, inclusive sobre sondar o banco detentor da hipoteca da fazenda, sem poder acreditar que aquela mulher havia entrado ali, conquistado a todos apenas para nos apunhalar pelas costas!

Minha vontade era de quebrar o computador, deletar tudo, rasgar suas anotações, mas já tinha passado da época de agir de cabeça quente, não faria algo assim. Claro que ela saberia que eu descobrira a verdade de suas intenções, sua traição, mas não veria o quanto isso tudo me magoara.

Voltei ao escritório e liguei para uma empresa de aluguel de jatinho, combinando com eles a vinda para cá para levá-la de volta a sua querida cidade. Eu só não esperava desabar assim que desliguei o telefone. Não pensei duas vezes; mesmo querendo muito enfrentá-la, expulsá-la dali, eu precisava de um tempo para digerir a traição. Eu amava aquela mulher; independentemente do que havia descoberto, o sentimento ainda estava lá.

Montei em Zeus e saí sem rumo, galopando e bebendo, voltando só à noite

e seguindo direto para o depósito do galpão, onde eu costumo dormir quando estou me sentindo destruído e embriagado. Eu só não esperava a encontrar lá.

A imagem de Malu no depósito, com aquela maldita placa na mão, perguntando-me quem eu era de verdade volta à minha mente, mas eu a expurgo virando o copo de cachaça de uma só vez e pedindo outra dose a Lizete.

Amanhã, nesse horário, eu já estarei de volta à vida que abandonei há oito anos e colocarei um fim a tudo o que ainda me liga a ela. Enfrentarei meus demônios, chorarei a culpa de ter sido um homem que fez escolhas erradas e seguirei em frente, entendendo, por fim, que eu não nasci para o amor.

# 38

# Guilherme

*São Paulo, nove anos atrás.*

MINHA MÃE ACABOU de ser enterrada, eu me sinto mal, destruído por ter perdido a única pessoa que me ensinou sobre sentimentos, mas ainda assim estou no consultório, trabalhando, como venho fazendo há anos, desde meu internato ainda na faculdade de medicina.

Cheguei aqui mais cedo e recebi as condolências e olhares tristes de meus colegas de profissão e a todos garanti que estava bem. Não foi fácil me fazer de forte, mas tenho interpretado esse papel durante toda a minha vida, tanto que já me acostumei a ele; não sei mais me mostrar de verdade.

Beatriz, minha secretária, entra em minha sala com uma caneca de café e meu agendamento da semana. Olho para ela sabendo que devo reagir, que é hora de jogar uma piadinha que disfarce o que eu estou sentindo e mostre a todos que

eu sou, sim, o homem mais frio e insensível que eles conhecem.

— Não quero esse clima de enterro hoje, Bia — diz. — Acabei de vir de um, não preciso ter uma extensão aqui.

Ela assente, visivelmente sem jeito.

— Como seu pai vai tirar uns dias, eu repassei todas as consultas e cirurgias para o doutor, como me instruiu.

— Fez bem — informo já ligando meu computador. — Eu sou o único que pode substituí-lo.

Ela concorda sem me olhar, certamente me achando arrogante. Sou mesmo! Tenho absoluta convicção na minha capacidade profissional, trabalho muito para construir uma carreira tão sólida e de sucesso como a do meu pai, considerado o melhor neurocirurgião do Brasil.

O homem é um mito! Detentor de vários prêmios, já foi presidente dos conselhos estadual e federal de medicina, além da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia e chefe dos departamentos de Neurologia de várias universidades públicas e particulares. É decano da USP, professor honorário da UNICAMP e de tantas outras universidades pelo país que seria difícil me lembrar de todas.

Seus artigos foram publicados em vários países, assim como suas pesquisas, e ele chegou a ser mencionado para um Nobel de Medicina – não se conforma até hoje de não ter ganhado o prêmio máster para sua carreira. Resumindo, meu pai é profissional sem precedentes e o meu maior espelho.

Cresci sabendo que tinha um alvo a conquistar e que esse alvo era conseguir chegar ao nível dele. Nunca tive outra possibilidade a não ser fazer medicina e seguir seus passos. Ele me pressionou, oprimiu-me a ponto de eu chegar a pensar em desistir, mas fez tudo isso para que eu fosse o melhor, para que, depois que ele se fosse, eu continuasse a levar nosso nome.

Sou filho do doutor Ronald Albuquerque de Medeiros e dedico 24 horas do meu tempo a ser como ele.

Olho para o aparador atrás da minha mesa e abro um sorriso. Sim, há um único ponto em mim que não se parece com meu pai: minha filha. Sinto o coração apertar ao me lembrar da minha pequena agarrada em mim, chorando baixinho ao ver o caixão da avó sendo baixado na sepultura.

Maitê é uma criança especial, parecida demais com minha mãe em sensibilidade e criatividade, tem alma de artista, e eu, ao contrário do que aconteceu comigo, não restrinjo ou mesmo cerceio seu direito de ser criança, de expandir seus dons e ser feliz.

Ela ama balé, assim como ginástica artística. Minha esposa tenta de tudo para que ela seja uma pianista ou pintora e desista da ginástica, mas Maitê gosta de movimentar o corpo, de gastar suas energias, não tem paciência para

atividades que necessitem ficar parada ou sentada.

Sou louco por ela, completamente apaixonado pela minha filha como nunca fui por nada além do trabalho. Sei que poderia ser mais presente, pois mal a vejo durante a semana, mas tento compensar quando tenho tempo no final de semana. Converso muito com ela, tentando fazê-la entender que o que faço é muito importante e por isso trabalho muito.

Sofia, minha esposa, é tão ocupada quanto eu, mas seu trabalho é um pouco mais flexível, o que lhe permite estar em eventos escolares e recitais ou mesmo competições com Maitê. Ela é diretora do departamento jurídico de um grande banco, e nós dois nos conhecemos ainda na faculdade, na verdade, em um bar, depois das aulas e um tanto trôpegos demais para racionalizar a questão mais a fundo.

Transamos, ela engravidou, e eu assumi não só a criança, mas a ela também. Meu pai, claramente, quis me matar quando dei a notícia de que seu tão sonhado filho, que estava na correria do último ano de medicina, em regime de internato, ia ser pai aos 22 anos.

Aconteceu tudo quase simultaneamente: casamento, formatura e o nascimento da Maitê. Passei o primeiro ano de vida dela longe, nos Estados Unidos, fazendo especialização, enquanto Sofia terminava a faculdade de direito. No ano seguinte elas se mudaram para lá também, e eu pude criar laços com minha filha.

Foi verdadeiramente o melhor ano da minha vida. Mesmo em meio às aulas, aos plantões intermináveis no hospital, pude estar com ela mais do que em qualquer outro momento que se seguiu após nossa volta ao Brasil. Inicialmente fui trabalhar nos grandes hospitais particulares aqui de São Paulo, querendo criar asas longe dos braços do meu pai, inclusive no Herman Kauffman, cujo presidente era amigo pessoal da minha família e com quem meu pai sonhava em estabelecer laços mais profundos.

Eu já tinha 12 anos quando a Mônica nasceu, mas isso não impediu meu pai e a mãe dela de falarem em um futuro casamento entre nós. Por isso, a gravidez de Sofia foi tão desagradável aos olhos do meu pai, mas ele acabou por se conformar, ainda mais agora, sabendo que a tão querida filha dos Kauffmans acabou de ser mãe solteira.

Na cabeça do doutor Ronald, eu estaria preparando-me para casar aos 30 anos, quando Mônica completasse 18 anos. De certa forma, é como se nós dois tivéssemos frustrado os planos de nossos pais.

— Doutor? — Bia me traz de volta ao presente. — Podemos passar sua agenda semanal, então?

— Claro que sim, Bia! — Aponto a cadeira para ela, pronto para esquecer

tudo o mais e me concentrar no mais importante da minha vida: minha carreira.

# 39

# Guilherme

*São Paulo, tempos atuais*

DESEMBARCO EM GUARULHOS e já espero para me encontrar com Vincenzo no portão de voos domésticos. Meu grande amigo, que não vejo há oito anos, atendeu-me como se tivesse estado comigo ontem e concordou em vir me buscar no aeroporto. Infelizmente, não consegui voo para Congonhas, além de estar praticamente zerado de grana.

Sinto-me estranho, quase um peixe fora d’água, no meio das pessoas correndo para embarcarem em outros voos ou pegarem táxis com medo de perder seus compromissos. Nasci na maior cidade do Brasil, no meio da agitação, minha vida foi uma correria louca por muitos anos, mas tudo isso ficou tão distanciado da minha realidade nesses últimos anos que eu simplesmente não consigo me achar mais aqui.

Pego minha única bagagem na esteira e saio na direção do portão, olhando para todos os lados, esperando encontrar o italiano franzino e de óculos que foi meu amigo desde o colégio.

— Porra! — xingo ao não o ver entre os presentes, lamentando não ter trazido a porra do telefone celular. Busco indicações de telefones públicos, torcendo para que eles não tenham sido abolidos dos aeroportos por desuso, quando algo chama minha atenção.

Um homem grande, parecendo um armário, cabeça raspada e enormes tatuagens está me encarando e rindo. Em seu rosto, avisto um pó branco e, só por isso, reconheço o Vincenzo.

— Gui, seu malandro! — ele me cumprimenta assim que me aproximo. — Até que enfim perdeu aquela cor de peido que você tinha!

Abraçamo-nos fortemente.

— E você continua com farinha na cara, como eu me lembrava! — Gargalho, e ele limpa o rosto rapidamente. — Obrigado por te vindo.

— Você é meu amigo, não importa se esteve vivendo como um ermitão há quase uma década. — Saímos juntos do terminal. — Eu entendo você e admiro sua coragem.

Balanço a cabeça, negando.

— Não foi coragem, Vincenzo, foi necessidade! — Ele concorda. — Vejo que não fui somente eu quem mudou durante esses anos.

— É, eu dei uma repaginada. — Ri de si mesmo. — Imagino que você não saiba, mas...

Antes que ele termine a frase, uma multidão de mulheres bloqueia nossa saída, estendendo folhas e canetas na direção dele. Fico a acompanhar a dinâmica, recebendo alguns olhares curiosos em minha direção, enquanto ele autografa para as moças.

— Famoso? — questiono, enquanto ele dá de ombros, assinando a última folha e posando para uma *selfie* com a garota.

— Minhas receitas fizeram sucesso e recebi uma oferta de fazer um programa de TV...

— Ah, não me diga que você é a nossa Ana Maria Braga! — sacaneio, rindo muito, e ele me olha bravo.

— Não, idiota, eu sou o cozinheiro gostoso e bravo... — aponta para outras mulheres lhe olhando — de um *reality show* sobre gastronomia.

— Sério? — Ainda acho engraçado. — Você é tipo o Pedro Bial de um Big Brother gastronômico?

— Não, e, para sua informação, o Pedro Bial não está mais no Big Brother!

Olho-o assustado.

— Ainda tem Big Brother?! — Faço uma careta.

Vincenzo bufa, rindo, ao entrarmos no elevador do estacionamento.

— Em que mundo você viveu? Não sabe nada de televisão!

— O aficionado em TV sempre foi você! Além disso, não tenho tempo para isso.

Ficamos mudos por um tempo, passando entre os carros até chegar ao dele, um esportivo que me faz assoviar.

— Meu restaurante vai bem. — Vincenzo parece muito orgulhoso. — Nunca pensei que gostar de ajudar a *nonna* na cantina da escola pudesse mudar minha vida desse jeito.

Sorrio, feliz de verdade por ele, lembrando-me do esforço que todos fizeram quando ele começou a estudar gastronomia.

— Como está sua família?

— *Nonna* faleceu há cinco anos. — Apresento-lhe meus sentimentos, e ele continua: — Meus pais estão bem, ainda são donos da cantina do colégio.

— Legal, tenho boas lembranças dos salgados da sua avó.

Enquanto dirige, Vincenzo vai me atualizando sobre sua família, irmãs, sobrinhos e seus detestáveis cunhados. Conta-me sobre o restaurante, na cobertura de um grande hotel de luxo da cidade, o Villazza SP.

— Voltou definitivamente? — a pergunta, feita do nada no meio da conversa, pega-me desprevenido, mas nego.

— Não. — Olho as ruas e os prédios à minha volta. — Eu não caibo mais nesta cidade.

— Exerce a medicina lá onde você está?

Nego mais uma vez.

— Sou um peão, Vincenzo. — Ele arregala os olhos. — Um vaqueiro ferrado, sem eira, nem beira, que gastou tudo o que tinha guardado para vir até aqui hoje.

O silêncio no carro mostra como o que lhe revelei o deixou pasmo. Esse sou eu! O médico, o doutor em neurocirurgia não existe mais, muito menos o herdeiro de um enorme centro de referência na área, filho único de um dos médicos mais importantes do país.

Noto que estamos indo para a Vila Mariana, reconhecendo o local onde morei enquanto estudava medicina na USP, lembrando-me daquela época na qual idolatrava meu pai, achando-o o homem mais correto do mundo, um exemplo a ser seguido.

Eu me matava de estudar para cumprir suas expectativas, enquanto minha mãe sempre me pedia para seguir meu caminho, mas eu ignorava seus conselhos. Eu a amava muito, e foi por esse amor e pelas histórias que ela me contava da

Paraíso que fui buscar abrigo com meus tios.

Meu pai se envergonhava das origens da minha mãe. Mesmo ela tendo estudado e se tornado uma grande dama da sociedade paulistana, ele se ressentia quando ela falava do Pantanal e de sua ascendência indígena. Minha mãe era linda. Mesmo quando faleceu, aos 60 anos, continuava linda e, embora eu tenha carregado a maioria da genética do meu pai – cor da pele, olhos e cabelo –, tenho o tipo físico do tio Sandoval e da família dela.

Eu me orgulho de ter o seu sangue!

— Você vai ficar comigo esses dias — Vincenzo comunica. — Você disse que tem compromisso amanhã?

— Sim, com o Hal. — Ele sorri, provavelmente se lembrando das nossas bebedeiras. — Ele marcou de conversar comigo.

— Convide-o para comer lá no restaurante — oferece-me. — Será bom estarmos os três juntos de novo. Eu o vejo muito por lá, sabe que ele é amigo do dono, não sabe?

— Sei, sim, eu estive na inauguração do Villazza SP há alguns anos. O CEO ainda é o Frank Villazza?

— O próprio carcamano! — Ri. — Que raça de italiano ciumento!

— Vou aceitar sua ideia. Amanhã vejo se arrasto o ocupado Hamilton Navega para almoçar no Vincenzo's.

Agradeço-lhe a carona enquanto ele estaciona na garagem de seu prédio.

*Meu amigo de infância claramente é um homem bem-sucedido nos negócios!*, foi o que pensei ao entrar na cobertura do Vincenzo, ontem. Há muito tempo não frequento um ambiente como esse, cheio de requinte e modernidade. Não vou ser hipócrita dizendo que não gosto; claro que sim, fui criado em meio a isso tudo. A diferença é que hoje eu já não persigo mais esse padrão.

Deixei de ter ambição? Não, mas ela mudou. Não me arrependo de ter deixado minha vida privilegiada para trás. Sinto falta de exercer a medicina, mas não da neurocirurgia e nem de todas as coisas que buscava quando a praticava.

Rio ao lembrar que não praticava aquela especialidade por amor, mas sim por status, fama, dinheiro e por um senso deturpado de que mexer no cérebro alheio me tornava uma espécie de deus. É uma área difícil, em constante estudo, necessita dedicação, e eu, hoje, admiro muito quem a pratica por dom, por vontade de ajudar o próximo, por amor. Não foi meu caso; eu só quis seguir uma sombra e, talvez, tornar-me ela.

Todavia, não nego que gostava muito quando ainda clinicava, quando comecei como médico de família no Herman Kauffman, antes de me sentir pronto para a neuro. Voltar aqui me faz ter essa saudade, que eu achava que já estava encerrada, de quando eu praticava medicina por amor.

Termino de me arrumar, colocando a melhor roupa que tenho, calça jeans nova, um bar de botinas e uma camisa jeans também. Rio ao pensar no susto que o Hal terá ao me ver de novo, usando barba, cabelo quase no couro da cabeça, queimado de sol e usando roupas que comprei em algum balaio de loja.

Em nada pareço com o doutor Guilherme Albuquerque de Medeiros. Nada de ternos Armani debaixo de jalecos brancos, perfume da Hermès e sapatos Gucci. Hoje ele verá que me visto com mais simplicidade, mas que tenho muito mais fibra e caráter do que antes.

Peço um táxi pelo telefone do apartamento do Vincenzo e, quando ele chega, forneço ao taxista o endereço do escritório de advocacia que, pelo nome – Navega, Medeiros e Villazza –, já dá para notar que tem ligação comigo. Na verdade, o Medeiros de lá é do meu tio, irmão mais novo do meu pai, que faleceu anos atrás, mas deixou meu primo na sociedade.

É assim que Hal e eu nos conhecemos. O homem é alguns anos mais velho que eu, porém, saíamos muito juntos para a farra enquanto eu estava na faculdade e ele, começando no escritório como júnior do seu pai, que era sócio do meu tio na época. Tinha um outro sócio que também já era falecido e cuja família decidiu não continuar na sociedade, dando assim lugar para o sobrenome da doutora Isabella Villazza, que, por coincidência, é a esposa do CEO da rede de hotéis onde fica o restaurante de Vincenzo.

A bem da verdade, é que a alta sociedade e os grandes empresários de São Paulo todos se conhecem, possuem relações de negócios, amizades, conflitos, inimizades e até alianças de família. Sim, parece arcaico, mas isso ainda existe por aqui.

Eu mesmo segui essa linha ao me casar com a Sofia Duarte, vinda de família *quatrocentona*, filha de empresários do ramo da metalurgia. Foi por isso que, na época, eu pensei que meu pai tinha engolido o casamento.

Bufo, não querendo mais pensar nisso. Preciso ser prático e resolver os assuntos sobre minha parte na herança da mamãe, sim, porque meu pai só ficou rico depois que já estava casado com ela, pois, mesmo sendo de família tradicional, eles estavam falidos. Então, pela lei, ela era meeira dele e, ao falecer, os 50 por cento que correspondiam a ela eram meus agora, uma vez que essa parte de inventário foi toda resolvida em cartório na época do falecimento. Eu apenas não tomei posse de nada, ao contrário, passei tudo para meu pai gerir por procuração.

Chego ao enorme escritório na avenida Paulista, mas, antes mesmo de entrar, avisto um prédio que me faz ter calafrios. A holding Karamanlis, com seu nome em metal escovado, fica bem perto do prédio do escritório de advocacia do Hal, só que do outro lado da avenida. Fico um tempo parado, olhando para a entrada dele, imaginando se a Dondoq... Maria da Luz Ruschel já se encontra de volta ao trabalho.

Eu não conheço os donos da empresa. Sei que são gregos e que se instalaram aqui em São Paulo há pouco mais de trinta anos, mas nunca estive com nenhum deles em local algum.

Ver o prédio, saber que, em alguma daquelas janelas envidraçadas, eles estão fazendo de tudo para comprar o lar da minha família me incentiva a continuar a enfrentar meu passado, custe o que custar.

— Guilherme Medeiros — anuncio-me para a recepcionista do prédio. — O doutor Navega me aguarda.

A mulher, morena e linda, bem penteada e vestida em um terninho cinza, olha em seu computador e depois me encara.

— Doutor Guilherme Medeiros? — questiona, e eu entrego minha identidade a ela.

— Sim, sou eu — respondo rindo, pois, quando frequentava aqui, ainda era o médico mauricinho vestido em grife, e ela deve ter visto uma foto dessa época.

Ela confirma minha identificação, digita algo no computador e me entrega tanto meu documento quanto um crachá de visitante com cartão magnético.

— Pode subir, doutor. O escritório do doutor Navega é no 15.º andar.

Despeço-me dela e sigo para o elevador, percebendo os olhares questionadores à minha volta. Sorrio de lado, sabendo que muitos estão pensando que sou algum caipira perdido na cidade grande, mas também reconheço alguns de admiração, afinal, ainda tenho meu charme, mesmo vestido com roupas de promoção.

Sou recepcionado pela assistente do Hal, que me oferece algo para beber enquanto ele termina uma ligação. Aceito uma água e mal tenho tempo de terminá-la quando o homem alto e magrelo aparece à porta de seu escritório.

— Guilherme? — Olha-me como se não entendesse. — Nossa, que merda aconteceu contigo?

Eu gargalho, percebendo que ele não mudou nada, continua direto e sem papas na língua.

— Oi, Hal! — Entrego o copo para a secretária, que parece bem intrigada com a interação entre mim e seu chefe. — Estava morrendo de saudades desse seu charme lombrigueiro!

— Vá se foder, Guilherme! — Abre um enorme sorriso quando a moça

arregala os olhos. — Betina, não estou para ninguém até depois do almoço, certo? — Olha-me novamente. — Vou fazer uma boa ação hoje e levar esse meu antigo amigo para comer e tentar ressuscitar seu bom gosto de volta.

A moça sorri sem jeito, mas me dá uma olhada dos pés à cabeça, demorando em minhas pernas e nos meus braços.

— Ele parece bem para mim, doutor — comenta baixinho, e Hal gargalha.

— Esqueci que esse negócio de sertanejo estava em alta. — Ele entra na sala e pega sua pasta. — Eu esperava mais de você, dona Betina! Preferir essas calças apertadas a belos cortes italianos é uma afronta!

— Desculpa, doutor Navega — ela tenta se fingir de arrependida, mas sorri.

— Vamos, Guilherme, não corrompa minha santa Betina com essas calças e essa bola de meia que você colocou na frente dela.

Ouço as gargalhadas da secretária e rio também.

— Senti falta desse seu humor estranho! — cumprimento-o de verdade agora.

— Sentiu porque quis! — Encara-me, sério. — Onde diabos você esteve todos esses anos? Quase caí da cadeira quando passaram sua ligação para minha sala!

— Vamos conversar melhor durante o almoço — respondo seco, entrando no elevador. — Vincenzo reservou uma mesa para nós.

— Ah... que alívio! — debocha. — Achei que você ia me levar para uma churrascaria rodízio, vestido assim.

— Larga de ser esnobe, Hal! Parece a porra de uma dondoca falando de roupa o tempo todo!

Ele ergue a sobrancelha e me encara.

— Definitivamente eu vejo, mas não escuto você! O epítome da moda masculina me chamando de dondoca! — Bufo sem paciência, mas suportando-o porque sei que mereço, pois eu era, sim, um homem que se importava muito com isso. — Vou começar a acreditar em abduções e implantações de chips...

— Porra, Hal, cala a boca!

Ele me olha sério e depois desata a rir.

# 40

## Guilherme

*São Paulo, oito anos atrás.*

LIMPO MINHA GRAVATA mais uma vez, puto porque uma estagiária de enfermagem derrubou o café que bebia nela, quer dizer, o café espirrou na minha gravata Dior quando nos esbarramos em um dos corredores do instituto. Infortunadamente eu esqueci de repor a que deixo sempre aqui para emergências. Devo tê-la usado por algum motivo e agora vou ter que ficar no trabalho com a gravata respingada de café.

Tenho uma reunião com o Conselho Diretor e detesto estar mal apresentado nessas ocasiões. O jaleco, também manchado, eu já troquei, mas não tenho outra gravata aqui. Poderia até mandar minha assistente a algum shopping para buscar outra, mas não havia tempo. Confiro o restante do meu traje, terno de corte italiano da Versace, modelo que comprei em Milão, e sapatos Armani, assim

como a camisa branca – que por sorte não recebeu respingos.

Meu pai sempre me ensinou que a apresentação de um homem é seu cartão de visitas. A primeira impressão é a que fica na cabeça das pessoas, então, além de falar bem e ter uma educação requintada, a forma de se vestir é a primeira coisa a ser exigida pelo doutor Ronald.

Respiro fundo, tentando relevar esse pequeno contratempo com a moça e seu café e saio do banheiro do meu consultório, determinado a apresentar o melhor projeto possível para a instalação de um centro de imagens neurológicas nosso em um hospital público em regime de parceria público-privada.

Achei que meu pai iria descartar a ideia, afinal, um projeto como esse não visa lucro, mas a ideia de ter seu nome em outra placa, além da alavanca política que isso será – coisa que ele vem pensando em tentar – o fez ficar empolgado com minha ideia e apoiar meu projeto frente ao Conselho.

Olho para a minha mesa de trabalho, vendo ao fundo o retrato da minha filha, lembrando que hoje é o dia do seu tão esperado recital de balé, ao qual eu havia prometido ir, porém, tive que me desculpar com ela por causa dessa reunião com o Conselho.

Maitê nem pareceu triste, apenas sacudiu seus ombros e disse que estava tudo bem, que entendia que o trabalho era importante. Sofia prometeu que iria, que assistiria à peça e que depois as duas iriam sair para comer um lanche em algum lugar legal, e ela se animou.

— Obrigado por isso! — agradeci a ela depois que Maitê foi para o jardim brincar.

— Faça seu trabalho, consiga que aprovem seu projeto, isso é o mais importante. Seu pai me disse que pode abrir uma oportunidade na política para ele, mas penso que isso seria melhor para você. — Franzi o cenho, negando. — Claro que sim! Você é mais novo, é lindo e tem o nome de seu pai a apoiá-lo, seria um candidato bem mais chamativo. Além do mais, você precisa sair da sombra do seu pai e crescer por si próprio.

— Não me vejo como político, e o projeto que desenvolvi é prova suficiente de que não vivo sob a sombra dele. Eu sou bom no que faço, porra! Muito bom!

— Eu sei disso. Mas, em todo lugar do meio, vão olhar para você como o filho do doutor Ronald; na política, não.

Bufei e saí de perto dela, recomendando que não deixasse de comparecer ao recital, que tirasse fotos e que falasse comigo quando tudo acabasse.

— Leve o motorista! — gritei, já na porta da casa.

— Óbvio! — ela respondeu.

Confiro as horas no relógio, esperando ser chamado à sala de reuniões,

deixando ir embora minha esperança de conseguir pegar, pelo menos, o final da dança da Maitê. Eu já deveria estar lá dentro conversando com eles, mas, como meu pai não pôde estar presente hoje por algum tipo de compromisso fora da cidade, eles estão protelando para conhecer o projeto.

*Bando de filhos da puta!*

Rodo pela sala, impaciente, então me sirvo uma pequena dose de bourbon, minha bebida preferida, degustando-a lentamente, pensando em talvez ir me encontrar com Sofia e Maitê para o lanche se os babacas do Conselho pararem de fazer cu doce.

Preciso, depois, conversar com Sofia. Há muito tempo nossa relação é mais parecida com a de parceiros, amigos, do que de marido e mulher. Sei que boa parte da culpa disso é minha, afinal, eu chego a casa sempre tarde e ainda fico estudando no escritório e, quando vou me deitar, ela já está dormindo. Mal a tenho tocado nos últimos meses e acho que ela já se acostumou com isso, pois não tem mais se queixado ou me procurado.

Em pensar que trepávamos como coelhos uns anos atrás!

Nunca houve realmente amor no nosso casamento. É estranho isso, mas real. Claro que me apaixonei por ela, por seu jeito incrível de ver as coisas, além de termos muito em comum na ambição de crescer na carreira, mas essa paixão com o tempo acabou, e restou apenas o companheirismo ou até mesmo minha filha.

Sim, acho que foi mais por causa da Maitê que ficamos juntos.

De qualquer forma, sou um homem tradicional e não quero de forma alguma que minha filha cresça com pais separados. Minha mãe não fez isso! Eu tinha certeza de que meus pais, depois de uns anos, passaram a dormir em quartos separados, principalmente quando fui para a faculdade, mas nunca os questionei, e eles sempre estiveram juntos em todas as ocasiões em que precisei deles.

Não sei qual era o seu acordo e, sinceramente, não quero saber. É por isso que preciso acertar as coisas com a Sofia. Somos jovens demais para viver esse tipo de casamento, e, nem que eu tenha que tirar um tempo para tentar acender a chama de novo, estou disposto a fazer isso.

Sinto falta de sexo, sou humano, não vivo só do prazer do trabalho, mas não me apetece a ideia de trair minha esposa. Por isso precisamos resolver nossas questões sem perda de tempo!

Se minha mãe ainda estivesse viva, tenho certeza de que me ajudaria a pensar em algo para melhorar as coisas. Ela sempre foi a parte mais sensível da família, sempre sabia como unir, como resolver problemas, e sua formação como psicóloga a ajudava muito a lidar com problemas e sentimentos alheios.

Além do mais, ela aprovaria minha vontade de renovar meu casamento, pois gostava muito de Sofia e era louca pela minha pequena Maitê. Pensar na minha mãe me faz sempre questionar o motivo que a levou a ter o derrame, já que sempre foi cuidadosa com seus remédios e com o controle de sua pressão.

Morrer daquele jeito, sozinha em casa, sem ninguém a ampará-la, deve ter sido horrível. Eu, como médico, sei que foi fulminante, que, assim que o AVC aconteceu, ela perdeu a consciência e lentamente seu cérebro foi morrendo, mas, como filho, ainda me dói, mesmo passados tantos meses.

Finalmente sou chamado para a apresentação. Coloco o copo do bourbon no aparador e sigo para a sala de reuniões com o queixo erguido e a convicção de que irei conseguir tudo, porque, afinal, eu sou foda! Consigo tudo o que quero, controlo tudo o que quero, inclusive o destino... Esse sou eu, quem faz acontecer!

# 41

## Malu

RESPIRO FUNDO, SENTINDO meu corpo inteiro tremendo na entrada do prédio da Karamanlis. Estive por mais de vinte dias longe da empresa. Nunca pensei que pudesse passar tanto tempo longe dela. No entanto, agora que voltei, sinto um aperto na garganta e simplesmente não consigo passar pela porta de entrada.

Travada.

Insegura.

Quebrada.

A mulher com olhos marejados em um terninho de lã preto, cabelos presos num coque simples e óculos escuros parece apenas mais uma executiva começando seu dia de trabalho. Está tudo exatamente como antes no meu exterior, porém, por dentro eu me sinto completamente destruída.

As últimas 24 horas foram um verdadeiro pesadelo sem precedente. Nunca,

em toda minha existência, esperei sentir aquela dor, que ainda carrego dentro de mim, como aconteceu naquela fazenda no coração do Pantanal.

Balanço a cabeça, tentando não pensar nisso, sabendo que, independentemente de como me sinto, tenho um trabalho muito importante a fazer.

Entro no prédio, e, automaticamente, alguns colegas que também estão entrando percebem minha presença. Noto alguns cochichando enquanto libero minha entrada com meu crachá e me dirijo para a fila dos elevadores. Cumprimento uns conhecidos com um bom dia simples e sem olhá-los, apenas para não ser mal-educada.

Minha barriga gela quando o elevador para no meu andar e saio junto com outros dois assistentes jurídicos que trabalham com o Kostas Karamanlis. Respiro fundo, sabendo que vou comprar uma briga dentro desta empresa e que o resultado dela certamente será minha cabeça a prêmio.

Cruzo o corredor acarpetado e entro na divisão que comando há anos, fazendo Luíza, uma das estagiárias, levantar-se da cadeira como se visse o próprio demônio e correr até mim para pegar minha pasta, perguntando como foram as férias e dizendo que o pessoal está todo animado por causa do local que achei.

Não respondo, apenas cumprimento-a e, ainda portando minha pasta, vou direto para minha sala, encontrando Kika em reunião com os dois melhores *hunters* da empresa: Vivian e Leo.

— Malu! — Leo abre um enorme sorriso ao me ver, e Vivian encara a Kika, receosa.

— Você é teimosa, hein, Malu? — Kika bufa. — Pessoal, vocês poderiam nos deixar a sós um momento?

Os dois rapidamente pegam suas coisas e saem da sala, deixando-me com minha amiga.

— Eu tive que vir, Kika.

— Porra, mulher, você nunca se dá o tempo necessário, nem para seu corpo e nem para seu coração! — Ela me abraça. — Eu fui te buscar no aeroporto aos cacos! Por que você veio?

— Preciso me ocupar. — Ela bufa ante minha resposta. — Além disso, não posso deixar que esse projeto vá para frente.

Kika arregala os olhos de uma forma tão grande que penso que, mais um pouco, eles saltariam das órbitas. Eu sei que ela deve estar embasbacada, afinal, a mulher que saiu daqui há algumas semanas não media esforços para conseguir o que queria, e a que voltou quer, de repente, abrir mão de tudo.

— Você tem noção de que nossa equipe já está toda empenhada em fazê-lo

acontecer, inclusive já marcamos uma apresentação para o grupo Yannes a fim de apresentar a área, aprovar o local e assim poder negociá-lo?

— Eu errei ao apontar a fazenda Paraíso como um local em potencial para o projeto. Ela nunca esteve à venda e...

— Malu, a fazenda está por um fio! — Eu assinto. — Já estamos sabendo que o banco vai executar, dando prazo para os proprietários quitarem o débito e, depois disso, serão alguns meses até o leilão, e pronto, ela será do nosso projeto. Você conseguirá sua promoção, e nosso setor, um bônus!

Ela abre um enorme sorriso de vitória, esperando o mesmo de mim.

— Não, Kika. — O sorriso morre. — Eu não sei como, mas não posso deixar esse projeto seguir adiante.

— Malu... é o local que estamos esperando há meses e que a empresa espera há mais de um ano! — Ela me faz sentar. — Eu sei que alguma coisa muito séria aconteceu lá no meio daquele mato, mas, amiga, você está me assustando... — Nego, tencionando dizer que estou bem e que só preciso resolver esse engodo que arrumei. — Eu sei que você está chateada, muito chateada por ter voltado e deixado o peão por lá, mas nós duas sabíamos que seria assim.

— Eu o magoei, Kika! — Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando digo isso, e ela fica pálida. — Não só a ele, mas a todos que me receberam, e eu os traí.

— Malu, você não...

— Sim! — Seco meu rosto. — Fui tratada com carinho por eles! Eu ri, compartilhei as refeições, conversas gostosas, eu... aprendi a amar, Kika. — Rio, achando que ela talvez não entenda. — Nós nos apaixonamos, e ele...

Soluço ao me lembrar do meu último dia na fazenda, depois de ter passado a noite inteira jogada na cama, chorando como nunca, pensando numa forma de conversar com ele, mas sabendo que nada que eu pudesse falar iria consertar as coisas. Eu realmente me aproveitei da confiança de todos, mas não menti quando disse que o amava!

Acordei cedo e logo fui procurá-lo, sabendo que ele havia saído ainda mais cedo com a caminhonete e que não tinha dito nada a ninguém, pois todos me tratavam com o mesmo carinho.

— Ele só deixou um recado para você, minha filha — Sueli me informou. — Disse que o que te pediu para fazer ontem era para ser feito hoje. — Ela franziu o cenho. — O que houve?

Fiquei sem ter como respirar direito e tive que me sentar, tamanha a dor que oprimia meu peito ao ouvir o recado. Eu tinha que ir embora, era o que ele queria, mas como deixá-lo para trás sem explicar, sem tentar que ele entendesse

que o que eu sentia era real, que eu não mentira e que fizera tudo pensando em ajudá-los?

— Eu vou embora hoje para São Paulo. — Ela arregalou os olhos e se sentou também. — Guilherme conseguiu um voo para mim e...

— Mas eu tinha entendido que ele ia com você, pelo menos foi o que o Sandoval me disse. — Eu a encarei sem poder respirar ou pensar no que aquilo significava. — Não desista dele, minha filha, Gui tem uma bagagem complicada, mas ele ama você muito. Disse ao tio que ia dar um jeito de vocês dois ficarem juntos e...

Foi nessa hora que eu desabei, chorando, e ela me abraçou apertado, dizendo que as coisas iam ter solução, que o destino não nos unira à toa e que, da mesma forma inesperada que eu tinha aparecido ali, eu iria voltar.

— Não... não tem jeito! — Olhei-a. — Por que ele deixou São Paulo para vir morar aqui? — indaguei à senhora, que suspirou tão dolorosamente que eu soube que algo muito sério havia acontecido.

— O passado não é meu para que eu possa contar. — Eu assenti enquanto ela acariciava meus cabelos. — Guilherme tem suas dores, mas, quando você chegou, eu vi que uma nova chance tinha chegado com você.

— Eu o amo, dona Sueli.

— Eu sei, minha filha. — Ela me apertou novamente em seus braços. — É por isso que tenho fé em que tudo vai se acertar.

Fazer as malas e ter o Zé Torquato esperando para me levar até a pista de pouso de uma fazenda vizinha foi uma das coisas mais difíceis e doloridas que fiz na vida. Mal conseguia engolir, tamanho o nó em minha garganta, durante as viagens.

Em Campo Grande, não consegui voo assim que cheguei e tive que passar algumas horas no aeroporto, com olhar perdido e coração destroçado. Ao desembarcar em Congonhas, Kika correu para me receber, animada, cheia de energia, até perceber que eu estava um caos.

— Tem certeza de que não quer conversar mesmo? — ela perguntou assim que me deixou em casa.

— Não. — Olhei meu apartamento e o senti tão frio, tão sem graça. Imediatamente me lembrei do quarto na fazenda. Mesmo com o colchão que fazia doer minhas costas e com a falta de luz depois das 22h, eu senti falta daquele lugar. — Eu só preciso tomar um banho e descansar um pouco.

— Certo. — Ela não parecia convencida, mas não discutiu. — Descanse e volte para a empresa só quando se sentir bem. Eu vou conversar com Theo sobre sua volta, mas tenho certeza de que o CEO vai concordar que é o melhor momento para isso.

Não respondi nada, apenas olhando para minha enorme cama com seus inúmeros travesseiros e almofadas. Nada daquilo iria suprimir a saudade do corpo do Guilherme perto do meu. Fechei os olhos, ainda com a sensação dos braços do Xucro me enlaçando a noite toda, aquecendo-me, fazendo-me sentir proteção e amor.

— Vou deixar você descansar. Qualquer coisa, é só me ligar! — Apontou para a sacola reutilizável contendo meu celular e Macbook.

Assenti, e ela se despediu, deixando-me tão sozinha como nunca me havia sentido durante minha existência.

— Malu? — escuto-a me chamando e suspiro, notando que ando muito distraída, sem foco, e não posso ser assim. Preciso do dobro do empenho que eu tive para conseguir o lugar para tirar da cabeça do Theo a ideia de comprar a Paraíso – porque somente ele para barrar o Kostas. Eu devo isso a todos daquela fazenda, independentemente de Guilherme me perdoar ou não pelo que eu fiz.

— Ei, Malu! — Kika continua. — Você vai superar isso! Somos fortes, você e eu...

— Eu preciso consertar as coisas e preciso do seu apoio para isso.

— Para fazer a Karamanlis desistir de apresentar a Paraíso como um local para o resort? — Assinto. — Você está mesmo disposta a arriscar tudo o que você construiu aqui na empresa?

— Estou. — Olho-a convicta. — A fazenda não estava à venda, eles não têm interesse algum em vendê-la, além disso, colocar o Grupo Yannes naquelas terras é arriscar perder um bioma tão rico e tão sensível como aquele.

Kika assente e pega minha mão.

— Vamos sabotar o projeto? — Abre um enorme sorriso malvado que me anima um pouco por saber que ela o faria caso necessário por mim, por nossa amizade.

— Não. — Levanto-me. — Você não vai se meter nisso, preciso apenas que você reúna a equipe e impeça qualquer movimento. — Ela concorda. — Eu vou conversar com Theo Karamanlis.

— Malu... — Kika respira fundo antes de perguntar: — Como eles irão resolver o leilão? Porque, mesmo que a gente não se movimente para comprar a fazenda, não quer dizer que eles não irão perdê-la do mesmo jeito!

Dou de ombros.

— Eu não sei. Essa noite fiz uns cálculos e, mesmo se eu desse meu apartamento em garantia, bem como os investimentos que tenho, ainda assim isso não seria suficiente para...

Kika se põe de pé, olhar apavorado.

— Você faria isso? — Assinto. — Meu Deus, então a coisa é realmente

muito séria! Você está disposta a abrir mão de tudo, inclusive seu emprego e seu tão sonhado apartamento para ajudar a família dele?

— Sem titubear um só minuto. — Suspiro. — Mas, como disse, não é suficiente! Eu espero que o Guilherme fale com o pai dele para...

— Pai dele? A família dele não mora lá na fazenda?

— Os tios. — Dou um sorriso sem jeito, pois sei que ela terá perguntas para as quais não terei respostas. — O pai é o doutor Ronald Albuquerque de Medeiros.

Nem preciso dizer que o queixo da Kika vai ao chão, assim como o meu na ocasião da descoberta. Minha amiga volta a se sentar lentamente na cadeira onde estava trabalhando e me encara.

— O neurocirurgião famoso? — Assinto. — Por quê, em nome de Deus, esse homem foi parar no meio do nada para trabalhar com vacas?!

— Eu não sei... Só descobri isso sem querer e na última vez em que o vi.

Kika vai para a escrivaninha e liga o computador.

— O que você está fazendo? — questiono, sem entender.

— Eu vou dar um *google* no nome dele! — responde como se fosse óbvio, e, na verdade, é. Aproximo-me dela para olhar as pesquisas. — Seja o que foi que aconteceu, deve ter sido noticiado, porque o pai dele é... Puta que pariu, Malu! — grita o xingamento apontando para um site que acabou de acessar, e o que vejo me deixa sem chão.

# 42

# Guilherme

*São Paulo, oito anos antes.*

SAIO DA SALA de reuniões satisfeito por ter conseguido explanar tudo o que tinha planejado para minha apresentação. O projeto está impecável, e eu sei disso, então não tenho dúvida alguma de que os dinossauros do Conselho, embora ainda cultivem a linha elitista da medicina, tenham percebido a importância de ter nosso nome – do nosso instituto – envolvido numa ala com tamanha repercussão.

Eles, claro, fizeram de tudo para me deixar tenso e inseguro, questionaram cada vírgula dos estudos que apresentei, tentaram intimidar-me ao pensar que eu me encolheria diante deles sem meu pai.

*Bando de otários!*

Resgato meu bourbon no aparador de bebidas, completando o copo com

uma nova dose e refletindo nas palavras de Sofia: que todos pensam que estou à sombra do meu pai. Eu não estou, mas preciso provar isso a cada dia! É cansativo, injusto; é, contudo, minha realidade. Ser filho de Ronald Albuquerque de Medeiros é um fardo e um privilégio ao mesmo tempo.

Pego o celular, conferindo as horas, e ligo para minha esposa, porém, ela não atende. Já deve ter acabado a apresentação da Maitê, mas eu sei que depois há algumas conversas entre os pais e confraternização entre as crianças, então deixo uma mensagem de texto para ela perguntando como foi tudo.

Imediatamente ela responde que foi tudo perfeito e que elas estão indo para o restaurante favorito da minha filha, conforme combinamos.

Não penso duas vezes e abandono minha bebida, saindo apressado, querendo chegar a tempo de, pelo menos, poder comemorar com elas e assistir à filmagem da apresentação.

O elevador demora muito para subir, e eu começo a descer alguns andares pelas escadas, até que, no 7.º pavimento, vejo-o parado. Entro, um pouco aliviado, porque, muito embora eu mantenha uma regularidade na academia, nunca gostei de exercícios aeróbicos.

Já na garagem, aciono o controle do meu carro, deixando minha pasta no banco de trás e saindo do prédio o mais rápido que a prudência permite. Um sorriso enorme enfeita meu rosto ao pensar na surpresa que minha princesa terá ao me ver chegar. Confesso estar bem irritado com tantos faróis de trânsito fechados, o que me impede de chegar mais cedo até ela.

O restaurante é um buffet infantil, com inúmeros brinquedos em seu interior, além de uma comida divertida, pratos montados de forma a parecer que, mesmo durante a refeição, a criança continua brincando. Maitê simplesmente ama o lugar, e, mesmo quando não podemos levá-la até lá, pedimos a entrega dos lanches, e ela se deleita da mesma forma.

Acabo parando no trânsito por algum engarrafamento típico desta cidade, então torno a ligar para a Sofia, mas o telefone dela dessa vez está fora da área ou desligado. Ligo, então, para o nosso motorista, Anderson, mas ele também não atende. Espero que elas demorem por lá, pois, senão, iremos nos desencontrar, uma vez que o restaurante é do outro lado da cidade em relação a nossa casa.

Demoro exatos 20 minutos em um trecho que levaria metade disso. O crescimento exacerbado do número de carros nos últimos anos, mesmo com o sistema de rodízio, só mostra que não temos estrutura para o futuro. Se a economia continuar boa como tem sido nos últimos tempos, as cidades entrarão em colapso por falta de mobilidade urbana.

O estacionamento do restaurante está lotado, então deixo minhas chaves

com o manobrista e corro para seu interior. A recepcionista já me conhece, pois, sempre que posso, venho com minha filha.

— Boa noite, doutor! Veio fazer algum pedido para viagem?

— Não. — Sorrio. — Minha pequena bailarina está aí hoje.

Aponto para a algazarra das crianças nos brinquedos. No entanto, ela franze o cenho e nega.

— Desculpe-me, doutor, mas a pequena Maitê não está conosco hoje.

— Não? — Pego o celular. — Minha esposa disse que já estavam chegando aqui, e isso tem mais de meia hora e...

No meu telefone há registros de dezenas de ligações de números desconhecidos e algumas da babá de Maitê, que permanece com minha filha durante o dia, porque nunca quisemos funcionários dormindo em nossa casa.

Retorno a ligação para Dora.

— Oi, Dora, o que foi?

— Ai, doutor, ainda bem que o senhor atendeu! — sua voz está trêmula, e ela parece muito aflita.

— Algum problema na sua família, Dora? Qualquer coisa, liga para minha assistente e...

— Não, doutor. — Ela chora. — Foi horrível... — Soluça. — Eu não sei como aconteceu, foi tudo muito rápido e...

Respiro fundo, tentando não perder a paciência com ela, pois é óbvio que está nervosa. Como uma vez atendi seu pai, que tinha um aneurisma e não sabia, penso que deva ser algo assim.

— Dora, se for urgência, leve para o hospital mais próximo, que depois eu dou uma passada...

— Eu já estou no hospital, doutor.

Outra chamada entra, e eu peço a ela que aguarde um pouco na linha para eu atender ao número que me ligou dezenas de vezes antes.

— Doutor Guilherme Albuquerque de Medeiros? — um homem pergunta.

— Sim, é ele.

— Eu sou o doutor Felipe Santos, socorrista, estamos tentando entrar em contato com o senhor há pouco mais de 30 minutos. — Eu nada respondo, sentindo meu corpo inteiro gelar. — Doutor, houve uma tentativa de roubo ao seu veículo e...

— Minha filha...

Fico paralisado na entrada do restaurante lotado de crianças. Toda a barulheira, as risadas, a alegria do lugar somem e só deixam espaço a um enorme vazio, um zunido constante em meus ouvidos, enquanto sou acometido pelo medo mais sombrio e frio que jamais senti na vida.

— Peço ao senhor que se encaminhe até o hospital para assinar a papelada, como responsável pela criança e...

Só o escuto dizer o nome do hospital e encerro ambas as ligações – do médico e da Dora –, correndo em direção ao estacionamento. Não sei como consigo sair daqui ileso, pois nunca dirigi tão rápido em toda minha vida. Furo os faróis mesmo com risco de causar um acidente, mas não me importo; o desespero que sinto, a vontade de saber se está tudo bem com minha filha não me deixam ter cautela ou mesmo racionalidade.

Chego ao hospital público como um louco, abandonando o carro sem nem mesmo trancá-lo no meio do estacionamento, fora da vaga, fechando os outros e sigo correndo até o pronto-socorro.

— Sou doutor Guilherme, pai de uma menina que deu entrada aqui...

— Doutor! — um médico me grita à porta de atendimento do PS. — Fui eu quem ligou.

— Como está minha filha? Está muito assustada, ela se feriu?

O médico respira fundo.

— Ela foi encaminhada para cirurgia, doutor. — Gelo novamente e sinto o bourbon que tomei há pouco subir até minha garganta. — Nós estamos fazendo de tudo para salvá-la e...

— Eu quero entrar. — Invado a sala principal do pronto-socorro sem nenhuma cerimônia, sabendo que ela tem ligação à parte principal do hospital, que certamente me levará ao centro cirúrgico. — Vou transferi-la assim que possível...

— Doutor, o senhor não pode entrar. — O médico me segura pelo braço. — Nossa equipe está fazendo de tudo...

— Foda-se sua equipe! — grito com ele. — É minha filha lá dentro! Eu sou médico e...

— Não, aqui você é o pai de uma paciente — ele me enfrenta. — Eu vou encaminhá-lo até o setor de espera e...

— Não! — Puxo meu braço de seu aperto. — Eu quero ver minha menina agora!

O médico faz sinal para dois seguranças já à espera desde que invadi o local, e os dois se aproximam de mim.

— Doutor, eu compreendo seu desespero, mas saiba que estamos fazendo todo o possível por ela. Tudo o que o senhor tem a fazer agora é esperar; eu o manterei informado.

Nego com a cabeça, mesmo sob os olhares ameaçadores dos seguranças. Eu vou entrar naquela sala de cirurgia e acompanhar passo a passo o que os médicos estão fazendo lá nem que para isso eu precise lutar com cada homem que se

interpor em meu caminho neste maldito hospital.

Avanço até os seguranças, mas, antes de tentar entrar na porrada, escuto meu nome:

— Doutor Guilherme! — Olho para o interior de uma das baias de sutura e reconheço a Dora, a babá da minha filha. — Ai, doutor, que bom que o senhor veio!

Ela chora, com algumas suturas no rosto e nas mãos.

Não entendo o que ela faz aqui, afinal, seu trabalho com minha filha terminou às 18h. Olho em volta à procura de Sofia ou mesmo do Anderson, mas não vejo nenhum dos dois.

Vou até a babá, que chora copiosamente, soluçando sem parar, até que uma enfermeira se aproxima dela e lhe estende um copinho de plástico com remédio, provavelmente um calmante.

— Ela está em choque — a enfermeira me informa. — Coitada, viu tudo e por pouco não se feriu gravemente.

Abaixo-me para ficar cara a cara com ela e toco sua mão.

— Dora, o que houve?

Ela soluça.

— Dois homens em uma moto fecharam o carro no farol, já entrando na rua de casa e... — Ela soluça de novo e toma o restante da água. — Passou uma viatura bem na hora, e os bandidos começaram a atirar para todos os lados.

Fecho os olhos, imaginando o horror que ela e minha filha viveram naquele momento. Eu devia ter mandado blindar o carro, devia ter ido com elas, devia ter...

— Eu ouvi quando o Anderson gemeu alto e colocou a mão na barriga, então me abaixei, tentando soltar a Maitê do cinto de segurança, mas, quando consegui... — Ela desaba, e eu junto, meu rosto inteiro molhado de lágrimas, tremendo em desespero ao pensar na minha filha ferida. — Ela estava mole e molhada de sangue e...

— Doutor... — Felipe me chama, tocando meu ombro, mas eu não respondo. Minha cabeça fervilha de perguntas, de culpa por não ter estado lá para defendê-las, por não ter ido ao recital. — É melhor o doutor conversar com a Polícia e...

— Dora, onde está minha esposa? — A babá balança a cabeça, ainda chorando. — Ela me mandou mensagem informando que vocês estavam indo para o restaurante e...

— A doutora Sofia não pôde ficar até o fim da apresentação e me pediu para ir buscar a menina... — Essa revelação me deixa totalmente confuso. — Eu peguei o lanche antes, e por isso estávamos indo para casa.

Levanto-me, pegando meu celular imediatamente e ligando para o telefone de Sofia, que ainda está fora da área.

*Porra! Onde é que ela está?!*

A cirurgia já dura horas, e, embora o doutor Felipe venha de tempos em tempos me informar do andamento, sei que essa demora não é algo bom. Estou sentado numa sala de espera lotada, cheia de outras pessoas também apreensivas, cada uma com seu drama pessoal, sentindo-me um inútil por estar aqui, desse lado, enquanto poderia estar ajudando na operação.

Minutos depois que fui encaminhado para cá, um policial civil veio conversar comigo, e só assim eu pude saber o que realmente aconteceu nesta trágica noite. Como Dora já havia me contado, dois homens em uma moto fecharam o carro e anunciaram o assalto, apontando a arma na direção do Anderson. Instantes depois, uma viatura passou, e os bandidos começaram a atirar contra ela, alvejando primeiramente meu motorista, que também está passando por cirurgia, e minha filha. Os dois homens foram mortos no local pelos policiais.

A história parece dessas que se vê na televisão ou nos jornais todos os dias, do tipo que, quando eu lia, via apenas a estatística de uma cidade tão grande, desigual e violenta quanto São Paulo. Entretanto, nesta noite estou sentindo na carne o que muitas famílias já sentiram antes e que para mim foi insignificante na maioria das vezes, apenas sensacionalismo para vender notícias ou ganhar audiência.

Hoje, a tragédia para mim é algo real.

Sentado aqui, neste banco de espera, percebo que não adiantaram nada meu dinheiro, meus diplomas e toda minha arrogância. Eu sou um bom médico, mas deixei de ser um bom pai.

Olho a mensagem de Sofia, ainda sem entender o que aconteceu, se ela me passou essa mensagem antes de ter de sair do recital – o que é improvável – ou se simplesmente mentiu. Mas por quê?

— Guilherme! — ouço sua voz, que parece desesperada, e levanto meu rosto para encará-la. A bela mulher à minha frente está com o rosto inchado de chorar e totalmente trêmula. — Me diz que ela está bem pelo amor de Deus!

— Em cirurgia — respondo seco. — Onde você estava?

Sofia começa a chorar, e, antes que consiga me responder, meu pai aparece. Ele parece pálido, mesmo com sua postura impecável e olhar experiente de um

homem de 67 anos.

— Guilherme — cumprimenta-me e apenas toca o ombro de Sofia, que não consegue parar de soluçar. — Quais são as notícias?

Levanto-me.

— Não sei, pai. — Tento ser forte, mas, ao pensar na minha menina, eu desabo. — Eu não sei o que farei se a perder...

— Você deveria ter entrado na sala de cirurgia ou ordenado a remoção dela para algum hospital melhor! — Ele vê o doutor Felipe se aproximando e o chama: — Rapaz, eu necessito de notícias sobre minha neta.

O médico, que certamente reconhece o homem a sua frente, explica um tanto nervoso que ela ainda está em cirurgia, mas meu pai não se contém, pedindo a ele detalhes do quadro e questionando a capacidade de cada membro da equipe que está atendendo Maitê.

— Eu recebi um chamado urgente de um cliente e... — Sofia tenta se justificar.

— Por que você mentiu? — Encaro-a. — Por que não me disse que tinha precisado sair? Eu teria ido até o teatro, ido com ela para a porra do restaurante a que minha filha tanto queria ir! — Recebo olhares assustados dos outros familiares, mas não me importo.

— Não me culpe por isso, Guilherme! — Sofia responde entre lágrimas. — Não mais do que eu já estou fazendo! — Ela pega minha mão. — Precisamos ser fortes neste momento e...

Um médico diferente, vestido com roupa de centro cirúrgico, entra na sala, e imediatamente me ponho de pé. Sinto minha cabeça girando, o estômago fritando e o corpo inteiro tremendo ao esperar uma notícia. Por algum motivo, mesmo tendo tantas pessoas aqui à espera, eu sei que ele veio para falar sobre Maitê.

— Vocês são os familiares da criança que chegou baleada?

— Maitê. — Aproximo-me. — O nome dela é Maitê, e eu sou o pai.

O médico olha para Sofia, depois para meu pai e para o seu colega de trabalho.

— Eu sinto muito. Nós fizemos de tudo, mas...

Não consigo ouvir mais nada. Imagens, muitas delas, preenchem meu cérebro como se fossem um clipe, desde o momento que soubemos da gravidez, todas as sessões de ultrassonografia que fazíamos a cada mês para acompanhar o crescimento dela, o primeiro ano que perdi, mas que tenho em fotos e depois ano após ano.

Neste momento vejo minha princesa dando seus primeiros passos, sentindo novamente o gelo em minha barriga toda vez que ela caía, mas voltava a tentar.

Lembro-me da primeira palavra, dita tão inesperadamente, dentro da banheira, enquanto eu a banhava. Aquele *papá* foi a declaração mais linda de toda minha existência. A primeira febre, que não me deixou dormir, mesmo vindo de um plantão de 48 horas; o primeiro dia de aula, tão pequena de uniforme, arrastando uma mochila maior que ela mesma; os passos de balé, as piruetas de ginástica artística. As brincadeiras nas férias... momentos únicos, felizes, que eu pouco lembrava porque sempre tive a garantia de que viriam mais, de que eu teria muito ainda a guardar em minha memória.

Momentos que foram roubados de mim nesta noite, enquanto eu estava a almejar dar um passo maior na minha carreira e esquecia que minha maior conquista, que meu maior tesouro estava se apresentando em um espetáculo para o qual ensaiara durante meses.

A última lembrança gravada em minha mente é a de sua carinha de decepção quando lhe informei que não poderia ir vê-la dançar. Eu decepcionei minha filha e nunca mais terei a chance de alegrá-la novamente.

Desabo no chão do hospital enquanto um urro de desespero ecoa por todos os corredores. Eu sou um médico, eu mesmo já dei notícias como a que acabo de receber, mas nada no mundo me preparou para este momento. O grito de dor que ecoa não é do homem cheio de diplomas, é do pai que perdeu sua única filha, o amor mais puro e incondicional que já sentiu na vida. O choro e o desespero não têm nada a ver com o neurocirurgião, é do meu coração, que teve uma parte arrancada com essa frase tão clichê e fria de um médico.

Alguém tenta me levantar do chão, mas não consigo me sustentar de pé. A dor me consome mais do que tudo que já senti antes. Não há medida para o que se passa dentro de mim, não há remédio que possa curar essa dor, e eu sei, a partir de agora, que ela será uma constante em minha vida.

# 43

# Guilherme

*São Paulo, tempos atuais.*

DEIXAMOS O CARRO com o manobrista do Villazza Convention SP e entramos em seu hall principal, sendo imediatamente saudados por uma recepcionista que, assim que é informada da nossa reserva no Vincenzo's, leva-nos até um dos elevadores, indicando ao ascensorista o terraço do hotel.

— Só vim aqui na inauguração, anos atrás — comento com Hal.

— Minha sócia, Isabella, é casada com o Frank. Você lembra dela? — Nego. — Claro que lembra, Gui! Isabella Romanza, que trabalha com o falecido Navega.

— Uma baixinha com olhos bonitos e uma bunda de...

Hal começa a gargalhar, fazendo sinal para que eu pare de falar e apontando para o funcionário do hotel.

— É ela, mas nunca mais repita o que você ia dizer, porque aquele italiano doido com quem ela casou tem um ciúme famoso da esposa — cochicha. — Nós somos bons amigos! Ano passado, quando Graça ficou doente e...

— O que houve com a Graça? — indago assustado, pois me lembro bem da esposa do Hal, principalmente com minha pequena Maitê.

— Câncer no seio, mas, graças a Deus, estamos bem. — Sorri. — Eu parei de ir ao escritório para acompanhá-la no tratamento. Todos lá em casa raspamos a cabeça em consideração a ela, inclusive meus meninos, demonstrando que não estava sozinha.

— Eu sinto muito, Hal. O câncer está em remissão?

— Sim. — Ele sorri aliviado. — Ela esvaziou as duas mamas, e Isabella foi de uma delicadeza sem fim com minha esposa. Uma grande amiga, além de sócia.

Sinto-me mal por não ter podido dar apoio a ele. Todos os meus amigos estiveram ao meu lado no dia mais infeliz da minha vida. Hal, inclusive, tentou por vários dias me tirar de casa, fazer-me pensar em outra coisa, porém, sem sucesso.

Percebo que, durante todos esses anos, eu não fugi apenas das lembranças tristes e de toda sordidez que descobri depois da tragédia de Maitê, mas também deixei para trás grandes amigos, que se preocuparam comigo, que estiveram ao meu lado em momentos bons e ruins.

— Obrigado por ter me atendido, Hal, apesar de todos esses anos sem nenhuma comunicação minha.

Ele sorri, mas não comenta nada até sairmos do elevador.

— Que espécie de amigo eu seria se te virasse as costas quando você, enfim, se sentiu pronto para voltar? — as suas palavras me emocionam. — Sentimos muito sua falta, Guilherme, e nos preocupamos com você ao longo de todos esses anos. Por isso eu estou feliz em te ver hoje... — Abre um sorriso debochado. — Um pouco esculhambado em estilo, mas, como dizem, o importante é ter saúde.

Gargalho, balançando a cabeça, mas feliz por reencontrá-lo.

O restaurante do Vincenzo é uma réplica de *trattoria* típica da Itália, no terraço aberto do Villazza SP, com caminho feito de pedras e um enorme jardim com fontes e estátuas romanas. A entrada do restaurante é toda feita em tijolos de cerâmica, amplas janelas e interior de madeira.

Olho em volta, percebendo uma enorme varanda na borda no prédio, cheia de mesas e cadeiras com vista para o Ibirapuera ao longe. O terraço do Villazza tem algumas outras lojas além do restaurante do Vincenzo. Butiques internacionais, cabeleireiro e SPA e, numa parte do telhado mais alta, bem

distante deste pequeno centro comercial, o heliponto, onde algum figurão desembarca neste momento.

— *Benvenuto!* — Vincenzo é quem nos recebe. — Reservei uma mesa para nós no local mais discreto do restaurante. — Somos levados até a varanda com mureta de vidro e vista da cidade. — Como estão a Graça e os meninos?

— Estão bem — Hal responde já tomando assento.

Penso nos filhos do Hal, a quem todos chamamos de meninos, mas que, quando eu saí daqui, já contavam com 13 e 10 anos, respectivamente. São dois homens, e me é impossível pensar que, se estivesse viva, Maitê estaria completando 15 anos este ano.

15 anos, um rito de passagem na vida de uma menina, tornando-se mulher, e ela não pôde viver para ter essa experiência, assim como tantas outras que lhe foram roubadas. A dor da saudade aperta meu peito com mãos de ferro, mas tento não me deixar mergulhar nela, pois facilmente posso me perder, e isso é tudo o que não pode acontecer neste momento.

Eu preciso estar forte para conseguir atingir o objetivo maior que me trouxe até esta cidade, salvar a Paraíso. Depois, quando tudo estiver assentado, poderei lamber minhas feridas lentamente e processar a dor e mágoa que carrego dentro de mim e que insistem em não me deixar. Não bastasse tudo o que passei anos atrás, agora me apaixono como um trouxa por uma mulher que só queria tirar o lar da minha família.

Encaro a vista da cidade de São Paulo, querendo saber se, em algum daqueles prédios, é onde a Dondoquinha vive, realizando seus sonhos de chegar ao topo, fazendo de tudo para conseguir esse objetivo, não importe o preço.

Eu a admirei por ser assim, tão obstinada, sem saber que o preço para a tão sonhada promoção em sua carreira era a paz das pessoas que eu mais tenho apreço neste mundo, minha única família, aqueles que realmente me amam por quem eu sou de verdade.

Tudo aqui me lembra a Malu, essa é a verdade! Embora tenha sido onde eu nasci e cresci, esse padrão de vida não se encaixa mais em mim, mas me lembra muito dela. O jazz suave do som do restaurante, o requinte das lojas e todo o luxo e glamour deste hotel seis estrelas. Tudo isso me lembra a mulher por quem me apaixonei.

— Guilherme? — Hal me chama. — Você está bem?

Eu rio.

— Vou ficar melhor quando você me disser que vamos conseguir cassar aquela procuração para eu poder tomar posse dos meus bens — sou direto, e ele ri, abrindo sua pasta.

— Sobre isso... — Pega um documento. — A cópia da procuração. — Eu

levanto a sobrancelha, surpreso por ele ter esse documento em mãos. — Eu guardei uma por segurança. — Ri. — Coisa de advogado, sabe? Mesmo você confiando cegamente no seu pai, achei melhor guardar.

Vincenzo senta-se conosco neste exato momento, servindo-nos um vinho de uma pequena vinícola italiana que ele descobriu em sua última viagem. Tomo um gole da bebida, e o gosto me faz voltar há alguns dias, lá nas lagoas, quando bebi com Malu um vinho como este. Bufo com raiva da excitação que sinto por causa das lembranças.

— Más notícias? — Vincenzo questiona.

— Não sei. — Encaro Hal. — É fácil cancelar esse documento?

Hal balança o vinho, parecendo pensar, mas eu o conheço bem demais para saber que já previu todas as perguntas e que tem cada resposta na ponta de sua língua. Só faz esse mistério para se valorizar.

— Embora você tenha assinado com cláusula de irrevogabilidade — Vincenzo geme por causa da palavra complicada —, eu não vejo aqui os motivos listados no nosso ordenamento jurídico para que ela se mantenha.

— Porra, Hal! — Vincenzo gargalha. — Traduz essa merda!

— Podemos, sim, cancelar o documento. — Eu rio quando o advogado revira os olhos para a forma como foi obrigado a responder. — É até muito simples, na verdade, basta ir ao cartório e *voilà*[23]*!*

— Não há como ele contestar? — pergunto preocupado, mas cheio de esperança.

— Claro que há, sempre há. — Ele ri sardônico, mas depois fica sério. — Não se preocupe, ele não terá embasamento suficiente para ganhar essa causa.

Respiro fundo, aliviado.

— A revogação terá efeito imediato? — Ele assente, degustando seu vinho, enquanto um garçom coloca os *antipasti*[24] na mesa. — Certo, então começaremos a liquidar tudo, imóvel por imóvel, ação por ação.

— Seus carros também, embora estejam já ultrapassados. — Um arrepio cruza minha espinha ao pensar nos meus carros, lembrando-me da forma que eu encontrei a Mercedes que era dirigida pelo nosso motorista na última vez em que a vi. — Desculpa pela mancada! — Vincenzo parece ler meus pensamentos.

— Tudo bem, mas você tem razão. — Tento deixar irem embora as lembranças do carro todo alvejado de tiros.

— Guilherme — Hal me chama. — E a casa de Itaim Bibi?

— Transfira-a para Sofia definitivamente — respondo seco.

Hal parece incomodado. Olha para Vincenzo e depois clareia a garganta.

— Vocês são casados em regime de separação total, lembra? — Assinto. — Faço isso em forma de adiantamento de herança? Afinal, ela é herdeira da Maitê.

Fecho os olhos e assinto.

— Assim que ela concordar em assinar os papéis do divórcio.

É hora de seguir em frente com minha vida! Preciso recomeçar de verdade, parar de me esconder, de fugir do que aconteceu comigo. Eu perdi minha filha de uma maneira trágica e absurda. Carreguei a culpa por muitos anos, culpei a eles por todo esse tempo, mas agora sinto que é hora de deixar ir. Oito anos se passaram, muita coisa aconteceu nesse período. Eu reneguei o homem que era, ocupado, focado na carreira, decidido a ser a sombra do pai que tanto admirava. Não tive meio-termo durante esse processo, que eu vejo que foi de cura e fortalecimento, em minha vida. Simplesmente deixei tudo para trás e assumi um novo papel.

Não farei mais isso!

Eu amo aquela fazenda, assim como amo as pessoas que moram lá, que me acolheram e, de verdade, não tenho mais nenhum tipo de afinidade com o caos ordenado desta cidade enorme. É hora de voltar para o Pantanal, investir no meu paraíso, transformar a vida de todos para melhor, usando esse dinheiro para o bem. Não posso mais renegar quem sou.

Eu sou Guilherme Albuquerque de Medeiros, médico, pai, peão apaixonado pelo mato e por uma mulher que me apunhalou pelas costas, mas que ainda insiste em ficar em minha mente.

# 44

## Malu

— MEU DEUS, KIKA! — Aceito o copo de água que ela me entrega e bebo todo o conteúdo de uma só vez. — Eu não posso imaginar pelo que ele passou!

— Nem eu... — Minha amiga parece muito abalada pelas notícias que lemos sobre a morte da filha de Guilherme, Maitê, com apenas sete anos. — Eu me lembro de ter visto alguma coisa nos noticiários da época, mas sabe como é? Vemos tanto disso na televisão que simplesmente não me liguei.

— Nem eu.

O conteúdo das caixas naquele porão faz todo sentido para mim agora. São coisas dela, da filha dele, que Guilherme guarda como se fossem tesouros. Bonecas, brinquedos e até roupas mostram-me que ele nunca superou a perda, que apenas fugiu da cidade para tentar voltar a viver.

Olho para a tela do computador, vendo uma fotografia da época do enterro:

Guilherme vestido com um terno preto, segurando um bichinho de pelúcia, e sua esposa, Sofia, ao lado, em um vestido tubinho também preto e óculos escuros.

O homem que eu amo tem um passado aqui nesta cidade. Ele tinha uma família, uma carreira brilhante e viu tudo isso ruir por causa de uma tragédia. Eu não posso mensurar a sua dor e desespero, que o fizeram abrir mão de tudo e ir trabalhar como peão em uma fazenda no meio do Pantanal.

— Eu me sinto ainda pior — confesso. — Imagino o quanto foram difíceis para ele todas as lembranças que eu evoquei estando ali, e ainda assim ele me amou, Kika. Ele esteve disposto a fazer com que nós dois déssemos certo, mesmo tendo passado por isso tudo, e eu simplesmente o traí.

— Não, Malu, você não fez isso! — Kika enfatiza. — Você não sabia do passado dele e quis achar uma maneira de eles não saírem tão prejudicados do problema da fazenda. Você quis ajudá-lo porque o ama também!

Rio, triste.

— Disse isso a ele no pior momento possível — gemo. — Nunca disse a alguém que o amava e escolho o pior momento para confessar isso! Grande *timing* romântico que tenho!

Kika gargalha, e eu volto a ler sobre a trágica perda que ele sofreu, assim como toda e qualquer notícia anterior a isso, percebendo o quanto ele mudou. Há quase dez anos, Guilherme seria o homem perfeito para a Malu racional escolher, mas foi o homem quebrado e bruto que meu coração elegeu.

Abro inúmeras fotos em que sua esposa aparece e admiro a beleza da advogada financeira, morena, alta, corpo trabalhado e bem mais farto em curvas que o meu. Bufo diante da comparação, mas ver que ele era casado e aparentemente feliz ao lado dela faz com que eu me sinta pequena, inferior diante disso tudo.

Uma notícia recente sobre ela chama minha atenção, e eu abro a página, encontrando a doutora Sofia Albuquerque de Medeiros do mesmo jeito que há anos, linda e bem-sucedida, numa festa do alto escalão de um grande banco internacional. Na reportagem, ela aparece brindando, e a grossa aliança de ouro em seu dedo anelar esquerdo não deixa dúvidas sobre seu estado civil, bem como o sobrenome dele, que ela ainda usa.

Guilherme ainda é casado com ela!

Essa constatação me faz ficar ainda mais confusa, sem entender como ele pôde estar todos esses anos na Paraíso, fingindo ser um peão, enquanto ela ficava aqui sozinha e lidando com a perda da filha, afinal, Sofia também deve ter sofrido muito com a morte da criança.

Será que eles mantiveram contato por todos esses anos? Ela está ciente de tudo o que acontece com ele lá na fazenda? Concordou com as escolhas dele?

Sei que essas perguntas podem nunca ser respondidas, afinal, perdi toda e qualquer chance de saber mais sobre Guilherme, de estar com ele, de amá-lo. Tudo o que posso fazer agora é tentar remediar a situação que piorei para ele mesmo e seus tios.

Guilherme tem condições de quitar as dívidas da fazenda. No entanto, não o fez e age como se não pudesse fazê-lo. Eu já tomei minha decisão e não voltarei atrás! De qualquer forma vou ajudá-los a retomar o bem, primeiro impedindo essa absurda pressão que o Kostas está fazendo no banco credor, depois contribuindo para que eles possam quitar qualquer débito e ficar seguros daqui para frente.

A Paraíso tem potencial para gerar dinheiro não só com o gado – caso queiram continuar a atividade –, mas também com turismo, que será muito bem-vindo ali! Turismo sustentável, de conservação, para estudiosos, observadores, cientistas e amantes da natureza. A economia da fazenda irá melhorar muito, bem como a da vila, com a atração de novas pessoas ao local.

Não tenho dinheiro suficiente para ajudá-los a pagar o que devem, mas tenho algo muito precioso que posso oferecer a eles: meu trabalho.

Abro um sorriso confiante e olho minha amiga.

— Kika, onde eu encontro o Theo?

Ela fica um tempo muda, mas depois exala o ar que esteve prendendo.

— Ele tinha uma reunião, pelo que fiquei sabendo, mas vou confirmar com a Luiza. — Ela pega o telefone e liga para a assistente dele. — Sim, obrigada, Lu. — Encara-me. — Você tem certeza de que vai fazer isso?

— Tenho, sim, Kika!

— Certo. Ele está com aquele amigo dele, italiano bonitão, no Villazza SP.

Levanto-me no mesmo instante, calculando minha rota até o luxuoso hotel seis estrelas. Pego minhas coisas e abraço Kika bem apertado, grata por ela ser a amiga que é.

— Torça para que ele respeite meu pedido.

— Estou torcendo. — Ela sorri. — Acho que você vai se foder com essa história, mas te apoio, se é isso o que você quer mesmo!

Sorrio ante o jeito dela, sabendo que, mesmo não concordando, ela nunca me impediria ou tentaria me dissuadir de uma decisão.

— Eu te dou notícias!

— Por favor!

Saio do escritório sentindo, pela primeira vez, que aqui não é mais o meu lugar.

O Uber me deixa em frente ao luxuoso hotel, e logo um carregador se posta ao meu lado, indo embora com um aceno de cabeça assim que percebe que eu não porto nenhuma mala.

O porteiro, vestido com o uniforme típico da rede Villazza, em tons de azul e creme com um V bordado em prata na lapela, cumprimenta-me antes de abrir a porta principal do hotel. Sempre que venho até este hotel, paro um tempo aqui no lobby para admirar as linhas clássicas italianas que eles fizeram questão de construir, mesmo em um imóvel novo e moderno: os lustres e candelabros; a mesa de cedro maciço com o enorme vaso de Carrara cheio de flores frescas; a abóboda de vidro no alto de uma escadaria linda que leva até o salão de eventos, chamado por eles de *Sala di Napoli*, seguindo um estilo clássico e totalmente diferente do salão nobre corporativo que fica no alto do prédio, próprio para festas mais tradicionais como casamentos, aniversários e bailes de Carnaval.

Um recepcionista vem em minha direção, e eu sei que isso é outra característica daqui, não deixar que apenas os hóspedes procurem o balcão do check-in, mas os atender pessoalmente no lobby. Indico que necessito encontrar-me com meu chefe, Theodoros Karamanlis, e que soube que ele está no hotel com o CEO da rede.

— Lamento muito, senhorita Ruschel, mas nós não podemos fornecer nenhum tipo de informação sobre os frequentadores do hotel — ele diz com um sorriso no rosto. — Caso a senhorita me permita, posso entrar em contato com a divisão da Villazza no prédio administrativo e solicitar uma hora na agenda do senhor Villazza...

— Eu agradeço a presteza, mas realmente preciso falar com o Theo, não com o Frank Villazza.

Ele assente e se despede.

Bufo frustrada e envio uma mensagem para o número corporativo do Theo, esperando que meu chefe esteja com o aparelho. Aguardo alguns minutos, mas ele não visualiza e nem responde à mensagem.

Ligo para a Kika.

— Kika, preciso do telefone pessoal do Theo.

— Malu, nós só temos o...

— Eu sei, mas não consigo falar com ele!

Ela respira fundo.

— Não é melhor esperar? Nós nem sabemos o motivo que o levou até aí, às

vezes está almoçando ou resolvendo assuntos pessoais!

— Kika, eu preciso do Kostas longe da Paraíso agora!

— Certo. — Ela me pede para aguardar uns minutos. — Olha, a Luiza disse que nega até a morte que foi ela quem me passou. — Ri. — Boa sorte! Te mandei por mensagem.

Agradeço e não espero mais nenhum minuto para ligar para o Theo.

— Pois não? — ele atende ao segundo toque.

— Theodoros, é Malu Ruschel, como vai?

Ele fica mudo por um tempo.

— Malu, estou bem, e você? — Respondo que também estou. — Fiquei muito satisfeito em saber que conseguiu, enfim, tirar seus dias de férias! — Ri. — Já de volta a São Paulo?

— Sim, no Villazza SP, na verdade. — Rio sem jeito. — Preciso falar com você.

Mais uma vez o CEO de uma das maiores empresas de gestão de imóveis do Brasil fica mudo, e penso que ele irá questionar como eu soube que ele estava aqui e como consegui seu número. Todavia, Theo me surpreende:

— Estou subindo para almoçar no Vincenzo's, mas Frank não poderá ir comigo. — Meu peito dispara ao pensar que ele vai me receber. — Suba para me fazer companhia, e conversaremos. Odeio comer sozinho!

Imediatamente vou para os elevadores e peço ao cabineiro para me levar até o terraço do hotel, onde fica o famoso restaurante do chef de cozinha mais gostoso da TV brasileira. Não que eu já tenha assistido a algum programa dele, mas Kika não falava de outra coisa às sextas-feiras, dia em que passava o tal *reality show*.

Nem bem saio do elevador, a figura elegante do meu chefe o destaca das demais pessoas que andam pela área. Terno azul-marinho, combinando com seus olhos, cabelos bem penteados levemente grisalhos, uma barba bem aparada e sua altura descomunal.

— Malu Ruschel! — Ele tira os óculos escuros e sorri para mim. — Pelo jeito, a primeira mulher a chegar à diretoria da Karamanlis!

Prendo o fôlego ao ouvir isso, percebendo o tom de orgulho na voz dele. Se essa declaração viesse há trinta dias, eu provavelmente o cumprimentaria de volta com uma tirada divertida e totalmente arrogante, como se não houvesse nenhuma novidade no fato de eu ter cumprido o desafio com maestria, porém, tudo mudou.

— Boa tarde, Theodoros! — Sorrio, e ele aponta para a entrada do restaurante.

Seguimos para lá sem conversar, e a hostess nos recepciona, levando-nos

até uma mesa dentro do salão bem decorado e tipicamente italiano.

Imediatamente o *maître* se apresenta, falando sobre os pratos e sua harmonização com vinhos, e o Theo pergunta-me se pode escolher por mim. Eu nunca deixaria, porém, como o assunto que vim tratar é delicado, decido não começar já o contrariando.

— Você prefere conversar antes ou depois do almoço? — questiona-me, inclinando seu corpo levemente para trás e me olhando profundamente. — Eu sei bem que tem o seu dedinho nessa descoberta lá no Pantanal. — Gargalha. — Pensou que eu ia achar que fosse apenas coincidência? Eu vejo muito de mim em você, Malu Ruschel, e isso é um enorme elogio!

Eu rio, principalmente por causa do tamanho de sua arrogância, mas também feliz por ele reconhecer que eu sou tão boa quanto ele no que faço ou no que me proponho a fazer.

Respiro fundo.

— É sobre a Paraíso que quero conversar.

O garçom aparece com o vinho e, após Theo degustar e aprovar, ele nos serve.

— Paraíso?

— A fazenda no Pantanal! — Saber que ele não sabe ao menos o nome do lugar me irrita. — As terras do projeto que vocês pretendem apresentar ao Grupo Yannes.

— Malu. — Ele ri, seus dentes brancos em contraste com sua pele morena. — Nós não vamos apresentar o projeto sem sua presença, não teria sentido. Pode relaxar agora, os louros dessa conquista são todos seus.

*Ai, merda!*

Theo acha que eu vim aqui reclamar meu nome no projeto?! Deus! Ele vai ter uma síncope quando eu comunicar a ele que é exatamente o contrário!

— Bom, realmente fui eu quem deu a dica da fazenda. Era onde eu estava hospedada nas minhas férias forçadas. — Ele ri, bebendo o vinho. — Foi totalmente ao acaso eu estar lá e o local ser exatamente aquilo que eu tinha em mente para o projeto. No entanto, eu cometi sérios erros.

Theo fica sério e se apruma na cadeira.

— Do que você está falando?

— A fazenda não estava à venda, Theodoros. Na verdade, ela é o lar de uma família que tem tradição naquele lugar. — Ele ergue uma das sobrancelhas. — Eu agi pela motivação errada ao saber que eles corriam risco de perder o local. Achei que a empresa se interessaria em comprar as terras pagando o preço justo por elas.

— Sempre pagamos o justo, Malu. Eu não compreendo o rumo de sua

conversa.

A entrada é servida, porém, nenhum dos dois dá atenção ao prato.

— A fazenda foi dada como garantia a um empréstimo, e eles não conseguiram quitar a dívida.

— Sim, eu sei. Kostas me disse que iremos arrematá-la em leilão.

— Exato! Isso era o que eu tentava evitar. — Ele cruza os braços, muito sério. — Nós sabemos que o valor do leilão nunca vai chegar ao valor que pagaríamos caso negociássemos com os donos. — Ele assente. — Além disso, não é garantido que a Karamanlis dê o maior lance.

Theo respira fundo.

— O que você veio me pedir, Malu Ruschel?

— Na verdade, eu vim comunicar que, como gerente e indicada à diretoria, decidi abrir mão da apresentação desse projeto como potencial locação para a Yannes. — Theo fica imóvel. — Já fiz isso com outros imóveis, descartando-os antes de apresentá-los, então espero não ter nenhuma interferência por fazer isso novamente, afinal, ainda sou eu quem decide.

— Você está me dizendo que, além de desperdiçar a chance de converter todos os votos do Conselho ao seu favor, também irá impedir minha empresa de fechar essa conta tão problemática?

— Não tenho poder para impedir isso — rebato. — No entanto, a pesquisa foi minha e o julgamento sobre servir ou não sempre foi meu. Eu digo que não serve pelos motivos que já expus e informo que não irei apresentar o local.

Theo fecha os olhos e inspira tão alto que chama a atenção dos outros clientes.

— Você sabe que a história sobre essa tal fazenda já se espalhou, não sabe? — Assinto. — Sabe que Kostas já está com seu pessoal levantando toda a vida dessa fazenda nos cartórios e outros órgãos que tenham relevância jurídicas? — Balanço a cabeça novamente. — Você tem razão ao dizer que não apresentando não vai impedir a compra, porque, ainda que você mantenha seu emprego depois dessa nossa conversa, assim que terminar o prazo do desafio e a conta não for mais sua, nós iremos atrás dessas terras.

— Estou ciente disso.

Ele ri e abre os braços como quem não entende nada.

— Qual é, então, a lógica em você abrir mão dessa oportunidade?

É minha vez de sorrir ante a sua pergunta.

— Não tem nenhuma, é só o que eu acho certo. Não quero e nem vou destruir a vida de ninguém, não por minha culpa, por uma ambição minha.

Theo fica sério, e eu penso que o clima para o almoço, depois dessa conversa, acabou. Peço licença, pendurando minha bolsa no ombro,

agradecendo-lhe por ter me recebido.

— Malu — ele me chama antes que eu me afaste da mesa. — Eu sinceramente espero que você não esteja fazendo isso por amor. — Prendo o fôlego. — Já é um erro enorme esse que você está cometendo; se for esse o motivo, então, além de enorme, é desnecessário! Não vale a pena!

— Bom almoço, Theo — despeço-me dele e sigo para o elevador.

Estou tremendo, e a frieza que demonstrei a ele foi pura fachada. Sei que fiz a coisa certa, mas isso não quer dizer que não doeu. Ver todos os meus sonhos e metas destruídos, sim, porque, se ele não me demitiu agora, com certeza o fará mais cedo ou mais tarde. Minha carreira irá desmoronar como um castelo de cartas.

Não faço isso só por amor, ele está enganado! Faço isso por consideração ao seu Sandoval, por carinho à dona Sueli, por consciência ambiental, pois sei que tudo ali estará bem mais seguro permanecendo com eles, que nasceram e cresceram naquelas terras, do que na mão de uma empresa internacional que só quer tirar proveito da natureza sem nenhum respeito a ela.

Passo por entre os hóspedes do hotel, no saguão, sem prestar atenção a nada ou ninguém, querendo sair daqui o mais rápido possível. Abro minha bolsa para pegar meu celular e só então dou falta dele.

*Merda, ficou em cima da mesa!*

Frustrada porque necessito dele para chamar o Uber, volto a subir para o terraço, impaciente e principalmente constrangida por ter de voltar até a mesa de Theo. As portas do elevador se abrem e marcho para fora, mas paro, surpresa ao ver o Guilherme.

O homem que o acompanha entra no elevador e segura a porta, esperando por ele, enquanto nós dois ficamos mudos e paralisados, um olhando para o outro.

Não consigo respirar ao constatar que ele veio mesmo para São Paulo, que ele voltou ao lugar que ele mais despreza, o local que lhe causa dor por causa das lembranças da tragédia com sua filha. Eu o obriguei a vir, tenho consciência disso.

O olhar azul dele percorre-me da cabeça aos pés, atentando para minha bolsa, a mesma com que cheguei à fazenda há tantos dias, pendurada no meu ombro.

— Guilherme... — começo a falar, mas ele entra no elevador e as portas se fecham.

Não consigo raciocinar, não consigo parar de tremer! Já estava abalada por tudo o que aconteceu antes, com a conversa com o Theo; revê-lo dessa forma, saber que estivemos no mesmo local, dá-me calafrios e falta de ar.

— A senhorita precisa de ajuda? — um dos seguranças do hotel me aborda.

— Eu preciso de um celular... — digo, e ele estende o seu para mim, que o pego com mãos trêmulas. — Kika... eu estou no terraço do Villazza SP...

— Malu! — ela se assusta com meus soluços, e só então percebo que estou chorando. — Estou indo te buscar!

Devolvo o celular, e o segurança pergunta-me se preciso de ajuda médica, e eu nego. Então ele me aponta uma área para descanso, com poltronas e *chaises*, e eu caminho até lá para aguardar a Kika.

O peso das emoções, de tudo o que tem acontecido comigo nessas últimas semanas e esse encontro inesperado aqui me abalam como nunca.

— Malu! — escuto a voz preocupada de Kika após um tempo que não consigo mensurar e vejo minha amiga correndo em minha direção. — O que houve? O que Theo fez?

— Nada... — Choro. — Foi tudo bem com Theo, mas deixei o celular na mesa dele lá dentro! — Aponto para o Vincenzo’s, e Kika franze o cenho. — Voltei para buscar, mas...

— Você está desse jeito por que perdeu o celular?

Nego, chorando.

— Encontrei com Guilherme. — Kika, estupefata, senta-se ao meu lado. — Pelo visto, ele estava no restaurante também.

— Então ele veio mesmo para São Paulo! — Ela me olha. — Vocês precisam conversar!

Rio, desesperançada.

— Ele nem ao menos me cumprimentou, o Xucro! — soluço ao falar o apelido. — Estava com um figurão de terno com quem deve ter almoçado.

Kika fica um tempo em silêncio, mas de repente se levanta determinada.

— Vou lá dentro pegar seu celular e descobrir quem é esse homem que estava com ele!

— Como, sua doida? — Ela me arranca um sorriso, mesmo sentindo-me tão mal.

— Ele estava de peão ou à paisana? — Balanço a cabeça, achando-a completamente louca e respondo que ele usava calça e camisa jeans. — Certo, não vai ser difícil.

Acompanho-a com os olhos e a chamo.

— Obrigada por isso, mas sou eu quem deve lutar minhas batalhas. — Limpo o rosto e me ponho de pé. — Como devo obter a informação?

— Perguntando ao serviço; alguém deve saber quem era o homem.

Caminhamos juntas para lá, mas, antes de entrarmos, Theo sai e, ao nos ver, parece aliviado.

— Você esqueceu seu telefone, Malu — comunica-me depois de cumprimentar a Kika. — Deixei com o Vincenzo, o dono do restaurante, pois pensei mesmo que você voltaria.

— Obrigada — agradeço e vou até o homem grandalhão de cabeça raspada.

— Ah, você deve ser a Malu Ruschel! — Ele balança o celular. — Reconheci a foto da tela.

— Sou eu, sim, obrigada. — Pego o telefone. — Senhor Vincenzo, há pouco tempo saíram do seu restaurante dois homens, um de terno e outro de calça e camisa jeans. — O italiano cruza os braços. — Eu conheço um deles, Guilherme, e gostaria de saber quem era o outro.

— Desculpe-me, mas são muitos clientes.

Eu assinto, não querendo insistir e agradeço novamente, indo na direção da Kika, que já está sozinha.

— E aí? — ela me indaga.

— Ele não se lembra de todos os clientes que estiveram aqui. — Ela franze o cenho, olhando para dentro do restaurante e, sem avisar, entra no estabelecimento. — Kika!

Ela não escuta meu chamado, indo em direção ao seu tão sonhado e festejado *chef de cuisine*. O homem está ao telefone, de costas para nós, e Kika, com a maior cara de pau, fica atrás do gigante, fingindo ler algo no balcão, mas flagrantemente escutando a conversa.

Quando ela volta, o sorriso na cara diz que conseguiu o que queria.

— Muitos clientes! — Bufa. — Aposto que seu peão foi o único a entrar neste lugar trajando jeans! Aff! — Ela abre um enorme sorriso. — O gostoso do Fiorentino estava ao telefone com um tal de Hal, falando que você tinha perguntado pelo Guilherme. Eles falaram algo sobre escritório na Paulista.

Paro um pouco para pensar, pois existem milhares de escritórios na Paulista, mas Hal... de onde eu conheço esse nome?

— Não é o dono daquele escritório em frente ao nosso prédio? — Kika ilumina meus pensamentos.

— Hal Navega, o famoso advogado! — Ela concorda. — Então ele voltou mesmo para cá, deve estar retomando sua vida.

— Deve estar tentando ajudar os tios, assim como você tem feito, Malu. — Ela segura meus ombros. — Vá conversar com ele!

— Eu não sei, Kika. — Respiro fundo. — Eu entendo os motivos de ele ter deixado São Paulo depois do que houve com sua filha, mas e sua esposa? Por que ele a abandonou em um momento tão difícil para os dois? E se ele voltou para, sim, ajudar os tios, mas também para retomar sua vida?

— Com ela? Amando você? — Ela ri. — Não sei o que houve, mas com

certeza ele teve motivos para fazer o que fez, Malu. Vá conversar com ele!

Assinto, e ela me abraça forte.

# 45

# Guilherme

*São Paulo, oito anos atrás.*

PRETO, TUDO À minha volta está escuro, em tons variados de preto. Eu nunca pensei no motivo pelo qual se usa essa cor quando se perde alguém, embora tenha perdido a minha mãe há quase um ano. Não, eu não devia usar preto naquele dia, nem ninguém mais, Maitê detestava essa cor! O mundo da minha menina era cor-de-rosa, lilás e até azul-celeste, mas nunca preto.

Não tive coragem de erguer os olhos durante a cerimônia fúnebre e olhar para o pequeno caixão branco rodeado de flores e bichinhos de pelúcia. Eu só conseguia ouvir o meu choro e o choro das crianças presentes, amigas da minha filha, que foram lhe dar seu último adeus.

Meu pai deu suporte para minha esposa, que parecia tão abalada que não conseguia se sustentar de pé. Eu chorei em silêncio, apenas deixando as lágrimas

correrem pelo meu rosto, sem emitir um só som ou mesmo me movimentar. Não conseguiria, mesmo se quisesse. Eu implodi quando aquele médico deu a notícia da morte da minha menina, deixei de ver sentido nas coisas, na vida e, nas horas que se seguiram, apenas agi como um autômato.

Tampouco vi o caixão baixar à sepultura. Apenas segurava seu bichinho predileto em minhas mãos como se fosse sua pequena mãozinha, como se pudesse mantê-la aqui comigo por mais tempo e fazer tudo diferente.

Saí do cemitério e me tranquei no meu quarto. Não falei com ninguém desde que acordei da sedação que me deram ainda no hospital. Eu não me sinto vivo. Sou apenas um homem tão carregado de arrependimentos e culpa que não sobra mais nada dentro de mim.

Eu queria que isso fosse um pesadelo e que eu pudesse acordar a qualquer momento e vê-la deitada em sua caminha, agarrada a esse patético coelho roxo, sonhando tranquilamente com unicórnios cor-de-rosa. Ela nunca mais estará no quarto ao lado, e eu nunca mais terei a chance de ser um pai de verdade para ela.

Os dias após o funeral foram se acumulando em semanas. Eu mal comia, bebia apenas álcool, mantendo-me entorpecido a fim de não sentir dor e conseguir dormir. No meio de cada noite, acordava suado, gritando, chamando por minha filha, tentando protegê-la.

A cena era sempre a mesma. Eu estava no carro e, assim que os tiros começavam, puxava-a para baixo e a protegia com meu próprio corpo, mas, quando tudo acabava, ela estava morta, toda alvejada, e eu, incólume.

Um colega de trabalho, doutor Marcelo Gusmão, procurou-me para uma consulta em domicílio e me prescreveu alguns medicamentos para depressão, ansiedade e insônia. Eu já não queria mais dormir e ter pesadelos, eu só queria sumir.

Sofia tentou conversar comigo, chorando e tentando me convencer de que ela também estava sofrendo. Eu realmente via que sim, afinal, era a mãe dela, mas sempre fazia a mesma pergunta:

— Onde você foi, Sofia?

Minha esposa se descontrolava e me atacava, jogando na minha cara a merda de pai que eu fui, tendo razão em todas as suas palavras, mas nunca me respondendo o que acontecera de verdade naquela maldita noite!

Sim! Eu a culpo, afinal, se elas tivessem seguido para o restaurante como era o combinado, Maitê e nosso motorista não teriam sido vítimas de tentativa de assalto, minha filha não estaria morta, e nem Anderson, em uma cadeira de rodas para sempre. Todos me dizem que é injusto e desumano continuar culpando-a, mas não consigo pensar diferente.

Eu deveria ter ido ao recital também! Sou tão culpado quanto Sofia, pois

fomos péssimos pais. Eu só quero entender o motivo das mentiras, só isso!

Na segunda semana em que eu fiquei trancado no quarto, Hal apareceu, e conversamos durante horas. Depois, no mesmo dia, Vincenzo, um amigo de infância, esteve comigo tentando me fazer enxergar que eu continuava vivo e que tinha ainda a missão de salvar muitas vidas.

Olho para a fachada do instituto, mas não consigo sair do carro. Algo dentro de mim mudou, e eu não vejo sentido em continuar fazendo o que fazia antes. Não quero mais viver daquele jeito, focado, fissurado no trabalho, priorizando minha carreira acima de todas as coisas.

Eu não posso mais viver assim!

Dou a partida no motor e dirijo para a casa do meu pai, querendo me sentir próximo da família, do aconchego que sempre tive com minha mãe, torcendo para que o doutor Ronald possa, pela primeira vez na vida, prestar atenção em mim como seu filho e não como sua sombra ou parte de seu legado.

Paro o carro de qualquer maneira em frente à porta principal da enorme mansão na qual morei dos 12 aos 17 anos, antes de entrar para a faculdade e ir morar sozinho na Vila Mariana. Há meses não venho aqui; na verdade, desde que minha mãe faleceu, eu não piso nesta casa. Eu não via mais sentido em vir para cá depois que ela se foi, pois dona Lucy era o elo familiar entre mim e meu pai. Depois de sua morte, nossa convivência passou a ser apenas profissional, então não havia motivos para eu vir visitá-lo.

Eu não tenho mais família! E ter perdido minha filha dessa maneira tão abrupta serviu para me mostrar que eu estava cometendo os mesmos erros que meu pai, sendo sua sombra até mesmo nas relações afetivas. Isso me faz questionar como eu seria visto por Maitê se ela tivesse a chance de crescer, e a resposta é aterradora. Talvez para ela teria sido ainda pior, uma vez que não teria nem a mãe que eu tive. Minha filha se sentiria solitária e cresceria sem conhecer o amor de uma família de verdade.

Entro na casa sem ao menos procurar pelo Edgar, o mordomo do meu pai, o homem que comanda a casa há muito tempo com mãos de ferro. Estranho que ele não apareça correndo assim que a porta da frente bate e aproveito a paz e tranquilidade de estar de volta ao meu lar... Balanço a cabeça, desmentindo meus pensamentos. Essa mansão milionária não é meu lar! Eu não tenho um!

Subo as escadas em direção ao quarto de mamãe mesmo sem saber se ele ainda está como ela o deixou, querendo apenas algum tipo de conforto que eu sei que não vou conseguir de mais ninguém. Meu coração está destroçado, todo o sentido da minha vida se perdeu e me sinto como se não soubesse mais nem quem sou.

Entro no quarto que era da minha mãe apenas para descobri-lo vazio.

Nenhum dos seus móveis ou qualquer sinal de que alguém habitou este cômodo se faz presente. Há apenas o vazio, e é o mesmo que se instala dentro de mim. Vazio total, deserto, solidão.

Fico um tempo ajoelhado sobre o piso de madeira, tentando achar um norte para seguir, qualquer coisa que me desperte, que me impulsione a voltar a viver. Todavia, o eco do meu próprio desespero é o único som que ouço; não há nada mais em mim.

Decido ir embora, mas, antes que alcance o topo da escada, ouço vozes alteradas:

— O que você queria?! — meu pai parece nervoso. — Eu disse a você que não criasse nenhuma expectativa desde o começo!

Fico intrigado por alguém ter conseguido extrair dele alguma emoção, mesmo que a impaciência, mas decido não ficar ouvindo, afinal, já tenho meus próprios problemas para lidar.

— Eu não aguento mais essa situação!

A voz de Sofia me faz paralisar, e eu seguro o corrimão de ferro fundido com força. Há sofrimento na voz dela, porém, o fato de minha esposa estar aqui, desabafando com meu pai, é-me totalmente estranho, afinal, os dois não mantêm nem uma conversa sociável, quanto mais uma discussão!

— O que você quer, Sofia? — Ele inquire. — Que eu assuma publicamente que venho fodendo minha nora há anos?

*O quê? Que merda é essa?!*

Viro-me na direção da suíte principal da casa, de onde vêm as vozes. A surpresa dessa revelação toma conta de mim, revoltando meu estômago, indignando-me a ponto de eu marchar até lá para comprovar com os meus olhos o que acabei de ouvir.

A porta, entreaberta, é a responsável pelo vazamento do som, e estico minha mão para escancará-la, mas paro assim que a escuto dizer:

— Não acha que esse segredo já fez estragos demais?! — Sofia chora. — Aquele maldito detetive causou a morte de dona Lucy ao lhe mandar fotos nossas juntos!

Encosto-me contra a parede, sem conseguir respirar, sem poder conceber a sordidez do que ela acabou de revelar.

— Foi pura sorte você tê-la encontrado antes de Guilherme e se livrado das fotos! — ela continua. — Agora... se eu não tivesse vindo te encontrar...

— Eu não sou o culpado pela morte da menina! — meu pai grita. — Foi uma fatalidade!

Sinto minhas pernas falharem e caio sentado no chão, com as costas ainda apoiadas na parede, segurando meus soluços. Minha mãe teve o derrame ao

descobrir que o marido – meu pai – estava tendo um caso com minha esposa, e, como se isso não bastasse, no dia em que minha filha foi morta, Sofia não conseguia ser encontrada porque estava trepando com ele!

Meu estômago, já revolto, ameaça pôr para fora o pouco de alimento que ingeri hoje. Quem são essas pessoas?! Eu convivi com ambos grande parte da minha vida, mas não os conheço absolutamente! Eles mentiram, enganaram e prejudicaram a ponto de tirar de mim as duas pessoas que eu mais amava neste mundo!

Levanto-me, secando minhas lágrimas, pronto para confrontá-lo, mas, antes de abrir a porta de supetão, penso melhor. Não! Eles não merecem ver meu sofrimento, apenas merecem sofrer!

Eu servi para meu pai apenas para manter seu trabalho vivo. Ele nunca me viu como um filho, mas sim como uma extensão de si mesmo, perpetuada. O grande orgulho do doutor Ronald é ter feito um filho homem para seguir seus passos. Esse sempre foi seu sonho e o motivo pelo qual ele se divorciou de sua primeira esposa assim que descobriu que ela não poderia realizar seu grande desejo.

Anos depois, encontrou minha mãe na faculdade onde tinha iniciado como professor. Casou-se com ela, e, logo após, eu nasci. Ele a descartou depois disso, não com o divórcio, mas como mulher. Humilhava-a constantemente por suas raízes simples, ser criada no interior do Mato Grosso do Sul e ser descendente de índios.

Minha mãe falava muito de sua família, mas nunca pôde retornar à fazenda onde passou boa parte de sua vida antes de ir estudar em Campo Grande e depois vir para São Paulo. Há um tio que nunca conheci, mas cujas cartas e de sua esposa, sempre carinhosas e preocupadas comigo, já li.

Eu não esperava consideração e fidelidade de Sofia, mas nunca poderia supor que meu pai pudesse fazer algo assim. Ele traiu não só minha mãe, mas a mim e causou enormes tragédias por causa dessa traição.

Saio da mansão decidido a fazer algo, pensando até mesmo em tirar minha vida para que ele perca seu grande sonho. Entro em meu apartamento, olho para as fotografias em cima dos aparadores e jogo uma a uma no chão. Destruo tudo que vejo à minha frente sem emitir um só grito e sem derramar uma só lágrima.

Entro no quarto de Maitê e descubro que Sofia já está encaixotando os brinquedos e roupas da minha filha, provavelmente pensando em doá-los. Sem pensar duas vezes, levo todas as caixas e malas para o carro e saio dirigindo pela cidade. Encontro uma agência de automóveis usados e troco meu carro por uma caminhonete tracionada.

Carrego a caçamba com as coisas da minha menina, compro um mapa e

sigo em direção ao Pantanal.

Dirijo sem parar, resoluto, decidido a sumir sem deixar nenhuma explicação ou destino. Danem-se os dois, eles se merecem! Eu quero apenas reconstruir, quero somente dar sentido à minha vida. Não sei se ficarei com meus tios, mas quero conhecê-los, quero dividir lembranças boas de minha mãe e de minha filha com eles e ver se, realmente, eles são a família que eu deveria ter tido e meu pai impediu, como sempre.

Um caminhão à minha frente traz uma mensagem escrita em sua lona: “Tragédias são apenas ponto de partida para um recomeço!”. Respiro fundo, pensando que a frase não poderia ser mais certa. Eu perdi tudo, deixei quem era para trás e agora preciso começar de novo.

# 46

# Guilherme

*São Paulo, dias atuais.*

— QUEM ERA A moça? — Hal me pergunta assim que as portas do elevador se fecham.

— Outro erro de julgamento — respondo seco.

Ele assente e fica quieto até estarmos no carro.

— É um belo erro de julgamento! — comenta, e eu bufo, não querendo falar sobre Malu. — E ela pareceu bem emocionada ao te ver.

— Porra, Hal, não!

— Eu já a tinha visto no restaurante. — Encaro-o ao volante depois dessa afirmação. — De onde estava sentado, pude ver assim que ela entrou com o Theodoros Karamanlis. — Cerro o punho ao imaginar que ela estava com o CEO da empresa onde trabalha, provavelmente comemorando sua promoção. — Não

é essa empresa que está interessada em arrematar suas terras no leilão?

— É, Hal! Encerra o assunto, é passado! — Fecho a cara, puto, não só por Malu ter traído minha confiança, mas por eu estar querendo quebrar a cara do tal do Karamanlis por ter almoçado com ela. — Esse Theodoros... — Hal me encara e depois volta a prestar atenção ao trânsito. — Ele é casado?

A gargalhada do meu amigo ecoa por todo o automóvel, fazendo com que eu me arrependa de ter feito tal pergunta idiota. O que isso impediria algo? Nem ser meu pai impediu Ronald de comer minha mulher!

— Não! — ele me responde. — O cara é um verdadeiro solteirão pegador. — Bufo. — Mas nunca ouvi sobre ele ter se envolvido com alguma funcionária, não se preocupe.

— Não estou preocupado — resmungo.

— Então ela deve ser a *hunter* que pesquisou sua fazenda... — ele continua me forçando.

— É. — Respiro fundo.

— Hum... — Ele para em um sinal de trânsito. — Muito, muito gostosa mesmo!

Encaro-o, puto com o comentário.

— Porra, Hal, não foda minha mente com essa merda! Caralho!

Ele ri mais ainda.

— Como você ficou boca suja depois de ter vivido esses anos todos a brincar de peão pantaneiro! — Resmungo outro palavrão, e ele clareia a garganta, voltando a dirigir. — Você vai me contar qual é a história com a *hunter* ou vou ter que adivinhar?

— Ela apareceu na fazenda fingindo que estava tirando férias e que foi enganada por uma amiga. — Hal franze o cenho. — Segundo ela, a amiga ia mandá-la para um SPA.

— E caiu lá naquele fim de mundo? Coitada! — Ele ri.

— Tudo mentira, Hal! Ela estava lá apenas com o intuito de investigar nossas terras e...

— Uma *hunter* não trabalha assim — estranha. — Se ela já tivesse interesse em suas terras, já teria ido com toda a pesquisa feita e com uma proposta a fazer. Eu conheço a Karamanlis, eles negociam a maioria dos grandes imóveis para empresas, administram prédios, condomínios, é a maior gestora de imóveis do país.

— E, pelo visto, jogam sujo!

— Não... — Hal parece pensativo. — Creia-me, eu saberia se eles fossem desse tipo, mas nunca ouvi falar nada sobre negócios sujos ou antiéticos envolvendo seu nome. Conheço o diretor jurídico deles, é um filho da puta,

arrogante e frio, mas trabalha dentro da lei e é um baita advogado.

— Não, eu sei que ela me usou para ter acesso à fazenda e fazer seus relatórios. Eu vi no computador dela, Hal.

— Certo. — Ele olha-me. — Contra fatos não há argumento, não é? — Concordo. — Balela, Guilherme! Você ao menos deu uma chance de a moça se explicar?

Bufo novamente.

— Ela disse que soube que poderíamos entrar em leilão e que pensou que seria melhor se a empresa dela tentasse comprar diretamente conosco, assim quitaríamos a dívida e ainda teríamos dinheiro para...

— Faz todo sentido! — Eu o olho, surpreso. — Você não deve saber, mas, dependendo do montante da dívida, o lance mínimo pode ser muito alto, e aí o leilão pode ser deserto. Se isso ocorre por duas vezes, o banco toma posse do imóvel como pagamento da dívida, e vocês ficam a ver navios! Claro que, para o banco, isso é desvantagem, porque o imóvel gera despesas, e isso é tudo o que ele não quer.

— A empresa dela entrou em contato com o banco, Hal! Ela tem interesse no leilão para comprar a preço de banana!

Ele suspira, vencido.

— Certo. Foi ela quem entrou em contato com o banco?

— Não sei! — respondo, incomodado com o assunto. — De qualquer forma, foi ela quem apontou a fazenda como local "perfeito" para o tal resort e desencadeou tudo isso.

Entramos no subsolo do prédio onde funciona o escritório, Hal estaciona e me encara de verdade.

— E fez você voltar para cá e resolver de vez todas as situações que deixou para trás? — Assinto, e ele ri. — Gosto dela! Além de ser bonita, é inteligente.

— Hal, porra!

Descemos do carro.

— Você sempre foi muito cabeça-dura e, pelo que percebi, se tornou um homem impulsivo e grosseiro. Você não deu chance a ela para explicar, fugiu de novo, como fez há oito anos!

— Não compare as situações! Expliquei a você tudo o que aconteceu há oito anos, quando te mandei aquela carta!

— Há mais de sete anos! — ele grita. — E, depois, mais nenhum sinal de vida, porra! Eu vi como você a olhou lá naquele terraço, é como eu olho para minha esposa, e eu quase a perdi para a morte, Guilherme! Eu quase perdi minha companheira, meu grande amor para uma doença que vai minando a gente junto com a pessoa que a carrega. — Paro de respirar ao notar o tamanho do

sofrimento que ele mantém dentro de si desde o tempo em que pensou que perderia a Graça. — Aproveite essa oportunidade que a vida está te dando. Resolva todas as suas questões aqui e, principalmente, resolva com essa moça, para que não se arrependa e seja tarde demais.

Concordo com ele, emocionado. Hal sempre foi o mais velho dos amigos, aquele que sempre conversava e aconselhava, mesmo quando cometia loucuras junto aos mais novos. Eu o tenho como a um irmão, assim como o Vincenzo, e isso, a distância que eu nos impus ao longo desses anos não mudou.

— O nome dela é Malu, Hal. — Ele sorri. — Ela disse que me amava antes que eu a expulsasse da fazenda.

— Você sempre foi um idiota para essas questões sentimentais!

Gargalho, concordando com ele, recebendo um abraço forte do homem que considero um irmão mais velho.

Eu vou resolver tudo o que vim fazer em São Paulo, quitar minha dívida com o passado, cortar as amarras de mágoa e dor que ainda me prendem e depois tentar conversar com a mulher que, mesmo sem querer, desencadeou toda essa situação tão necessária em minha vida.

Chega de fugir não só do passado triste, mas também de um futuro feliz.

Hal e eu ficamos pouco tempo no prédio, indo em seguida para o cartório, revogar a procuração que fiz ao meu pai assim que minha mãe faleceu. A partir dali, ele foi, junto a seu assistente, fazer o levantamento da situação dos meus bens, contas e ações, e eu segui até o shopping e comprei algumas roupas e um celular.

Passei no apartamento do Vincenzo, tomei banho, aparei minha barba, que estava enorme e disforme, vesti uma roupa mais apropriada para o que eu ia fazer, mas ainda bem distante do homem frívolo que eu era, e chamei um Uber, dentro do qual estou agora.

Durante o caminho, sinto nervosismo ao pensar no reencontro que terei, sem poder imaginar qual será a reação de Ronald. Quando o carro me deixa na porta principal do Instituto Neurológico Albuquerque de Medeiros – o famoso INAM –, tomo ar, acalmando as batidas do meu coração, e salto do carro.

Não reconheço ninguém na recepção, mas noto que foi recentemente reformada e que está mais moderna do que há oito anos. Vou até uma das moças que trabalham atrás do balcão e sou recebido com um sorriso de boas-vindas.

— Em que posso ajudá-lo? — ela pergunta, e eu vejo seu nome em um

botton pregado na lapela de seu blazer.

— Eu gostaria de falar com o doutor Ronald Albuquerque de Medeiros.

Ela ativa seu telefone, desses de cabeça e fala com a secretária do médico.

— A secretária dele ainda é Marilou? — indago, e ela assente.

— Marilou, como está a agenda do doutor? — Ela me olha em seguida. — Senhor, temos horário apenas na próxima semana.

— Não, eu não vim me consultar! — Estendo meu documento a ela. — Diga a Marilou que preciso falar com ele urgentemente.

— Marilou, ele disse que não veio se consultar. — Ela lê meu nome no documento e franze a testa, reconhecendo, claro, o mesmo sobrenome do seu patrão. — Sim, na identidade. — A moça fica vermelha. — Ele tem, sim, Marilou. — E encara meus olhos. — Certo. — Desliga. — Ela pediu ao senhor para subir. É no...

— Obrigado!

Pego o documento e me encaminho para o elevador. Sei qual é o andar: o último. Doutor Ronald nunca permitiu que alguém ou algo ficasse acima dele mesmo. Eu achava suas manias engraçadas, mas agora vejo o quanto ele tem problema com seu próprio ego.

Marilou espera-me à porta da sala de espera, olhos arregalados por trás de grandes óculos, mãos trêmulas e um sorriso. Ela trabalha com meu pai desde quando ele ainda atendia em consultório, há mais de 30 anos, e eu sempre a tive como uma pessoa fiel e dedicada ao trabalho.

Sou surpreendido por braços que me apertam contra o corpo pequeno e magro da senhora que me conhece desde criança. Sinto os tremores de um choro contido, o que faz minha consciência pesar por ter sumido por tantos anos, esquecendo que existiam pessoas que se importavam comigo.

— Marilou — chamo-a, e ela sorri. — Está tudo bem, sou eu mesmo.

— Eu nem consegui anunciar... — Ela soluça. — Eu tinha medo de ser mentira... Ele vai ficar tão feliz!

Sorrio, mesmo sabendo que não é verdade. Ela, assim como todos que me conheceram nesta cidade, pensam que eu surtei após o falecimento de Maitê e sumi no mundo. Eles não conhecem o verdadeiro médico a quem tanto admiram.

— Posso entrar? — Ela assente e vai comigo até a porta. — Doutor? — Marilou o chama. — Tenho uma surpresa para o senhor!

— Marilou, eu estou tentando relaxar aqui antes de...

Ronald gira na sua poltrona e me encara, arregalando os olhos assim que me reconhece. Vejo quanto ele envelheceu nesses anos todos. Continua bem vestido, lúcido e forte, mas há também certa fragilidade em seu rosto, um que por sinal é reflexo de como ficarei daqui a alguns anos.

Ele se põe de pé, ainda tentando assimilar que eu estou de volta. Em nenhum momento seus olhos azuis deixam os meus, nem mesmo quando ele pede à secretária que nos deixe a sós.

— Enfim voltou! — são as primeiras palavras que o homem que me gerou, que, à sua maneira, foi meu pai diz ao me ver depois de oito anos. — Nos últimos anos tenho questionado se estava vivo ou morto.

Rio, sarcástico.

— Muito vivo, como pode ver. — Entro totalmente na sala, aproximando-me de sua mesa. — Como vai, doutor Ronald?

— Muito bem! — Cruza os braços na frente do peito. — Apesar de seu sumiço e silêncio nesses anos todos! A última notícia veio de uma carta que aquele seu amigo advogado recebeu. Ele só nos informou que você estava bem e que precisava de um tempo.

— É?

— Sente-se, Guilherme! — Ele aponta para a cadeira à minha frente. — Você já procurou sua esposa?

— Não, ainda. Vim trazer um documento para o senhor. — Entrego-lhe o envelope. — É a revogação da procuração que passei quando mamãe morreu.

Imediatamente meu pai fica vermelho e toma o documento das minhas mãos. Ele parece embasbacado com o que lê, mas mantém sua postura. O que denuncia sua ira é apenas o tom de sua pele. Ele sempre foi assim. Tentou perder essa característica por toda sua vida, mas, sempre que fica enraivecido, cora.

— Que palhaçada é essa, Guilherme?

— Não é palhaçada, é um documento legal, já firmado em cartório. A sua procuração já não vale de nada. Sinto muito!

Ele olha o documento de novo, e vejo suas mãos, tão firmes, de cirurgião, tremendo. Sei que não é por causa da idade, afinal, ele tem 76 anos, mas sim por pura ira e nervosismo.

— O que você pretende? Primeiro, some sem dizer nada a ninguém por quase uma década. Nós ficamos meses procurando por você, ligamos para vários hospitais, visitamos necrotérios e...

— Com uma e outra trepada a cada visita, *papai?* — Ele arregala os olhos. — Ou aquela discussão na sua casa foi a última que você e *minha esposa* tiveram?

— Do que você está falando? — sua voz sai praticamente sussurrada.

— De você comendo Sofia por anos. — Sorrio. — Da mamãe ter tido um AVC depois de ter recebido fotos de vocês dois juntos...! — minha voz começa a se alterar. — De, enquanto minha filha era baleada e lutava pela vida, você estar com o pau enfiado na mãe dela!

Ele cai sobre a cadeira, respirando ruidosamente. Suas mãos tremem tanto que derruba o documento que lhe trouxe, informando a revogação da procuração pública em que eu lhe outorgava o direito de gerir todos os bens que herdei de minha mãe.

— Você sabia disso esses anos todos? — Ele não me encara mais.

— Sim, eu sabia — confesso. — Tive tanto asco de vocês que não pensei em outra coisa a não ser cair fora da imundície que tomou a família que eu pensava que tinha.

— Por que voltou agora? — Olha-me. — O que você quer?

— Não quero vingança, não vou atuar como se estivesse em um maldito filme! — Respiro fundo. — Eu fiz tudo para agradar você, tudo! Me tornei aquilo que o senhor desejava que eu fosse, deixei que me moldasse à sua imagem e semelhança como um deus! Não bastava sermos fisicamente parecidos, eu tinha que seguir sua carreira e fingir que era você, essa era sua ideia, continuar vivendo através de mim. — Escuto um soluço, mas ele mantém a pose. — Só percebi o quanto isso era frio e doentio quando perdi minha filha. Eu estava me tornando a sua cópia, e eu não queria isso! Aí ouvi a conversa de vocês... Como puderam? Não me indigno com a traição a mim, a seu filho, tão somente as consequências de toda essa sujeira!

— Eu não desejei que sua mãe morresse! Ela que contratou o detetive desgraçado sem motivo algum, afinal, nós não vivíamos mais como um casal! — Ele bufa. — Ela queria um motivo para o divórcio e para ganhar mais dinheiro a que tinha direito!

— Não seja idiota, ela não precisava disso! Ela deve ter notado algo e só quis confirmar. Você me dá nojo!

Ronald olha o documento.

— Eu vou contestar essa revogação. — Sua sobrancelha se ergue arrogantemente. — Você sumiu por anos, não tem condições psicológicas para gerir esse patrimônio.

— Nem tente! A não ser que queira essa sua historinha suja em todos os jornais do país!

— Você não teria coragem!

Gargalho.

— Você não me conhece mais! — Apoio minhas mãos sobre a mesa de carvalho e o encaro. — Eu não sou mais o mesmo, não me provoque. Hoje mesmo já solicitei que minhas ações do Instituto ficassem disponíveis à venda. — Ele se levanta e tenta retrucar. — Tenho certeza de que algum sócio minoritário tenha interesse.

— Eu criei este lugar, você não pode simplesmente passá-lo a estranhos!

Dou de ombros.

— Posso e estou fazendo isso. — Caminho até a porta. — Espero que esteja feliz, doutor Ronald; nem sua cópia seguirá seus passos e nem seu nome será imortalizado mais.

Bato a porta ao sair, e Marilou olha-me preocupada.

— Tudo bem, doutor?

— Sim, Marilou, por aqui, tudo resolvido.

Confiro as horas e ligo para o antigo número de minha esposa, esperando que ela o tenha mantido. O telefone chama várias vezes, mas ela não atende a ligação; provavelmente ainda esteja trabalhando.

Dentro de um Uber, ligo para o Hal e aviso que já acertei tudo com meu pai e que ele não irá contestar a revogação.

— Preciso apenas falar com Sofia. Estou indo para o Itaim Bibi e...

— Não, Guilherme. Eu vou chamá-la para uma reunião, e aí resolvemos tudo aqui no prédio. — Eu assinto, pois não sei qual será a reação dela, e, com testemunhas por perto, é sempre melhor. — Pedi à minha secretária para entrar em contato com a Sofia e consultar sua disponibilidade.

— Estou indo para seu escritório, então.

— Eu estou no fórum, chego lá em alguns minutos.

Fico um tempo olhando para o telefone celular em minha mão, desejando ter o número da Malu para ouvir sua voz e matar um pouco da saudade. Hal tem razão ao dizer que não deixei que ela se explicasse. Nós dois precisamos conversar, afinal, há muito sobre minha vida que nunca disse a ela, nem mesmo quando ela questionou.

Não estou disposto a perder mais nada na minha vida. Quero manter a fazenda, investir nela e ter a Malu ao meu lado. Eu a amo, não deixei de amá-la em um só momento durante essa correria que se tornaram esses dias longe dela.

Dias... Respiro fundo, sentindo como se já houvessem passado semanas longe da mulher que amo. Como pensamos que poderíamos seguir em frente como se nada tivesse acontecido depois que acabassem as férias dela? Como pudemos nos iludir tanto? Simplesmente é impossível ignorar o que nos aconteceu.

Quis o destino que ela fosse levada até mim não só para que eu pudesse amar e ser amado por ela, mas também para que eu pudesse resolver as questões do meu passado. Enfim, agora, tenho a chance real de recomeçar, sem fuga, sem me esconder, apenas seguindo em frente no intuito de ser feliz.

Eu só espero que ela ainda queira conversar comigo. Depois, poderemos resolver como faremos para nos manter juntos mesmo à distância, mesmo ela aqui em São Paulo, continuando a trabalhar com o que ama, e eu lá no meu

Pantanal.

O encontro com Sofia foi surpreendente em todos os sentidos.

A mulher com quem fui casado por quase oito anos ainda continua linda, alta, com porte de modelo internacional, e os cabelos negros e lisos que ela usava à altura da cintura na época em que fui embora agora estão cortados nos ombros.

Ela estava surpresa com minha volta, mas foi polida. Não houve lamúrias e nem agressões verbais, como eu imaginei que poderia acontecer. Sentamo-nos na sala de reuniões do escritório com Hal servindo de mediador e com uma advogada especializada em direito de família já a postos para entrar.

Sofia perguntou-me onde eu havia estado e o motivo pelo qual eu tinha sumido.

— Meu pai não ligou para você? — perguntei.

— Hoje?

Assenti, e ela negou.

— Eu descobri o caso de vocês. — Imediatamente ela ficou sem jeito e olhou para o Hal. — Ele já sabe de tudo, Sofia.

Ela se descompensou um pouco, chegando a derramar algumas lágrimas.

— Eu era muito imatura e fiquei deslumbrada... — Sorriu sem jeito. — Eu achava que o amava, mas...

— Percebeu que ele só pode amar a si mesmo? — Ela sorriu, triste, e assentiu. — Você se sente culpada, Sofia?

Ela desabou, chorando a ponto de soluçar. Eu só a vi perder a compostura assim no enterro de Maitê, pois geralmente era uma mulher mais segura e que não demonstrava muito suas emoções.

— Eu nunca vou me perdoar, Guilherme — respondeu entre soluços —, por tudo o que esse relacionamento clandestino resultou. Eu juro a você, nunca quis nada disso, eu apenas...

— Eu vim propor um acordo de divórcio. — Ela assentiu, limpando o rosto. — Demoramos muito para resolver nossa situação, e eu não quero mais protelar isso.

— Eu procurei um advogado para ingressar com o processo litigioso, mas, como não sabíamos onde você estava e nem se ainda vivia... — Ela olhou para a aliança em seu dedo, chamando a minha atenção para a joia que usava, pois não era a mesma que lhe dera anos atrás. Sorriu sem jeito. — Eu estou em um

relacionamento há uns três anos. Ele sabe de toda essa história com o doutor Ronald e, mesmo assim, conseguiu me amar.

Por incrível que possa parecer, eu fiquei feliz por ela. Não posso perdoá-la pelo que fez, afinal, isso custou a vida da minha mãe, e nem por não ter estado com minha filha naquele dia. Sei que ela ainda carregará essa culpa por muitos anos e que isso deve machucá-la demais.

Acertamos os termos do divórcio, inclusive dispus a parte dela como herdeira da Maitê, adiantando os trâmites. Assinamos o acordo, e Hal irá, já amanhã, protocolar a petição requerendo a homologação judicial.

— Eu espero que você seja feliz, Guilherme. Do fundo do meu coração, eu espero! — foram suas palavras de despedida antes de deixar a sala de reuniões junto com a doutora Tessália, a advogada que a acompanhou durante o acordo.

— Um brinde a oito anos resolvidos em apenas um dia!

Tirando-me dos pensamentos da reunião que terminou há alguns minutos, Hal me entrega um copo de bourbon, mas eu o rechaço, pegando uma cerveja em seu frigobar. Brindamos, enfim, a uma nova vida que se abre para mim, ele com seu uísque americano, e eu, com uma *long neck* gelada.

Saímos juntos do escritório. Hal me convida para jantar com sua família, mas eu quero muito descobrir onde a Malu mora para poder ir atrás dela, porém, sem saber onde começar a procurar a informação.

— Acho que vou ter que ir até a tal Karamanlis para pedir o endereço dela.

— Vincenzo deixou um recado no meu celular dizendo que Malu Ruschel perguntou por mim. — Sorri. — Eu acho que ela queria saber de você.

Sorrio, cheio de esperança de conseguir falar com ela ainda hoje. Confiro as horas.

— Será que ela ainda está trabalhando? São quase 22h!

Hal ri.

— Você perdeu mesmo o ritmo daqui! Claro que deve estar! Eu estou saindo a essa hora por causa da nossa reunião, pois costumo ir mais cedo, porém, tem advogados aqui que saem quase à meia-noite para cumprir prazos.

— Não tenho saudade dessa vida! — Olho para o prédio com o nome da empresa na fachada e tomo uma decisão. — Vou até lá, Hal!

— Vá! Boa sorte!

Atravesso a Avenida Paulista, ainda movimentada mesmo com a hora tão avançada, e entro no prédio.

— Boa noite! — um segurança me aborda antes que eu consiga acessar o saguão. — Estamos fechados, senhor.

— Sim, eu sei. Eu só quero falar com alguém que trabalha aí e acho que ela ainda está no prédio.

— Qual o nome da funcionária, senhor? — falo o nome completo da Malu, e ele faz uma ligação. — Lamento, senhor, ela não está mais no prédio.

Agradeço e viro as costas, pronto para andar pela calçada da Paulista, como há muito não o faço, quando ouço alguém gritar meu nome:

— Guilheeeeeeeeeerme! — Viro a tempo de ver uma mulher de tamanho mediano, cabelos curtos na altura das orelhas, correndo em minha direção. — Oi, você é o Xucro, não é?

Eu rio do apelido, sabendo que ela conhece a Malu e sabe da nossa história.

— Sou, sim, e você deve ser a Kika, a amiga que a mandou para o meio do nada!

Ela sorri.

— Sou eu, Kika, a amiga que a mandou para você, seu peão *fake*!

# 47

## Malu

SAIO DO VILLAZZA SP com a voz de Kika martelando minha mente, mesmo enquanto estamos quietas dentro do Uber: “Vá conversar com ele!”. Eu não me sinto segura para procurar o Guilherme, não depois de ter me encontrado com ele no terraço do hotel e ter sido sumariamente ignorada quando o chamei.

Deus! Foram só dois dias longe, e eu sinto uma enorme falta dele!

Eu nunca me imaginei apaixonada por alguém como sou por ele, e saber que pus tudo a perder dói de uma forma absurda. Ainda assim, sem esperança de conseguir fazê-lo entender o que tentei fazer, não me arrependo de ter tomado a decisão de não apresentar a Paraíso para o grupo Yannes.

Descemos do Uber em frente ao prédio da Karamanlis, e eu olho para o outro lado da rua onde fica o escritório do Hal Navega. Estamos as duas, Kika e eu, paradas no meio da calçada, olhando para o prédio, mas sem atravessar a avenida.

— Já decidiu o que você quer fazer? — Kika me questiona.

— Ele pode muito bem apenas ter só almoçado com o advogado — raciocino. — Provavelmente não está ali no prédio.

Kika bufa.

— Você só vai saber se for até lá!

Encaro-a, completamente insegura, procurando em seu semblante alguma esperança. Minha amiga sorri e faz dois círculos no ar com os braços antes de apontar para o outro lado.

Respiro fundo, armando-me de coragem e atravesso a avenida com o coração retumbante e a cabeça dando voltas. Seguro minha bolsa como se tivesse com medo de perdê-la a qualquer momento, mas é apenas apreensão; preciso descarregar a tensão em algo, então sobrou para a alça.

Entro no hall do prédio e, como em quase todo local em São Paulo, tenho que fazer um cadastro para acessar os andares do escritório.

— Com quem a senhorita deseja falar?

— Hal Navega, do escritório de advocacia... — Eu não sei nem mesmo o nome certo do advogado ou do escritório.

— Ah, doutor Hamilton Navega. — Ela sorri. — Só um momento, por favor. — Espero que ela converse ao telefone com alguém enquanto sambo de um lado para o outro perto do balcão. Quem estiver me olhando provavelmente vai pensar que estou com alguma dor de barriga. — Eu vou liberar a senhorita para falar com a assistente dele, certo?

Recebo o crachá que libera as cancelas que dão acesso aos elevadores e subo até o andar indicado. Lá, uma bela moça vestida com terninho preto, com coque alto que combina com seus olhinhos puxados me atende.

— Boa tarde, senhorita Ruschel, meu nome é Betina Nikko, em que posso ajudá-la?

— Boa tarde, eu gostaria de falar com o doutor Hamilton Navega.

Ela sorri.

— O doutor não se encontra no escritório. Qual seria o problema? Porque, assim, eu posso indicá-la à coordenação certa.

— Não, eu não tenho nenhuma ação para propor. — A assistente franze o cenho. — Na verdade, vim procurar o doutor Hamilton porque encontrei-me com ele hoje no Villazza SP e ele estava acompanhando um amigo meu cujo contato não tenho e...

— Ah... Sinto muito não poder ajudá-la com isso. — Ela sorri, simpática. — Eu não estou autorizada a dar informações sobre clientes, mas posso deixar algum recado ao doutor para que, quando ele...

— Não, tudo bem. — Sinto-me constrangida. — Eu vou tentar conseguir

alguma forma de falar com esse meu amigo, obrigada.

— Por nada. Boa sorte!

Saio daqui desanimada e sigo direto para a Karamanlis, pensando em trabalhar um pouco e tentar esquecer o Guilherme por hoje. Encontro minha equipe toda reunida na pequena sala de reuniões do meu andar, tendo Kostas Karamanlis a lhe falar.

O homem silencia-se assim que me vê, e todos olham para mim, assustados. Kika se levanta, pega minha bolsa com um sorriso e se senta ao meu lado em volta da mesa.

— Boa tarde a todos — cumprimento-os.

Alguns retornam, outros, não, e eu percebo que, seja o que seja que Kostas esteja falando, é sobre minha decisão de tirar a Paraíso da apresentação.

— Então — ele continua — eu continuarei monitorando o agendamento do leilão, porém, independentemente de ele ocorrer dentro do prazo do projeto de vocês ou não, a fazenda Paraíso não será contabilizada na meta do setor de *hunter*, consequentemente, não será distribuído o bônus para a equipe ratear.

Fecho os olhos ao me lembrar do bônus e entendo a frustração de todos os membros da equipe. Sem o negócio, sem o bônus de fechamento da conta e, como eu abri mão de apresentar o projeto, a aquisição da Paraíso, caso ocorra, entrará para a contabilização geral da empresa.

Kika aperta minha mão com força, dando-me apoio, pois sabe que, depois de hoje, eu nunca mais conseguirei ter o apoio e o respeito dos meus colegas de trabalho. Claro que, se eu continuar sendo a chefe do setor, terei a colaboração de todos, mas nunca mais trabalharemos com o clima descontraído.

Kostas termina sua explanação e passa por mim sem ao menos me cumprimentar. Estou pronta para ouvir os questionamentos sobre os motivos de eu ter desistido de apresentar a Paraíso, mas não preciso. Um por um da equipe vai abandonando a sala em silêncio, deixando-me apenas com Kika e Leo ao meu lado.

— Eu quero dizer que eu entendo sua postura, Malu — Leo declara. — Eu sabia desde o início que você estava preocupada com a compra dessas terras e não queria de forma alguma que elas fossem a leilão. — Ele sorri. — O pessoal ficou meio desmotivado por causa da grana, mas daqui a pouco isso passa.

Eu lhe agradeço o apoio, e ele sai da sala.

— Nunca mais vou ter moral para...

— Esquece isso! Como foi lá no escritório? Conseguiu a informação?

— Não. O doutor Navega nem estava lá, segundo sua assistente. — Kika pensa um pouco e pega o telefone em cima da mesa de reunião. — O que você vai fazer?

— Simplificar as coisas, ora essa! — Ela disca o número da fazenda, e eu arregalo os olhos. — Com certeza eles sabem o número do celular do Guilherme.

Claro! Como não pensei nisso antes?! Fico aguardando que ela fale algo, mas o tempo passa e ninguém atende. Ela retorna uma, duas, três vezes, e nada.

— Deve estar sem sinal por lá — ela justifica. — No dia em que você chegou, eu liguei o dia todo e não consegui falar.

— Sem sinal! — concordo. — Mas sabe o que mais? Eu não tenho por que ficar indo atrás dele, Kika! Eu nem sei o que o trouxe aqui afinal! — Kika rola os olhos. — Ele disse que não me queria mais na vida dele, me ignorou lá no hotel, além disso, ainda tem a esposa, que ele nunca se lembrou de mencionar! — Respiro com raiva, sentindo-me disposta a esquecer isso tudo. — Eu quero ajudar, sim, mas isso não quer dizer que ainda temos que ficar juntos!

— Quer saber? Você tem razão! Aquele peão embuste que, se quiser, venha atrás de você agora! — assim que diz isso, beija seu próprio ombro e me dá uma piscadinha.

Rindo do jeito dela, volto para minha sala, sentando-me no local onde passava tantas horas do meu dia, onde me dedicava e me sentia feliz, porém, não consigo ver mais graça no trabalho. Pelo contrário, acho-o maçante e previsível, buscar imóveis para novas empresas e nunca acompanhar nenhuma delas, partindo logo para outras.

Estranhamente bate-me a vontade de fazer algo que eu possa ver crescer, participar ativamente e não apenas lutar para conseguir e seguir adiante em um novo desafio. A ideia de ter meu próprio negócio já passou pela minha cabeça. No entanto, pensei que isso seria depois que eu já tivesse montado uma estrutura financeira confortável, depois de anos na diretoria da Karamanlis.

Enfim, ainda tenho meu emprego, mas a diretoria não será minha, isso com certeza!

Trabalhei até quando aguentei e, às 19h, vim para casa, como qualquer outro ser humano normal, para descansar.

Deixei Kika ainda atarefada com outros projetos e gostei de ver como ela evoluiu como líder e como profissional. Está segura, consegue planejar e delegar, acompanhar o serviço dos outros sem se meter demais, descentralizando competências, mas cobrando resultados. A verdade é que ela me superou nesse quesito, tornando-se uma gerente melhor do que eu.

Tomei um banho longo na apertada banheira dentro do boxe da minha suíte, lembrando-me da delícia que foi tomar banho com Guilherme naquela hidro em Aquidauana. Coloquei o kaftan que usei durante o acampamento, lamentando tê-lo lavado e perdido o perfume do Xucro.

Comi uma refeição leve, uma sopa congelada que Kika comprou para mim de um restaurante, ontem, e me instalei em minha cama. Criei uma conta da tal da Netflix – coisa que nunca tive tempo de fazer – e fiz uma lista de filmes românticos com final triste.

Estou aqui, apreensiva, ainda na metade do primeiro filme escolhido, chamado "Um amor para recordar", quando ouço o interfone tocar. Consulto as horas e sorrio, satisfeita por ter alguém para dividir a pipoca e as lágrimas, pois certamente é a Kika.

— Malu Ruschel — atendo.

— Senhorita Ruschel, há um senhor chamado Guilherme solicitando subir ao seu apartamento — informa-me o porteiro remoto, uma das facilidades oferecidas pela parte de gerenciamento de condomínios da Karamanlis. — Posso autorizar?

— Guilherme? Você tem certeza?

— Sim, só um minuto, que vou verificar o nome completo. — Ele fica mudo, e estou começando a tremer. — Confirmado pela habilitação, senhorita Ruschel, Guilherme Albuquerque de Medeiros.

— Sim... — respondo emocionada. — Pode deixá-lo subir.

*Ele veio atrás de mim!*, meu cérebro não para de registrar essa informação, enquanto dou uma última olhada no espelho apenas para conferir se não tenho casca de milho de pipoca nos dentes. Abro a porta no mesmo instante em que ele sai do elevador.

*Meu Deus!* Fico sem fôlego ao vê-lo vestido com roupas esporte fino: calça de alfaiataria cinza escuro, *slim*, marcando suas coxas e uma camisa social que aparentemente me parece toda azul, mas que de perto descubro que tem pontos azuis em um fundo cinza.

Vestido assim ou como peão, não importa; o corpo e o sorriso, além dos olhos azuis brilhantes, estão aqui e são os mesmos.

— Oi — cumprimento-o ainda testando o terreno, sem saber o motivo que o trouxe até mim.

Ele demora a responder, sério, olhando-me intensamente. Fico nervosa, minhas mãos suam e meu coração se aperta, receoso com o que ele possa me falar, afinal, eu estive atrás dele no escritório de seu amigo, além de ter perguntado por ele no restaurante. Meu orgulho capricorniano aliado ao medo da rejeição me fazem ficar armada, pronta para me proteger da dor.

— O que você veio fazer aqui? — pergunto. — Eu sei que troquei os pés pelas mãos, mas estava apenas tentando ajudar vocês! Não precisa vir aqui me humilhar ainda mais! Eu disse que te amava, e você fez questão de jogar na minha cara que isso não importava! — Ele tenta falar, mas não deixo: — Agora aparece aqui, mesmo depois de ter me ignorado no terraço do hotel... Para quê?

— Eu vim retomar as rédeas da minha vida e...

— Vai retomar seu casamento? — Ele se afasta de mim. — Você sequer me disse que era casado, Guilherme!

— Você nunca perguntou, Malu! — defende-se. — Além do mais, essa situação se manteve apenas em um pedaço de papel. Já não havia casamento há muito tempo!

— Ainda assim, eu não entendo o que você veio fazer aqui! — pressiono-o. — Se está preocupado com a fazenda, saiba que não há mais o risco de...

Ele põe a mão sobre meus lábios.

— Eu não vim até seu apartamento por causa da fazenda! — enfatiza, e seguro o fôlego ante essa afirmação. — Não vou retomar o casamento ou a vida que deixei para trás. Vim aqui apenas para dizer que sou mesmo um xucro, Dondoquinha — assim que ele pronuncia meu apelido, eu desabo, chorando como uma doida, sendo acolhida entre seus braços em um abraço carinhoso e apertado. — Na verdade, vim pedir perdão por toda a grosseria que fiz contigo, por não ter deixado que você me explicasse tudo, por ter te afastado da minha vida. — Sorri, secando meu rosto. — Sou mesmo um xucro!

— É, você é um xucro! — concordo entre soluços, e ele beija minha boca devagar.

— Eu sou *seu Xucro*, Dondoquinha! — Suas mãos deslizam pelos meus ombros até meus cotovelos. — Eu não quero perder você, Malu, não quero perder a gente. Quero recomeçar tendo a chance de viver esse sentimento. Você é a minha chance de ser feliz.

— Eu também quero! — confesso. — Não vou apresentar a Paraíso para o cliente! — disparo, já querendo deixar bem claro.

Guilherme sorri e assente.

— Acabei de saber disso pela sua amiga. — Franzo o cenho. — Eu fui até o prédio da empresa em que você trabalha, não te encontrei, mas a Kika estava lá.

Gargalho pela cara que ele faz, sabendo que achou minha amiga um tanto doidinha. Ah! Eu amo demais aquela maluca!

— Foi ela quem te deu o endereço? — indago.

— Vamos ficar conversando aqui na porta? — Ele sorri malicioso. — Onde está sua educação, Dondoquinha?

Chego para o lado a fim de deixá-lo entrar no meu apartamento, mas sou

surpreendida quando Guilherme me ergue em seus braços.

— Para onde? — sua pergunta é feita quase sem fôlego, em tom baixo, rouco, com seus olhos cravados nos meus. Aponto a direção em que fica o quarto, escuto a porta bater, e caminhamos para lá.

Sou depositada com carinho no meio das minhas almofadas. Guilherme não olha nada em volta, apenas se concentra em mim. Nossas bocas se encontram ávidas, como foram todos os nossos beijos até agora, seus dedos embolados nos meus cabelos, seu corpo sobre o meu, fazendo pressão sobre o colchão que nunca dividi com ninguém.

— Eu te amo, Malu — Guilherme sussurra enquanto beija meu pescoço e sua mão invade meu kaftan. — Eu sou completamente louco por você!

Seguro seu rosto com firmeza, fazendo com que ele me encare.

— Eu deveria ter dito isso a você há muito tempo. — Ele sorri. — Eu nem me dei conta de que estava apaixonada até começar a ter medo de te perder. Nunca vivi isso, é novo demais para mim, mas, pela primeira vez na vida, me sinto completa, feliz. — Guilherme roça seu nariz no meu. — Eu amo você, Xucro!

— Ah, Dondoquinha, eu sei! Mas ouvir isso de você é como um sonho! — Beija-me. — Temos tanto para conversar! Eu preciso te dizer...

Coloco um dedo sobre seus lábios, calando-o.

— Temos tempo... — Ele sorri e morde meu dedo. — Quero você dentro de mim agora!

Guilherme não se faz de rogado e, entre risadas, nós nos despimos apressados, beijando-nos sem parar, tocando um ao outro.

Meu Xucro deita-se esparramado na minha cama, seu pau gostoso na mão.

— Vem aqui! — chama.

Eu me preparo para cavalgá-lo, mas sou puxada para cima, e seus lábios abocanham-me no exato momento em que eu gemo. Agarro seus cabelos, já maiores do que quando ele e eu começamos a dormir juntos, mantendo seu rosto aprisionado entre minhas coxas enquanto sua língua me lambe e fode sem dó.

Guilherme segura-me pelos quadris, levantando-me e empurrando levemente para o lado. Eu sorrio, safada e mudo de posição, sentando-me sobre seu rosto, deitando-me sobre seu corpo e recebendo seu pau em minha boca. Os gemidos abafados enchem o quarto enquanto damos prazer um ao outro ao mesmo tempo, em um perfeito 69.

Eu gozo sobre seu rosto, rebolando sobre a barba, engolindo seu membro o máximo que posso antes de sentir os jatos quentes e a pulsação de seu gozo em minha boca.

Enfim estou dividindo minha banheira com um homem e não é um qualquer, é o homem que eu amo!

*Homem que eu amo!*

Passo a esponja sobre o peito do Guilherme enquanto ele descansa a cabeça sobre meus seios. Depois do delicioso sexo oral desmedido que fizemos, ficamos um tempo na cama a conversar.

Guilherme me contou sobre seu passado, e descobri como ele era parecido comigo em relação à carreira e objetivos, porém, era apaixonado pela filha, o que deveria ter equilibrado mais as coisas, mas, pelo que percebi, não aconteceu, e ele se ressentia por não ter tido a oportunidade de demonstrar à pequena menina o quanto ela fora importante em sua vida.

Eu o ouvi, com lágrimas nos olhos, falar dos momentos que passara depois do enterro, do desespero que sentira e a vontade de voltar no tempo e fazer tudo da maneira certa. Percebi que ele se culpava, entendi essa culpa e soube que somente o tempo poderia curar esse sentimento.

Quando, enfim, ele me contou o motivo de ter abandonado tudo e fugido para a Paraíso, eu desmontei. Como um pai pôde ter feito isso? Como pôde ser frio a ponto de ver a esposa morrer e ainda se preocupar em limpar sua sujeira para proteger sua imagem?

— Como eles puderam continuar com isso? — perguntei, estupefata, quando soube que a mulher dele abandonara a filha com a babá no recital e fora procurar o amante.

— Não sei. — Guilherme passou a mão no rosto. — Ela me disse que estava apaixonada por ele, que era imatura e o admirava. Doutor Ronald provavelmente só estava alimentando seu ego com uma mulher jovem, casada com seu filho. Talvez ele sentisse que, de alguma forma, isso o mantinha sempre em um nível melhor que eu em tudo.

— Deus do Céu! — Estava chocada. — Sei que é seu pai, mas que homem desumano!

— É, sim... — Ele cheirou meu pescoço. — Não quero mais falar disso. Precisava te contar minha história e acalmar você com relação à fazenda. — Sorriu. — Se tivéssemos conversado antes, você nem precisaria ter se exposto tanto no trabalho. — Eu não entendi o que ele quis dizer. — Não vai haver leilão!

— Não? — Meu coração disparou de alegria.

— Não! — Beijou a ponta do meu nariz. — Hal está negociando a dívida com o banco. No momento, não tenho liquidez necessária para quitá-la, mas tenho bens que podem segurar um pouco a situação até que eu consiga o dinheiro.

Abracei-o apertado, sentindo um enorme alívio passar por mim ao saber que a fazenda não corria mais o risco de parar nas mãos de estranhos, que o seu Sandoval e a dona Sueli continuariam nas terras que amavam.

— Eu não me importo com o trabalho, não mais! — confessei. — Se a situação na Karamanlis ficar ruim para mim em questão de convívio e respeito, eu já estou pensando em pedir demissão e iniciar algum negócio próprio.

Guilherme olhou-me como se tentasse entender o que eu acabara de lhe dizer.

— Esse novo negócio tem que ser em São Paulo? — Abri um enorme sorriso ao negar. — Já pensou alguma vez na sua vida em investir em turismo sustentável?

— Gosto dessa ideia! Há algum projeto em andamento?

— Teria... mas eu acabei por decidir que vou retomar minha profissão. — Eu me sentei na cama, olhando-o pasma, e ele aproveitou para se pôr de pé e colocar a cueca. — Quero fazer isso, mas não aqui em São Paulo. Aquela área onde estamos é remota demais e cheia de pessoas. São muitas fazendas, muitos peões, fora o pessoal da vila.

— Você está dizendo que...

Eu tremia de emoção ao pensar que ele estava retomando as rédeas de sua vida, finalmente.

— Sim, quero clinicar lá, oferecer meus serviços a quem mais precisa. — Ele pareceu constrangido. — Sou bom médico, mas há muitos anos era movido apenas pelo status, dinheiro e a possibilidade de fazer o meu nome, como meu pai fez o dele. — Sentei-me na beirada da cama, enquanto ele andava pelo quarto. — Quero transformar a Paraíso numa pousada focada em turismo de conservação, estudo e observação. Continuaremos a lidar com o gado, mas ele será manejado corretamente e em atividade secundária. — Concordei. — Lá dentro, como nossa fazenda fica bem no meio da margem do Rio Negro, quero instalar uma pequena clínica para atender a vizinhança.

— Ah, Guilherme! — Minha cabeça já traçava planos para fazer isso acontecer. Eu não podia evitar ser quem eu era, então, uma lista foi se formando em minha mente de coisas a pesquisar para a viabilidade do negócio. — É uma ideia incrível!

— Se quiser, você pode entrar como investidora, nem precisa se mudar para lá se não quiser. — Isso me deixou tensa, e ele pegou minhas mãos. — Não

importa onde você queira estar, Malu, eu não vou abrir mão de você, do nosso amor. Eu gostaria de pedir para que você fosse embora comigo, mas agora não tenho nada a lhe oferecer. Ainda sou um homem casado, embora espero que seja por pouco tempo e não quero que você abra mão do que ama para...

— Eu amo você — interrompi o seu discurso altruísta.

Guilherme ficou parado, encarando-me. Eu juro que podia ouvir as engrenagens em seu cérebro processando aquela minha declaração e todas as possibilidades que ela abria.

— Quer saber? Foda-se! — Ele fincou um joelho no chão, e eu dei uma risada nervosa. — Se alguém perguntar, invente algo mais romântico, certo?

— Para o quê? — inquiri rindo, mas com lágrimas ardendo nos olhos.

— Para meu pedido! — Ele beijou minhas mãos. — Maria da Luz Ruschel... — Eu rolei os olhos ante o nome completo, mas adorei ouvi-lo naquele momento. — Você aceita se casar, quando eu já estiver livre, comigo e entrar de cabeça em um projeto que pode não dar certo, além de voltar a viver no mato, como você nunca quis?

Eu gargalhei e agarrei seu rosto, secando com os polegares as lágrimas que escorriam na sua bochecha.

— Claro que eu aceito, meu doutor Xucro! — Ele sorriu. — Eu adoro um desafio!

Foi assim que nos beijamos sem parar e viemos parar nesta banheira, onde ele cochila enquanto eu esfrego a bucha em...

Minha mão é presa pela dele e levada para baixo em seu corpo, diretamente para o local que eu achava que dormia junto com ele.

— Xucro! — Mordo sua orelha.

— *Seu* Xucro, Dondoquinha!

# Epílogo

## Malu

ALGUMA COISA ROÇA em minhas costas enquanto durmo, e eu tento me livrar do contato estranho. Volto a dormir e sonhar que Guilherme está em meu apartamento, faz-me gozar como só ele consegue, além de me pedir em casamento, mesmo ainda sendo casado no papel.

De repente, no meio do sonho, surge uma linda mulher parecendo uma modelo e esfrega a aliança na minha cara, dizendo que nunca lhe dará o divórcio. Eu a ignoro por completo, soprando o esmalte molhado das minhas unhas e cantando – horrorosamente até no sonho – “Amante não tem lar”, uma música sertaneja cujo cantor nem sei quem é.

Acordo assustada e escuto a mesma música tocando bem alto no meu apartamento – sim, no meu apartamento, acostumado a ressoar jazz, soul music e, no máximo, R&B – e com um danado bem afinado seguindo-a.

Sorrio, mesmo contrariada com a música, reconhecendo a melodiosa voz do

Guilherme vindo da cozinha.

*Não foi um sonho!*

Pelo menos a parte boa, porque a outra, graças a Deus, foi só um pesadelo muito estranho. Fico na cama, ouvindo-o cantar outra música sertaneja de alguma estação de rádio que ele sintonizou no meu aparelho de som. Pelo jeito, vou ter que me acostumar a ser acordada assim, com meu doutor peão xucro cantando de manhã.

— Bom dia, Dondoquinha! — Ele entra no quarto com uma bandeja de café da manhã. — Pensei que fosse passar a manhã toda embolada aí nas cobertas.

— Sua cantoria estranha me acordou! — Tento parecer rabugenta, mas o cheiro do café recém-passado me faz abrir um sorriso. — Tive um sonho estranho...

Guilherme me estende uma xícara com a bebida bem forte, amarga e quente, do jeito que gosto, e uma fatia de pão, que penso em rejeitar, mas a pego, intimidade pelo olhar dele.

— Sonhou com o quê?

— Com sua ex-mulher. — Ele franze a testa, provavelmente se perguntando como eu posso ter feito isso. — Eu dei uma de *stalker* e olhei algumas fotos dela na internet.

Ele fica sério.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Curiosidade! Quando descobri quem você era... Sei lá, queria saber quem era a mulher com quem você se casou.

— Justo. — Bebe o café. — O que ela fazia em seu sonho?

— Dizia que não ia dar o divórcio...

Guilherme ri.

— Não se preocupe com isso, Dondoquinha, o acordo já está assinado, falta só o juiz homologar. — Não disfarço meu alívio. — Mas, ainda que ela não quisesse assiná-lo, eu não iria abrir mão de você. — Chega bem perto de mim. — É tão importante assim ter um casamento tradicional?

— Não — respondo sincera. — Eu nunca nem pensei em casar! Se você quiser, não me importo em apenas morarmos juntos.

Ele segura meu queixo, fazendo-me encará-lo.

— De jeito algum, Dondoquinha! Quero meu nome, o meu sobrenome completando o seu, deixando claro, para quem quer que seja, que você é minha! — Sorrio ante sua possessividade. — Não precisamos de cerimônia, a não ser que você queira uma, mas quero dar um belo baile, com muito churrasco, muita cerveja e música.

— Ai, meu Deus! — Gargalho. — Vou me casar ao som de música sertaneja!

Guilherme abre um enorme sorriso.

— Não é perfeito, Dondoquinha? — Pisca para mim.

Ficamos durante duas semanas em São Paulo. Ligamos para a fazenda a fim de tranquilizar seu Sandoval e dona Sueli acerca do pagamento da dívida, e ouvi a discussão de Guilherme com o tio. O homem não queria aceitar o dinheiro de jeito nenhum, alegando que não queria nada que viesse do ex-cunhado. Guilherme argumentou que esse dinheiro era parte da herança que recebera da mãe, mas ainda assim seu Sandoval estava irredutível. A conversa durou horas e teve que ter a intervenção de dona Sueli para que o marido, por fim, aceitasse a ajuda do sobrinho.

Sandoval sabia o que o cunhado havia feito à sua irmã e não o perdoava. Eu com certeza não o perdoaria também e admirava muito a forma como Guilherme lidou com tudo, resolvendo as coisas sem levar ressentimento. Ele me confessou que, em sua cabeça, seu pai não existia mais e que por isso mesmo decidiu ignorá-lo, não guardando dentro de si nenhum tipo de sentimento sobre o homem.

Eu entendi essa opção dele, mas me doía que seu pai fosse tão insensível, tão egoísta a ponto de ter feito o que fizera. Foi então que me dei conta de como eu era injusta com minha própria família ao mantê-la longe por achar que seus integrantes não pertenciam ao meu mundo.

Conversei com o Guilherme sobre isso, expondo minha vontade de ir até Centenário para visitar meus parentes e lhes contar a novidade sobre minha mudança e o casamento, e é claro que meu Xucro quis ir comigo.

Antes de viajarmos, fui até a Karamanlis e conversei com o Theodoros sobre meu desligamento da empresa, mas fui surpreendida.

— Kostas soube que os proprietários da fazenda conseguiram negociar a quitação com o banco, o que inviabilizou o leilão. — Eu assenti. — Eu conversei com Millos sobre o que você me disse no restaurante, e meu primo concordou com você. A fazenda não estava à venda e, caso entrasse em leilão, não seria nada ilegal concorrermos, mas ele achou que você fez bem em não a incluir na apresentação para o Grupo Yannes, ainda mais agora, que tudo se resolveu para os proprietários. — Theo sorriu. — Até mesmo Kostas assumiu que, se tivesse mostrado a Paraíso, teria criado uma “expectativa de direito” junto aos Yannes e

que seria desastroso caso não a cumpríssemos.

— Sim, seria mesmo! — concordei.

— Mais uma vez, mesmo por outros motivos, sua perspicácia nos negócios estava afiada. — O elogio me surpreendeu. — Eu tenho certeza de que você será uma ótima diretora, Malu.

Eu o encarei, com seu enorme sorriso e brilhantes olhos claros, como se tivesse duas cabeças. Como assim eu daria uma ótima diretora?!

Eu estava ali, pronta para lhe entregar minha demissão – ou ser demitida –, e, do nada, o homem me dizia uma coisa dessas! Eu torci as mãos de nervosismo e pensei que isso era tudo pelo qual eu tinha sonhado a vida toda, um enorme salto da estrada que tinha achado que era minha felicidade. Ser diretora da Karamanlis era a realização profissional que eu aguardava desde que havia entrado ali como estagiária!

— Theodoros, eu vim aqui para pedir meu desligamento e...

— Esquece aquele almoço, Malu! — Ele deu um tapinha na minha mão sobre a mesa. — Vamos fingir que nada daquilo aconteceu, afinal, tudo terminou bem, e seu *feeling* estava certo.

— Não! Não fiz aquilo por *feeling!* — ressaltei. — Fiz porque não achei certo, por princípios e também por amor! — Ele rolou os olhos e cruzou os braços. — Eu agradeço a oportunidade, mas não me vejo mais aqui...

— Malu...

Pus-me de pé.

— Não, Theo, minha decisão está tomada. — Sorri. — É muito gratificante saber que eu teria conseguido a vaga, mas não a quero mais!

— Entendo! — Levantou-se. — Você acha mesmo que vale a pena abrir mão da sua vida por uma paixão?

Assenti.

— Eu não estou abrindo mão da minha vida, eu estou vivendo pela primeira vez. — Isso o surpreendeu. — Tenho um projeto para me dedicar, não vou ficar sem trabalho.

Queria dizer a ele também que teria ao meu lado o homem que me ensinara a amar e a querer mais do que apenas a satisfação profissional, mas achei desnecessário, pois nunca tivera intimidade com meu chefe para falar da minha vida pessoal.

Theo sempre parecera duro demais com relação aos sentimentos, inclusive com seus irmãos, com quem mantinha uma relação estritamente profissional; ele não entenderia o que eu estava sentindo.

— Certo. — Sorriu, derrotado. — Mas saiba que você foi uma das melhores e mais dedicadas funcionárias que já tivemos, e eu via muito futuro em você.

Ainda vejo, Malu, e tenho certeza de que, seja o que for que você estiver pensando em fazer, vai dar certo. — Pegou o telefone e ligou para seu assistente. — Rômulo, peça ao RH para resolver a demissão da senhorita Maria da Luz Ruschel. — Arregalei os olhos. — Sim, sem justa causa, com todos os benefícios pelos quais ela tem direito.

Tive vontade de abraçar o Theo, mas tudo que fiz foi sussurrar um agradecimento, emocionada. Ao pedir demissão, eu perderia muito, mas, sendo a empresa a me demitir, eu sairia com uma boa indenização.

— Nada mais justo — ele se justificou, acompanhando-me até a porta. — Você merece mais, Maria da Luz, espero que isso a ajude a começar a construir seu negócio.

— Obrigada, Theodoros!

Dali fui direto para o andar onde ficava minha gerência e me despedi dos meus companheiros de trabalho. Muitos me abraçaram e choraram, outros apenas me cumprimentaram, desejando boa sorte.

Kika, durona como sempre, estava de braços cruzados e cara amarrada.

— Não acredito que aquele filho da puta te demitiu! — ralhou. — Eu deveria ir até lá em sua sala e...

— Ele me ajudou fazendo isso, sua boba! — Abracei-a, sentindo seu corpo tenso. — Eu vim pedir minha demissão, mas ele resolveu me demitir para que eu recebesse toda a indenização da empresa e assim me ajudar a começar meu novo negócio.

Ela fungou, decidida a não chorar.

— Não me conformo de você ir morar lá naquele meio de mato! Por que aquele seu peão *fake* não pode morar aqui em São Paulo?!

Ri do apelido que ela colocou no Guilherme, amando ainda mais minha amiga.

— Porque eu quero ir morar lá com ele! Pense nas férias maravilhosas que você vai passar por lá! — Sorri para ela. — Imagine encontrar um peão para chamar de seu?

— Usando meu próprio argumento, não é? — Tentou não ceder, mas acabou sorrindo. — Será que tem um peão fodedor lá para mim?

— Kika! — Gargalhei, abraçando-a de novo. — Vou sentir saudades desse seu humor estranho, das tuas maluquices... Promete que não vai se esquecer de mim!

— Ah, Malu... — Fungou de novo, mas sem chorar. — Como se eu pudesse me esquecer da minha gêmea! — Gargalhou ao lembrar que nos chamávamos assim quando nos conhecemos. — Só espero não pegar essa doença de amor e ficar chorona como você ficou!

Beijei sua bochecha, coisa que ela sempre detestou e me despedi, torcendo para que Theo a promovesse de vez, pois ela merecia o cargo de gerência, quiçá de diretora!

Guilherme me esperava no saguão do prédio quando desci. Ele me abraçou apertado, pronto para me consolar, mas se surpreendeu quando lhe contei o que Theo fizera.

Dali seguimos direto para o aeroporto, com destino a Chapecó, em Santa Catarina, e de lá alugamos um carro e fomos para Centenário, no Rio Grande do Sul, cidade onde eu nasci e fiquei até minha adolescência.

Há anos eu não voltava para casa, e o reencontro com meus pais foi diferente de todas as outras vezes. Na verdade, o que mudou foi meu modo de enxergar as coisas. Antes, quando ia visitá-los, só pensava na vida que não queria para mim, no interior, sem a correria e o trabalho de uma cidade como São Paulo, sem as comodidades e todo o privilégio de um bom salário.

Eu não percebia a qualidade de vida, a paz, a saúde e, principalmente, a felicidade dos meus pais e das minhas irmãs e sobrinhos. Era realmente um ritmo muito diferente daquele ao qual eu estava acostumada, mas agora eu já enxergava o que nunca pudera ver antes. Matar-me de trabalhar era sinônimo de vitória, eu me sentia importante quando vinha para cá e dizia a todos que não tinha tempo nem para respirar direito.

Não, eu não era feliz, apenas buscava uma felicidade que não sabia onde estava. Ah, e, antes que vocês comecem a gritar que a felicidade de uma mulher não depende de um homem, eu esclareço: não é o Guilherme ou mesmo estar apaixonada por ele que me faz feliz, mas sim perceber que a felicidade vai além da minha carreira. São a minha família, minha saúde, meu bem-estar, minha consciência e, claro, o sentimento inédito dentro de mim que me fazem enxergar que, sim, enfim, estou no caminho certo.

Meus pais adoraram o meu peão, e eu fiz questão de apresentá-lo assim, *meu peão!* Não apresentei o doutor Guilherme Albuquerque de Medeiros, mas sim o Gui, o peão que conheci durante as férias no Pantanal, por quem me apaixonei, com quem ia me casar e trabalhar transformando a fazenda Paraíso na Pousada Ecológica Paraíso.

Mais tarde, antes da nossa volta, meus pais souberam que ele era médico, mas, assim como eu, não deram tanta relevância ao diploma em medicina, mas sim a como ele conhecia a terra e cavalgava bem, além do chimarrão que preparava.

Prometemos receber todos na fazenda para o casamento e retornamos para São Paulo, onde fiz as malas definitivamente para ir para minha nova casa: o Pantanal!

Coloquei meu apartamento para alugar, pois não queria me desfazer do bem a não ser para investir no negócio, o que Guilherme não aceitou, pois pretendia usar o dinheiro da venda das ações do Instituto para reformar e adequar a fazenda para o empreendimento hoteleiro. Eu iria entrar com o que recebi de indenização e meu trabalho, pois todo o planejamento do negócio ficou comigo.

Em Campo Grande, decidimos ir para a fazenda de carro, uma caminhonete cabine dupla novinha que Guilherme comprou, o que fez com que chegássemos agora à noite na Paraíso. Fomos recebidos com festa – um enorme jantar com todos os peões reunidos – para comemorar nosso novo começo.

Dona Sueli me abraçou emocionada, e seu Sandoval, sempre muito polido comigo, deixou as formalidades de lado e me apertou em seus braços.

— Ganhei uma filha! — disse emocionado. — Seja bem-vinda à família, Malu!

No meio do jantar, percebi seu Jumecy tristonho e quieto, e dona Sueli contou-me que, assim que Guilherme foi para São Paulo, Ritinha fugiu com o Jonas, o peão que sempre mexia comigo aqui na fazenda.

Fiquei preocupada com a indiazinha, pois não dera mais nenhuma notícia desde que seguira o peão, e com muita pena do pai dela, visivelmente preocupado com a filha.

Guilherme bufou de raiva quando soube do acontecido e ameaçou dar uma surra no peão quando ele aparecesse por lá, mas tudo o que seu Jumecy disse foi que só queria que a filha desse notícia, informando se estava bem, afinal, ela era maior de idade, não era mais uma piá.

A verdade é que Guilherme sentiu-se culpado por isso, mas Sueli disse ao sobrinho que foi melhor assim, que torcia para que o Jonas a tratasse bem e que ela fosse feliz com o que escolhera.

— Ei! — Guilherme toca meu ombro, trazendo-me à realidade. — Está aí há um tempão olhando para o espelho e segurando a escova, mas sem pentear os cabelos. Algum problema?

Sorrio para ele, apenas de cueca, desfazendo nossa cama para a primeira noite juntos como um casal de verdade.

— Não, problema nenhum. — Termino de me pentear, alisando depois a linda camisola rendada que comprei na nossa pequena estada em Aquidauana há mais de um mês. — Estava pensando nas últimas semanas. Também estou cansada da viagem, mas feliz por estar de volta.

— Quero ver essa felicidade quando começar a época do baratão voando sobre sua cabeça!

Ele gargalha, e eu jogo a escova nele.

— Fica me pondo medo, que volto para São Paulo! — ameaço, e ele fica

sério. — Promete que me defende do baratão?

Faço beicinho, e ele geme, já todo excitado.

— Sabe que eu gosto de bancar seu herói, Dondoquinha! — Puxa-me. — Mesmo quando você esfrega que sabe autodefesa na minha cara!

Pisco para ele ao me lembrar do abusado do bar lá em Aquidauana.

— Parece que isso tem tanto tempo, mas tem pouco mais de um mês que... — paro de falar e arregalo os olhos.

— O que foi? — Ele percebe que fiquei gelada.

— Tem mais de um mês que vim parar aqui, Guilherme! — Saio dos braços dele e abro meu computador, indo direto para minha agenda. — Ai, caramba! — Olho-o, totalmente assustada. — Pode não ser nada, mas...

Guilherme olha-me da cabeça aos pés, pálido.

— Você não menstruou, não é? — Assinto, fechando os olhos, lembrando-me de todas as vezes em que acabamos fazendo sexo sem proteção. — Malu... — Encaro-o. — Você acha que pode estar...

— Grávida — completo. — Minha menstruação é certa como um relógio, Guilherme. — Ele geme e se senta na beirada da cama com as mãos na cabeça, trêmulo. — Nós não fomos muito responsáveis...

— Eu sei! — Respira fundo. — É só que... — Seu olhar me dói quando ele volta a me encarar. — Não sei se consigo ser um bom pai, eu já falhei uma vez.

Levanto-me e vou até ele, abraçando-o, sua cabeça encostada em meu abdômen.

— Tenho certeza de que, se isso aconteceu, esse bebê não poderia ter melhor pai neste mundo! — Ele me encara ainda inseguro. — Eu não sei nada sobre crianças, mas apenas a possibilidade de estar gerando uma vida dentro mim já me deixou emocionada. — Soluço, sentindo meus olhos ficarem úmidos de emoção. — Nunca sonhei em ser mãe, mas estou feliz de ter um filho com você.

— Malu... — Guilherme se levanta e me abraça forte. — Eu prometo ser o melhor pai do mundo para nosso bebê, vindo ele agora ou mais tarde!

— Eu sei que você vai ser, Xucro! — Beijo-o. — Ai de você se não for!

Ele gargalha, relaxado com minha ameaça e me carrega para a cama consigo.

# Bônus

## Guilherme

*Três anos depois.*

PARO O CAVALO na parte mais alta de uma colina, local de onde consigo ver, ao longe, boa parte da Paraíso. Respiro fundo, aliviado, orgulhoso, contando os telhados das construções novas, lembrando o longo processo que foi transformar a tradicional fazenda de gado da minha família em uma pousada.

Dois anos de trabalho intenso, principalmente da minha esposa e companheira nos negócios, Malu, minha Dondoquinha!

Em 11 anos, a minha vida se transformou. Tive que perder muito, sofrer a perda que uma pessoa nunca deveria sentir, a de um filho. Vi a queda do meu ídolo, meu pai, mostrando-me que o invencível Ronald Albuquerque de Medeiros não era e nem nunca tinha sido o homem em quem eu acreditava, em quem me espelhava.

Foram oito anos tentando fugir da dor da decepção, da culpa por não ter valorizado o que me era mais importante na vida, Maitê, e, principalmente, do rancor que a sujeira do meu pai causara à minha família.

Ainda não posso perdoá-lo, porque não posso esquecer. Seria no mínimo hipócrita se eu dissesse que sim, mesmo ainda tendo dentro de mim a mágoa por saber como ele agiu com minha mãe e comigo. Se fosse apenas a traição, não haveria tanta mágoa, mas, por causa dela, eu perdi as duas pessoas que mais amara em minha vida.

Tento não pensar muito sobre ele, na idade que ele tem e questionar como está sozinho lá em São Paulo. A escolha não foi minha, foi dele, e agora ele apenas tem colhido o que plantou a vida toda. Tem seu nome imortalizado como um dos maiores médicos do Brasil, quiçá do mundo, mas é apenas isso. Não tem família, não tem amigos, não tem amor... Não tenho mais rancor, sinto somente pena.

Pensar que eu estava indo pelo mesmo caminho chega a fazer doer meu coração. Não era meu destino, felizmente! Tudo aconteceu daquela forma trágica, e eu aprendi, enxerguei que estava indo pelo caminho errado. Lamento muito que tenha sido preciso uma rasteira tão dura da vida. Ainda não posso me perdoar pelas escolhas erradas que fiz, mas elas me fizeram crescer e estão me tornando um homem melhor.

A verdade é que essa transformação começou a acontecer realmente a partir do dia em que Malu chegou aqui à fazenda. Com aquela mulher que fazia com que eu me lembrasse de mim mesmo, com a ânsia de crescer profissionalmente e ter um nome reconhecido, eu redescobri o sentido de viver, de amar e ser feliz. A vinda dela para cá no momento mais grave da crise financeira da minha família e tudo o que isso desencadeou, foi o que eu precisava para sair do limbo em que vivia e resolver minha vida.

Eu achava que estava seguindo em frente, quando, na verdade, estava apenas me escondendo e me protegendo da dor. Oito anos haviam se passado desde que eu tinha desaparecido de São Paulo. No entanto, para mim era como se eu apenas estivesse congelado, e só com a chegada da Malu na minha vida eu percebi isso.

Ao longe, um trovão anuncia a vinda de mais chuva, começando, por fim, o período de cheia aqui no Pantanal. Nesta época, nosso número de hóspedes cai um pouco, afinal, as estradas ficam, na maioria, intransitáveis, e os que vêm para cá nesta época, enfrentando toda a dificuldade, geralmente são cientistas, estudiosos e ecologistas.

Há meses vínhamos com a capacidade máxima da pousada lotada. O tempo quente e seco proporciona o maior e mais procurado espetáculo deste local: a

reprodução das aves. São tantos ninhais espalhados pela área da fazenda que, de manhã, a cantoria dos pássaros é quase ensurdecedora e completamente linda.

Malu passou o primeiro ano, depois da nossa volta, planejando meu sonho. Meus tios, antes tão reticentes quanto a mudar a atividade da fazenda, encantaram-se com o trabalho que ela fez. O projeto foi todo desenvolvido por uma arquiteta famosa de São Paulo, amiga da Malu, Melissa Boldani, e a execução, acompanhada – mesmo contra minha vontade, a princípio – pelo engenheiro Alexandros Karamanlis.

Os dois, mesmo criados na grande metrópole, desenvolveram um projeto sustentável para a Paraíso que surpreendeu a todos. Foi utilizada, na maioria das construções, a terra crua daqui mesmo. O processo teve que ser muito cuidadoso por causa da umidade desta zona, mas, com a proteção adequada, toda a área de recepção da pousada foi feita de adobe, revestida de pedras naturais. No pátio central, o solo não foi completamente impermeabilizado, mas sim trabalhado com intertravados – como paralelepípedos –, com grama pelo-de-urso – fina e macia – plantada em seus vãos.

O sistema de ventilação e iluminação das suítes também foi projetado de forma a economizar o máximo de energia e utilizar o próprio ambiente para fornecer o conforto térmico e de luminosidade necessário.

Os galpões caindo aos pedaços foram reformados, todos de maneira rústica, de madeira certificada, com telhados de telhas também ecológicas e utilizados para vários fins: depósito geral da pousada; selaria; depósito de alimento dos animais; materiais esportivos; entre outros. O estábulo foi aumentado, e compramos montarias suficientes para atender a cada hóspede. Os currais foram diminuídos, pois passamos a manter o gado apenas para o turismo e para alimentação – no caso das búfalas, das quais tiramos o leite –, produzindo a maioria dos alimentos consumidos.

O pomar foi aumentado, assim como a horta e o galinheiro. A cozinha da sede foi integrada ao novo prédio, aumentada e reformada – embora seguindo os padrões originais da casa –, e é onde produzimos todas as refeições, com produtos orgânicos e frescos.

A sede da fazenda continua no mesmo local, embora totalmente restaurada. Malu e tia Sueli fizeram questão disso, não mudar as características da casa, apenas revitalizá-la e adequá-la. Utilizamos duas suítes para montar nosso escritório administrativo, e o antigo escritório do tio passou a ser nossa central de reservas online, pois a maioria dos hóspedes vêm dos sites de reservas do mundo todo.

A sala continuou a mesma, bem como a suíte dos meus tios. Na nossa área, minha e de minha esposa, fizemos algumas ligações entre os quartos e

construímos novos banheiros, afinal, enquanto minha esposa fazia seus planos e contas para o empreendimento, não era somente a fazenda que crescia, mas também sua barriga.

Sorrio e olho para baixo, à minha frente, na sela de Zeus, onde cabelos lisinhos e levemente dourados brilham. Bagunço o cabelo do pequeno, e ele ri.

— Onde está seu chapéu, Gael?

Meu filho, de pouco mais de dois anos, levanta seu rostinho redondo e muito branco e dá de ombros. Gael Ruschel de Medeiros é assim: calado, concentrado como a mãe, mas totalmente desorganizado, para a loucura de minha esposa. Ele vive perdendo suas coisas, adora se sujar, não tem medo de bicho nenhum e já curte tomar tereré com os funcionários da fazenda. Malu o chama de Xucrinho por causa disso, e eu morro de orgulho do meu guri.

— Sabe que sua mãe vai ficar zangada por você ter perdido mais um, não é? — continuo a conversar com ele. — E não queremos mamãe zangada! Não lembra mesmo onde deixou?

Ele ri olhando para mim, com seus dentinhos pequenos e branquinhos, bochechas vermelhas de sol e olhos azuis como os meus.

— Mamãe tá prenha!

Arregalo os olhos diante do que ele diz, mas não consigo me manter sério por muito tempo, gargalhando. Sim, mamãe está prenha! *Deus do Céu, se ela o ouvir falar assim!*

— Com quem você aprendeu essa palavra?

— Tio *Mecy* — explica, orgulhoso.

Penso em dar uma palavrinha com meu funcionário mais velho e mais querido, Jumecy. Malu, já bem alterada por causa dos hormônios da gravidez, se ouvir Gael falando dela como se fosse uma vaca, vai começar a surtar como da última vez.

Um sorriso safado preenche meu rosto ao me lembrar disso.

Estávamos os dois na banheira de hidromassagem depois de termos trepado como loucos. Ela estava encostada no meu peito, entre minhas pernas, sonolenta e relaxada, e eu, idiota como sempre, coloquei a mão sobre sua barriga e comentei:

— Você assim, na água, com esse barrigão, parece uma chalana.

Gargalho ao lembrar que ela me xingou de tudo o que é nome, além de chorar, depois rir, achando engraçado, para depois me amaldiçoar de novo. A gravidez de Gael foi tão tranquila com ela ocupada com suas projeções que eu nem senti muito suas alterações de humor, mas, nessa, ela está insuperável!

Malu em nada se parece com o guaru da primeira gravidez, quando só tinha barriga. Dessa vez ela está toda redonda, com uns peitos que... – desvio meus

pensamentos dessa área para não ficar excitado – e uma enorme barriga que parece querer explodir. Mais uma vez ela se recusou a saber o sexo, mas temos certeza de que é apenas um. Eu a tenho acompanhado no pré-natal, aqui mesmo na clínica que montei para atender a região, e sua saúde está ótima.

Suspiro ao me lembrar de outra coisa que me tem feito feliz: a medicina. Eu me havia esquecido de como era satisfatório poder cuidar das pessoas, ajudá-las, curá-las. Trabalhei tão pouco com esse tipo de atendimento, bem no começo da minha carreira, que não lembrava a satisfação de praticar aquilo que amo, independentemente do dinheiro.

A clínica se sustenta com as consultas de quem pode pagar, além do seguro que incluímos na diária da pousada, pois não é raro ter um gringo ou outro passando mal por causa de comida pesada ou mesmo de tanto encher a cara de pinga. Contudo, é apenas isso, ela se sustenta, não há lucro, tampouco prejuízo.

Eu atendo os peões e moradores do entorno, na maioria das vezes de graça, e sou recompensado com a amizade deles. Um dos nossos vizinhos promoveu um bailão e leiloou algumas novilhas, revertendo os ganhos do leilão para a compra de uma ambulância para a clínica. O consultório se tornou um pedaço da comunidade, pois eu recebo ofertas de ajuda – financeira ou não – a todo momento, inclusive dos grandes fazendeiros dessas paragens.

Meu ajudante é o Lucas, o filho do Zé da casa agropecuária da vila, que se formou em Aquidauana. Desistindo da ideia de largar os estudos para ser peão, ele fez curso técnico de enfermagem e agora estuda com afinco para conseguir passar no vestibular para uma faculdade de medicina. O atendimento na clínica é sempre às segundas e quartas-feiras, além dos emergenciais.

O pessoal daqui me chama de doutor peão, pois foi uma surpresa quando as pessoas descobriram minha profissão, acostumadas a me verem na lida com os bois. Confesso que eu tenho muito orgulho disso, da história de parceria e amizade que criei com todos, pois vejo como me respeitam mais por isso.

Outro trovão ressoa no céu, bem mais alto que o anterior, e eu incito Zeus a voltar para casa.

— Eu quero um cavalo, papai — Gael dispara assim que eu o tiro da sela, já no estábulo da pousada.

— Papai já está procurando um pônei e...

— Não. — Cruza os bracinhos e faz cara feia. — Cavalo!

Ah... essa teimosia! Malu diz não aguentar dois arianos em sua vida – eu, nascido em 28 de março, e Gael, em 05 de abril –, mas me justifico dizendo que ela também é teimosa como uma mula. Seria impossível nosso filho também não o ser.

— Certo! — Bagunço seus cabelinhos cortados ao estilo indiozinho, e ele

fica ainda mais bravo. — Vamos ver um cavalo, então.

Ele parece se convencer de que ganhou a briga, e eu penso em comprar um potro apenas para fazê-lo entender que não pode ter tudo o que quer na hora em que quer. Levando em consideração que um cavalo só está pronto para ser montado depois de seus dois anos de idade, é mais do que suficiente para ele já ter idade para estar em cima de um, além de ter aprendido a lição ao esperar esse tempo todo. O menininho é um marruá, por isso preciso ter rédeas firmes com ele.

Vamos caminhando de mãos dadas para a sede, e, instantes antes de colocarmos os pés na varanda, o céu desaba sobre nossas cabeças, deixando-nos ensopados. Pego meu guri no colo e entro correndo na casa, rindo muito com ele, porém, o riso – dos dois – dura até encontramos a mamãe nos esperando.

— Eu não acredito que, mesmo com previsão, além das porras das trovoadas, vocês estavam na chuva! — Malu dispara, sua enorme barriga coberta por um vestido florido.

— Foi papai... — Gael aponta o dedo para mim, acusando-me.

— Ei! Onde está a solidariedade masculina, garoto?! — Ele disfarça um sorriso e corre para abraçar as pernas da mãe. — Quis levar Zeus para se exercitar um pouco, calculei errado.

Aproximo-me de minha esposa, a mulher que ilumina e enlouquece meus dias e a beijo, tocando seu ventre.

— Tudo bem por aqui?

— Claro que está, a não ser por sua irresponsabilidade de levar meu filho para cavalgar no meio da chuva e...

— Eu te amo, Dondoquinha, já disse isso hoje?

Malu para, respira fundo e sorri. Meu peito se enche, e eu retenho o fôlego ao imaginar o belo quadro que fazemos neste momento: minha esposa com nosso bebê no ventre, nosso filho pequeno agarrado às suas pernas, e eu a abraçando enquanto ela sorri. Nada, absolutamente nada neste mundo poderia ser mais perfeito que este momento!

— Eu também te amo, Xucro! — Suspira. — Eu só ando um pouco cansada.

Eu sei, entendo-a perfeitamente. Malu é o coração desse negócio! É ela quem gerencia tudo, quem faz todas as coisas funcionarem coordenadamente, quem lida com os funcionários, fornecedores e com a agência de marketing que promove a pousada em anúncios e cuida das nossas redes sociais.

Há um ano que estamos funcionando e já somos uma das pousadas mais reservadas do Pantanal Sul, e tudo isso graças a ela.

Claro que há o trabalho de cada um de nós aqui, meus tios, os peões,

funcionários de recreação, camareiras, faxineiras – todos em sua maioria pessoas da vila, que Malu contratou e pagou para se profissionalizarem –, mas é ela quem está por trás de toda a engrenagem do negócio; sem ela, eu estaria perdido não só aqui, mas na vida.

— Posso fazer uma massagem... — Ela me dá um sorriso safado. — Malu, você já está com nove meses e...

— Eu não me lembro de termos parado em momento algum na gravidez do Gael. — Olha-me desconfiada. — Está me achando gorda demais para...?

Não me importo com meu filho agarrado às suas pernas, simplesmente seguro-a pela nuca e a beijo deixando bem claro que nunca – esteja ela magra ou redonda como a lua por causa do bebê – deixarei de querê-la.

— Certo, Dondoquinha! — sussurro em seu ouvido. — Prepare-se para cavalgar meu pau a noite toda.

A safada sorri, satisfeita e relaxada, esquecendo por completo nossa pequena rusga há alguns minutos. Por incrível que possa parecer, a gravidez a deixa ainda mais fogosa, e eu gosto disso, claro, mas não deixo de me preocupar. Falta pouco para mais um membro de nossa família vir ao mundo, e eu me sinto um homem cada vez mais completo e feliz.

— Gui! — tio Sandoval me chama assim que passo próximo à sua área da casa. — Tudo pronto para o bailão de amanhã. — Sorrio com a notícia. — Estamos com apenas 10 hóspedes, e a peonada quer aproveitar para curtir antes de começar a mover as reses.

— Pensou sobre o assunto dos búfalos? — Ele assente. — Eu acho o animal muito mais rentável e adaptável aqui do que o Nelore. Claro que vamos continuar com o boi de corte, principalmente por causa dos turistas, mas poderemos também oferecer passeios de búfalo. Converse com a Malu...

— Ela deveria estar descansando, não trabalhando cada vez mais! — ouço a voz de tia Sueli, mesmo sem vê-la.

Nem discuto essa observação, pois é o que eu penso também. Entretanto, Malu diz que fica muito energizada quando grávida e que por isso precisa trabalhar mais. Não a contradigo, porque minha esposa só faz o que quer e, a não ser que seja algo prejudicial à saúde dela e do bebê, deixo-a se distrair sem interferir.

— Eu estava pensando em montar algo parecido com a festa do casamento de vocês, lembra? — meu tio volta a falar do baile, mas abro um sorriso ao me

lembrar da Malu, com Gael – apenas com dois meses – em seu colo, trajando um belo vestido branco de renda, aceitando ser minha esposa, amante, sócia e amiga para sempre. A verdade é que ela nem se importava em oficializar nossa união, mas eu fiz questão, querendo que todos soubessem que ela era minha.

— Ótima ideia! Vou falar com o Galdino e separar já umas modas animadas para tocar.

— É uma ótima ideia! Preciso dormir agora, vou levar o Jumecy para Aquidauana amanhã; de lá ele vai seguir para Campo Grande.

— Tudo bem com o filho da Ritinha?

Ele assente.

— Aniversário de um ano do guri, o avô quer estar lá.

Despeço-me dele e entro no quarto onde minha esposa está, com a porra de um conjunto de lingerie vermelho de matar qualquer peão de tesão, passando óleo perfumado na barriga.

*Essa diaba vai me matar antes que eu veja meu filho nascer!*

Abraço-a pelas costas, de frente para o espelho, e esfrego minhas mãos em seu ventre inchado, lambuzando-as com o óleo, deslizando sobre sua pele, enquanto um cheiro doce de amêndoas enche o ambiente.

Malu inclina sua cabeça para trás, sobre meu peito, e eu beijo sua testa, já cheio de tesão. Minhas mãos sobem, invadindo seus seios por baixo do sutiã, adorando o peso e o modo como ela geme, sensível ao meu toque. Estou enlouquecido de desejo, sinto meu pau já duro e se contorcendo na cueca, minha respiração forte. Ondas de tesão arrepiam minha pele apenas por tê-la por perto.

— Eu amo você, Malu — declaro, encaminhando uma de minhas mãos para dentro de sua calcinha. — Amo a mulher que você é, a amante em minha cama, a companheira de todas as horas, a mãe maravilhosa e, principalmente... — ela segura o fôlego, esperando uma declaração romântica — amo sua boceta! — Afundo um dedo dentro dela, arrancando-lhe um gemido, sentindo o quanto já está excitada. — Ela é um absurdo!

— Xucro!

Rio, sem parar de fodê-la com meus dedos, deixando-a cada vez mais molhada, friccionando seu clitóris com a ajuda de seus caldos, lambendo seu pescoço, nuca e orelha, repetindo a todo o momento o quanto sou louco por ela.

Não me importo se ela está magra demais de tanto passar as noites amamentando ou enorme por estar gerando um bebê se seu sorriso, o jeito que me olha, o som da sua voz são propulsores suficientes para que eu tenha meu pau duro e comece a bufar como um animal no cio.

Ela é minha, eu sou dela; não importam as circunstâncias, nunca vou deixar de querê-la.

Malu afasta-se levemente de mim e abre minha calça, tirando meu pau da cueca e me masturbando como somente ela sabe fazer. Sentir suas mãos no meu pau é como estar no paraíso; o toque firme, a forma gulosa como ela mexe, excita e me provoca, é única.

Enlouqueço ao vê-la totalmente entregue às carícias, refletida no espelho de corpo inteiro que instalamos em frente à nossa cama. Gostamos de nos exibir, de assistir a nossas trepadas. É uma delícia ver meu pau sumindo dentro dela.

Não me contenho mais e empurro sua calcinha para o lado, brincando com meu pau em sua boceta molhada, surpreendendo-a com uma única estocada forte e a preenchendo por completo. Como ela é menor que eu, apoio um dos seus pés sobre um *puff* e me agacho para meter gostoso, assistindo a cada expressão sua pelo espelho.

Vou com cuidado, sem todo o ímpeto com o qual estou acostumado a socar nela, principalmente por ela já estar bem avançada na gravidez, e eu, mesmo sabendo que não acontece, não quero pensar que posso acertar meu filho.

Malu, cheia de hormônios, excitada e com a cadência do sexo, goza rápido e intensamente, segurando-se em mim enquanto seu corpo se retesa ante aos espasmos de prazer. Fico o tempo todo com os olhos fixos no espelho, assistindo ao espetáculo de seu gozo, até que sinto meu corpo respondendo ao dela, e nossos prazeres se juntam, enquanto eu gemo como louco e me sinto jorrar.

Saí da cama de manhã, ainda no escuro, para supervisionar o serviço da peonada, tanto nos afazeres da fazenda quanto na preparação da festa à noite. Na hora do almoço, liguei para a fazenda do Galdino e combinei com ele como seria a cantoria da noite.

Malu estava acertando as últimas providências de um grande grupo estrangeiro que viria passar 20 dias conosco, durante o período das cheias, para fazer um documentário, então deixei-a trabalhar, apenas consultando-a de tempos em tempos sobre como se sentia, coisa que venho fazendo desde que entrou na semana do nono mês de gravidez.

Levei o grupo de 10 pessoas que está conosco para uma cavalgada rápida até as primeiras lagoas e depois o deixei aproveitando o calor da tarde em uma prainha do rio Negro. Fiquei conversando com Dionísio, um dos peões, e somente quando a noite começou a cair é que o grupo resolveu sair da água e retornar para a pousada.

Eu gosto disso, dessa interação com os hóspedes, de contar as histórias que

aprendi com meu tio, com os outros peões – nascidos e crescidos aqui – e, principalmente, mostrar aos turistas a importância da biodiversidade que existe neste local.

Cheguei ao nosso apartamento – a área reservada à minha família dentro da casa sede – e encontrei meu filho já arrumado, com direito a calça jeans justa, blusa xadrez, lenço amarrado no pescoço, botas e um belo Stetson na cabeça.

Brinquei com ele por uns momentos – sendo seu cavalo, obviamente – e só então vi minha esposa trajando um vestido soltinho e fresco, levemente mais curto na frente, por causa da barriga, e os cabelos trançados do jeito que eu gosto.

— Conseguiu resolver tudo, Dondoquinha? — Beijei-a, e ela assentiu. — Tirou um tempo para caminhar um pouco?

— Sim, doutor. — Riu. — Seu bebê e eu estamos bem, não se preocupe. — Ela abriu um enorme sorriso ao ver nosso filho. — Olha como ele está crescendo! A calça já está começando a ficar curta... — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu nunca pensei em ser mãe, e olha... — Pôs a mão sobre o ventre proeminente. — Descobri que é minha melhor carreira.

Ah... ouvir isso foi foda! Minha mulher tão organizada e viciada em trabalho dizer que sua melhor carreira é ser a mãe dos meus filhos foi a melhor coisa que ouvi no mundo, porque ela é a melhor mãe que eu já vi.

— Vocês são minha vida, Malu. — Beijei sua testa. — Eu sou um homem feliz por ter vocês.

Ela limpou uma lágrima e me deu um tapa nas costas, mandando-me para o banho, pois todos estavam contando comigo para cantar. Entrei no chuveiro pensando que essa era outra coisa que eu me permiti fazer depois que mudei de vida. Aprendi a tocar violão na adolescência, mas só desenvolvi o toque da viola quando mudei para cá. A música aliviava minha alma quando as lembranças do que acontecera ameaçavam turvar meu humor, então, cada vez mais passei a me dedicar a ela.

Cantei e toquei tantas e tantas vezes para minha mulher que ela já conhece meu repertório e sei que espera sempre que eu dedique alguma música a ela, assim como fiz quando Gael nasceu e no nosso casamento.

Chegamos à festa, e Gael foi direto brincar com as outras crianças que vieram das fazendas vizinhas, sempre com tia Sueli de olho na gurizada. Malu e Selma, uma das ajudantes do administrativo da pousada, ficaram próximas da comida, organizando tudo, e eu, enfim, comecei a cantoria junto com meu parceiro, o veterinário Galdino.

Primeiro, claro, para entrar no clima do Pantanal, tocamos boa parte do repertório do Almir Sater, inclusive suas famosas *Chalana* e *Um violeiro toca.*

Começamos a explorar o sertanejo de raiz, com Sérgio Reis, Pena Branca e Xavantinho, Tonico e Tinoco, passando pelas duplas que popularizaram o estilo como Zezé di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo e chegamos à gurizada que faz sucesso ultimamente.

Agora, já com a festa animada, com todos os convidados, decido que é a hora de fazer a minha homenagem, já esperada, a minha Dondoquinha. Chamo o Galdino e lhe mostro a letra da música, com as cifras, que tirei da internet.

— A próxima vou dedicar à minha esposa — digo ao microfone, e Malu abre um enorme sorriso.

*Era para ser só um beijo e nada mais*
*Era só para ser só mais uma noite, mas não foi*
*Alguma coisa aconteceu com a gente*

*Quando te vi tremi na base, arrepiei*
*Notei que seu olhar também brilhou, imaginei*
*Alguma coisa aconteceu com a gente*[25]

Malu fecha os olhos, dançando levemente, sorriso amplo, quem sabe se lembrando da nossa história. Como essa música se encaixa perfeitamente no que nos aconteceu, no amor que nos assaltou de uma forma inesperada, mesmo contra tudo – distância, diferença de cultura (que ela achava que tínhamos) e o próprio tempo, afinal, bastaram apenas algumas semanas para o sentimento nascer e crescer.

De repente, ainda no meio do refrão, ela para e me olha assustada. Paro imediatamente de cantar, deixando Galdino e o outros músicos apenas acompanhando a melodia, pois não conhecem a letra como eu. Meus olhos viajam pelas pernas dela e me deparo com o chão de terra batida totalmente molhado aos seus pés.

Erro a nota e me levanto apressado, chamando a atenção de todos. Malu sorri, assentindo, colocando novamente a mão na barriga.

— O que foi, Gui? — Galdino me pergunta.

— Preciso sair. — Ponho a viola de lado e começo a descer do pequeno tablado, mas, antes, pego o microfone para anunciar: — Desculpem interromper, mas meu potrinho vai nascer!

A peonada, já um tanto bêbada, começa a comemorar com gritos, e alguns tocam o berrante que sempre carregam. Desço do palco, e a primeira coisa que me oferecem é um copinho de pinga, a qual com muito gosto viro de uma só vez.

— Qual o intervalo? — indago assim que me aproximo de Malu, já com

minha tia e as outras mulheres a cercá-la.

— Eu não estou... — ela segura a barriga de novo e geme — contando essa porra!

Ouço o riso de alguns companheiros de trabalho por causa da resposta brava da minha esposa e então olho para minha tia.

— Muito próximas, filho — ela mal termina de falar, e Malu geme de novo. — O bezerrinho já está vindo.

— Vocês querem fazer o favor de pararem de se referir ao meu filho como se fosse bicho?! — Malu grita conosco e depois geme. — Eu vou parir bem aqui, no meio da festa?!

Nego, e logo em seguida Lucas aparece com uma cadeira de rodas.

— Já arrumei tudo lá na clínica, doutor!

Ajudo minha esposa a se sentar e solicito a ajuda de minha tia e mais uma das senhoras que entendem de parto, Januza, que ajudou a trazer Gael ao mundo há pouco mais de dois anos.

Tio Sandoval tem meu filho em seus ombros, e noto meu pequeno marruá um pouco assustado por ver a mãe sofrendo.

— Daqui a pouco você o leva para conhecer o bebê — peço a meu tio.

Na clínica, levo Malu para a maca de exames, agora adaptada para o parto, e a examino, notando que meu filho já está encaixado e que o parto não vai demorar muito.

As contrações se tornam intensas, e Malu aguenta firme, mesmo me xingando quando peço algo para ela.

— Vejo uma cabeça... — anuncio, e minha tia já me passa um cueiro e segura a tesoura. — Deus... é totalmente careca! — digo emocionado e ouço o bufo de Malu, provavelmente me achando detalhista demais, mas, porra, é meu bebê nascendo aqui!

Quando eu amparo a enorme menina em meus braços, fico congelado. É impossível não pensar na primeira menina que segurei há muitos anos, então fico apenas olhando-a, tão perfeita, chorando a plenos pulmões, gritando para o mundo sua existência.

Minha tia a pega de mim, e eu termino o trabalho de cortar o cordão umbilical e esperar a placenta sair, observando como minha esposa está. Levanto-me por fim e vejo Malu chorando e beijando nossa filha.

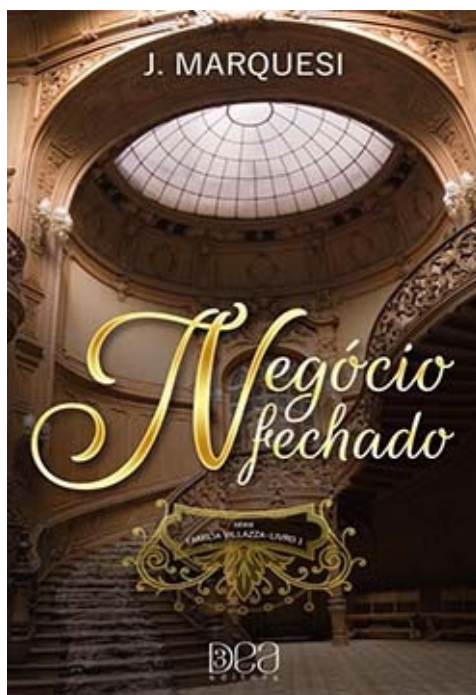
*Minha filha!*

Ela parece ler meus pensamentos e me encara, chamando-me com os olhos para participar deste nosso primeiro momento. Deixo todas as limpezas e providências com Lucas e me aproximo de minha esposa, que tem nosso bebê em seus braços.

— Uma menina, Guilherme! — Ela parece encantada.
— Sim... — Toco-a solenemente no ombro. — Nossa filha!
Sinto as lágrimas rolarem em meu rosto, e tudo o que tenho vontade de fazer neste momento é agradecer.
Tia Sueli pega o bebê para limpá-lo, e eu aproveito para conferir seus sinais vitais, bem como auscultar os pulmões e já preparar as primeiras vacinas.
Tremo, mesmo com minha experiência médica, ao examiná-la, muito satisfeito com seu peso e tamanho e com o resultado dos primeiros exames clínicos. Sinto minha tia ao meu lado, provavelmente para embrulhá-la com o cueiro, mas, antes que eu a deixe fazer isso, encaro minha pequena, cujos olhos ficam fixos nos meus, parecendo que veem minha alma.
Sei que os bebês não podem ver nitidamente assim que nascem, que a visão vai se desenvolvendo ao longo do tempo, mas, neste momento, sinto que ela pode ver muito além do que apenas minha aparência.
— Eu sou seu pai, Alicia, e prometo te proteger, cuidar de você e te amar mais do que a qualquer outra coisa. — Soluço, tocando seu rostinho com a ponta do dedo. — Seja bem-vinda ao nosso Paraíso!
Deixo minha tia embrulhá-la, notando que Malu já está limpa e vestindo uma camisola, ainda deitada na maca.
— É nossa Alicia! — sorri, pronunciando o nome de menina, que escolhemos. — Onde está o Gael?
— Ele está...
Não termino de falar, pois nosso menino invade a sala e corre para se deitar ao lado de sua mãe, beijando-a e perguntando pelo dodói, e a escuto explicar que sua irmã nasceu e que ele terá que nos ajudar a cuidar dela e a protegê-la. Sorrindo, pego o pequeno embrulho das mãos de minha tia, ainda vidrado com o rostinho perfeito da minha menina, que dorme tranquila e quente, e a levo até minha família.
Gael se encanta ao vê-la, já no colo de Malu, e me olha com um enorme sorriso de quem entende que sua missão como irmão será protegê-la para sempre.
Respiro confiante e agradecido pela nova chance de recomeçar que o destino me deu, pela chance de ser feliz.

# Sobre a autora

**J. MARQUESI** é uma faz-tudo de 33 anos que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia poder mostrar suas histórias a alguém. Já lançou cinco livros no site *Amazon*, a série Família Villazza, com quatro livros e um *spinoff*, série que está para ser lançada em formato físico.

# Outras obras

**NEGÓCIO FECHADO**

Série *Família Villazza*, livro 1

Disponível em e-Book

**Compre aqui!**

Disponível em formato impresso

**Compre aqui!**

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira em um luxuoso hotel do Rio de Janeiro. Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles, desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ele carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem uma grande paixão?

**DUAS VIDAS**

Série *Recomeço*, livro 1

Disponível em e-Book

**Compre aqui!**

SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.

## DOIS CORAÇÕES

Série *Recomeço*, livro 2

Disponível em e-Book
**Compre aqui!**

SINOPSE

Cadu Fontenelles tem fama, dinheiro e mulheres, mas trocaria isso tudo por apenas uma coisa: a oportunidade de criar sua filha.

Depois de perder a mulher que amava, ele se vê totalmente perdido, afundando em drogas e álcool, sendo impedido de ficar com Amanda, que está sendo criada por seus ex-sogros. Decidido a mudar de vida para ter a menina, ele enfrentará uma enorme batalha contra o vício. Contudo, irá descobrir que o destino ainda guarda muitas surpresas para o seu coração.

Lara Martins mudou-se para São Paulo para estudar e acabou se tornando babá de Amanda Kaufmann, uma menina solitária e infeliz que perdeu a mãe ainda bebê e cujo pai é limitado a vê-la sob supervisão. Lara entende o que é uma infância triste, pois nasceu com um problema cardíaco que a restringiu de ser como as outras meninas e cresceu sob a superproteção de seus pais. Disposta a tudo para fazer sua pupila feliz, ela bola um plano para aproximar pai e filha e, no percurso, acaba se apaixonando por Cadu.

Ele, um homem quebrado, cheio de marcas do passado, que insiste em viver um eterno luto sentimental. Ela, querendo viver intensamente, aberta a sentir o

amor pela primeira vez. A paixão entre os dois é intensa, mas Lara sabe que Cadu não pode amá-la, uma vez que continua ligado à falecida mãe de Amanda.

Há chance de dois corações tão sofridos serem finalmente felizes?

# Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

**Facebook | Fanpage | Instagram**

**Wattpad | Grupo do Facebook**

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

# Notas

[←1]

Nota da autora: Caçador de local (tradução literal). *Site Hunter* consiste em encontrar o melhor local para a instalação de um empreendimento.

[←2]

Nota da autora: Maior e melhor uso. Conceito financeiro/imobiliário que mostra como alcançar o melhor valor para uma propriedade.

[←3]

Nota da autora: Gíria usada para expressar surpresa (sentido parecido com: eita! Opa!).

[←4] Nota da autora: No sentido de não aguentar.

[←5]

Nota da autora: Vaqueiro ruim.

[←6]

Nota da autora: Comida.

[← 7]

Nota da autora: Marruá – boi bravo ou animal doméstico que virou selvagem.

[←8]

Nota da autora: pousio – em agricultura, é nome que se dá ao descanso ou repouso da terra (usado aqui usa no sentido de alguém não parar, não sossegar).

[←9]

Nota da autora: café da manhã, também chamado de “tira-torto”.

[←10]

Nota da autora: expressão para cavalo bom de corrida.

[←11]

Nota da autora: jogar fora.

[←12]

Nota da autora: cuia feita de chifre de boi usada para tomar tereré ou mate quente.

[←13]

Nota da autora: expressão usada para vila, mas que também pode significar casa de prostituição.

[←14]

Nota da autora: leito normal (para sua calha).

[←15]

Nota da autora: povo indígena da região conhecidos como exímios cavaleiros.

[←16]

Nota da autora: apurar – arrumar, aprontar.

[←17]

Nota da autora: braço de rio.

[←18]

Nota da autora: mesa rústica, improvisada.

[←19]

Nota da autora: cagá-do-pato – alvorecer, expressão mais conhecida no campo que na cidade.

[←20]

Nota da autora: *Em Roma, sê romano,* ou “Quando em Roma, faça como os Romanos.”. Provérbio popular.

[←21]

Nota da autora: acumulado de árvores isoladas no meio de um campo.

[←22]

Nota da autora: candiru (Vandellia cirrhosa) é um peixe pertencente ao grupo conhecido como peixes-gato. É um parasita de corpo alongado, pequeno, parecido com uma enguia e que se alimenta de sangue. O candiru é temido pelos humanos por penetrar regiões genitais e ânus, causando infecções e até a morte.

[←23]

Nota da autora: *Voilà* (francês) – equivalente à expressão “e pronto!”. Tradução literal: *Aí está*.

[←24]

Nota da autora: *antipasti* (italiano) – aperitivos, entradas.

[←25]

Nota da autora: *E foi ficando sério* – Rodrigo Marim, 2017.